Estudos bíblicos expositivos em

Philip Graham Ryken

# Eclesiastes

COMO TUDO NA BÍBLIA, ECLESIASTES APONTA PARA O EVANGELHO DA SALVAÇÃO

“Phil Ryken escreve com prática e sabedoria pastoral e bom senso teológico. Esses são os traços de Eclesiastes e, consequentemente, de seu comentário. Este volume é um acréscimo muito necessário, em razão da escassez de comentários sobre essa maravilhosa parte da literatura bíblica. Perspicaz. Leitura agradável. Recomendado.”

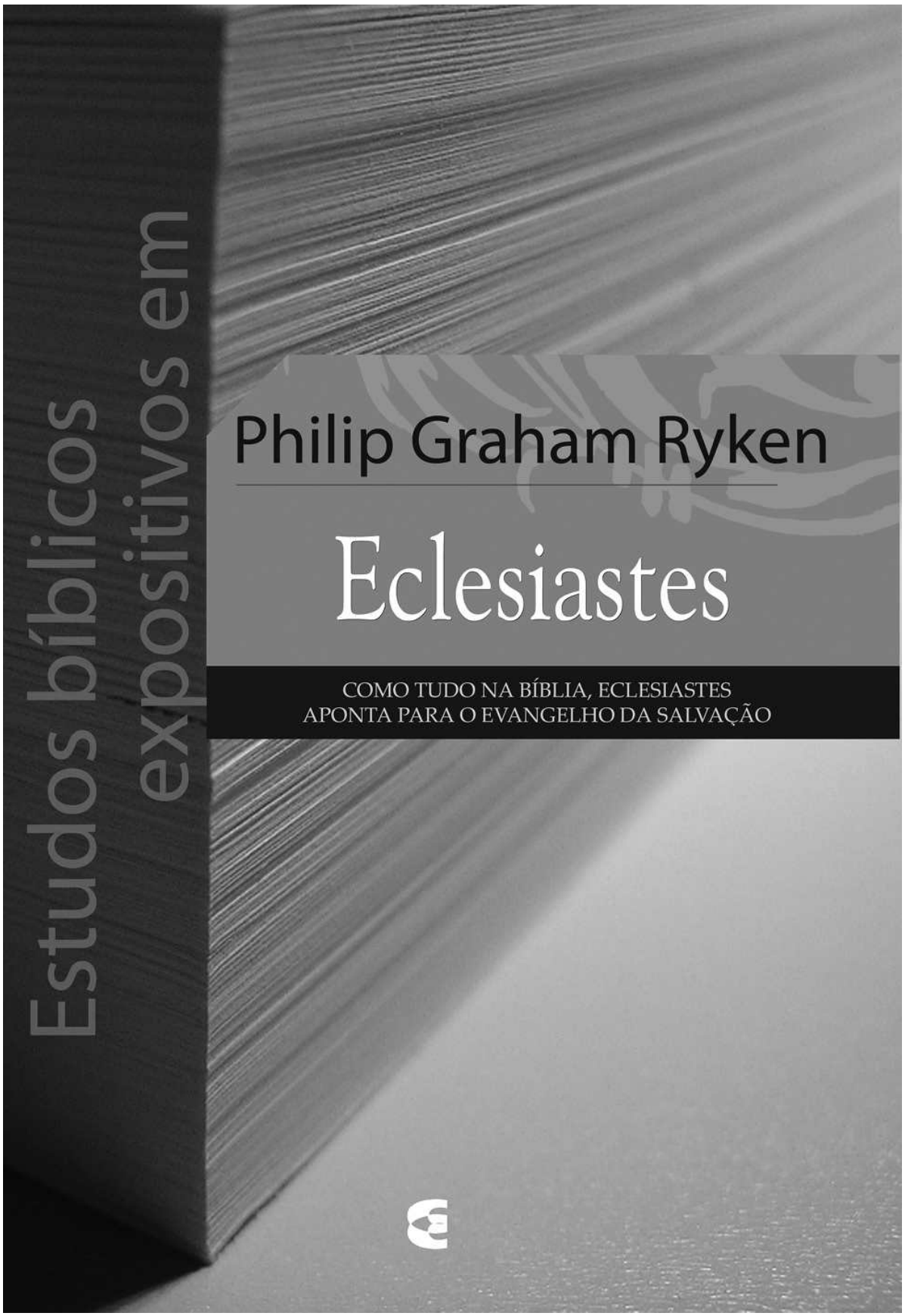
**ANTHONY CARTER,** Pastor em East Point Church
East Point, Georgia

“O comentário de Eclesiastes é uma boa e fiel exposição do texto, adornado com deleitoso auxílio de práticas pastorais ao longo de todo o caminho. Obrigado, Phil, por alimentar as nossas almas novamente.”

**SANDY WILLSON,** Second Presbyterian Church, Memphis

“O *Eclesiastes* de Ryken expõe a futilidade de viver buscando todas as coisas que há debaixo do sol. Durante a leitura deste texto, eu fiquei pensando em Deus resoluto e graciosamente inclinando a sua cabeça sob o lintel de nossa existência empobrecida. Bondosamente, ele caminha por entre as nossas buscas vãs e nos mostra o caminho melhor. Aqui, temos um dos mais importantes pregadores da América, tomando o texto escrito pelo “Pregador”, e, com fidelidade, nutrindo a vida de pastores que são chamados para fazer o mesmo.”

**DAVID HELM,** Pastor em Holy Trinity Church, Chicago


Estudos bíblicos expositivos em
Philip Graham Ryken
Eclesiastes
COMO TUDO NA BÍBLIA, ECLESIASTES
APONTA PARA O EVANGELHO DA SALVAÇÃO

*Estudos bíblicos expositivos em Eclesiastes*, de Philip Graham Ryken © 2017 Editora Cultura Cristã. Título em inglês *Ecclesiastes* Copyright © 2010 by Philip Graham Ryken. Publicado por Crossway, ministério de publicações da Good News Publishers – Wheaton, Illinois 60187, USA. Esta edição foi publicada mediante acordo com a Crossway. Todos os direitos são reservados.

**Conselho Editorial**
Antônio Coine
Cláudio Marra *(Presidente)*
Heber Carlos de Campos Jr.
Marcos André Marques
Mauro Fernando Meister
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho

**Produção Editorial**
*Tradução*
Markus Hediger
*Revisão*
Mauro Filgueiras Filho
Cristiane Alves
Wilton Lima
*Editoração e E-book*
Felipe Marques
*Capa*
Magno Paganelli

R993e Ryken, Philip Graham

Estudos bíblicos expositivos em Eclesiastes / Philip Graham Ryken; traduzido por Markus Hediger._ São Paulo: Cultura Cristã, 2017

Recurso eletrônico (ePub)

ISBN 978-85-7622-844-8

Tradução Ecclesiastes : why everyting matters

1. Estudo bíblico 2. Exposição bíblica 3. Vida cristã

CDU 2-187

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.






EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Para

Karoline Jorena Ryken!
Na esperança de que Jesus lhe dará a vitória sobre a vaidade da vida, e para todos que desejam conhecer o verdadeiro sentido da vida.

*As palavras dos sábios são como aguilhões, e como pregos bem fixados as sentenças coligidas, dadas pelo único Pastor.*

Eclesiastes 12.11

# Sumário

Prefácio e agradecimentos

1. Vaidade de vaidades
2. Sempre a mesma coisa
3. A busca da humanidade por sentido
4. Hedonismo sem sentido
5. Sabedoria e tola loucura
6. Resolvendo as coisas
7. Tudo tem o seu tempo
8. Tudo em seu devido tempo
9. Do pó à glória
10. Melhor é serem dois do que um
11. No espírito e na verdade
12. A satisfação é vendida separadamente
13. Hoje aqui, amanhã não mais
14. Cada vez melhor
15. Aquilo que é torto em nossa porção
16. Sabedoria para os sábios
17. Ordem e consentimento
18. Justiça final
19. Os vivos e os mortos
20. A vida boa
21. O homem não sabe a sua hora
22. Deixa de tolice
23. Uma palavra aos sábios
24. Nunca se sabe
25. Jovens e velhos
26. A suma de tudo

Índice de ilustrações para sermões

# Prefácio e agradecimentos

Eutrópio havia caído em desgraça. Como oficial mais alto do Império Bizantino (final do século 4º), ele servia como conselheiro mais próximo do imperador Arcádio, que reinava em Constantinopla. Mas Eutrópio abusou de seu poder imperial e provocou a ira da imperatriz Eudóxia, que orquestrou uma campanha contra ele, resultando em uma sentença de morte.

Desesperado para salvar a vida, Eutrópio fugiu do palácio e se refugiou em Hagia Sophia, onde se agarrou ao altar e reivindicou refúgio. Rapidamente, uma multidão furiosa de soldados cercou a grande igreja, denunciando Eutrópio e exigindo sua execução imediata. Finalmente, as multidões se dispersaram, mas o dia seguinte era um domingo, então voltaram na outra manhã para ver se o pastor cederia às suas exigências.

O pregador era João Crisóstomo, o famoso orador e bispo de Constantinopla. Ao subir no púlpito, Crisóstomo viu diante de si uma igreja lotada de adoradores e sensacionalistas. Estes, por sua vez, viam Eutrópio agarrado ao altar. O grande homem havia se transformado em um espetáculo deplorável, rangendo os dentes e com terror em seus olhos.

O sermão dramático que Crisóstomo apresentou naquele dia pode muito bem ter sido o melhor de sua vida.[1] Crisóstomo pregou sobre Eclesiastes 1.2 ("Vaidade de vaidades (...) tudo é vaidade"), e como ilustração primária ele usou o declínio e a queda de Eutrópio.

Aqui estava um homem, observou Crisóstomo, que havia perdido tudo – posição, riqueza, liberdade, segurança. Poucos dias atrás, havia

sido ainda o segundo homem mais poderoso do mundo. Mas tudo era vaidade, como haviam demonstrado os eventos, pois agora Eutrópio havia se tornado "mais desgraçado do que um condenado acorrentado, mais deplorável do que um escravo doméstico, mais indigente do que um mendigo castigado pela fome". "Mesmo que me esforçasse ao máximo", disse Crisóstomo, "jamais conseguiria transmitir a agonia pela qual ele deve estar passando, esperando ser abatido a qualquer hora".

No entanto, Crisóstomo não parou por aí. Seu propósito não era condenar Eutrópio, mas salvá-lo e também apresentar o evangelho aos seus ouvintes. Por isso, desafiou seus ouvintes a reconhecerem a vaidade de sua própria existência. Ricos ou pobres, em algum dia todos eles teriam de deixar para trás os seus bens. O dia do juízo viria também para eles – o juízo de um Deus santo. Sua única esperança seria a esperança que eles deviam oferecer agora a Eutrópio – a misericórdia à mesa de Cristo.

Aparentemente, o sermão teve o efeito desejado, pois, ao encerrar sua pregação, Crisóstomo podia ver lágrimas de misericórdia banhando os rostos das pessoas. A vida de Eutrópio foi poupada – uma vida salva pela pregação sobre Eclesiastes.

Pela graça de Deus, Eclesiastes pode ter o mesmo impacto sobre a nossa vida. Ao aconselhar-nos de não depositar nossa esperança em prazeres terrenos e em tesouros mundanos, Eclesiastes nos ensina a depositar nossa esperança em Deus. O livro nos lembra também, especialmente em seus últimos versículos, que o dia do juízo está se aproximando. Como tudo na Bíblia, portanto, Eclesiastes aponta para o evangelho da salvação. Nossa única segurança está na misericórdia de Jesus Cristo.

Esse estudo expositivo teve suas origens numa série de sermões na *Tenth Presbyterian Church*, na Filadélfia. Louvo a Deus pelas pessoas

que conheceram Cristo por meio desses sermões e pelas muitas outras (eu, inclusive) que conquistaram um conhecimento mais profundo do evangelho e uma compreensão mais clara da vida cristã.

Louvo a Deus também pelas muitas pessoas que ajudaram a levar este estudo até as gráficas. Sou grato a Kent Hughes e a *Crossway Books* pelo privilégio de mais uma vez poder contribuir para esta bela série de estudos. Uma generosa licença sabática, concedida pela sessão e congregação da *Tenth Presbyterian Church*, deu-me o tempo necessário para completar este livro. Lois Denier, Randall Grossman, Elaine Maxwell,
Jonathan Rockey, Leland Ryken e Mary Ryken fizeram as correções necessárias no manuscrito original e deram sugestões valiosas para melhorá-lo. Robert Polen realizou as mudanças editoriais finais.

Algumas pessoas acreditam que Eclesiastes fala sobre a falta de sentido da existência humana. No entanto, essa perspectiva não é totalmente correta. Eclesiastes fala sobre a falta de sentido da existência humana *sem Deus*. Mas já que o autor jamais abre mão de sua fé em Deus, seu propósito final é mostrar-nos quanto sentido pode ter a nossa vida quando passamos a ver as coisas do ponto de vista de Deus. Sua mensagem não é que nada importa, mas que tudo importa. Quanto mais estudarmos Eclesiastes, mais entenderemos por quê.

Philip Graham Ryken
Filadélfia, Pensilvânia

[1] Para um relato completo, veja KELLY, J. N. D. *Golden Mouth: John Chrysostom – Ascetic, Preacher, Bishop* (Grand Rapids, MI: Baker, 1995), p. 147-149.

1

# VAIDADE DE VAIDADES

*Eclesiastes 1.1-2*



*Palavra do Pregador, filho de Davi, rei de Jerusalém: Vaidade de vaidades, diz o Pregador; vaidade de vaidades, tudo é vaidade* (Ec 1.1-2).

O sociólogo Jonathan Kozol conheceu a senhora Washington na South Bronx. Ela e seu jovem filho David estavam vivendo em um hotel de desabrigados, próximo da East Tremont Avenue, num quarto no primeiro andar com três cadeados de aço na porta.

A senhora Washington estava morrendo, e a cada vez que Kozol vinha visitá-la, ela estava visivelmente mais fraca. Mas, ah!, as histórias que ela contava sobre a vida no outro lado da América urbana – histórias sobre pobreza e injustiça, drogas, violência e estupro! A senhora Washington contou a Kozol histórias de crianças em seu prédio que nasceram com AIDS e sobre o garoto de 12 anos de idade na parada de ônibus, vítima de uma bala perdida que o paralisou. Ela lhe contou sobre o abuso físico que ela havia sofrido por parte do senhor Washington e sobre todas as dificuldades que pessoas pobres enfrentam para conseguir assistência médica na cidade.

A mulher e seu filho haviam conversado sobre questões espirituais. "Eu me pergunto quão poderoso Deus é", Davi confessou em uma entrevista. "Ele deve ser sábio e poderoso para criar os animais e as árvores e para dar órgãos ao homem e um cérebro capaz de construir máquinas complexas, mas ele não é poderoso o bastante para banir o mal da terra, para transformar os corações das pessoas." Em uma visita

subsequente, Kozol viu que a Bíblia da senhora Washington estava aberta, sobre a colcha que estava ao seu lado. Então, ele perguntou que parte da Bíblia ela gostava de ler. "Eclesiastes", ela respondeu. "Se você quiser saber o que está acontecendo nestes dias, está tudo bem ali."[1]

***Por que estudar Eclesiastes?***

Nem todos concordariam com a senhora Washington. Eclesiastes parece assumir uma visão tão sombria da vida que algumas pessoas duvidam do valor espiritual de ler esse livro e chegam até a questionar se ele deveria ser incluído na Bíblia. Quando um dos rabinos antigos leu Eclesiastes, ele disse: "Ah!, Salomão, onde está a sua sabedoria? Suas palavras contradizem não só as palavras do seu pai, Davi; elas contradizem até a si mesmas!".[2] E em tempos mais recentes, estudiosos têm descrito o livro como "ponto fraco dos judeus tementes a Deus em tempos pré-cristãos".[3] Alguns chegaram até a duvidar se o seu autor tinha um relacionamento pessoal com Deus, já que sua "postura sombria subcristã" parece "tão distante da piedade do Antigo Testamento".[4] O que, então, Eclesiastes está fazendo na Bíblia e por que deveríamos nos dar ao trabalho de estudá-lo?

A senhora Washington estava certa: se quisermos saber o que está acontecendo hoje em dia ou se tivermos dificuldades de entender por que um Criador poderoso permite a presença do mal na terra ou de encontrar uma solução para outras inconsistências da vida, encontramos todas as respostas bem aqui nesse livro.

Devemos estudar Eclesiastes *porque é honesto sobre as dificuldades da vida* – tão honesto que o grande novelista norte-americano Herman Melville chegou a chamá-lo de "o mais verdadeiro de todos os livros".[5] Melhor do que outra parte da Bíblia, Eclesiastes representa a futilidade e frustração de um mundo caído. É honesto sobre a dureza do trabalho, sobre a injustiça do governo, sobre a insatisfação do prazer tolo e sobre

o tédio entorpecedor da vida cotidiana – "a esteira da nossa existência".[6] Tente ver Eclesiastes como o único livro da Bíblia escrito na manhã de uma segunda-feira. Sua leitura nos ajuda a ser honestos com Deus sobre os problemas da vida – até mesmo para aqueles de nós que confiam na bondade de Deus. Na verdade, um dos estudiosos descreve Eclesiastes como "um tipo de porta dos fundos", permitindo ao cristão ter pensamentos tristes e céticos, que normalmente não permitimos entrar pela porta da frente da nossa fé.[7]

Deveríamos estudar Eclesiastes também *para aprender o que acontecerá conosco se escolhermos aquilo que o mundo tenta nos oferecer no lugar daquilo que Deus nos dá*. O autor desse livro tinha mais dinheiro, gozava de mais prazeres e possuía mais sabedoria humana do que qualquer outra pessoa no mundo, mesmo assim, tudo terminou em frustração. O mesmo acontecerá conosco se vivermos para nós mesmos e não para Deus. "Por que cometer seus próprios erros", pergunta o autor, "quando vocês podem aprender com um *expert* como eu?"[8]

Deveríamos estudar Eclesiastes também *porque o livro faz as perguntas maiores e mais difíceis que as pessoas ainda fazem hoje*. Como veremos, há certo debate em relação à data em que esse livro foi escrito. Mas não importa se ele foi escrito durante os dias de glória do império dourado de Salomão ou mais tarde, quando Israel estava no exílio: ele trata de perguntas que as pessoas sempre fazem: Qual é o sentido da vida? Por que estou tão infeliz? Deus realmente se importa? Por que existe tanto sofrimento e tanta injustiça no mundo? Vale a pena viver a vida? Este é o tipo de perguntas intelectuais e práticas que o autor pretende levantar. "A sabedoria é seu acampamento base", escreve Derek Kidner, "mas ele é um explorador. Ele se preocupa com as fronteiras da vida e, sobretudo, com as perguntas que a maioria de nós teria medo de levar até às últimas consequências".[9] Ele também não se contenta com o tipo de respostas fáceis que as crianças costumam ouvir

na escola dominical. Na verdade, parte de seu conflito espiritual se volta justamente contra as próprias respostas que ele sempre deu. Ele era como um aluno que sempre diz: “Sim, mas...”.

E aqui está outra razão para estudar Eclesiastes: *o livro nos ajudará a adorar o único Deus verdadeiro*. Apesar de todas as decepções tristes e dúvidas céticas, esse livro nos ensina muitas grandes verdades sobre Deus. Ele o apresenta como Criador Poderoso e Senhor Soberano, o rei transcendente e Todo-poderoso do universo. Portanto, a leitura de Eclesiastes nos ajudará a crescer no conhecimento de Deus.

Ao mesmo tempo, esse livro nos ensina *como viver para Deus e não apenas para nós mesmos*. Ele nos oferece alguns dos princípios básicos que necessitamos para construir uma visão do mundo centrada em Deus, como a bondade da criação e a nossa dependência absoluta do Criador. Então, na base desses princípios, Eclesiastes dá muitas instruções específicas sobre questões do dia a dia como dinheiro, sexo e poder. Também tem muito a dizer sobre a morte, que pode ser a questão mais prática de todas.

Resumindo: há muitas razões boas para estudar Eclesiastes. Isso vale especialmente para todos aqueles que ainda estejam tentando decidir em quê acreditar e no que não acreditar. É um livro para céticos e agnósticos, para pessoas em busca do sentido da vida, para pessoas que estão abertas para Deus, mas não sabem se podem confiar na Bíblia. Se Eclesiastes serve como porta dos fundos para cristãos que, às vezes, têm dúvidas, o livro serve também como portão de entrada para algumas pessoas que desejam entrar em um relacionamento pessoal com Jesus Cristo, que leva à vida eterna, razão pela qual, para algumas pessoas, ele acaba sendo o livro mais importante que já leram.

### *Quem é Kohelet?*

Uma vez que começamos a ler Eclesiastes para nós mesmos, a primeira pergunta que precisamos ponderar é quanto à sua autoria.

Quem escreveu esse livro? O primeiro versículo parece nos dar a resposta, mas ele suscita também uma série de perguntas. Diz: "Palavra do Pregador" (Ec 1.1). Isso parece bastante claro, só que "Pregador" não é a única possibilidade de traduzir o nome hebraico *Kohelet*. Alguns tradutores se referem ao autor como o Mestre, o Filósofo, o Porta-voz. Outros preferem não traduzir seu nome e simplesmente o chamam de Kohelet. Então, que tradução deveríamos escolher?

É certamente seguro chamar o autor de "Kohelet", como o farei muitas vezes neste estudo. Kohelet é um hebraico perfeitamente adequado, mesmo que ninguém saiba exatamente como traduzir a palavra para o português. "Mestre" também é apropriado, em vista daquilo que é dito no final do livro, isto é, que ele "*ensinou* ao povo o conhecimento" (Ec 12.9). Kohelet era um professor público. No entanto, "Pregador" pode, mesmo assim, ser a melhor tradução de todas. Deixe-me explicar.

A raiz hebraica da palavra *kohelet* significa literalmente "colecionar, reunir". Alguns estudiosos entendem isso como referência ao modo como o autor colecionou vários provérbios e outros ditos sábios, reunindo-os em um livro. No entanto, não é assim que essa forma da palavra é usada em outras partes da Bíblia ou na literatura hebraica. Em vez disso, o verbo *kohelet* se refere à reunião ou a uma assembleia, uma comunidade de pessoas, principalmente para adorar a Deus. Então, *Kohelet* não é tanto um mestre numa sala de aula, todavia mais como um pastor em uma igreja. Ele está pregando sabedoria a um ajuntamento do povo de Deus.

Esse contexto se reflete claramente no título que costuma ser dado a esse livro em português. "Eclesiastes" é uma forma derivada da palavra grega *ekklesia*, que é a palavra que o Novo Testamento costuma usar para "igreja". Uma *ekklesia* não é o prédio de uma igreja, mas uma congregação – uma reunião ou assembleia de pessoas para a adoração

de Deus. A palavra "eclesiastes" é a tradução grega da palavra hebraica *kohelet*. Ela significa literalmente "alguém que fala na *ekklesia*" – ou seja, na assembleia ou congregação.[10] Kohelet é, então, o título ou apelido de alguém que fala na igreja. Em uma palavra: ele é o "Pregador".

Nesse caso, podemos ser até mais específicos ainda, pois o Pregador é identificado também como "filho de Davi, rei de Jerusalém" (Ec 1.1). Naturalmente, pensamos primeiro no rei Salomão, pois apesar de muitos reis terem vindo da linhagem de Davi, Salomão é o único filho imediato do rei Davi que reinou depois dele em Jerusalém.

Além do mais, muitas coisas que Kohelet nos conta sobre a sua vida soam exatamente como a vida do rei Salomão. Quem mais diria: "eis que me engrandeci e sobrepujei em sabedoria a todos os que antes de mim existiram em Jerusalém" (Ec 1.16; cf. 2.9)? Salomão, é claro, pois Deus lhe prometeu um "coração sábio e inteligente", de maneira que antes dele não houve igual, e riquezas sem igual (veja 1Rs 3.12-13). E então, quando o Pregador procede descrevendo as casas que construiu, os jardins que plantou e as mulheres que teve como concubinas, somos lembrados do poder e do luxo do rei Salomão. A descrição do Pregador no fim do livro, dizendo quem, "atentando e esquadrinhando, compôs muitos provérbios" (Ec 12.9; cf. 1Rs 4.32), também corresponde exatamente a Salomão, que se encaixa no contexto de Eclesiastes muito melhor do que qualquer outro rei de Israel.

Desde os primórdios da igreja, muitos mestres têm identificado o Pregador com Salomão. Após afastar-se de Deus e cair em pecado trágico, Salomão se arrependeu de seus caminhos pecaminosos e retornou para o temor certo e apropriado de Deus. Eclesiastes é o conjunto de suas memórias – um relato autobiográfico daquilo que aprendeu em sua tentativa fútil de viver sem Deus. Na verdade, o livro é

seu último testamento, escrito talvez para levar seu filho Reoboão para a direção espiritual certa.

Em tempos mais recentes, alguns estudiosos bíblicos têm questionado Salomão como autor de Eclesiastes. Observam que seu nome nunca é mencionado (diferente de, por exemplo, no início de Provérbios). Se o autor quisesse reivindicar a plena autoridade de Salomão, por que ele não se manifestou diretamente e disse que o livro foi escrito por Salomão?[11] Fato é que os versículos iniciais dão uma impressão de distância entre Salomão e Eclesiastes; o famoso rei é obviamente associado ao livro, mas nunca se identifica explicitamente como seu autor. Além do mais, os eventos que se inserem tão bem na vida de Salomão ocorrem apenas nos dois primeiros capítulos, depois, parecem ser deixados para trás. Na verdade, mais tarde, o Pregador diz algumas coisas que, na opinião de algumas pessoas, Salomão dificilmente teria dito, como quando ele começa a criticar os reis ricos e seus oficiais por oprimirem os pobres (p. ex., Ec 5.8).

Precisamos levar em consideração também o final do livro. A maior parte de Eclesiastes é escrita na primeira pessoa. “Foi isto que eu vi”, diz o Pregador, “foi isto que eu disse em meu coração”. No entanto, no fim do livro, ele é mencionado na terceira pessoa: “O Pregador, além de sábio, ainda ensinou ao povo o conhecimento”, etc. (Ec 12.9ss.). Por isso, muitos estudiosos concluem que, em algum momento, Eclesiastes teve um redator, e alguns acreditam que o livro foi escrito após os dias de Salomão, possivelmente durante o exílio de Israel na Babilônia ou ainda mais tarde.

Por que, então, Eclesiastes passa a impressão de ter sido escrito pelo rei Salomão? Porque, dizem, na Antiguidade era bastante comum que pessoas escrevessem autobiografias fictícias.[12] A fim de comunicar a sua mensagem, o autor assumia a identidade de alguma pessoa famosa. Isso não acontecia com a intenção de enganar os leitores. Na verdade, a

maioria das autobiografias ficcionais se baseava na vida de alguma figura histórica. Para ilustrar isso, o estudioso luterano conservador H. C. Leupold cita as primeiras linhas de *Sir Galahad*, do poeta vitoriano Alfred Lord Tennyson. O poema começa: "Minha boa lâmina esculpe os elmos de homens". Leupold observa corretamente que ninguém acusaria Tennyson de se passar pelo cavaleiro de Artur.[13] Pelo contrário: ao colocar suas palavras na boca de Galahad, o poeta estava recorrendo a uma convenção literária conhecida.

Muitos estudiosos (inclusive alguns evangélicos) acreditam que Eclesiastes é um livro deste tipo – uma autobiografia real fictícia. O autor tomou uma figura histórica famosa e usou a vida dessa pessoa para transmitir uma mensagem espiritual. Com Kohelet, escreve Derek Kidner, "vestimos o manto de um Salomão".[14] Existiria figura melhor do que o rei Salomão para ilustrar a futilidade de uma vida sem Deus? O homem possuía tudo o que uma pessoa pudesse desejar. Mas o mundo não basta. Se ele não pôde satisfazer o rei mais rico e mais sábio do mundo, o mundo jamais satisfará qualquer outra pessoa.

A julgar pelo que o livro diz, Eclesiastes pode muito bem ter sido escrito pelo próprio Salomão; esta é a maneira mais natural de ler o texto bíblico. Mas mesmo que outro autor tenha usado Salomão para ajudá-lo a transmitir sua mensagem, as palavras de Eclesiastes são as palavras de Deus, inspiradas pelo Espírito Santo. O final do livro nos diz que, qualquer que seja a sabedoria que encontrarmos nesse livro, esta foi dada "pelo único Pastor" (Ec 12.11), ou seja, por Deus. Além do mais, a vida de Salomão é claramente apresentada como contexto bíblico daquilo que lemos em Eclesiastes. O pano de fundo do livro – e precisamos vê-lo deste ponto de vista – é a história que lemos sobre Salomão em 1 Reis e outros textos.

Quando lemos essa história com cuidado, descobrimos – com certa surpresa – que "Pregador" é um título muito apropriado para Salomão.

Ele era o rei, é claro, por isso, não costumamos imaginá-lo como um pregador. No entanto, quando Salomão consagrou o templo em 1Reis 8, a Bíblia diz que ele "congregou" Israel (v. 1), e então repete várias vezes que os israelitas formaram uma "assembleia" (p. ex., v. 14 NVI). Assim, a terminologia em 1Reis 8 é intimamente relacionada à terminologia de Eclesiastes 1, em que lemos as palavras de Kohelet – da pessoa que se dirige à assembleia. Eclesiastes é o sermão de Salomão dirigido ao povo que se reuniu para a adoração de Deus.

***O que o Pregador diz?***

O que, então, diz o Pregador? Suas palavras iniciais dificilmente podem ser consideradas encorajadoras: "Vaidade de vaidades, diz o Pregador; vaidade de vaidades, tudo é vaidade" (Ec 1.2). Com esses superlativos concisos, Kohelet resume toda a soma da existência humana e declara que tudo é sem sentido. Ele usa os próximos 12 capítulos para provar essa declaração, de maneira detalhada, para então retornar para a mesma afirmação: "Vaidade de vaidade, diz o Pregador, tudo é vaidade" (Ec 12.8).

Assim como o nome Kohelet, a palavra "vaidade" é notoriamente difícil de definir. Mas já que ela aparece dezenas de vezes no livro de Eclesiastes, é importante que entendamos essa "metáfora de múltiplos propósitos".[15] Em seu sentido literal, a palavra hebraica *hevel* se refere a um respiro ou vapor, como uma baforada de fumaça que se levanta de um fogo ou como a nuvem de vapor que sai de um hálito quente numa manhã fria. A vida é assim. Ela é elusiva, efêmera e enigmática. A vida possui tão pouca substância que, quando tentamos agarrá-la, ela escapa por entre os dedos.

A vida também é transitória. Ela desaparece tão repentinamente quanto surge. Agora você a vê, no momento seguinte, já não a vê mais. Estamos aqui hoje, e amanhã desaparecemos. Por isso, a Bíblia

compara muitas vezes a nossa existência mortal com um vapor. De acordo com o salmista, somos "um sopro" (Sl 39.5 NVI); nossos dias "se dissipam num sopro" (Sl 78.33; cf. Jó 7.7). O apóstolo Tiago disse algo semelhante quando descreveu a vida como "neblina que aparece por instante e logo se dissipa" (Tg 4.14). Então, quando o Pregador diz "vaidade de vaidades", ele também está fazendo um comentário sobre a transitoriedade da vida. Inspire; agora, expire. A vida passa rápido assim.

Algumas versões traduzem essa palavra literalmente e usam termos como "vapor" ou "fumaça" para a palavra hebraica *hevel*. Cito, como exemplo, a paráfrase de Eugene Peterson de Eclesiastes 1.2: "Fumaça, nada além de fumaça. Não há nada em qualquer coisa – tudo é fumaça" (MESSAGE). No entanto, quando analisamos como a palavra é usada no livro, ela assume um significado mais amplo. A palavra *hevel* vem a expressar o absurdo e a futilidade da vida num mundo caído. Assim, na *New International Version* o Pregador diz: "Sem sentido! Sem sentido! Totalmente sem sentido! Nada tem sentido". Mas, talvez, a antiga versão *King James* e traduções mais recentes como a *English Standard Version* o expressam da melhor forma que a nossa língua nos permite: "Vaidade de vaidades". Quando empregamos a palavra "vaidade" desse modo, dizemos que as nossas vidas curtas são marcadas de futilidade vazia, que é o que Kohelet diz em todo seu livro.

Observe o amplo escopo de sua reivindicação: "*tudo* é vaidade" (Ec 1.2). Não existe um único aspecto da existência humana que não seja frustrado pela futilidade. Tudo é vazio, sem sentido, inútil e absurdo. Para demonstrar essa verdade, o Pregador analisará tudo que as pessoas costumam usar para dar sentido ou encontrar satisfação na vida e então demonstrará como tudo isso é vazio. Ao fazê-lo, ele falará de experiência própria, pois ele tentou tudo – dinheiro, prazer, conhecimento e poder.

Algumas pessoas tentam encontrar sentido naquilo que conseguem saber e aprender sobre a vida, mas quando o Pregador tentou adquirir conhecimento, ele descobriu que "na muita sabedoria há muito enfado; e quem aumenta ciência aumenta tristeza" (Ec 1.18). Algumas pessoas acreditam que se contentarão com todos os prazeres que o dinheiro pode comprar. O Pregador era rico o bastante para realizar um experimento minucioso também nessa área, mas no fim teve de reconhecer que "tudo era vaidade e correr atrás do vento, e nenhum proveito havia debaixo do sol" (Ec 2.11). Ele mergulhou no trabalho, tentando fazer algo significativo com sua vida ou construir uma reputação para si mesmo, mas isso também acabou aborrecendo a sua alma; ele nada tinha para apresentar como fruto de seu trabalho pesado.

Mais cedo ou mais tarde, todos nós fazemos a mesma experiência. Tentamos encontrar o sentido da vida, mas, no fim, nossas mãos estão vazias. Nós nos entregamos a determinados prazeres apenas para ficar ainda mais insatisfeitos. Ou nos sentimos infelizes porque acreditamos que jamais conseguiremos fazer algo importante ou ser alguém especial. E então há a maior vaidade de todas, a mais vazia das futilidades – a morte, em toda sua terrível finalidade. A morte é a vaidade de todas as vaidades.

O que agrava as coisas ainda mais para o Pregador é que, de alguma forma, Deus está por trás de tudo isso. Kohelet jamais abre mão de sua fé no poder e na soberania de Deus. Mas em vez de fazê-lo sentir-se melhor, a verdade da existência de Deus parece piorar tudo. Quaisquer frustrações que ele tem com o mundo são também frustrações com o Deus que o criou. Que esperança, então, pode ele ter de que a vida em algum momento possa passar a fazer sentido? Todos que já sentiram que não vale a pena viver a vida – que nada jamais transcorre como

desejamos ou esperamos e que nem mesmo Deus consegue fazer uma diferença – sabem exatamente do que o Pregador estava falando.

### *A suma de tudo*

Em vista de tudo que Eclesiastes diz sobre a vaidade da vida, poderíamos achar que o livro é deprimente. Sim, creio que algumas pessoas diriam que o Pregador é pessimista demais (mas o pessimista mediano diria, provavelmente, que Salomão é, na verdade, realista). Sem dúvida, as experiências da vida lhe ensinaram a adotar uma visão mais sombria. Ele ainda crê em Deus, portanto, não é ateu, nem mesmo agnóstico. Mas há momentos em que ele parece assumir uma postura cínica ou até fatalista. O estudioso do Antigo Testamento, Gerhard von Rad, chegou até a descrever o autor como cético amargurado, "suspenso sobre o abismo do desespero... Nada restava a Eclesiastes senão sucumbir a uma profunda resignação diante de sua existência trágica".[16] Será que realmente podemos confiar que um homem assim nos dê sabedoria para a vida?

Alguns estudiosos bíblicos reclamam que Kohelet jamais parece fazer qualquer progresso espiritual ou intelectual, que este livro aparenta não apresentar uma estrutura clara e que ele termina exatamente onde começou. Nas palavras de um estudioso, "não há progressão de pensamento de uma seção para a outra", e o autor "não oferece qualquer resposta universal ou satisfatória" para nenhum dos problemas levantados.[17] Ou para citar outra fonte, o autor de Eclesiastes "parece um tanto desorganizado", passando de "um tema para o outro sem que qualquer princípio organizador evidente conecte todas as partes".[18] Outros estudiosos afirmam que, mesmo que as palavras do Pregador não sejam completamente confiáveis, elas são corrigidas pela conclusão do livro, que foi escrita por uma pessoa de fé autêntica e ortodoxa no Deus de Israel.[19]

Ao contrário dessas posições contemporâneas em relação a Eclesiastes, eu acredito que o livro realmente possui uma mensagem coerente e que há no livro inteiro sabedoria para nós. É possível que os seis últimos versículos tenham sido escritos por outra pessoa. No entanto, essa conclusão não contradiz o que a antecede, antes leva a mensagem à sua conclusão apropriada – a que Kohelet teve em mente desde o início. Que motivos teria um redator final para publicar um livro com o qual discordasse quase que completamente?[20] Apesar de o Pregador assumir uma postura sóbria diante da vida, sem jamais recuar diante de qualquer complexidade e confusão, é verdade também que ele demonstra uma esperança sólida na bondade de Deus e uma alegria duradoura diante da beleza de suas muitas dádivas. É exatamente por isso que ele nos apresentou a futilidade de todas as coisas terrenas: para que depositássemos nossa esperança no Deus eterno.

O Pregador alude a seu propósito evangelístico usando uma expressão importante quase 30 vezes ao longo de seu discurso: "debaixo do sol". Ao descrever o absurdo e a futilidade do trabalho e da sabedoria, do prazer e de todo o resto, ele diz repetidas vezes que é assim que as coisas são "debaixo do sol" (p. ex., Ec 1.3). Em outras palavras, é assim que a vida é quando a contemplamos de um ponto de vista meramente humano, quando limitamos nosso olhar ao sistema solar, sem nunca levantar nossos olhos para ver a beleza e a glória de Deus no céu. Se isso for tudo que vemos, então a vida nos deixará vazios e infelizes. Mas se olharmos para Deus com referência e temor, somos capazes de ver o sentido da vida, a beleza de seus prazeres e o significado eterno de tudo o que fazemos, incluindo as pequenas coisas do dia a dia. Apenas assim podemos descobrir por que tudo importa.

Vislumbramos essa perspectiva eterna ao longo de todo o livro de Eclesiastes, mas ela se evidencia de forma ainda mais clara no final. A vaidade não tem a última palavra. O autor diz: "De tudo o que se tem

ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem" (Ec 12.13). Semelhantemente, o livro de Provérbios diz: "O temor do SENHOR é o princípio do saber" (1.7). Aqui, em Eclesiastes, Salomão diz que o temor de Deus é não só o início, mas também o fim – o propósito de nossa existência. Mas a fim de conhecer e se apreciar Deus adequadamente, precisamos primeiro reconhecer que a vida é vazia sem ele, perdendo qualquer ilusão referente a tudo que o mundo tem a oferecer. Com isso em mente, Eclesiastes nos apresenta uma avaliação verdadeira de como é a vida longe da graça de Deus. Isso faz dele um livro esperançoso, e não deprimente; no fim das contas, sua visão do mundo é positiva, não negativa. Como um bom pastor, Kohelet nos mostra a vaidade absoluta de uma vida sem Deus, de forma que finalmente desistimos de esperar que coisas terrenas nos deem uma satisfação duradoura e aprendamos a viver para Deus e não mais para nós mesmos.

Certa vez, o grande pregador inglês John Wesley fez sermões sobre este grande livro da Bíblia. Em seu diário pessoal, ele descreveu como foi dar início a essa série de sermões. "Comecei a expor o livro de Eclesiastes", ele escreveu. "Nunca tive uma visão tão clara de seu significado e de suas belezas. Tampouco imaginei que suas diversas partes eram conectadas de forma tão requintada, todas elas com o propósito de demonstrar a grande verdade de que não existe felicidade sem Deus."[21] O que Wesley descobriu foi uma verdade transformadora, e podemos orar para que Eclesiastes a ensine também a nós: jamais encontraremos qualquer sentido verdadeiro ou felicidade duradoura a não ser que a encontremos em Deus.

Se aprendermos bem essa lição, ela nos aproximará de Jesus, o Filho de Deus. A Bíblia diz que, por causa do nosso pecado, a criação "está sujeita à vaidade" (Rm 8.20). Quando a Bíblia diz "vaidade", ela usa a tradução padrão para a palavra que encontramos em Eclesiastes – o

termo hebraico para vapor ou vaidade (*hevel*). É por isso que a vida sempre é tão frustrante e, às vezes, parece tão sem sentido: é tudo por causa do pecado. Mas Jesus sofreu a maldição do pecado em toda sua futilidade quando morreu na cruz (veja Gl 3.13). Agora, pelo poder da sua ressurreição, o vazio da vida debaixo do sol será revertido: "a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus" (Rm 8.21). Assim, Eclesiastes nos ajuda a reconhecer a nossa necessidade do evangelho de Jesus, que é a razão mais importante de todas para estudá-lo.

[1] KOZOL, Jonathan. *Amazing Grace: The Lives of Children and the Conscience of a Nation*. Nova York: HarperCollins, 1995, p. 23, 44.

[2] TANHUM, Rabbi. *Mishnah Shabbat*. Citado em LONGMAN, Tremper III. *The Book of Ecclesiastes*. New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998, p. 27.

[3] "Assessment of Ecclesiastes", em: DUMMELOW, J. R. (org.). *A Commentary on the Holy Bible*. Nova York: Macmillan, 1952, p. 391.

[4] KUHL, Curt. *The Old Testament. Its Origin and Composition*. Richmond, VA: John Knox, 1961, p. 264-265.

[5] MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. Boston: C. H. Simonds Co., 1892, p. 400.

[6] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*. The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 15.

[7] LOHFINK, Norbert. *Qohelet*. Trad. Sean McEvenue. A Continental Commentary. Minneapolis: Fortress, 2003, p. 1.

[8] Essa observação foi feita por Manfred O. Garibotti, que serviu como presbítero da *Tenth Presbyterian Church* na Filadélfia durante mais de 50 anos.

[9] KIDNER. *The Message of Ecclesiastes*, p. 13.

[10] WHYBRAY, R. N., *Ecclesiastes*. The New Century Bible Commentary. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989, p. 2.

[11] FOX, Michael V. *A Time to Tear Down and a Time to Build Up: A Rereading of Ecclesiastes*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999, p. 159.

[12] Para um bom exemplo daquilo que os estudiosos aprenderam desse corpo de literatura, veja LONGMAN, Tremper III. *Fictional Akkadian Autobiography*. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 1991.

[13] LEUPOLD, H. C. *Exposition of Ecclesiastes*. Grand Rapids, MI: Baker, 1952, p. 15.

[14] KIDNER. *The Message of Ecclesiastes*, p. 17.

[15] FOX. *A Time to Tear Down and a Time do Build Up*, p. 30.

[16] RAD, Gerhard von, citado em WHYBRAY. *Ecclesiastes*, p. 12.

[17] WHYBRAY. *Ecclesiastes*, p. 17.

[18] FOX. *A Time to Tear Down and a Time to Build Up*, p. 147.

[19] Veja especialmente LONGMAN. *Ecclesiastes*, p. 37-39.

[20] Michael Eaton escreve: "É muito estranho imaginar um 'redator' publicar uma obra com a qual ele discorda, acrescentando observações extensas e um epílogo em compensação. Por que um escritor ortodoxo reproduziria um livro completamente cético; sobretudo, por que ele acrescentaria glosas ortodoxas, produzindo assim um pacote evidentemente misto? É absolutamente plausível que um redator publicasse Eclesiastes com uma nota de recomendação, mas é pouco provável que alguém o faria se não gostasse do conteúdo da obra. Não existe documento sapiencial em duas versões com teologias opostas; é pouco provável que já tenha existido" (*Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 40-41).

[21] Do registro de 2 de janeiro de 1777 no diário de John Wesley, citado em WHYBRAY. *Ecclesiastes*, p. xii-xiii.

2

# SEMPRE A MESMA COISA

*Eclesiastes 1.3-11*



*Todas as coisas são canseiras tais, que ninguém as pode exprimir; os olhos não se fartam de ver, nem se enchem os ouvidos de ouvir. O que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; nada há, pois, novo debaixo do sol* (Ec 1.8-9).

A fim de comemorar o 300º aniversário do cidadão mais famoso da Filadélfia, a Philadelphia Orchestra contratou Daniel Kellog para compor uma nova obra de música em homenagem a Benjamin Franklin. Quando sua contratação foi anunciada em uma pré-estreia da temporada da orquestra de 2006, o compositor pediu algumas sugestões ao público. Que palavra as pessoas usariam para descrever uma obra de música que fizesse jus ao senhor Franklin?

"Revolucionário", respondeu alguém, pensando no papel central de Franklin na libertação dos Estados Unidos da tirania inglesa. "Elétrico", gritou outro membro do público, pensando no famoso experimento com a pipa, a chave e o raio. Mas o homem que mais provocou risadas e gargalhadas sugeriu que o senhor Kellog garantisse que sua composição fosse "lucrativa". Afinal de contas, o que corresponderia mais ao espírito empreendedor de Benjamin Franklin do que ganhar um pouco de dinheiro?

Muitas das famosas máximas de Franklin promovem o bom e honesto capitalismo. Ele fez comentários sobre o valor do dinheiro ("Nada além de dinheiro é mais doce do que mel"). Ele elogiou a virtude do trabalho duro ("Deitar-se cedo e levantar-se cedo deixam um homem saudável, rico e sábio"). Ele incentivou as pessoas a serem

econômicas ("Fique atento a pequenas despesas; um pequeno furo afunda um grande navio"). E seu provérbio mais famoso: "Um centavo guardado é um centavo ganho". Como empreendedor bem-sucedido, ele pôs todos esses princípios em prática. Se alguém sabia como ganhar dinheiro, esse homem era Benjamin Franklin.

### *A motivação do lucro*

O homem que escreveu Eclesiastes teve a mesma motivação. Seu nome hebraico era Kohelet; em português, nós o conhecemos como o Pregador. Da declaração feita no primeiro versículo e de outros detalhes no livro, sabemos que ele era ou o próprio Salomão ou alguém que queria apresentar a trágica queda desse rei famoso como um conto de alerta. Mas independentemente de como o identifiquemos, esse homem queria que a vida lhe pagasse alguns dividendos. Como Benjamin Franklin, ele tinha muitas coisas sábias a dizer sobre a vida cotidiana, e estava sempre atento a alguma coisa que pudesse usar a seu favor.

Vemos isso na pergunta inicial do Pregador. No versículo 2, ele declara o tema de seu livro e o lema de sua vida: "Vaidade de vaidades! Tudo é vaidade". Então, no versículo 3, ele começa a defender sua tese segundo a qual nossa existência é vazia, perguntando: "Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?" (Ec 1.3). A mesma pergunta ressurgirá no capítulo 3: "Que proveito tem o trabalhador naquilo com que se afadiga?" (v. 9). A ideia de obter algum lucro também ressurgirá várias vezes; o tema ocorre quase uma dúzia de vezes no livro de Eclesiastes (p. ex., Ec 5.9).

A palavra "proveito" (*yitron*, em hebraico) é um termo comercial normalmente usado no contexto de negócios. Refere-se a um excedente, a algo que sobra após o pagamento de todas as despesas. Essa é a meta que todos que trabalham no comércio tentam alcançar. A meta é obter um lucro como recompensa pelo trabalho. O ganho é o retorno sobre o investimento do trabalho duro.

Como alguém que sempre estava de olho no lucro, o Pregador queria obter um bom retorno. Ele estava disposto a trabalhar muito, mas primeiro queria saber o que estava em jogo. Assim, faz a pergunta que todas as pessoas fazem em relação a qualquer emprego: Vale a pena? Estou realmente realizando algo? O que receberei por toda minha labuta? As pessoas costumam acreditar que, se trabalharem um pouco mais, receberão um pouco mais – mais do que elas teriam de outra forma. Mas o Pregador começara a duvidar se isso realmente se aplicava à vida. Por isso, ele pede que reflitamos sobre o que teremos a apresentar para nós mesmos quando nossa vida na terra terminar.

A resposta que o Pregador dá aqui é: absolutamente nada. Ele levanta a pergunta para nos envolver na discussão, mas sua pergunta é puramente retórica. Kohelet já conhece a resposta. Ele pergunta apenas para chamar nossa atenção. Segundo a sua experiência, não importava quanto as pessoas trabalhavam, elas nunca ganhavam qualquer coisa. A palavra que ele usa para "labuta" é simplesmente a palavra hebraica comum para "trabalho" (*'amal*), mas, às vezes, ela possui uma conotação negativa, como parece ser o caso aqui. As pessoas trabalham muito, labutam por algum tipo de lucro, mas o que elas recebem em troca de todo seu esforço? Muito pouco – ou nada.

O problema do esforço infrutífero – e a dificuldade de algumas pessoas de percebê-lo – é ilustrado com um curto poema de Stephen Crane:

*Vi um homem buscando o horizonte;*
*Correndo dando voltas.*
*Perturbei-me com isso;*
*Abordei o homem.*
*"É fútil", eu disse,*
*"Você jamais conseguirá"*
*"Mentira", ele gritou*
*E continuou a correr.*[1]

### *Andando em círculos*

Para demonstrar seu argumento – que nossos esforços dão em nada – o Pregador apresenta uma lista de coisas que parecem levar a nada ou não trazer nenhum lucro. A primeira parte de seu poema introdutório dá exemplos da criação – do mundo natural (v. 4-7). A segunda parte dá exemplo da experiência humana (v. 8-11). Mas não importa se contemplamos o mundo à nossa volta ou consideramos as experiências da nossa própria vida, o resultado é o mesmo: não há nada a ganhar. As pessoas gostam de falar sobre progresso – desenvolvimento econômico, avanços tecnológicos, melhoras evolucionárias – mas tudo isso não passa de um mito. Nunca haverá qualquer avanço: nada muda, tudo permanece igual.

A começar pela natureza – terra, vento, fogo e água. Kohelet diz: "Geração vai e geração vem; mas a terra permanece para sempre" (Ec 1.4). Quando as pessoas pensam na geração seguinte, elas costumam pensar em termos de progresso. Nossos filhos são nosso futuro; eles realizarão coisas que vão muito além de qualquer coisa que nós jamais pudemos sonhar. Seja a geração X, a geração Y ou a geração Z, sempre há alguma geração que nos dá esperança para o futuro.

Mas, como sempre, Eclesiastes assume uma visão mais sombria. Geração vai e geração vem, diz o autor. Uma geração pode estar emergindo, mas, ao mesmo tempo, outra geração está morrendo. Em breve, a geração mais nova se tornará a geração mais velha, e haverá outra geração depois desta. É sempre a mesma coisa. O conflito de gerações também nunca parece mudar. Aos olhos da geração emergente, toda pessoa acima dos 30 parece antiquada e desconectada. Por outro lado, as pessoas mais velhas ficam chocadas diante da aparente falta de respeito com que são tratadas pela geração mais nova. Mas isso sempre tem sido assim. Sócrates já falou sobre isso na Antiguidade: "As crianças de hoje amam o luxo. São malcriadas, desdenham a autoridade e desrespeitam os anciãos".[2]

Semelhantemente, Pedro, o Eremita, é às vezes citado com as palavras: "As pessoas jovens de hoje pensam em nada além de si mesmas. Elas não têm respeito pelos pais ou pelos mais velhos. São impacientes diante de qualquer restrição. Falam como se fossem as únicas que sabem de tudo".

Enquanto isso, o mundo em si permanece o mesmo. Nunca ocorre qualquer progresso. A emergência de cada geração passa a impressão de que algo esteja acontecendo, mas, na verdade, nada acontece. Uma procissão aparentemente infinita de pessoas vem e vai, "mas a terra permanece para sempre" (Ec 1.4). O mundo é um lugar muito repetitivo. Nada muda. Que proveito há nisso? O que ganhamos? Jerônimo disse: "O que é mais vão do que esta vaidade: que a terra, que foi feita para os homens, permanece – mas os homens em si, os senhores da terra, de repente se dissolvem em pó?".[3]

E mais uma ilustração do mesmo princípio: "Levanta-se o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar, onde nasce de novo" (Ec 1.5). Este é o versículo que Ernest Hemingway levou à fama como título de seu melhor romance – *O sol também se levanta* (1926). A princípio, Hemingway começa seu romance citando o versículo 4, sobre as gerações que vêm e vão, mas o editor sugeriu o versículo 5, que funcionaria bem como título. Hemingway concordou, provavelmente porque compartilhava da mesma postura básica de Eclesiastes em relação à ausência de sentido na vida debaixo do sol.

Até a jornada diária do sol parece sem sentido. O sol dá suas voltas, mas nunca chega a lugar algum. Dia após dia, a bola de fogo no céu se levanta, se põe e se levanta novamente. Seu movimento é repetitivo, mas não progressivo, igual à vida. Pink Floyd disse algo semelhante numa música do álbum *The Dark Side of the Moon*:

> Então, você corre e corre para alcançar o sol, mas ele está se pondo
> Dando a volta para se levantar novamente por trás de você
> O sol é o mesmo num sentido relativo, mas você está mais velho,

Com menos fôlego e um dia mais próximo da morte.[4]

Segundo Eclesiastes, até mesmo o sol perde o fôlego. A palavra "volta" é, na verdade, a palavra hebraica para "ofegar" (*sha'ap*), que pode indicar que o sol corre do leste para o oeste e de volta para o leste; mas é mais provável que signifique que o sol se cansa de sua jornada lenta e infinita pelo céu. Normalmente, voltamo-nos para a natureza para encontrar encorajamento para a alma, mas quando o Pregador olha para o sol, tudo o que ele vê é simplesmente a monotonia da vida em um universo estático.

O vento nos mostra a mesma coisa, pois ele também não obtém um resultado melhor do que o sol: "O vento vai para o sul e faz o seu giro para o norte; volve-se, e revolve-se, na sua carreira, e retorna aos seus circuitos" (Ec 1.6). Normalmente, imaginamos o vento soprando do oeste para o leste, como a corrente de jato, mas na Palestina o vento vem às vezes da direção norte ou sul. É provável que este seja o fenômeno mencionado aqui, para completar os pontos cardeais: o sol rasteja do leste para o oeste, enquanto o vento sopra do norte e do sul. Ele parece ter toda liberdade de soprar como bem entende, e Jesus usa essa verdade como base para uma de suas analogias mais famosas – nascer de novo pelo poder do Espírito Santo (veja Jo 3.8). No entanto, o vento segue suas correntes costumeiras. Ele sopra, passa e volta. Ele dá suas voltas, seguindo seu curso circular, mas nunca alcança um destino. Por mais constante que seja o seu movimento, ele nunca progride.

O fluxo da água parece igualmente inútil. "Todos os rios correm para o mar", diz o Pregador, "e o mar não se enche; ao lugar para onde correm os rios, para lá tornam eles a correr" (Ec 1.7). Quando ele fala sobre como a água corre e torna a correr, ele não está descrevendo o ciclo da água, no qual a água evapora, forma nuvens e eventualmente retorna para aguar a terra na forma de chuva. Kohelet está falando

sobre como todos os rios e correntezas correm sempre para o mar. Em Israel, onde Kohelet vivia, existe um exemplo vívido disso. O mar Morto é cercado por terra; ele não escorre para nenhum outro corpo de água. No entanto, durante todos os séculos em que o rio Jordão tem desembocado e alimentado o mar Morto, o mar não se encheu, e assim a água continua a correr.

A vida é igual. Tudo parece preso numa rotina. Onde está o progresso? Qual é o lucro? Você passa sua vida inteira trabalhando para uma empresa após a outra, mas o que você ganha em troca de toda a sua labuta? Hoje em dia, já é difícil receber um banquete de aposentadoria, sem falar de um relógio banhado em ouro. E o que você tem a mostrar por todo o trabalho em casa? Sempre há mais refeições a serem preparadas, sempre há mais pisos a serem varridos, mais roupas a serem lavadas.

O dia a dia é como a famosa música do musical *Show Boat*, em que o *Old Man River* simplesmente continua a correr. A música é cantada por Joe, um trabalhador nas docas do rio Mississippi, exausto de tanto trabalhar. As palavras que canta se parecem muito com Eclesiastes:

> *Ah!, cansei-me*
> *Cansei-me de tentar*
> *Estou cansado de viver*
> *E com medo de morrer.*
> *Mas o Velho Senhor Rio,*
> *Ele simplesmente continua a correr!*[5]

### *O que há de novo?*

Se o sol e o vento e os poderosos rios nada têm a mostrar em troca de seu trabalho constante, então que esperança temos nós de realizar qualquer coisa na vida? O Pregador se cansa só de pensar nisso. Então, ele resume tudo que observou na natureza nestas palavras: “Todas as coisas são canseiras tais, que ninguém as pode exprimir” (Ec 1.8). A vida é tão enfadonha, uma preocupação tão exaustiva, que é difícil até

mesmo para colocar em palavras. A *Contemporary English Version* traduz o versículo assim: "A vida é muito mais entediante do que as palavras conseguem expressar".

Com essa declaração, o Pregador reforça o tema central de seu poema. Ele está tentando mostrar quanto a vida é cansativa. No entanto, ele ainda não chegou ao fim de seu argumento. Não é só o mundo natural que prova quão pouco há para se ganhar na vida, mas também a nossa experiência pessoal.

Podemos começar pela percepção sensorial. Temos aqui um exemplo notável da fadiga de todas as coisas: "os olhos não se fartam de ver, nem se enchem os ouvidos de ouvir" (Ec 1.8). As pessoas estão sempre olhando e ouvindo. Isso vale especialmente para a nossa era da informação. A cada dia, vemos uma procissão infinita de imagens visuais: Comcast, YouTube, BlackBerry, Netflix. Podemos ouvir também um fluxo infinito de sons: iPod, iPhone, iTunes, TV, CD e mp3.

Contudo, mesmo após vermos e ouvirmos tudo, nossos olhos e ouvidos ainda não se contentam. Queremos ouvir e ver ainda mais. E logo voltamos a ingerir mais daquela procissão infinita de sons e imagens. Jamais nos satisfazemos. Sempre há algo mais a ver, mais um jogo a jogar, mais uma música a ouvir. Assim, continuamos mandando mensagens, postando vídeos e fotos no Facebook, escrevendo no Twitter, etc. Mas o que ganhamos com isso? O que realizamos? Há algum lucro nisso? Estas são perguntas importantes que devemos fazer sobre tudo que vemos e ouvimos: Isso me ajuda a fazer algum tipo de progresso, ou é a mesma coisa de sempre? Como o mar que nunca se enche, "os olhos não se fartam de ver, nem se enchem os ouvidos de ouvir" (Ec 1.8).

Ou veja o enfado infinito da história humana, que sempre parece se repetir: "O que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; nada há, pois, novo debaixo do sol" (Ec 1.9). Nações se levantam

e caem, mas a natureza humana permanece a mesma. Há tempos de guerra e há tempos de paz, mas mesmo em tempos de paz sabemos que a guerra retornará. Na verdade, alguns conflitos parecem nunca acabar, como a luta eterna entre judeus e árabes pelo controle da Palestina. Quando os carros de combate russos invadiram a Geórgia durante os Jogos Olímpicos de Verão de 2008, foi "mais uma vez um *déjà vu*" (para citar a famosa redundância de Yogi Berra), igual à invasão soviética da Hungria em 1956. Não há nada de novo debaixo do sol – apenas repetições.

Isso é uma alegação tão generalizada que poderíamos estar tentados a citar um exemplo contrário. Deve existir pelo menos uma coisa que é nova debaixo do sol. Por um momento, o Pregador parece quase disposto a contemplar essa possibilidade. Pergunta: "Há alguma coisa de que se possa dizer: Vê, isto é novo?". Mas rapidamente ele descarta essa possibilidade. Tudo que parece ser novo "já foi nos séculos que foram antes de nós" (Ec 1.10).

Para dar apenas um exemplo, veja a descoberta do Novo Mundo. Como toda criança sabe, "em 1492, Colombo navegou o mar azul". Mas será que Cristóvão Colombo foi mesmo o primeiro europeu a pisar em solo norte-americano? E quanto aos pescadores bascos que já atravessavam o Atlântico pescando bacalhau nas costas da Terra Nova? Ou os comerciantes de Bristol, na Inglaterra, que escreveram a Colombo após seu retorno triunfante, reclamando que ele sabia muito bem que eles já haviam passado pela América antes dele?[6] E quanto às viagens no século 15 de Zheng He e da frota imperial da China? Ou, falando nisso, quanto a Leif Ericson e os outros exploradores nórdicos que alcançaram o Novo Mundo quatrocentos anos antes disso?

Talvez fosse possível pensar em alguma descoberta ou invenção que represente um avanço real em conhecimento ou tecnologia. Mas até os desenvolvimentos mais recentes pertencem à mesma categoria de

experiência humana, como transporte e comunicação. A telecomunicação sem fio pode ser um legítimo avanço do século 20, mas há algo familiar nisso também: as pessoas tinham o mesmo senso de progresso quando o primeiro fio telegráfico foi conectado ou quando o primeiro telefonema foi feito.

Além do mais, as pessoas que criam essas invenções possuem a mesma natureza caída de sempre. Elas têm os mesmos problemas fundamentais, as mesmas deficiências morais, as mesmas inseguranças básicas que os seres humanos sempre tiveram. Isso explica por que a história parece não estar levando a nada, porque ela parece andar em círculos e não em linha reta, como a roda na gaiola do *hamster*. O que vemos agora é o que as pessoas têm visto no passado e o que elas verão no futuro. O ex-defensor Matt Millen o disse bem quando as pessoas em sua *alma mater* (Penn State University) se queixaram do mau comportamento dos membros do time de futebol: "Se as pessoas lá fora acham que isso é algo novo, deixem-me citar um pouco das Escrituras. Eclesiastes. Nada é feito que não tenha sido feito antes".[7]

Quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem iguais. E sempre que algo parece ser realmente novo debaixo do sol, isso se deve apenas ao fato de termos esquecido o que aconteceu no passado. O poema do Pregador sobre a repetição enfadonha da vida termina com uma linha sobre a perda de memória: "Já não há lembrança das coisas que precederam; e das coisas posteriores também não haverá memória entre os que hão de vir depois delas" (Ec 1.11).

Com que facilidade as pessoas se esquecem! O que Eclesiastes descreve aqui é um tipo de amnésia histórica. As pessoas não costumam conhecer bem a sua história, por isso, o que parece ser novo para nós pode, na verdade, ser algo antigo do qual nos esquecemos há muito tempo. Por exemplo, costumamos imaginar que os Estados Unidos sejam a primeira grande civilização da América do Norte. Mas existiam

povos aqui muito tempo antes de nós – povos que amavam, e lutavam, e viviam, e morriam. Há mais de mil anos, os anasazi construíram uma cidade grande no Cacho Canyon, no Novo México, com prédios de cinco andares e centenas de quartos. A comunidade de Cahokia, perto da cidade de St. Louis, chegou a contar 40 mil membros – a maior cidade na América do Norte até a Filadélfia ultrapassá-la no século 19.[8] Mas quem ainda se lembra dessas coisas hoje em dia?

Algum dia, nós também seremos esquecidos. Em alguns séculos, as experiências comuns do nosso tempo farão parte das "coisas que precederam", mencionadas em Eclesiastes 1. O que nós acumulamos se perderá, o que realizamos será esquecido. Nossos descendentes não se lembrarão melhor de nós do que nós nos lembramos de nossos ancestrais. Afinal, quando as coisas que ainda hão de acontecer serão esquecidas, essas pessoas também não serão mais lembradas.

A mesma falha de memória acontece em termos individuais. Há muitas coisas das quais não conseguimos nos lembrar – as experiências da nossa infância, nossos conhecimentos matemáticos que adquirimos no último ano de escola, o lugar em que vimos pela última vez aquilo que agora estamos procurando. É difícil se lembrar. Em breve, a maioria de nós terá de lidar com a perda de memória que vem com a idade, quando as nossas próprias experiências se tornam inacessíveis a nós mesmos. Ainda seremos quem somos quando esquecermos quem fomos? Ou será que a última lembrança de nós também se perderá? O fato de que não há lembrança de coisas passadas faz parte da fadiga da vida.

### *Tudo novo*

"Vaidade de vaidades!". "Todas as coisas são cheias de fadiga!". Você está começando a concordar com a filosofia de vida do Pregador? Você ainda acha que há algum lucro em todo seu trabalho, ou sua

ladainha de fracassos já o convenceu de que a vida nada mais é do que labuta e problemas?

Aqui, é crucial entender o propósito do Pregador. Há uma razão pela qual ele quer que sintamos todo o peso da fadiga e da futilidade da vida debaixo do sol: "A função de Eclesiastes", escreve Derek Kidner, "é levar-nos ao ponto em que começamos a temer que esse tipo de observação (tudo é vaidade) seja a única honesta. As coisas são assim, se tudo estiver morrendo. Nós nos deparamos com a inferência terrível de que nada tem sentido, nada importa debaixo do sol".[9]

No entanto, a história não acaba por aqui. Lembre-se de que as coisas serão apenas assim *se* as contemplarmos "debaixo do sol". Essa expressão, que ocorre aqui no versículo 3 e novamente no versículo 9, bem como em dezenas de outros pontos em Eclesiastes, é uma das chaves para a compreensão do livro. Ela expressa em parte a extensão do nosso problema. Onde experimentamos a futilidade e frustração da vida? Em toda parte do mundo – em todos os lugares em que brilha o sol.

Essa expressão, porém, também deixa em aberto a possibilidade de uma perspectiva diferente. Quando diz "debaixo do sol", o Pregador "exclui todos os valores superiores e todas as realidades espirituais e aplica apenas os recursos e dons que este mundo oferece. O uso dessa expressão é equivalente a traçar uma linha horizontal entre as realidades terrenas e celestiais".[10] Contemplar as coisas "debaixo do sol" significa, então, vê-las do chão. Significa assumir um ponto de vista terreno, por ora deixando Deus de fora.

Mas, evidentemente, essa não é a única maneira de ver as coisas, não é nem mesmo a maneira correta de fazê-lo. Existe um Deus no céu que reina *sobre* o sol. Portanto, não somos limitados ao terreno; por meio da revelação da Palavra de Deus podemos ver as coisas também do ponto de vista celestial. A razão pela qual o Pregador nos mostra a

fadiga da nossa existência, tornando-nos cada vez mais desiludidos com a vida debaixo do sol, é para que não esperemos encontrar sentido e satisfação nas coisas terrenas, mas apenas em Deus. O comentarista inglês do século 19, Charles Bridges, explicou a estratégia do Pregador desta forma: "Ele nos faz sentir o gosto amargo do absinto de rios terrenos, para que, diante da fonte celestial, possamos apontar nossos irmãos pecadores para o mundo de vaidade que deixamos para trás e para a glória e os prazeres do mundo novo que encontramos".[11]

Isso não significa que, se acreditarmos em Deus, todos os nossos problemas terminarão ou que nunca mais sentiremos a fadiga e a vaidade da vida debaixo do sol. Por um lado, os cristãos muitas vezes se esquecem de lembrar de Deus, e quando isso acontece, voltamos imediatamente para "debaixo do sol". Mas Eclesiastes abre a possibilidade para uma perspectiva "sobre o sol", que pode trazer alegria e refresco para a vida na medida em que aprendemos que tudo importa.

Uma maneira de ver isso é pegar todas as coisas que tornam a vida enfadonha – todas as repetições cansativas na natureza e na experiência humana – e ver que diferença isso faz quando trazemos Deus de volta para a imagem. O que acontece quando levamos a vaidade de todas essas vaidades para o Santo dos Santos e a contemplamos do ponto de vista de Deus?

O Pregador olha para o mundo natural e não consegue reconhecer qualquer progresso. Mas existe outra perspectiva. O salmista diz: "Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos" (Sl 19.1). Para provar seu argumento, ele olha para o mesmo e velho sol e diz que "como noivo que sai dos seus aposentos, se regozija como herói, a percorrer o seu caminho" (Sl 19.5). Não importa se o sol parece fazer qualquer progresso ou não, ele testifica a alegria e a

força de seu Criador. Por isso: "Do nascimento do sol até ao ocaso, louvado seja o nome do SENHOR" (Sl 113.3).

A repetição que vemos na natureza é testemunho da bondade e ordem de Deus. A regularidade do mundo criado demonstra a constância de seu Criador. O vento sopra a seu mando, as águas correm conforme a sua ordem, e tudo isso acontece para o bem de cada criatura. As Escrituras dizem: "Pões nas águas o vigamento da tua morada, tomas as nuvens por teu carro e voas nas asas do vento" (Sl 104.3; cf. 147.18). Novamente, as Escrituras dizem: "Porque atrai para si as gotas de água que de seu vapor destilam em chuva, a qual as nuvens derramam e gotejam sobre o homem abundantemente" (Jó 36.27-28). Assim, em vez de ver as rotinas diárias da natureza como Kohelet as viu, podemos vê-las como Jeremias as viu quando disse: "As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade" (Lm 3.22-23).

Olhar sobre o sol também nos dá uma perspectiva diferente para as nossas experiências. Existe algo novo? Talvez não debaixo do sol, mas o Deus que reina sobre o sol sempre está fazendo algo novo. Há uma "nova aliança" no sangue de Jesus Cristo (Lc 22.20) – o sangue que ele derramou na cruz para o perdão dos nossos pecados. Há a nova vida que surgiu do túmulo vazio quando Jesus ressuscitou dentre os mortos com o poder da salvação eterna. Há o "novo coração" que Deus dá a todos que creem em Jesus (Ez 36.26). Há o "novo homem" que o Espírito Santo começa a cultivar no conhecimento e na santidade de Deus (Ef 4.24). Esse novo homem é tão novo que a Bíblia o chama de "nova criatura" (2Co 5.17), que é uma maneira de dizer que quando confiamos em Deus, sua obra em nós recriará todo o nosso mundo. A vida cristã não é o "mesmo de sempre". O Deus vivo, que está sentado no trono do universo, diz: "Eis que faço novas todas as coisas" (Ap

21.5). É esta a promessa à qual devemos nos agarrar quando nos cansamos da vida e de seus problemas. O Deus que adoramos é o Deus que diz: “Eis que faço coisa nova” (Is 43.19).

Algum dia, Deus fará novos céus e uma nova terra. Nem todos creem nisso, é claro. Na verdade, a Bíblia diz que algumas pessoas negam o juízo vindouro e a salvação final porque acreditam que “todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação” (2Pe 3.4). O que elas dizem se parece muito com Eclesiastes: “Não há nada novo debaixo do sol”. Mas a Bíblia promete que, quando este mundo velho e cansado for destruído, Deus fará “novos céus e nova terra” (2Pe 3.13). Essa promessa dá esperança ao povo de Deus e nos capacita a perseverar mesmo quando estivermos cansados. As frustrações da vida não permanecerão para sempre; vivemos na esperança de um novo dia. Em um dos primeiros comentários nunca escritos sobre Eclesiastes, Dídimo, o Cego, escreveu: “Uma pessoa iluminada pelo ‘sol da justiça’ não está ‘debaixo’ dele, mas ‘dentro’ dele. Assim diz o Evangelho: ‘O justo brilhará como o sol no reino de seu Pai’, não ‘debaixo’ do sol”.[12]

Quando vier o grande dia, nossos ouvidos inquietos e nossos olhos vagantes serão finalmente e completamente satisfeitos ao verem Jesus Cristo e ao ouvirem o som de sua gloriosa adoração. “Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano”, é isso “o que Deus tem preparado para aqueles que o amam” (1Co 2.9). Não olharemos mais para este ou aquele lado à procura de algo que nos satisfaça, pois nossos sentidos se saciarão com a glória de Deus. Devemos nos lembrar disso sempre que nos sentimos frustrados, irritados, tristes ou decepcionados com algo na vida que esteja quebrando, fracassando ou caindo aos pedaços. Lembre-se de que esta vida não é nossa existência final. Fomos feitos para um mundo melhor. O fato de estarmos cansados da vida nos aponta para o único Deus que pode satisfazer a nossa alma.

Tudo isso nos leva de volta para a pergunta que o Pregador fez no início: "Que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol?" (Ec 1.3). A resposta aqui é: nada. T. M. Moore escreve:

> Mesmo que Salomão queira que seus leitores entendam que a vida debaixo do sol é um presente de Deus e deve ser aceita e aproveitada como tal, ele faz de tudo para nos mostrar que a vida vista apenas por essa perspectiva nunca parece fazer sentido. A expressão "debaixo do sol" ressalta repetidas vezes a futilidade e a falta de sentido da vida vivida apenas para o ego e no momento, sem gratidão ou respeito por Deus e seus caminhos.[13]

No entanto, a pergunta pelo lucro ou ganho continua sendo uma boa pergunta. Sabemos disso porque Jesus expressou essas coisas quase que exatamente da mesma forma: "O que ganhará o homem?" Ele perguntou. Só que Jesus virou toda a pergunta de ponta cabeça. Ele não perguntou o que no mundo nós ganharíamos por todo nosso trabalho. Em vez disso, perguntou o que realmente ganharíamos se tivéssemos o mundo inteiro: "que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?" (Mt 16.26; cf. Mc 8.36). A implicação é que nem mesmo o mundo inteiro basta para compensar a perda da alma eterna.

Se estivermos buscando um lucro, não devemos estar vivendo por aquilo que o mundo parece nos oferecer, mas apenas pelo ganho eterno que vem quando confiamos em Jesus pela dádiva gratuita da vida eterna.

[1] CRANE, Stephen. *The Black Riders and Other Lines*. Boston: Copeland and Day, 1896, p. 25.

[2] SÓCRATES, citado em PLATT, Suzy (org.). *Respectfully Quoted: A Dictionary of Quotations*. Nova York: Barnes and Noble, 1992, p. 42.

[3] JERÔNIMO, citado em CRENSHAW, J. L. *Ecclesiastes*, Old Testament Library. Filadélfia: Westminster, 1987, p. 63.

[4] WATERS, Roger. "Time." In: *The Dark Side of the Moon*. Harvest, 1973.

[5] HAMMERSTEIN, Oscar II. "Ol' Man River." In: *Show Boat,* 1927.

[6] Veja KURLANSKY, Mark. *Cod: A Biography of the Fish That Changed the World*. Nova York: Penguin, 1998.

[7] MILLEN, Matt, citado por JONES, David e FLOUNDERS, Bob. "Lions were never all angels". In: *The Patriot News* (27 de julho de 2008).

[8] Para uma visão geral de civilizações antigas no Ocidente, veja MANN, Charles. *1491: New Revelations of the Americas before Columbus*. Nova York: Vintage Books, 2006.

[9] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*, The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 20.

[10] LEUPOLD, H. C. *Exposition of Ecclesiastes*. Grand Rapids, MI: Baker, 1952, p. 28.

[11] BRIDGES, Charles. *Ecclesiastes*. Carlisle, PA: Banner of Truth, 1998, p. xiv-xv.

[12] DÍDIMO, o Cego. *Commentary on Ecclesiastes*, 46.7. In: *Ancient Christian Commentary on Scripture IX*, org. J. Robert Wright. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2005, p. 213.

[13] MOORE, T. M. *Ecclesiastes: Ancient Wisdom When All Else Fails: A New Translation and Interpretive Paraphrase*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2001, p. 11.

3

# A BUSCA DA HUMANIDADE POR SENTIDO

*Eclesiastes 1.12-18*



*Atentei para todas as obras que se fazem debaixo do sol, e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento* (Ec 1.14).

Em *O guia do mochileiro das galáxias*, Douglas Adams escreve sobre *Deep Thought*, o poderoso supercomputador que tem a tarefa de determinar a resposta à vida, ao universo e a tudo. O computador leva muito tempo para verificar e reverificar seus cálculos – sete milhões e meio de anos, para ser exato —, mas eventualmente produz uma resposta simples e inequívoca: o sentido da vida é 42.

"Quarenta e dois?", exclama alguém. "Isso é tudo que você conseguiu produzir em sete milhões e meio de anos de trabalho?".

"Eu conferi tudo minuciosamente", responde *Deep Thought*, "e esta é definitivamente a resposta. Creio que o problema, para ser honesto, é que na verdade vocês nunca souberam qual é, realmente, a pergunta".[1]

Todos querem conhecer o sentido da vida, mas a fim de obter a resposta certa precisamos fazer a pergunta certa. Esta é a nossa busca em Eclesiastes – alcançar uma compreensão verdadeira e correta da vida, do universo e de tudo. Quando acompanharmos Kohelet (o Pregador) em sua jornada espiritual, que felizmente dura um pouco menos do que sete milhões e meio de anos, descobriremos para nós mesmos o sentido da vida.

### *A busca daquele que procura*

O livro abriu com uma apresentação do autor (Ec 1.1), do tema (Ec 1.2) e com um resumo poético (Ec 1.3-11), no qual uma série de exemplos da natureza e da experiência humana demonstra que o mundo é "infinitamente ocupado e perdidamente inconclusivo".[2] Agora, a busca começa de verdade. É possível que os 11 primeiros versículos tenham sido acrescentados pelo editor final do livro – por alguém que se referiu ao Pregador na terceira pessoa e queria resumir a mensagem do livro. Mas no versículo 12, Kohelet fala por si mesmo, revelando-nos quem ele é: "Eu, o Pregador, venho sendo rei de Israel, em Jerusalém".

Esse tipo de declaração é típica para a literatura do antigo Oriente Próximo: "Um homem de idade avançada, às vezes um rei ou uma pessoa que, por razões literárias, alega ser um rei, recorre às experiências de sua vida para dar conselhos ao filho ou sucessor".[3] O escritor fala em termos autobiográficos. Ele está descrevendo suas experiências para o benefício moral de seus leitores.

Obviamente, nesse caso, o homem idoso pretende ser Salomão. Isso já era evidente no versículo 1, em que Kohelet se descreveu como "filho de Davi, rei de Jerusalém". Aqui, no versículo 12, ele, além disso, identifica-se como "rei *de Israel*, em Jerusalém". Essa descrição corresponde apenas à vida de Salomão, pois apesar de Roboão e outros descendentes de Davi terem reinado em Jerusalém, nenhum deles reinou sobre Israel. Depois de Salomão, o reino foi dividido entre o norte e o sul, e o rei em Jerusalém reinava apenas sobre o reino sul de Judá, não sobre o reino norte de Israel. Então, esse rei é, necessariamente, Salomão.

Como já vimos, alguns estudiosos adotam uma perspectiva um pouco diferente. Já que o Pregador não se revela diretamente e nem se identifica como Salomão, eles acreditam que Eclesiastes foi escrito por outra pessoa – por um segundo "Salomão", que usou a vida do famoso

rei de Israel para ilustrar a sua própria filosofia de vida. Num contexto contemporâneo, essa estratégia literária seria como um drama de TV, em que o presidente dos Estados Unidos é um dos protagonistas. Mesmo se o filme não for um documentário, nesse tipo de programações o presidente costuma apresentar algumas características pessoais ou visões políticas que lembram John F. Kennedy ou George W. Bush ou outra pessoa que tenha ocupado a Casa Branca. Os estudiosos argumentam, então, que Eclesiastes é, semelhantemente, modelado a exemplo da vida de Salomão.

No entanto, é igualmente ou até mais provável que o próprio Salomão tenha escrito o livro. Mas seja como for, a vida desse rei famoso fornece o contexto bíblico de Eclesiastes. Aqui, ele se apresenta como Kohelet, que significa "o Coletor" ou "o Convocador". Ele usa esse título porque uma das obrigações de seu ofício real é reunir seus súditos e instruí-los na sabedoria espiritual, como Salomão fez em 1Reis 8, quando reuniu Israel para consagrar o templo sagrado em Jerusalém. Assim, o rei é também o Pregador. O fato de ele falar no tempo verbal do passado ("Eu... tenho sido rei") nos diz que ele está escrevendo já no fim de seu reinado, após ter sido rei durante algum tempo. Ao escrever do ponto de vista da idade e experiência, ele está nos contando a história daquilo que tem aprendido sobre a vida.

O Salomão de Eclesiastes era um buscador; ele se encontrava numa busca pessoal de sabedoria e conhecimento. Ele diz: "Apliquei o coração a esquadrinhar e a informar-me com sabedoria de tudo quanto sucede debaixo do céu" (Ec 1.13). O Rei-Pregador estava fazendo as perguntas fundamentais. Ele queria descobrir o sentido da vida.

Essa busca se encaixa perfeitamente em tudo o que sabemos sobre o rei Salomão de outras passagens na Bíblia. Quando Salomão se tornou rei, Deus lhe ofereceu uma oportunidade única: podia pedir o que quisesse. Salomão escolheu com inteligência. Em vez de pedir dinheiro

ou fama, pediu sabedoria para governar o povo de Deus. O Senhor se agradou tanto com o pedido de Salomão que disse: "Dou-te coração sábio e inteligente, de maneira que antes de ti não houve teu igual, nem depois de ti o haverá" (1Rs 3.12). Essa dádiva preciosa de sabedoria não significava que o rei compreendeu instantaneamente tudo. Ele ainda precisava se dedicar à busca de conhecimento, e foi exatamente isso que Salomão fez: dedicou sua vida ao aprendizado.

A busca de Salomão foi sincera. Quando diz: "Apliquei o coração", ele está dizendo que sua busca de conhecimento vinha da essência de seu ser. O Rei-Pregador concentrou sua mente e disciplinou seu coração para conhecer a verdade.

Sua busca era também abrangente. As palavras "esquadrinhar" e "informar" indicam a seriedade de seus esforços. Apesar de alguns estudiosos terem tentado diferenciar o sentido dessas duas palavras, aqui elas são usadas praticamente como sinônimos. Juntas, elas demonstram a dedicação de Salomão. Ele queria compreender a vida – não apenas uma parte da vida, mas a vida como um todo. Sua busca era tão extensa quanto era intensa. O Pregador era um homem do Renascimento da Antiguidade. Ele queria saber o máximo possível sobre o máximo de coisas possíveis. Queria investigar cada área do empreendimento humano – "tudo quanto sucede debaixo do céu" (Ec 1.13). Ou seja, queria saber tudo sobre tudo debaixo do sol.

Isso era uma missão louvável. Em vez de buscar o prazer ou a popularidade ou de encontrar sentido em realizações pessoais, o Pregador usou sua sabedoria primeiro para encontrar o sentido da vida. Como escritor sapiencial, ele via a sabedoria como a maior virtude. Em vez de viver em função de prazeres inferiores, ele queria a vida da mente.

O tipo de sabedoria que o Pregador tinha em mente não era a sabedoria divina, mas a sabedoria humana – o melhor que seres

humanos jamais pensaram ou disseram. Apesar de, normalmente, a sabedoria apresentar conotações muito positivas na Bíblia, a palavra nem sempre se refere à sabedoria espiritual vinda de Deus. A palavra hebraica para sabedoria (*hochma*) é um termo amplo. Aqui, ela se refere ao que um ser humano pode aprender sobre o mundo sem qualquer revelação especial de Deus.

Buscar esse tipo de sabedoria é uma busca válida, a despeito de suas limitações. Toda verdade é verdade de Deus, onde quer que a encontremos. Se aprendermos qualquer coisa que seja verdade para o mundo como realmente é, essa verdade vem como dádiva de Deus. Até mesmo falsas religiões contêm algumas palavras verdadeiras. Até mesmo pessoas que não conhecem Deus possuem uma sabedoria prática para o dia a dia. Pela "graça comum" de Deus, como os teólogos a chamam, até mesmo livros da seção "Religião e autoajuda" numa livraria secular podem oferecer às pessoas algum conhecimento que elas procuram. Daí as perguntas: Até onde essa sabedoria nos leva? Ela nos ajuda a conhecer e adorar Jesus Cristo como Filho de Deus? Ela nos guia no caminho da vida eterna? Ela nos ajuda a entender por que tudo importa?

### *Um mau empreendimento*

Uma boa maneira de responder a essas perguntas é contemplar o resultado da busca do Pregador. O que ele descobriu? E o que nós aprenderíamos se dedicássemos a nossa vida a uma busca semelhante de conhecimento?

A verdade é que o Pregador acabou com as mãos completamente vazias. Em vez de 42, o Pregador descobriu que o sentido da vida era nada. Assim, nos versículos 13-15 ele descreve a infelicidade, o vazio e a futilidade de seus esforços de compreender o universo – o fim de sua primeira busca.

O teor desses versículos é inconfundivelmente sombrio. Kohelet diz: "este enfadonho trabalho impôs Deus aos filhos dos homens, para nele os afligir" (Ec 1.13). Mais cedo ou mais tarde, a maioria das pessoas acaba se sentindo assim. Muitas coisas nos deixam infelizes. O relacionamento ruim dos nossos pais, comentários rudes que as pessoas fazem sobre nós, coisas que não temos, mas gostaríamos de ter, o reconhecimento que acreditamos merecer, mas nunca recebemos, até mesmo as frustrações ordinárias da vida diária – todas essas circunstâncias nos deixam infelizes.

Mas Eclesiastes diz algo ainda mais deprimente. Sua palavra para infelicidade (*ra'*, em hebraico) é mais negativa. Refere-se a algo ruim ou mau.[4] Assim, descreve antes uma categoria moral do que um estado emocional. O problema não é simplesmente que a vida nos deixa infelizes, mas que ela é má em si. Não é apenas um trabalho *infeliz*,[5] é um trabalho *mau*.

Existem pelo menos duas maneiras diferentes de interpretar essa declaração. Quando o Pregador fala sobre "trabalho", ele pode estar se referindo a tudo que as pessoas fazem – à atividade humana como um todo. Se assim for, o que ele diz sobre esse negócio é certamente verdade. Desde o pecado dos nossos primeiros pais, o trabalho tem sido uma experiência ruim. Leonard Woolf, o publicista e teórico político britânico que ajudou a fundar o Bloomsbury Group (e também marido de Virginia Woolf), disse o seguinte sobre sua vida e seu trabalho:

> Vejo de modo claro que alcancei praticamente nada. O mundo de hoje e a história do formigueiro humano dos últimos cinco a sete anos seriam exatamente os mesmos se eu tivesse jogado pingue-pongue em vez de participar de comitês e escrever livros e memorandos. Portanto, vejo-me obrigado a fazer uma confissão um tanto ignominiosa de que, numa longa vida, tenho acumulado entre 150 e 200 mil horas de trabalho perfeitamente inútil.[6]

Essas são as palavras de um homem que escreveu mais de 20 livros sobre Literatura, Política e Economia. No fim das contas, porém, tudo

lhe parece inútil, uma total perda de tempo. Se pensarmos em todo o nosso próprio trabalho duro – seja em casa, na escola, no emprego ou no ministério –, é grande a tentação de sentirmos o mesmo: a vida é um mau empreendimento.

No entanto, existe outra maneira de ver esse versículo. O "trabalho infeliz" que o Pregador menciona pode ser, na verdade, sua busca de compreender o sentido da vida.[7] É a própria busca do conhecimento em si que acaba se revelando um mau empreendimento. Quanto mais ele procurou por respostas e quanto mais se esforçou para entender a vida, maior ficou o peso que carregava. Às vezes, quanto mais tentamos compreender, mais frustrados ficamos com a vida e suas perguntas sem respostas.

O Pregador acreditava que a busca pelo conhecimento era a tarefa que Deus lhe dera. Como pessoa feita à imagem de Deus, ele tinha de fazer as perguntas fundamentais, precisava tentar entender o sentido da vida. Essa é parte do trabalho espiritual que Deus deu à humanidade. Como escreveu Francis Schaeffer certa vez: "Todos os homens... desejam profundamente algum significado, anseiam sentido... Nenhum homem, independentemente de seu sistema teórico, contenta-se em se ver como máquina despida de sentido que pode e será descartada totalmente e para sempre".[8] Até mesmo aqueles que negam a existência de Deus buscam um sentido para sua existência. O famoso astrofísico Stephen Hawking estava aludindo a essa verdade quando disse: "Somos apenas uma raça avançada de macacos num planeta pequeno de uma estrela muito mediana. Mas nós podemos compreender o universo".[9] Pelo menos podemos *tentar* compreender o universo. Mas o trabalho dessa busca leva à infelicidade.

### *Correndo atrás do vento*

Ele também leva ao vazio, como o Pregador também descobriu. Após ir a todos os lugares para realizar uma investigação minuciosa de tudo aquilo que as pessoas fazem, ele chegou a esta conclusão: "Atentei para todas as obras que se fazem debaixo do sol, e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento" (Ec 1.14).

Mais uma vez, o Pregador recorre a uma de suas expressões preferidas. Ele diz que observou "debaixo do sol". Em outras palavras, ele vê o que as pessoas fazem de um ponto de vista terreno. Ele repete também a palavra "vaidade", que significa literalmente "fumaça" ou "vapor", e se refere a um sentido mais amplo à falta de sentido da vida. Então ele introduz uma nova expressão, outra metáfora para a sua filosofia de vida. A vida debaixo do sol é "correr atrás do vento". A palavra "eis" torna essa declaração enfática. Poderíamos traduzir o versículo desta forma: "Observei tudo que se faz debaixo do sol. E, na verdade, nada tem sentido e tudo é correr atrás do vento".[10]

Há uma incerteza em relação à melhor tradução da palavra "correr" (*re'ut*, em hebraico). Pode significar "perseguir". Pode também significar coisas como "alimentar" ou "pastorear". Mas qualquer que seja a tradução que escolhermos, nenhuma dessas atividades tem qualquer chance de dominar o vento. Não importa se o perseguirmos, alimentarmos ou correrrmos atrás dele, não há nada que possamos fazer para capturar o vento. Hoje, quando as pessoas falam como é difícil fazer com que outros façam algo, elas dizem que é como arrebanhar gatos. Mas se você acha que arrebanhar gatos é difícil, tente pastorear o vento!

Isso se aplica à vida e a todos os nossos esforços humanos de compreendê-la. Em um dos muitos provérbios famosos de Salomão, ouvimos a sabedoria dizer: "Porque o que me acha acha a vida e alcança favor do SENHOR" (Pv 8.35). Mas aqui em Eclesiastes, essa busca parece fútil. Pelo que o Pregador tem visto, baseado puramente

em sua experiência, sem o benefício da revelação divina tentar descobrir o sentido da vida é tão impossível quanto correr atrás do vento.

Muitas mentes boas chegaram à mesma conclusão. Antes de morrer, o poeta modernista Ezra Pound disse: "Durante toda minha vida acreditei que sabia algo. Mas então veio um dia estranho em que percebi que eu nada sabia, sim, eu nada sabia. E assim, as palavras se tornaram sem sentido".[11] Semelhantemente, o infame ateu e evolucionista Richard Dawkins concluiu que a existência humana é "nem boa nem má, nem gentil nem cruel, mas simplesmente indiferente: indiferente a todo o sofrimento, sem qualquer propósito".[12]

O Pregador concluiu sua própria busca vazia e infeliz pelo sentido da vida com um provérbio. Sabemos que esse anúncio é um provérbio por causa de sua estrutura gramatical paralela e também porque expressa uma verdade de forma enigmática que exige uma reflexão cuidadosa para ser entendida. O que o provérbio diz é isto: "Aquilo que é torto não se pode endireitar; e o que falta não se pode calcular" (Ec 1.15).

Mesmo se não conseguirmos entender o sentido da vida, precisamos enfrentar as duras realidades dela. Algumas coisas na vida são tortas – não no sentido de que envolvam atividades criminosas ou imorais, mas no sentido de que estão tão distorcidas que elas resistem a todos os nossos esforços de endireitá-las. Existem muitas coisas na vida que gostaríamos de endireitar, mas não conseguimos, como, por exemplo, quando conseguimos consertar um para-lama amassado. Temos discussões em casa, conflitos na igreja, injustiças no emprego, erros cometidos pelo governo, nossas próprias falhas morais, dificuldades financeiras, deficiências físicas – a lista não termina. Há sempre algo na vida que gostaríamos de endireitar, recuperar sua forma original. Mas o Pregador aprendeu que "aquilo que é torto não se pode endireitar" (especialmente quando se trata de algo que Deus quer que permaneça torto; veja Ec 7.13). Algumas das nossas circunstâncias não podem ser

corrigidas. Não importa quanto nos esforcemos, não podemos endireitá-las ou torcê-las em outra direção.

Tampouco somos capazes de fazer com que a vida faça sentido, que é o tema da segunda linha do provérbio: "o que falta não se pode calcular". Isso pode significar simplesmente que não podemos contar o que não temos. A *Today's English Version* o diz assim: "Você não pode endireitar o que é torto; você não pode contar as coisas que não existem". No entanto, o problema pode ser mais profundo. O Pregador pode estar dizendo que nem mesmo sabemos o que nos falta ou que o que nos falta na vida transcende qualquer medida. Mas independentemente de como interpretarmos esse versículo, a essência é que a conta da vida não fecha. Nas palavras do romancista turco Orhan Pamuk: "Inacabada, a vida de alguma forma deixa a desejar".[13]

Juntando as duas partes do provérbio, a vida é o que é, e não há nada que possamos fazer para consertá-la. Há tantas coisas que não temos como mudar: pessoas que não podemos administrar, problemas que não conseguimos resolver, desejos que não podemos satisfazer. Sem dúvida não conseguimos forçar a vida a se adequar à nossa vontade simplesmente exercendo sabedoria humana. Ou, em outras palavras: a vida é como uma conta que se recusa a fechar. Sabemos que algo falta, mas não conseguimos descobrir o que é, e mesmo quando fazemos um ajuste para que a conta feche, lá no fundo sabemos que estamos manipulando os números. Essa foi a experiência do Pregador. Sua busca fracassou. A sabedoria humana não pôde lhe dar a resposta para o sentido da vida.

### *A busca continuou*

Todavia, isso não significa que ele estava disposto a desistir. Nos versículos 16 a 18, o Pregador descreve sua busca continuada por sentido. Quando sua primeira tentativa terminou em fracasso, ele teve

uma conversa íntima com sua alma, um diálogo interno sobre o que havia descoberto até então. Ele disse a si mesmo: “Eis que me engrandeci e sobrepujei em sabedoria a todos os que antes de mim existiram em Jerusalém; com efeito, o meu coração tem tido larga experiência da sabedoria e do conhecimento” (Ec 1.16).

Tudo isso era verdade, e novamente nos lembra de Salomão. Quem já havia adquirido mais sabedoria ou um conhecimento maior do que o rei mais sábio de Israel? Isso não eram palavras vazias, mas uma afirmação de um fato bíblico. Salomão era o homem mais sábio que já viveu, e ele havia levado sua busca o mais longe possível, que fez dele o perfeito estudo de caso. Se Salomão era incapaz de descobrir o sentido da vida, então ninguém era capaz.

De modo notório, alguns estudiosos têm se perguntado por que Salomão falaria sobre todos os homens que reinaram em Jerusalém antes dele se o rei Davi foi seu único antecessor. Dizem então que talvez Eclesiastes esteja apresentando esse Rei-Pregador como tipo de “super Salomão”. Mas Jerusalém havia sido o lar dos jebuseus já séculos antes de Davi conquistar a cidade. Portanto, muitos homens haviam reinado em Jerusalém antes de Salomão (o mais famoso entre eles: Melquisedeque; veja Gn ١٤.١٨), que, no quesito de capacidade intelectual, superava todos eles.

Mas Salomão não havia ainda considerado as alegações de moralidade, por isso, sua busca ainda não estava completa. Ele havia tentado aprender tudo que podia sobre a vida, como alguém que frequenta as melhores universidades e lê todos os livros que alegam revelar os mistérios da experiência humana. Mas ele não havia ainda investigado a diferença entre o certo e o errado ou tentado encontrar o sentido e o propósito da vida tornando-se uma pessoa melhor. Então, ele disse: “Apliquei o coração a conhecer a sabedoria e a saber o que é loucura e o que é estultícia” (Ec 1.17).

Anteriormente, o Pregador havia buscado e procurado sabedoria, mas agora usaria uma abordagem comparativa, contrastando a sabedoria com a loucura. Quando diz "loucura e estultícia", ele não está falando sobre insanidade mental, mas sobre imoralidade. Em outras palavras: Kohelet estava usando "loucura e estultícia" como normalmente são usadas no Antigo Testamento – para se referir à tola loucura de viver em desobediência a Deus. Salomão não estava tentando descobrir se perder a cabeça lhe ajudaria a compreender o sentido da vida. Estava, antes, tentando entender a diferença entre o certo e o errado.

Muitas pessoas se aproximam da vida da mesma forma hoje em dia. Mesmo não sabendo exatamente como Deus se encaixa ou se existe um deus em tudo, mesmo assim elas acreditam que exista uma diferença entre o certo e o errado. Pretendem levar uma vida moralmente correta. O Pregador que escreveu Eclesiastes também queria ser uma boa pessoa, por isso, procurou entender tanto a sabedoria quanto a loucura. Quando contemplamos a vida de Salomão, é difícil não chegar à conclusão de que ele estudou a loucura um pouco a fundo demais. Parte do pano de fundo histórico de Eclesiastes é 1Reis 11, em que o rei Salomão caiu tragicamente na loucura do pecado. Ele se casou com muitas mulheres e adorou muitos ídolos. Ao longo desse processo, o homem que possuía tanta sabedoria aprendeu mais sobre a loucura do que ninguém jamais deveria.

Qual foi o resultado dessa nova busca? Conhecer a diferença entre o certo e o errado o ajudou a encontrar um sentido e propósito na vida? De forma alguma. As exigências da moralidade convencional não satisfizeram a sua alma. Era tudo um desperdício. Então, ele disse: "Vim a saber que também isto é correr atrás do vento" (Ec 1.17).

Mais uma vez, o Pregador citou um provérbio que resumia a conclusão de sua busca. A sabedoria humana falhou porque não

conseguia endireitar as coisas ou fazer com que a conta da vida fechasse (Ec 1.15). Mas conhecer a diferença entre o certo e o errado fracassou por um motivo adicional: "Porque na muita sabedoria há muito enfado; e quem aumenta ciência aumenta tristeza" (Ec 1.18).

Como a maioria dos provérbios, essa declaração deixa a conclusão em aberto. Ela se aplica a tantas situações na vida que é difícil saber exatamente o que ela significa aqui. O Pregador fala sobre "enfado", que é uma irritação, uma frustração da alma que beira a raiva. Ele diz que, em vez de ajudar a entender a vida, mais conhecimento na verdade aumenta esse tipo de vexação. Como diz H. C. Leupold, a aquisição de sabedoria "leva o homem a descobrir muitas coisas perturbadoras que podem impedir fortemente sua paz de espírito".[14]

Talvez isso se deva ao fato de nós aprendermos tantas coisas que preferíamos não saber – coisas sobre a fragilidade de outros seres humanos, por exemplo, ou sobre o número de problemas que existem no mundo. Muitas vezes, as crianças desejam saber mais sobre as coisas sobre as quais os pais conversam. Afinal, envelhecemos e supostamente ficamos mais sábios, mas quando isso acontece, desejamos voltar para a inocência da infância. O mesmo acontece no ministério: quanto maior é nosso conhecimento sobre as fraquezas espirituais das pessoas e sobre os problemas da igreja, mais tristeza e vexação isso nos traz. É por isso que as pessoas dizem que ignorância é felicidade. Quanto mais sabemos sobre as coisas, mais problemas isso nos traz.

### *Uma conclusão esperançosa*

Mais uma vez o Pregador conseguiu fazer nos sentir ainda piores sobre a vida do que antes. No início, sua sinceridade parece refrescante, mas quanto mais estudamos esse livro, mais convencidos ficamos de que tudo é vaidade – uma conclusão deprimente.

Se tudo isso parece desesperançoso, isso significa que o autor está alcançando seu propósito. Lembre-se de que ele está nos mostrando o mundo de uma perspectiva terrena – "o melhor pensamento que o homem pode produzir por conta própria".[15] O Pregador acredita em Deus, é claro, e até menciona seu nome (Ec 1.13), mas ele fez sua busca espiritual sem a ajuda de Deus. Certa vez, Salomão disse que "o temor do SENHOR é o princípio do saber" (Pv 1.7). Mas qual foi o papel do temor de Deus aqui em Eclesiastes? O Pregador não orou. Ele não consultou as Escrituras. Em vez disso, partiu em sua busca pelo conhecimento sem jamais parar para contemplar a majestade de Deus. Ele estava investigando "a profundeza das questões com sua razão sem assistência e sem iluminação, separada de qualquer revelação da verdade que Deus concedeu ao homem".[16]

Se assumirmos uma perspectiva secular, se tentarmos entender o mundo sob nossos termos e não sob os termos de Deus, nunca passaremos de Eclesiastes 1. Estude toda a filosofia, pesquise todas as religiões, faça todos os cursos de aprimoramento pessoal, e mesmo assim você acabará em frustração e vexação. A razão humana só pode nos levar até certo ponto, e é por isso que Deus diz que não devemos nos gloriar da nossa própria sabedoria, mas apenas do conhecimento que temos dele: "Não se glorie o sábio na sua sabedoria (...) o que se gloriar, glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o SENHOR" (Jr 9.23-24). No Novo Testamento, Deus vai ainda mais longe e diz: "Destruirei a sabedoria dos sábios" (1Co 1.19; cf. Is 29.14). Eclesiastes é uma das fontes que demonstram como Deus destrói as pretensões da sabedoria humana, mostrando-nos quão vazio é todo o nosso conhecimento sem ele.

Mas Deus não nos entrega ao desespero. No fim de nossa busca, ele vem ao nosso encontro na pessoa de seu próprio Filho, Jesus Cristo, o qual a Bíblia descreve como "a sabedoria de Deus" (1Co 1.24). Jesus

entrou na vergonha desta vida, neste mundo caído, a fim de nos mostrar a maneira sábia de viver. Seu caminho é o caminho da fé, no qual confiamos que Deus é fiel à sua palavra. É o caminho da esperança, no qual olhamos para frente, para aquilo que Deus preparou para nós no futuro. É o caminho do amor, no qual encontramos sentido na vida vivendo para os outros e não para nós mesmos.

Se seguirmos Jesus e sua sabedoria, não continuaremos tentando endireitar aquilo que é torto para que se adapte aos nossos próprios propósitos, mas humildemente nos submeteremos a como Deus quer que as coisas sejam, assim como Jesus fez quando ele foi para a cruz e morreu pelos nossos pecados (veja 1Pe 2.21-24). Se seguirmos a sua sabedoria, a conta da vida fechará. Ela jamais resultará numa soma tão simples quanto 42, é claro, e é possível que ela pareça não fechar deste lado da eternidade. Portanto, precisamos nos contentar em deixar os últimos cálculos para Deus. Jesus garantirá que todo o balancete dos livros de Deus feche no final, inclusive a nossa própria conta, que ele considerará reconciliada com o seu próprio sangue. Assim, a nossa aflição atual não durará para sempre, inclusive as nossas lutas, tentando entender o sentido da vida. Logo os nossos sofrimentos terão passado. Para a nossa alegria eterna, estaremos com Jesus para sempre, e encontraremos nele a resposta para todas as nossas perguntas.

[1] ADAMS, Douglas. *The Hitchhiker's Guide to the Galaxy.* Londres: Pan Books, 1979, p. 162.

[2] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*, The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 28.

[3] WHYBRAY, R. N. *Ecclesiastes*, The New Century Bible Commentary. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989, p. 48.

[4] LONGMAN, Tremper III. *The Book of Ecclesiastes*, New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998, p. 80.

[5] Veja, por exemplo, FOX, Michael V., *A Time to Tear Down and a Time to Build Up: A Rereading of Ecclesiastes*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999, p. 171.

[6] WOOLF, Leonard. Citado em *Wireless Age,* setembro/novembro de 1998.

[7] WHYBRAY, *Ecclesiastes*, p. 49.

[8] SHAEFFER, Francis. *Death in the City.* Downers Grove, IL: InterVarsity, 1970, p. 98.

[9] HAWKING, Stephen. Citado em JOHNSON, George. "The Theory That Ate the World", *The New York Times Book Review* (24 de agosto de 2008), p. 16.

[10] LONGMAN, *The Book of Ecclesiastes*, p. 77.

[11] Veja http://www.quoteland.com/topic.asp?CATEGORY_ID=89.

[12] DAWKINS, Richard. *River out of Eden.* Nova York: Basic Books, 1995, p. 96.

[13] PAMUK, Orhan. *Other Colors: Essays and a Story.* Citado em THUBRON, Colin, "Locked in the Writer's Room", *The New York Review of Books*, vol. LIV (8 de novembro de 2007), p. 4.

[14] LEUPOLD, H. C. *Exposition of Ecclesiastes.* Grand Rapids, MI: Baker, 1952, p. 55.

[15] KIDNER, *The Message of Ecclesiastes*, p. 31.

[16] LEUPOLD. *Exposition of Ecclesiastes*, p. 55.

4

# HEDONISMO SEM SENTIDO

*Eclesiastes 2.1-11*



> *Disse comigo: vamos! Eu te provarei com a alegria; goza, pois, a felicidade; mas também isso era vaidade* (Ec 2.1).

A maioria dos norte-americanos de hoje é mais rica do que a maioria das pessoas na história do mundo. No entanto, a despeito da nossa prosperidade material – ou talvez por causa dela – ainda sofremos de pobreza da alma. O gosto do prazer aumentou nosso apetite por este mundo para além de qualquer satisfação. Entrementes, continuamos a procurar desesperadamente pelo sentido da vida.

Peggy Lee falou sobre esse problema na música "Is That All There Is?" [É só isso?]. Na segunda estrofe, ela descreve a experiência de uma visita ao circo em sua infância:

> Quando eu tinha 12 anos de idade, meu pai me levou ao circo, o maior espetáculo do mundo. Havia palhaços, elefantes e ursos dançantes, e uma linda mulher em um maiô cor de rosa voava no alto, acima das nossas cabeças. E eu estava sentada ali, assistindo ao espetáculo maravilhoso. Tive a sensação de que algo estava faltando. Eu não sabia o quê, mas quando o espetáculo terminou, eu disse a mim mesma: "O circo é só isso?".

E então, Peggy Lee canta seu famoso refrão: "É só isso? Isso é tudo que existe? Se isso é tudo, meus amigos, então, continuemos a dançar. Tragam as bebidas e façamos uma festa, se é só isso que existe".[1]

### *A prova do prazer*

O Salomão de Eclesiastes tinha a mesma pergunta como Peggy Lee: Isso é tudo que a vida tem a oferecer, ou há algo mais? Primeiro tentou

encontrar uma resposta usando sua mente para compreender os mistérios da existência humana. Mas sua busca por conhecimento terminou em sofrimento e tristeza.

A essa altura, deve ter sido tentador desistir ou cair em depressão. No entanto, o Pregador decidiu tentar outra abordagem. Ele começou a falar consigo mesmo – não sobre algo revolucionário como a beleza de Deus ou as boas novas de sua graça – mas sobre fazer algo novo para extrair mais da vida. "Vamos! Eu te provarei com a alegria; goza, pois, a felicidade" (Ec 2.1).

Cada palavra nessa curta afirmação é importante. A palavra "provar" indica que o que segue é um experimento, uma tentativa deliberada de aprender algo por experiência própria. A palavra "alegria" mostra o que ele deseja experimentar – os prazeres da vida. Ele é como "The Wanderer" [O andarilho] na música que o grupo U2 escreveu na base de Eclesiastes, com a participação de Johnny Cash: "Saí pelo mundo / à busca de experiência / para provar e tocar e sentir tudo / antes de um homem se arrepender".[2]

A outra palavra importante, que é repetida em cada versículo dessa passagem, é a palavra "eu". Reconheço que, já que o escritor está falando sobre sua própria vida, é inevitável que precise se referir a si mesmo de vez em quando. Mas será que precisa fazê-lo com tanta frequência? Há tanto "eu, meu e eu mesmo" nesses versículos que a passagem transmite um forte senso do egoísmo envolvido na busca do prazer egocêntrico.

Kohelet, então, transforma-se em hedonista experimental. Em outras palavras: ele decide fazer de sua felicidade o propósito principal da vida. É assim que muitas pessoas vivem hoje, e é uma tentação para todos nós – viver para nós mesmos em vez de para Deus.

### *Que comece a festa*

Imediatamente, o Pregador nos informa que essa busca fracassou de forma tão espetacular quanto a primeira. O prazer satisfez sua alma tão pouco quanto a sabedoria. “Mas”, ele diz, exigindo nossa atenção, “também isso era vaidade” (Ec 2.1). Em outras palavras, era vapor e fumaça. O prazer parecia oferecer a promessa do propósito da vida, mas ela não durou. No fim, revelou-se como vazia, fugaz e efêmera. Quando seus prazeres dissiparam, o Pregador se viu de mãos vazias. Seu hedonismo provou ser sem sentido.

Ao anunciar o resultado de sua busca já no início, Kohelet não está pré-julgando as coisas. Pelo contrário, tratava-se de um experimento abrangente, como explica em seguida. Nos versículos 2-8, ele apresenta uma lista de todos os prazeres que experimentou, seguida nos versículos 9-11 por uma reflexão pessoal sobre aquilo que aprendera com sua experiência.

Primeiro, experimentou a comédia, um tipo de diversão que muitas pessoas usam para passar pela vida. Quando se sentem inseguras, fazem uma piada sobre algo. Quando criticam a si mesmas, riem de outra pessoa. Quando ficam entediadas, procuram algo que as faça rir, como alguma comédia na TV ou algum vídeo engraçado no YouTube – qualquer coisa que as faça rir.

O Pregador também tentou esse tipo de coisa; no entanto, isso não conseguiu lhe trazer nenhuma satisfação duradoura. Ouça sua conclusão: “Do riso disse: é loucura; e da alegria: de que serve?” (Ec 2.2). Aqui, loucura não se refere a uma doença mental, como usaríamos a palavra hoje em dia, mas a algo pecaminoso. Segundo Derek Kidner, indica uma “perversão moral, não uma deficiência mental”.[3] Muitas risadas são assim: moralmente perversas. Não todas, é claro, pois existe um tipo de riso alegre que traz glória a Deus (veja, p. ex., Pv 31.25). Mas muitas piadas são frívolas e superficiais, ou então cínicas, sarcásticas e até mesmo cruéis (veja Pv 10.23; 26.19; 29.9). Para honrar

a Deus, precisamos nos perguntar se nosso riso se regozija na bondade de Deus ou se estamos rindo à custa de outra pessoa.

Kohelet descobriu que, quando se trata de compreender o sentido da nossa existência, o riso não passa de um prazer inútil. Veja a paráfrase do versículo 2 de T. M. Moore: "Concluí que riso e diversão como fim em si mesmos eram loucura. O que eles fizeram para me ajudar a encontrar um sentido e um propósito duradouros na vida?".[4] A vida não é uma piada. Algumas pessoas riem a vida toda até cair mortas, mas não há nada de engraçado no leito da morte de alguém que morre sem Cristo.

O próximo prazer que o homem experimentou foi o álcool, e este também é um método popular para encontrar alegria na vida ou para fugir dos seus problemas. O Rei-Pregador encontrou um lubrificante para suas risadas: "Resolvi no meu coração dar-me ao vinho, regendo-me, contudo, pela sabedoria, e entregar-me à loucura, até ver o que melhor seria que fizessem os filhos dos homens debaixo do céu, durante os poucos dias da sua vida" (Ec 2.3).

Esse versículo apresenta dificuldades surpreendentes quando tentamos interpretá-lo. "Dar-se ao vinho" tem uma conotação claramente negativa. O Pregador parece abusar do álcool da mesma forma como muitas pessoas abusam de drogas e bebida hoje em dia. Em vez de receber o vinho como presente e de bebê-lo com ações de graças a Deus, ele o consumiu como prazer egoísta. Se foi isso o que ele fez, então o que ele diz em seguida é completamente falso – ou seja, que seu coração ainda "o regia pela sabedoria". Como sabemos de um dos outros provérbios de Salomão, "o vinho é escarnecedor, e a bebida forte, alvoroçadora; todo aquele que por eles é vencido não é sábio" (Pv 20.1).

Alguns estudiosos interpretam esse versículo de outra forma. Quando Kohelet diz que seu coração ainda o regia pela sabedoria, ele

pretende dizer que seu consumo de vinho era um experimento controlado. Ele não estava se entregando à zombaria bêbada, mas bebendo com moderação e então avaliando sóbria e ponderadamente a sua experiência. O homem não era alcoólatra, mas um apreciador de vinho fazendo uso com cautela, "de forma que o apetite é aumentado, o prazer intensificado e o buquê mais fino apreciado".[5]

Seja como for – se seu consumo era caracterizado por sofisticação ou embriaguez – o homem estava à procura de prazer quando ainda teve tempo. O final do versículo 3 introduz um tema que se tornará cada vez mais importante no decorrer do restante do livro: a brevidade da vida. Uma das razões principais pelas quais as pessoas buscam o prazer é o fato de a vida ser tão curta. Como disse o marqueteiro em um comercial de cerveja popular que lembro da minha infância: "Você só dá uma volta pela vida, por isso, precisa aproveitar tudo que estiver ao seu alcance".

O Salomão de Eclesiastes tentou aproveitar tudo ao seu alcance, mesmo assim acabou de mãos vazias. Para citar mais uma vez a tradução de T. M. Moore: "Resolvi alegrar meu corpo com vinho, ainda à procura de sabedoria, mesmo assim aproveitando a folia para ver se isso me renderia o bem que estava procurando. Talvez, já que a vida é tão curta, festa e folia fossem o sentido de tudo isso! Mas não".[6]

### *As coisas mais finas da vida*

Há, além do vinho e do riso, muitos outros prazeres na vida, e o Rei-Pregador era rico o bastante para experimentar quase todos eles. Ele levava o estilo de vida dos ricos e famosos, construiu um lindo lar e plantou muitos jardins magníficos: "Empreendi grandes obras; edifiquei para mim casas; plantei para mim vinhas. Fiz jardins e pomares para mim e nestes plantei árvores frutíferas de toda espécie.

Fiz para mim açudes, para regar com eles o bosque em que reverdeciam as árvores" (Ec 2.4-6).

Demonstrando um controle e uma criatividade semelhantes a Deus, o Pregador construiu casas e jardins melhores. O homem era arquiteto, construtor e fomentador. Ele projetou e construiu mansões de prazer. Mais uma vez, isso nos lembra do rei Salomão, que gastou mais de uma década construindo seu palácio real caríssimo (1Rs 7.1-12). Ele era igualmente hábil na vinicultura, na produção de vinho. Plantou muitas vinhas (veja Ct 8.11), que, supostamente, eram necessárias para fornecer as uvas para a produção do vinho para os seus banquetes reais. Envolveu-se igualmente na horticultura e silvicultura, plantando flores e pomares. A vegetação abundante que ele plantou era irrigada por reservatórios tão grandes que poderiam ter regado uma pequena floresta.

Esses projetos eram tão grandes que apenas um grande homem podia empreendê-los. O tamanho das conquistas de Salomão é indicado pelo fato de tudo ser mencionado no plural – casas e vinhas, jardins e parques, árvores e açudes. Evoca a imagem de um segundo Jardim do Éden, especialmente com todas as árvores frutíferas (veja Gn 1.29; 2.9). Nas palavras de Derek Kidner: "Ele cria um pequeno mundo dentro do mundo: multiforme, harmonioso, exótico: um Jardim do Éden secular, cheio de prazeres civilizados e incivilizados, sem frutas proibidas".[7] O palácio do Rei-Pregador era o paraíso reconquistado.

E o melhor de tudo: era tudo para ele. A Bíblia descreve os projetos de jardins e construções como "grandes obras" (Ec 2.4), mas não eram obras públicas. Eram parte da residência particular do homem. Ele vivia luxuosamente no jardim de seu próprio prazer. Mas isso não é tudo. Além de seus projetos de construção, o Pregador era confortavelmente rico, como mostram seus muitos bens: "Comprei servos e servas e tive servos nascidos em casa; também possuí bois e

ovelhas, mais do que possuíram todos os que antes de mim viveram em Jerusalém" (Ec 2.7). Em vista da extensão de seus projetos de construção e o tamanho de sua propriedade, o Rei-Pregador precisava de um exército de trabalhadores para a sua manutenção diária. Por isso, comprou muitos escravos, e seus escravos tiveram muitos filhos, que também pertenciam à casa de seu mestre. Para alimentar todos eles, ele precisava manter rebanhos de gado, ovelhas e cabras em sua fazenda real.

Observamos tudo isso na vida do rei Salomão, que tinha inúmeros servos que sempre estavam à sua disposição (veja 1Rs 10.4-8). Ele possuía também tantos animais que os *chefs* de sua cozinha real preparavam diariamente "dez bois cevados, vinte bois de pasto e cem carneiros, afora os veados, as gazelas, os corços e aves cevadas" (1Rs 4.23).

Não precisamos nem mencionar que o Rei-Pregador tinha também muito dinheiro. Parte de seu tesouro provinha de impostos coletados de seu próprio povo; outra parte, de tributos impostos a poderes estrangeiros, mas tudo provinha de terceiros: "Amontoei também para mim prata e ouro e tesouros de reis e de províncias" (Ec 2.8; cf. 1Rs 9.26-28; 10.14ss). Ele usou parte do dinheiro para fazer lindas canções, tanto literal quanto figuradamente: "provi-me de cantores e cantoras e das delícias dos filhos dos homens: mulheres e mulheres" (Ec 2.8). Música era um prazer raro naqueles dias, mas o homem que escreveu Eclesiastes era rico o bastante para trazê-la para dentro de sua própria casa, contratando corais inteiros que cantavam para o seu prazer.

Sexo é um prazer mais comum, mas poucas pessoas o desfrutaram na mesma medida como o rei Salomão. Aqui ele fala de muitas concubinas, mas 1Reis 11.3 fornece estatísticas mais detalhadas – 700 mulheres e princesas, e 300 concubinas – mais parceiras sexuais do que

qualquer um poderia sonhar. O luxo erótico desse grande harém era a cobertura real do seu bolo de prazer.

***Prazer insano***

Vinho, mulheres e música – o Salomão de Eclesiastes tinha tudo. Hoje, seu rosto estamparia as capas da revista *Fortune*, na edição anual dos homens mais ricos do mundo. Seu lar seria objeto de revistas de arquitetura – tanto o interior quanto o exterior, desde a adega até os jardins exuberantes. Estrelas da música pop cantariam em suas festas de aniversário, supermodelos se agarrariam a seus braços.

Você não acha difícil não invejar esse homem? Você não gostaria de viver como um rei? Nestas mesmas condições, você não gostaria de ter uma linda casa com uma vista melhor e mais bela? Você não gostaria de ter alguém que fizesse todo trabalho por você ou, pelo menos, todo trabalho que você não gosta de fazer? Pense em todo o dinheiro que Salomão possuía, todos os corais e concubinas. Sinceramente, se você conseguisse se safar, não tentaria ter um pouco desses prazeres para si mesmo?

E é assim que o Rei-Pregador resumiu seu experimento com o prazer: "Engrandeci-me e sobrepujei a todos os que viveram antes de mim em Jerusalém; perseverou também comigo a minha sabedoria. Tudo quanto desejaram os meus olhos não lhes neguei, nem privei o coração de alegria alguma, pois eu me alegrava com todas as minhas fadigas, e isso era a recompensa de todas elas" (Ec 2.9-10).

A Bíblia adverte contra "a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida" (1Jo 2.16). E o salmista estava obedecendo a essa advertência quando orou: "Desvia os meus olhos, para que não vejam a vaidade, e vivifica-me no teu caminho" (Sl 119.37). Mas Salomão ignorou completamente a advertência de Deus. Sempre que via algo que desejava, ele o pegava. Sempre que era tentado a se entregar ao prazer carnal, ele o fazia. Não havia nada que ele

negava a si mesmo – nada "que o divertia visivelmente ou o satisfazia interiormente".[8] Ele fazia isso porque acreditava que merecia. "Eu mereço isso", ele dizia a si mesmo, "como recompensa por todo meu trabalho".

Já que ele estava levando o estilo de vida dos ricos e dos loucos, parece estranho ouvi-lo dizer que sua sabedoria continuava regendo sua vida. Evidentemente, ele não podia estar falando sobre o tipo de sabedoria que começa com o temor de Deus. Talvez tenha se referido à sua inteligência – ele continuava esperto como sempre. Mais provavelmente, queria dizer que continuava seriamente dedicado a seu experimento, ao empreendimento de testar seu coração para ver se o prazer lhe revelava o sentido da vida. Nas palavras de Derek Kidner: "Uma parte dele dá um passo para trás para contemplar o que a frivolidade causa num homem".[9]

Qual foi o resultado? O que acontece com pessoas que buscam qualquer e todo prazer como sua paixão principal na vida?

A resposta que Eclesiastes dá é uma resposta que já deveríamos conhecer, com base no que acontece conosco quando buscamos nosso próprio prazer. Como Salomão, temos muitas oportunidades de nos entregar a muitos desejos pecaminosos e egoístas. Fato é que talvez Salomão nos invejaria. Em termos gerais, vivemos em casas melhores do que ele, com móveis melhores e um controle maior sobre o clima. Comemos em bufês maiores. Quando vamos ao supermercado, podemos comprar praticamente tudo que desejamos, de qualquer parte do mundo. Ouvimos uma variedade muito maior de música. E, no que diz respeito ao sexo, a internet nos oferece um número infinito de parceiros virtuais, proporcionando um harém vasto para a imaginação.

Tudo indica, então, que estamos vivendo nos tempos ímpios que Paulo descreveu a Timóteo, um tempo em que as pessoas seriam "mais

amigos dos prazeres que amigos de Deus" (2Tm 3.4). Tudo está ao nosso alcance. Nada é indisponível.

Estamos satisfeitos, ou será que queremos ainda mais? Gregg Easterbrook nos dá a resposta em seu livro *The Progress Paradox*, com o subtítulo de *How Life Gets Better While People Feel Worse* [O paradoxo do progresso: como a vida melhora enquanto as pessoas se sentem piores]. Easterbrook demonstra como temos mais a cada dia de quase tudo... exceto felicidade. Na verdade, quanto mais possuímos, mais infelizes ficamos, pois sabemos que jamais seremos capazes de ter tudo que queremos.[10]

No fim de sua busca, o Rei-Pregador chegou à mesma conclusão. Mesmo após experimentar todos os prazeres que conseguiu comprar, ele não havia ganhado nada da vida. Na "manhã seguinte", ainda sofrendo os efeitos de sua orgia de prazeres, ele disse: "Considerei todas as obras que fizeram as minhas mãos, como também o trabalho que eu, com fadigas, havia feito; e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento, e nenhum proveito havia debaixo do sol" (Ec 2.11).

O verbo "considerar" (*pana*, em hebraico) significa literalmente "encarar", olhar diretamente nos olhos de algo ou alguém (cf. Jó 6.28). Então, Salomão está encarando sua situação, vendo sua vida como realmente é, e ele quer que saibamos que o que ele vê não é bonito. A palavra "eis" é enfática. A vida é vaidade; ela não tem nada a oferecer. A vida é correr atrás do vento; você jamais conseguirá pegá-lo. Extraia da vida todo prazer possível, e mesmo assim não há qualquer proveito debaixo do sol.

O prazer, buscado como fim em si mesmo, não pode satisfazer a alma. Aprenda essa lição de Eclesiastes, ou aprenda esta lição da experiência triste, como a mulher sobre a qual o rabino Harold Kushner escreve em *When All You've Ever Wanted Isn't Enough*. Ela se casou com um executivo bem-sucedido e comprou sua casa dos sonhos nos

subúrbios. Mas agora ela "não consegue entender por que anda pela casa todas as manhãs, dizendo a si mesma: 'Isso é tudo que a vida tem a oferecer?'".[11]

### *Desejo por Deus*

Isso é tudo? E se isso for tudo, o que devemos fazer em relação a isso? O que você faz quando tem tudo que jamais sonhou em ter e descobre que isso não basta?

Fizeram essa pergunta ao jogador de futebol americano Tom Brady no programa *60 Minutes*. Brady acabara de levar os *New England Patriots* à conquista de seu terceiro *Super Bowl*. Ele disse: "Por que tenho três taças do Super Bowl e mesmo assim continuo pensando que ainda há algo maior me esperando lá fora? Sério, talvez muitas pessoas diriam: 'Olha aí, cara, as coisas não ficam melhores do que isso'. Alcancei minha meta, meu sonho, minha vida. E eu, eu fico pensando: 'Deve existir algo a mais do que isso'. Quero dizer, isso não é, isso não pode ser tudo que a vida tem a oferecer". E quando o entrevistador perguntou: "Qual é a resposta?". Brady só soube responder: "Eu gostaria de saber. Eu gostaria de saber".[12]

A essa altura, Peggy Lee aparece para cantar sua música sobre trazer a bebida e aproveitar a festa, mas essa também não é a resposta. Não existe outra coisa que possamos experimentar ainda?

A resposta é que a insatisfação com a vida nos deveria apontar de volta para Deus – não para longe dele, mas para perto dele. Se todos os prazeres debaixo do sol não conseguem satisfazer nossas almas, então precisamos olhar para além deste mundo, para Deus no céu. C. S. Lewis escreve:

> A maioria das pessoas, se realmente tivessem aprendido a olhar seus próprios corações, saberiam que aquilo que desejam, e desejam ardentemente, é algo que não pode ser encontrado neste mundo. Há todo tipo de coisas neste mundo que prometem dá-lo a você, mas elas nunca conseguem cumprir sua promessa. Os desejos que surgem dentro de nós

> quando nos apaixonamos pela primeira vez ou quando pensamos em um país estrangeiro pela primeira vez ou quando nos dedicamos pela primeira vez a um assunto que nos incita são desejos que nenhum casamento, nenhuma viagem, nenhum estudo consegue satisfazer de verdade... Vislumbramos algo naquele primeiro momento de desejo que simplesmente se dissipa na realidade.[13]

Nossos desejos não satisfeitos nos dão a entender espiritualmente que fomos feitos para o prazer de Deus. Os prazeres deste mundo – principalmente todos os prazeres que experimentamos hoje em dia – nos deixam com aquilo que o crítico social Andrew Delbanco descreveu como um "desejo insaciado de transcendência".[14] Foi exatamente assim que Deus nos projetou. Se fôssemos capazes de encontrar satisfação duradoura nos prazeres terrenos, jamais reconheceríamos nossa necessidade de Deus. Mas a satisfação não se encontra nos prazeres em si, ela vem separadamente. Satisfação só existe em Deus, para que a nossa insatisfação nos ensine a nos voltar para ele.

Essa é uma das principais razões por que Eclesiastes foi incluído na Bíblia. Ele está aqui para nos convencer a não amar o mundo ou viver em função de seus prazeres. Essa mensagem não pretende nos desencorajar ou nos deprimir ainda mais, mas levar-nos de volta para Deus. Isso aqui não é tudo. Há também um Deus no céu, que enviou seu Filho para ser nosso Salvador. Esse Filho resistiu aos prazeres desta vida para cumprir o propósito de Deus para a nossa salvação. Como disse Mark Driscoll: "Tudo o que Salomão buscou, tentou a Jesus, mas ele resistiu".[15]

Esse é o homem que Johnny Cash estava procurando em "The Wanderer" e do qual cada pecador insatisfeito precisa: "A procura de um bom homem / um espírito que não se curva nem quebra / que poderia sentar-se à direita de seu pai".

Agora, o Cristo crucificado e ressurreto se oferece a si mesmo como fonte de toda satisfação. Por meio da fé, respondemos a ele da forma

como Christina Rossetti respondeu num poema que é, na verdade, uma confissão de fé: "Senhor, tenho todas as coisas se eu tiver a ti".[16]

### *Hedonismo com sentido*

Quando voltamos para Deus, pedindo que ele nos salve em nome de Jesus Cristo, acontece algo muito surpreendente: os mesmos prazeres que, no passado, não conseguiram nos satisfazer agora nos ajudam a encontrar uma alegria ainda maior na bondade de Deus. Isso, evidentemente, não vale para prazeres loucos e pecaminosos, contra os quais continuamos a ser alertados (p. ex. Rm 13.13-14). Como Moisés, somos chamados para sofrer pela causa de Cristo, em vez de "usufruir prazeres transitórios do pecado" (Hb 11.25). Mas há um prazer sagrado e legítimo. Há, para o povo de Deus, um *hedonismo com sentido* – um prazer que vem da alegria em Deus.

Isso jamais acontecerá se buscarmos o prazer como fim em si mesmo ou para nós mesmos ou se fizermos do prazer nossa principal paixão da vida. Mas acontecerá se recebermos cada prazer como dádiva de Deus. Ele é o Deus do prazer, por isso, qualquer prazer legítimo que experimentamos é uma dádiva de sua bondade. Assim, o pai de Salomão se regozijou nos prazeres de Deus. O rei Davi disse: "Na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente" (Sl 16.11). Isso é basicamente uma promessa sobre o céu, onde os prazeres de Deus duram para sempre. Mas podemos começar a desfrutar esse prazer neste momento.

Desfrutamos o prazer de Deus quando aceitamos o riso como dádiva dele – não zombando de outras pessoas ou fazendo piadas vulgares, mas rindo de nós mesmos e das nossas limitações, sabendo que, um dia, entraremos na alegria do nosso Mestre (veja Mt ٢٥.٢١).

Desfrutamos o prazer verdadeiro quando recebemos o vinho como dádiva de Deus. Mais tarde, Eclesiastes nos ensinará a beber o vinho

“com alegria” (Ec 9.7), pois como diz também o salmista, a dádiva do vinho “alegra o coração do homem” (Sl 104.15).

Desfrutamos o prazer de Deus quando projetamos lares bons e outros edifícios, contanto que os construamos para o bem de outras pessoas e para a glória de Deus (Ne 12.27-30), e não apenas para a nossa própria grandeza.

Desfrutamos o prazer de Deus quando fazemos uma caminhada pelo parque ou plantamos um lindo jardim. Eu tive o prazer de visitar famosos jardins botânicos em quatro continentes. Visitei Penshurst, Hampton Court, Blenheim Palace, Rydal Mount, Kensington Gardens e muitos outros jardins ingleses. Eu vi as begônias do Butchart Gardens em Vancouver, as próteas de Kirstenbosch na Cidade do Cabo e as orquídeas nos jardins nacionais de Singapura. Em cada parque e jardim, enquanto meus olhos se deleitavam com as cores da criação, eu via a beleza de Deus.

E há prazer em todas as outras coisas que Salomão menciona. Há prazer no trabalho recompensador que é feito para a glória de Deus (Cl 3.23). Há prazer no banquete e na gratidão a Deus pela comida (1Tm 4.3-4). Há prazer na prata e no ouro que são dados ao reino de Deus, com a garantia de um retorno eterno pelo nosso investimento (veja Mt 6.19-21). Há prazer na música que alegra o ouvido e direciona nossas emoções para a adoração de Deus.

Há prazer em relações sexuais quando estas são compartilhadas da forma como o Criador as projetou. Na década de 1960, quando as pessoas estavam defendendo a liberdade sexual irrestrita, a revista *Time* (logo ela) apresentou esta objeção: “Quando o sexo é praticado apenas por prazer, ou apenas por ganho, ou até mesmo apenas para preencher um vazio na sociedade ou na alma, ele se torna fugaz, impessoal e até decepcionante”.[17] Por outro lado, quando o sexo é dado a outra pessoa, e não feito para si mesmo, e quando ele é compartilhado exclusivamente

entre um homem e uma mulher ligados um ao outro por uma aliança de amor vitalícia, a relação sexual atinge seu prazer mais sublime. Ninguém explicou esse princípio melhor do que Martinho Lutero, que disse: "Se o Senhor deu a um homem uma esposa, ele deveria agarrar-se a ela e alegrar-se nela. Se você quiser ultrapassar esses limites e acrescentar a essa dádiva que você tem no presente, você receberá tristeza no lugar de prazer".[18]

Deus não é um estraga-prazeres. Ele não está tentando tirar o nosso prazer, mas tentando dá-lo a nós. Uma vez que aprendemos como encontrar nossa satisfação em Deus, então todas as suas outras dádivas se transformam em prazeres do melhor e mais verdadeiro tipo. Felizmente, não precisamos ser tão ricos como Salomão para experimentar um hedonismo com sentido. Precisamos apenas ver o que está no mundo ao nosso redor e saber que tudo isso nos vem como uma dádiva de Deus.

Um exemplo maravilhoso de conhecer o prazer de Deus vem do testemunho de uma mulher cristã pobre. Seu nome foi esquecido há muito tempo, de forma que apenas Deus ainda o sabe, mas em algum momento do século 18 ela escreve as seguintes palavras:

> Não me lembro de ter vivido tempos mais felizes na minha alma do que quando estive trabalhando, com nada diante de mim além de uma vela e um tecido branco, e ouvindo nada além da minha própria respiração, com Deus na minha alma e o céu nos meus olhos. Eu regozijo por ser exatamente o que sou – uma criatura capaz de amar a Deus e que, assim como Deus vive, não tem opção senão ser feliz. Eu me levanto e passo um tempo olhando pela janela. Contemplo a lua e as estrelas, a obra da mão Todo-Poderosa. Penso na grandeza do universo e então me sento e imagino que sou um dos seres mais felizes dentro dele.[19]

Você já experimentou esse tipo de satisfação? Como essa mulher piedosa, você também foi criado com a capacidade de ser um dos seres mais felizes do universo. Mas você jamais encontrará essa satisfação se viver para o seu próprio prazer. Você só a encontrará se aprender a glorificar a Deus e a se alegrar nele para sempre.

[1] "Is That All There Is?", de LEIBER, Jerry e STOLLER, Mike. *Peggy Lee's All-Time Greatest Hits, Volume 1* (Curb Records).

[2] U2, "The Wanderer", cantado com Johnny Cash em *Zooropa* (Island Records, 1993).

[3] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*. The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 31.

[4] MOORE, T. M. *Ecclesiastes: Ancient Wisdom When All Else Fails: A New Translation and Interpretive Paraphrase*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2001, p. 23.

[5] LEUPOLD, H. C. *Exposition of Ecclesiastes*. Grand Rapids, MI: Baker, 1952, p. 60.

[6] MOORE. *Ecclesiastes: Ancient Wisdom When All Else Fails*, p. 23.

[7] KIDNER. *The Message of Ecclesiastes*, p. 32.

[8] EATON, Michael A. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 67.

[9] KIDNER. *The Message of Ecclesiastes*, p. 31.

[10] EASTERBROOK, Gregg. *The Progress Paradox: How Life Gets Better While People Feel Worse*. Nova York: Random House, 2003, p. 124.

[11] KUSHNER, Harold. *When All You've Ever Wanted Isn't Enough: The Search for a Life That Matters*. Nova York: Summit, 1986, p. 17-18.

[12] Entrevista disponível em http://www.cbsnews.com/stories/2005/11/03/60minutes/main1008148_page3.shtml.

[13] LEWIS, C. S. *Mere Christianity*. Nova York: Macmillan, 1943, p. 119.

[14] DELBANCO, Andrew. *The Real American Dream: A Meditation on Hope*. Citado em Easterbrook. *The Progress Paradox*, p. 248.

[15] DRISCOLL, Mark. "Setting the Record Crooked." *Preaching Today* (edição 266).

[16] ROSSETTI, Christina. "Jesus Alone." In: *Christina Rossetti: The Complete Poems*. Nova York: Penguin Classics, 2001, p. 588.

[17] *Time* (24 de janeiro de 1964). Citado em CASSIDY, Michael. *Chasing the Wind: Answers for Life's Questions*. Londres: Hodder and Stoughton, 2002, p. 24-25.

[18] LUTHER, Martin. "Notes on Ecclesiastes." In: *Luther's Works*. Trad. e org. Jaroslav Pelikan, 56 vol. St. Louis: Concordia, 1972, 15:30.

[19] HUGHES, R. Kent citou esse testemunho num sermão intitulado de "Set Apart to Save: Hedonism", pregado na College Church em Wheaton, em 11 de novembro de 2001, e também em seu livro *Set Apart: Calling a Worldly Church to a Godly Life*. Wheaton, IL: Crossway, 2003, p. 40.

5

# SABEDORIA E TOLA LOUCURA

*Eclesiastes 2.12-17*



*Pelo que disse eu comigo: como acontece ao estulto, assim me sucede a mim; por que, pois, busquei eu mais a sabedoria? Então, disse a mim mesmo que também isso era vaidade* (Ec 2.15).

"Tudo sobre a vespa, exceto por quê." Assim fala o narrador em *A Child's Christmas in Wales*, do poeta Dylan Thomas, enquanto lamenta os "presentes úteis" que recebeu no Natal quando era garoto. Além de todos os xales, chapéus, luvas e galochas que ele precisava para sobreviver ao inverno frio, ele recebia, muitas vezes, também o tipo de livros educacionais que lhe ensinavam, como dizia, "tudo sobre a vespa, exceto o por quê".[1]

Aparentemente, o garoto tinha uma mente curiosa. Ele adorava perguntar: "Por quê?" A maioria das crianças é igualmente inquiridora – não só em relação a insetos, mas em relação a tudo. Por que você faz o que faz? Por que você não faz de outro jeito? Por que o universo é assim e não de outro jeito? Por quê? Por quê? Por quê?

Com o passar do tempo, a maioria das pessoas deixa de fazer tantas perguntas. Recebemos respostas suficientes que nos permitem viver ou aprendemos a nos contentar sem conhecer todas as respostas. Mas algumas pessoas jamais perdem sua curiosidade intelectual. Nunca param de perguntar: "Por quê?" – principalmente quando se trata das grandes perguntas sobre Deus, o universo e o sentido da existência humana. Querem saber o "porquê" de tudo, inclusive (mas não exclusivamente) da vespa.

### *A busca de Kohelet*

O homem que escreveu Eclesiastes tinha essa curiosidade insaciável em relação à vida. Ele chamava a si mesmo de Kohelet (Ec 1.1,12), que significa "o Reunidor", porque o chamado de sua vida era reunir o povo de Deus para instrução espiritual. Hoje, nós o chamaríamos de "o Pregador", ou talvez, já que ele se identifica como rei de Jerusalém, de Rei-Pregador. Apesar de nunca se identificar diretamente e mencionar seu nome, Kohelet parece se identificar como o rei Salomão pela forma como descreve a sua riqueza e sabedoria.

Sendo o próprio Salomão ou apenas o escritor fantasma de Salomão, Kohelet gostava de perguntar "por quê?" a fim de entender este mundo, ele se aventurou numa longa e difícil busca para encontrar o sentido da vida. Quando não conseguiu encontrar as respostas que procurava, ele não desistiu, intensificando ainda mais a sua busca.

A princípio, o Pregador acreditava que a busca de sabedoria lhe daria todas as respostas (Ec 1.12-15), mas havia tantas coisas na vida que ele não conseguia entender, ou que não faziam sentido, que sua busca logo terminou em fracasso. A informação não trouxe transformação. Então, Kohelet se voltou para a moralidade. Talvez, o conhecimento da diferença entre o certo e o errado lhe trouxesse algum sentido de propósito (Ec 1.16-18). No entanto, isso apenas aumentou seu sofrimento e aflição.

Em seguida, o Rei-Pregador buscou o prazer (Ec 2.1-11). Se a sabedoria terminou em tristeza, talvez o hedonismo o levasse à felicidade. Assim, construiu prédios magníficos e lindos jardins. Ele saboreou os luxos do vinho, das mulheres e da música. Jamais se negando a qualquer prazer ou impondo limites aos seus apetites. Salomão aproveitou tudo ao máximo. No entanto, nem mesmo os maiores prazeres da vida conseguiram satisfazer a sua alma. Se ele o

disse uma vez, ele o diria mil vezes: tudo era vaidade e correr atrás do vento. Não havia ganho debaixo do sol.

Mesmo assim, Kohelet continuou sua busca. Não tinha jeito. O homem queria saber "por quê", e ele se recusava a desistir antes de encontrar a resposta. E assim, com perseverança, ele continuou à procura do sentido da vida. Todos aqueles que desejam descobrir a verdade sobre as coisas deveriam seguir o seu exemplo. Não fuja das perguntas difíceis. Não se contente com explicações fáceis que não resistam a uma análise minuciosa. Continue procurando até você encontrar o seu caminho a Deus.

Com o propósito de entender, o Pregador nos conta que ele passou "a considerar a sabedoria, e a loucura, e a estultícia" (Ec 2.12). Se essas palavras lhe parecerem familiares, é porque Kohelet disse quase a mesma coisa em Eclesiastes 1.13, quando aplicou "o coração a esquadrinhar e a informar-me com sabedoria", e novamente em Eclesiastes 1.17, quando aplicou o seu coração "a conhecer a sabedoria e a saber o que é loucura e o que é estultícia". Ele volta para contemplar novamente algo que já contemplou antes.

Isso é o que muitas pessoas costumam fazer quando procuram por algo que está faltando. Primeiro procuram encontrá-lo no lugar mais lógico. Quando isso falha, começam a procurar em outros lugares. Mas se, mesmo assim, não conseguirem encontrar aquilo que procuram, elas dizem a si mesmas: "Talvez não tenha visto algo. Provavelmente, deveria voltar para onde comecei e procurar com mais cuidado".

Testemunhei esse fenômeno comum na véspera do meu casamento. Alguns dos meus amigos (falsos amigos) me sequestraram, vendaram meus olhos, me amarraram e me jogaram no porta-malas de um carro. Para tristeza deles e minha alegria, consegui me livrar das amarras, de forma que, quando abriram o porta-malas, eu saltei do carro e fugi. Enquanto eles vasculhavam a vizinhança, eu cuidadosamente fui até

um esconderijo, de onde pude observar o carro. Mais ou menos quinze minutos depois, dois deles voltaram para o carro e abriram o porta-malas para se certificar de que eu realmente não estava lá. Aparentemente, não acreditavam que eu havia realmente fugido, pois repetiram a mesma coisa quinze minutos depois disso.

É assim que funcionamos. Quando damos falta de algo, voltamos para o lugar em que deveria estar, mesmo já tendo procurado ali. Assim, Kohelet voltou a "considerar a sabedoria, e a loucura, e a estultícia".

"Loucura" e "estultícia" andam juntas. O Pregador não está descrevendo três categorias diferentes, apenas duas. De um lado, temos a "sabedoria", que é usada aqui no sentido mais amplo para se referir ao pensamento humano em sua melhor *performance*. Nesse sentido, sabedoria não é a profunda compreensão espiritual que começa e termina com o temor do Senhor, mas simplesmente uma orientação boa, moral e prática para o dia a dia, que encontramos em pessoas como Benjamin Franklin, Emily Post, Oprah Winfrey e Dr. Phil.

Do outro lado, temos "loucura" e "estultícia", ou talvez seria melhor dizer "tola loucura", pois esses dois termos andam juntos. Aqui, Eclesiastes usa uma figura de linguagem chamada hendíade, que une duas palavras por meio da palavra "e" para expressar a mesma ideia. Por exemplo, quando o Macbeth de Shakespeare diz que a vida é "um conto narrado por um idiota, cheio de som e fúria",[2] ele não está fazendo uma distinção cuidadosa entre som e fúria, mas juntando as duas coisas para descrever o som furioso que sai de uma pessoa que não consegue falar, mas produz apenas rugidos e grunhidos.

O que o Pregador nos está dizendo é que, após buscar o prazer, ele reavaliou as pretensões da sabedoria e da tola loucura. Ele queria comparar as duas, estudando a diferença entre a maneira certa e a

maneira errada de viver, para então ver se isso o ajudaria a entender o propósito da vida.

Seu motivo para essa reavaliação é garantir que a vida tem sido contemplada de todos os ângulos possíveis. O Pregador pretendia escrever a última palavra sobre o sentido da vida. Por isso, quis que sua busca fosse o mais abrangente possível, um desejo que transparece naquilo que diz em seguida: "Que fará o homem que seguir ao rei? O mesmo que outros já fizeram" (Ec 2.12).

Reconheço que esse versículo é difícil. Na forma como se apresenta na maioria das nossas traduções, ele parece dizer de outra forma que não há "nada novo debaixo do sol" – um tema comum em Eclesiastes (p. ex., 1.9). Segundo essa interpretação, o versículo diz que, mesmo que um novo rei siga o rei antigo, ele não fará nada realmente novo. No entanto, outros não têm tanta certeza de que este seja o sentido do versículo, nem se o versículo possui um sentido de todo. Um comentarista famoso alega que o versículo "não faz sentido em sua forma atual".[3]

Eu, porém, acredito que o versículo faz sentido sim, e que ele nos ajuda a entender o propósito de Eclesiastes. Michael Eaton oferece a seguinte tradução literal: "E eu voltei para considerar sabedoria e loucura e estultícia, pois que tipo de pessoa é esta que virá depois do rei, na questão daquilo que já foi feito?".[4] Ao falar da "questão daquilo que já foi feito", Kohelet parece estar se referindo às suas dificuldades atuais de entender o sentido da vida. Quando fala da pessoa que "virá depois do rei", ele está olhando para o futuro e se pergunta quem mais terá as mesmas perguntas que ele tem sobre a existência humana. Com essas pessoas em mente, ele pretende escrever uma declaração definitiva sobre sabedoria e tola loucura. Como o rei mais sábio e mais rico, ele está na posição única de fazer isso. Quem poderia acrescentar algo à experiência de alguém como Salomão? Ele é o perfeito estudo de caso.

Se ele não conseguir encontrar o sentido da vida, quem poderá? Que esperança há para que alguma pessoa encontre a resposta para essas perguntas? Mas se o Rei-Pregador for capaz de compreender o propósito da nossa existência, aquilo que ele tem a dizer sobre o sentido da vida persistirá.

### *Uma breve faísca de esperança*

Ao comparar a sabedoria com a tola loucura, Kohelet nos oferece uma breve faísca de esperança. Após anunciar a meta de sua busca, ele nos diz o que descobriu: "Então, vi que a sabedoria é mais proveitosa do que a estultícia, quanto a luz traz mais proveito do que as trevas" (Ec 2.13).

Até agora, tudo tem sido vaidade e correr atrás do vento. Mas aqui, ao elogiar o valor relativo da sabedoria, o Rei-Pregador nos apresenta algum progresso em seu pensamento. Talvez seja verdade que a sabedoria é incapaz de endireitar o que é torto ou de contar o que falta. Pode muito bem ser que ter mais sabedoria aumente o sofrimento e a dor. Mas, em vista de tudo, ter sabedoria ainda é a melhor alternativa. Mais cedo, Kohelet disse que não há nada a ser ganho na vida, mas aqui ele reconhece que a sabedoria é pelo menos um pouco vantajosa. Apesar de limitado, seu valor é legítimo, pois é melhor ser uma pessoa sábia do que um louco tolo.

Kohelet expressa o contraste entre sabedoria e loucura em termos de luz e escuridão. É melhor estar na luz do que nas trevas, como todos sabem. Percebemos isso quando as luzes se apagam. Mesmo acreditando saber onde tudo se encontra, muitas vezes acabamos tropeçando em coisas no nosso caminho. Da mesma forma, as pessoas tolas tropeçam pela vida.

Então, o Pregador estende a sua comparação, dizendo: "Os olhos do sábio estão na sua cabeça, mas o estulto anda em trevas" (Ec 2.14). O valor da sabedoria não se deve simplesmente ao fato de fornecer luz,

mas também ao fato de nos capacitar a ver. Ela dá visão, não só iluminação. Dizer que o sábio tem "olhos na cabeça" significa que ele consegue ver o que está fazendo e para onde está indo. Ele tem uma percepção útil da vida. O tolo, por sua vez, não possui olhos e anda na escuridão. Essa escuridão não está apenas em volta dele, mas também dentro dele, pois ele não tem olhos com os quais possa ver.

Eu testemunho a diferença entre luz e escuridão sempre que passo algum tempo com o meu cunhado, cuja cegueira muitas vezes o deixa em posição desvantajosa. Ele é capaz de viver, trabalhar e tocar para a glória de Deus. Mas a sua cegueira o impede de ver a beleza da natureza (ele pode ouvi-la, saboreá-la e tocá-la). A luz é melhor do que a escuridão.

A Bíblia recorre muitas vezes a esse contraste. Às vezes, usa luz e escuridão para mostrar a diferença absoluta entre conhecer Deus e viver sem ele ou entre viver em santidade e tropeçar pela vida na escuridão do pecado (p. ex., Jo 3.19; Ef 5.8; 1Pe 2.9). Aqui, a Bíblia diz simplesmente que a diferença entre sabedoria e loucura é como luz e escuridão. Segundo a paráfrase de T. M. Moore: "Eu vi que a sabedoria é, de longe, mais valiosa do que a loucura. Faz mais sentido buscar o caminho da sabedoria do que gastar sua vida em folia e alegria. Entendi isso de forma tão clara quanto dia e noite".[5]

### *O grande equalizador*

A essa altura, o Pregador nos apresentou a sabedoria convencional sobre a sabedoria – que é melhor ser sábio do que um insensato louco. Encontramos essa mesma perspectiva em muitos dos provérbios de Salomão: "O filho sábio alegra a seu pai", diz, "mas o filho insensato é a tristeza de sua mãe" (Pv 10.1). E repete: "O sábio de coração aceita os mandamentos, mas o insensato de lábios vem a arruinar-se" (Pv 10.8).

Até aqui, tudo bem. Mas então um pensamento perturbador passa pela mente do Salomão de Eclesiastes. Isso é típico dele. Nunca satisfeito com a sabedoria convencional, ele sempre quer ir mais a fundo.

Aqui, o Pregador explora a sabedoria e a loucura em termos de valor absoluto, levando-as até o limite da vida: "Contudo, entendi que o mesmo lhes sucede a ambos" (Ec 2.14). Ou como traduz este versículo a New International Version: "O mesmo *destino* acomete ambos".

Esse versículo pode significar simplesmente que o sábio e o insensato experimentam os mesmos altos e baixos na vida. Nesse caso, a palavra "destino" não seria usada no sentido fatalista, mas se referiria, em um sentido amplo, a tudo que acontece na vida. Não importa se vivemos de acordo com a sabedoria ou a loucura, nós nos emaranharemos em muitos eventos iguais, inclusive nas mesmas calamidades e catástrofes. Como diz Jesus: a chuva cai sobre os justos e injustos (Mt 5.45). Não importa quão espertos somos, muitas coisas na vida se encontram além do nosso controle. Assim, sofreremos muitos incidentes que os outros também sofrerão, para o bem e para o mal.

No entanto, quando ele fala sobre "o mesmo" ou "o destino" que sucede a todos nós, o Pregador parece estar pensando em algo mais específico. Ele está falando sobre aquilo que sucede a todos: a morte. Isso se torna perfeitamente claro no versículo 16, em que ele diz que "Morre o sábio, e da mesma sorte, o estulto!". Mas já no versículo 14 ele fala sobre o destino que espera a todos nós. Na vida, é melhor ser sábio do que insensato. Mas o que acontece conosco no fim? Todos nós morremos. Então, qual é a vantagem de ser sábio? Uma vez mortos, nossa sabedoria não nos adiantará nada. Qualquer vantagem que obtivermos por meio da sabedoria é estritamente temporária. Não importa se somos sábios ou tolos, em breve estaremos mortos, e quem, então, se lembrará de nós? A morte é o grande igualador.

Muitos anos atrás, ouvi o Dr. Haddon Robinson pregar sobre Eclesiastes. Ele contou como se sentiu ao atender ao funeral de um homem que falava 34 línguas. A maioria das pessoas fala apenas uma ou, no máximo, duas línguas, mas aqui estava um homem que entendia quase três dúzias de línguas. No fim, porém, sua inteligência não importava – morreu como todos os outros. "Vê-se morrerem os sábios", diz o salmista, "e perecerem tanto o estulto como o inepto" (Sl 49.10).

A morte não é parcial. Essa absurdidade trágica frustra todos os nossos esforços de encontrar sentido na vida. Passamos pela vida tentando desesperadamente negar a realidade da nossa mortalidade; mas a morte nos assombra mesmo assim. Gregg Easterbrook escreve sobre isso em *The Progress Paradox*. Primeiro Easterbrook demonstra que, apesar da vida do norte-americano mediano melhorar constantemente em termos materiais, sua felicidade não aumenta. Então ele tenta descobrir por que as pessoas estão se sentindo piores ao mesmo tempo em que suas vidas estão, supostamente, melhorando.

Easterbrook oferece uma variedade de respostas a essa pergunta, muitas delas baseadas em pesquisas sociológicas. Mas, em determinado momento, ele se pergunta se porventura o problema pode estar relacionado com a morte. Talvez "as pessoas fiquem cada vez mais ricas", ele diz, "mas, aparentemente, não mais felizes, porque existe uma ansiedade fundamental no coração de todos nós, e essa ansiedade é o medo da morte".[6] Por um instante, Easterbrook abre a janela para a alma humana. Ah!, como seria bom se ele tivesse a resposta para a nossa ansiedade!

Uma coisa é acreditar que todos os homens são mortais, aceitar a realidade da morte em termos intelectuais, mas é algo completamente diferente reconhecer que também nós precisamos morrer. Isso é algo que todo soldado precisa encarar em tempos de guerra. Muitos soldados entram em sua primeira batalha com a expectativa ingênua de

que, mesmo que outros homens morram, eles conseguirão sobreviver de alguma forma. Mas quando veem seu primeiro camarada morrer na batalha, pensam: "Este poderia ter sido eu", e são obrigados a encarar a sua própria mortalidade.

Quando o Pregador encarou a sua mortalidade, ele disse a si mesmo na privacidade de seu íntimo: "Pelo que disse eu comigo: como acontece ao estulto, assim me sucede a mim; por que, pois, busquei eu mais a sabedoria? Então, disse a mim mesmo que também isso era vaidade" (Ec 2.15). Mais cedo ou mais tarde, todos chegam a essa percepção chocante: *Algum dia eu também morrerei; meu coração baterá uma última vez, meus pulmões expirarão pela última vez e este será o fim dos meus dias na terra*.

Essa realidade dolorosa leva o homem sábio a se perguntar se é realmente sábio buscar a sabedoria. Em vista de sua morte vindoura, a tentativa de descobrir o sentido da vida lhe parece agora um desperdício de energia. Jean-Paul Sartre teria concordado, pois o famoso existencialista disse: "A vida deixa de ter sentido no momento em que você perde a ilusão de ser eterno".

E há mais um problema com a morte, e novamente trata-se de um problema que aflige os sábios tanto quanto os tolos: a morte tem o poder de apagar a memória da nossa existência. Às vezes, as pessoas tentam superar esse problema com conquistas terrenas, mas a morte acaba vencendo no final. O cineasta Woody Allen reconheceu isso quando disse: "Não quero alcançar a imortalidade por meio do meu trabalho. Quero alcançá-la não morrendo".[7] Mas a realidade é que todos nós precisamos morrer. E quem se lembrará de nós quando não estivermos mais aqui?

Na introdução ao seu livro, Kohelet diz: "Já não há lembrança das coisas que precederam" (Ec 1.11). Aqui, ele diz: "Pois, tanto do sábio como do estulto, a memória não durará para sempre; pois, passados

alguns dias, tudo cai no esquecimento. Ah! Morre o sábio, e da mesma sorte, o estulto!" (Ec 2.16). Antes, em um de seus famosos provérbios, Salomão disse que "a memória do justo é abençoada" (Pv 10.7; cf. Sl 112.6), mas agora ele já não tem tanta certeza disso. Alguém se lembrará de nós?

Aparentemente não. Alexandre, o Grande, aprendeu essa lição de forma dramática com seu amigo Diógenes, um filósofo famoso. Alexandre encontrou Diógenes sozinho num campo, contemplando intensamente uma pilha de ossos. Quando Alexandre perguntou o que ele estava fazendo, Diógenes respondeu: "Estou procurando os ossos do seu pai Felipe, mas não consigo distingui-los dos ossos dos escravos".[8]

Não importa se somos ricos ou pobres, a morte colocará um fim a qualquer vantagem que possamos ter na vida. Assim, a busca de Kohelet fracassa de novo. Uma nova investigação o levou às mesmas descobertas.

A sabedoria humana não consegue superar a morte, portanto, ela não pode resolver o problema do sentido da vida. A morte interrompe tudo. "Se *todos têm um destino*", escreve Derek Kidner, "e se esse destino é a extinção, ele rouba ao homem a sua dignidade e a cada projeto o seu sentido".[9]

### *Aborrecendo-se da vida*

A esta altura, o refrão do Pregador já nos é bem familiar. O poder igualador da morte o leva à conclusão – mais uma vez – de que a vida é nada além de vaidade, como o vapor que sobe do bule fervente e então desaparece. Mas dessa vez sua atitude parece muito mais negativa. O fracasso repetido de sua busca continuada ameaça amargurar seu coração: "Pelo que aborreci a vida, pois me foi penosa a obra que se faz debaixo do sol; sim, tudo é vaidade e correr atrás do vento" (Ec 2.17; cf. Jó 7.16).

Uma coisa é decepcionar-se com a vida e todas as suas frustrações, mas odiar a vida é algo completamente diferente. O Salomão de Eclesiastes parece estar caindo em desespero absoluto. Não é apenas a *sua* vida que ele odeia, mas a vida em geral – todo o empreendimento da existência humana. Assim, alcançou o que um estudioso chama de "o ponto mais baixo de raiva e desespero".[10]

O que a sua experiência demonstra – talvez de forma mais clara do que qualquer outra coisa na Bíblia – é a realidade da vida sem Deus. Lembre-se de que ainda estamos contemplando as coisas de uma perspectiva meramente humana, baseada na sabedoria terrena das pessoas que vivem "debaixo do sol". Por essa perspectiva, a vida faz tão pouco sentido que ela leva ao desespero.

Muitos pensadores têm chegado à mesma conclusão. Como Kohelet, o filósofo Voltaire disse numa carta a um amigo próximo: "Odeio a vida, mas tenho medo de morrer".[11] O jovem C. S. Lewis, nos dias em que ainda era ateu, disse: "Venham, amaldiçoemos o Mestre antes de morrermos. / Pois todas as nossas esperanças estão em ruínas. / O bom está morto. Amaldiçoemos o Deus Altíssimo".[12] Ou veja estas palavras de François Mauriac, que ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1952: "Você não pode imaginar o tormento de não ter tirado nada da vida e de ter nada a esperar senão a morte, de sentir que não há outro mundo além deste, que o quebra-cabeças jamais será explicado".[13]

É assim a vida debaixo do sol. O Pregador odiava a vida por causa da certeza da morte e da absurdidade de perder toda a sua sabedoria em consequência dela. Talvez você odeie a vida por alguma outra razão – por causa de sua dor física, ou por causa de seu sofrimento injusto, ou por causa de suas dificuldades financeiras, ou por causa de suas muitas outras decepções. Mas qualquer que seja a razão, enquanto contemplarmos as coisas por uma perspectiva debaixo do sol, há muitas coisas na vida que podemos odiar.

### *Sabedoria para além do túmulo*

A única maneira de escapar desse ódio é encontrar uma sabedoria que vem de cima do sol e uma vida que vem de além do túmulo. Em sua providência e graça, a Bíblia nos mostra onde encontrar essa sabedoria que doa vida quando nos convida a buscar "as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra; porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória" (Cl 3.1-4; cf. Ef 2.6).

Essas palavras abrem uma perspectiva que pode nos ajudar a amar a vida em vez de odiá-la. Em vez de apenas olhar as coisas "debaixo do sol", o apóstolo nos instrui a olhar mais para o alto, para o trono do universo, onde Jesus Cristo está sentado à direita de Deus. Em vez de limitar-nos à sabedoria humana, por mais útil que isso seja em muitos aspectos, somos encorajados a nos concentrar nas coisas celestiais.

O que vemos quando contemplamos a vida desse ponto de vista elevado? Vemos Jesus Cristo, que é a perfeição de toda sabedoria, aquele "em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos" (Cl 2.3). Jesus Cristo é a sabedoria do próprio Deus. Além do mais, ele é a vida de Deus. Jesus Cristo é "o verdadeiro Deus e vida eterna" (1Jo 5.20; cf. Jo 17.3). Vemos sua vida em Colossenses 3.1, em que as Escrituras declaram que Jesus foi elevado para a direita de Deus. Quando Jesus foi crucificado por nossos pecados, quando morreu e foi sepultado, ele foi ressuscitado dentre os mortos pelo poder do Espírito Santo. Depois, foi exaltado à direita de Deus, que é o lugar de toda a autoridade e de todo o poder sobre o universo. Jesus Cristo está vivo.

Visto que Jesus está vivo, o túmulo não é o fim daquele que é sábio o bastante para confiar nele. O Pregador odiava a vida porque

reconheceu que ela traria o fim de toda a sua sabedoria. Mas ele estava contemplando as coisas apenas de um ponto de vista terreno – "debaixo do sol". Para aqueles que voltam a sua mente para as coisas que estão acima e não nas coisas que estão na terra, existe vida e sabedoria além do túmulo.

Isso significa que não seremos esquecidos, mas lembrados por toda a eternidade. Jesus é a nossa própria vida, e a Bíblia promete que, quando o Jesus ressurreto voltar para a terra, nós estaremos com ele, vivos na glória. A Bíblia nos garante também que as nossas vidas estão "ocultas juntamente com Cristo, em Deus" (Cl 3.3). Esse versículo expressa não tanto que nossas vidas estão escondidas, mas que estão protegidas. Todas as nossas lembranças estão seguras com Deus em Cristo. A palavra que o apóstolo usa para "oculto" provém da raiz grega (*krupto*), que fornece a base para palavras como *criptografia*, que é uma maneira útil de refletir sobre as implicações espirituais desse versículo: nossas vidas estão criptografadas com Cristo em Deus. Assim, Deus nos preserva em seu Filho, de forma que nada essencial daquilo que somos jamais se perca. Deus se lembrará de nós, mesmo quando quase nos esquecermos dele e quando temermos que ninguém se lembrará de nós.

Você tem medo da morte? Você odeia a vida? Você se preocupa e teme que será esquecido? A vaidade da sua existência o desencoraja? Você se sente como alguém que tem corrido atrás do vento? Olhe para além do sol, para o Filho de Deus. Ele o ressuscitará dentre os mortos e protegerá a sua vida para sempre.

[1] Esse conto está incluído em várias edições inglesas e galesas, inclusive naquela que a editora Penguin Books publicou em Londres em 1996.

[2] SHAKESPEARE, William. *Macbeth*, ato 5, cena 5.

[3] FOX, Michael V. *A Time to Tear Down and a Time to Build Up: A Rereading of Ecclesiastes*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999, p. 182.

[4] EATON, Michael A. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 68.

[5] MOORE, T. M. *Ecclesiastes: Ancient Wisdom When All Else Fails: A New Translation and Interpretive Paraphrase*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2001, p. 25.

[6] EASTERBROOK, Gregg. *The Progress Paradox: How Life Gets Better While People Feel Worse*. Nova York: Random House, 2003, p. 209.

[7] ALLEN, Woody, citado em PINKER, Steven. "The Brain: The Mystery of Consciousness." In: *Time* (19 de janeiro de 2007), p. 70.

[8] BLANCHARD, John conta essa história em *Where Do We Go from Here?*. Darlington, Inglaterra: Evangelical Press, 2008, p. 4.

[9] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*, The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 34.

[10] FOX. *A Time to Tear Down and a Time to Build Up: A Rereading of Ecclesiastes*, p. 184.

[11] VOLTAIRE. Citado em BRIDGES, Charles. *A Commentary on Ecclesiastes* (reimpressão 1860).
Edimburgo: Banner of Truth, 1961, p. 41.

[12] LEWIS, C. S. "De Profundis." In: *Spirits in Bondage*. Citado em JACOBS, Alan. *The Narnian*. Nova York: Harper, 2005, p. 78.

[13] MAURIAC, François. *The Knot of Vipers*. In: *A Mauriac Reader*. Nova York: Farrar, Straus e Giroux, 1968, p. 315.

6

# RESOLVENDO AS COISAS

*Eclesiastes 2.18-26*



*Pois que tem o homem de todo o seu trabalho e da fadiga do seu coração, em que ele anda trabalhando debaixo do sol? Porque todos os seus dias são dores, e o seu trabalho, desgosto; até de noite não descansa o seu coração; também isto é vaidade* (Ec 2.22-23).

Se alguma coisa merece ser chamada de correr atrás do vento, essa coisa é a labuta e o fardo do nosso trabalho diário.

*Levanto-me toda manhã só para não perder o emprego*
*Tento passar pela multidão apressada*
*Enquanto os sons da cidade pulsam na minha mente*
*E outro dia desce pelo ralo.*

Essas letras da música do grupo Vogues de 1965, "Five O'Clock World" [O mundo das cinco horas], captam bem a futilidade e frustração do emprego. Você trabalha dia após dia, mas o que lhe resta no fim do dia por todo o esforço? Mais um dia de trabalho, mais um dia perdido.

O Salomão que escreveu Eclesiastes tinha a mesma sensação. Ele jamais teve de pegar trânsito pesado para chegar ao trabalho, jamais teve de forçar uma venda para ganhar sua comissão ou fazer o trabalho de todos os colegas demitidos, mas o Rei-Pregador também sofreu a maldição do trabalho, e assim descobriu que isso também era vaidade e correr atrás do vento.

### *Você não pode levá-lo consigo*

Lembre-se da busca de Kohelet. Numa busca apressada pelo sentido da vida, ele explorou as reivindicações da sabedoria e da loucura. Depois, entregou-se a todos os prazeres da carne (e quando digo "todos", quero dizer "todos"). Depois disso, voltou a ponderar as vantagens da sabedoria sobre a loucura. Mas não importa o que tentasse, sua busca fracassava. Por fim, acabou odiando a vida completamente, tudo que existia debaixo do sol (Ec 2.17). Uma das coisas que ele mais odiava era seu trabalho – não só a vida em geral, mas especialmente o trabalho. "Também aborreci todo o meu trabalho, com que me afadiguei debaixo do sol" (Ec ٢.١٨).

Muitas pessoas ainda esperam que o trabalho lhes dê algum senso de propósito na vida. Isso explica por que uma das primeiras perguntas que fazem quando conhecem alguém é: "Que tipo de trabalho você faz?" ou "Como você ganha sua vida?". Somos definidos por nosso emprego. Mas, segundo Eclesiastes, o trabalho é o lugar errado para procurar um sentido na vida.

Há muitos problemas relacionados ao trabalho. Leland Ryken listou alguns deles em um ensaio sobre ética no mundo dos negócios:

> uma ética de trabalho anêmica coexistindo com uma subvalorização do trabalho;
> por parte dos outros, uma supervalorização do trabalho que assume a forma de viciado em trabalho;
> um senso de alienação das metas corporativas, muitas vezes acompanhado de ressentimento contra a corporação como empregador;
> trabalhar para uma corporação cujos padrões éticos são suspeitos desde muito tempo;
> a ansiedade proveniente da falta de segurança de emprego num meio corporativo que não transmite uma lealdade de longo prazo aos empregados;
> ver os trabalhadores e o trabalho em termos puramente econômicos como meios de produção.[1]

E assim em diante. Esses problemas afetam a todos nós. Toda vez que ficamos doentes e cansados de fazer a mesma coisa repetidamente, toda vez que nos sentimos incomodados pela preguiça ou incompetência de outra pessoa, toda vez que nossas famílias sofrem as

consequências das demandas do nosso empregador, toda vez que sofremos a pressão de praticar nosso trabalho de forma antiética, lutamos com a vaidade do trabalho.

Na opinião de Eclesiastes, existem dois problemas principais com os nossos negócios terrenos. O primeiro é que, no fim, outra pessoa fica com o lucro de todo o nosso trabalho duro. Como alguém que sempre calcula o resultado final, o Pregador queria saber que tipo de retorno ele teria sobre seu investimento. Ele pensou sobre a morte (veja Ec 2.16), e olhando para o futuro, percebeu que algum dia ele teria de deixar tudo para trás: "o seu ganho eu havia de deixar a quem viesse depois de mim" (Ec 2.18).

Você pode passar sua vida inteira colecionando algo, ou construindo algum negócio, ou erguendo um lar, ou fundando uma escola, ou juntando uma grande fortuna, mas você não poderá levá-lo consigo. Talvez você perca tudo antes de morrer, em decorrência de algum infortúnio (um colapso do mercado financeiro, por exemplo). Mas isso acontecendo ou não, algum dia você terá de deixar *tudo* para trás. Sua coleção passará para um comerciante. O conteúdo de sua casa será vendido num leilão. Alguém administrará seu portfólio. Então, tudo pelo qual você trabalhou durante uma vida inteira estará perdido.

Talvez suas posses possam cair em boas mãos. Mas talvez não. Essa era parte da frustração do Pregador: "E quem pode dizer se será sábio ou estulto? Contudo, ele terá domínio sobre todo o ganho das minhas fadigas e sabedoria debaixo do sol; também isto é vaidade" (Ec 2.19). Poderíamos quase aceitar a perda de nossas posses, se passassem para alguém que amamos e respeitamos, mas nunca saberemos com certeza o que acontecerá, especialmente depois que morrermos. A pergunta "Quem sabe?" provoca uma resposta negativa. A pessoa que vier depois de nós pode ser sábia, mas em vista do número de tolos que existem no

mundo, existe uma grande probabilidade de que tudo cairá nas mãos erradas.

E mais, mesmo se a pessoa que vier a receber os nossos bens seja sábia, ela não os merece. Aquilo que recebemos pelo nosso trabalho deveria pertencer a nós, como recompensa pela nossa labuta. Mas tudo passará para outra pessoa. Isso é parte da frustração do Pregador: "Então, me empenhei por que o coração se desesperasse de todo trabalho com que me afadigara debaixo do sol. Porque há homem cujo trabalho é feito com sabedoria, ciência e destreza; contudo, deixará o seu ganho como porção a quem por ele não se esforçou; também isto é vaidade e grande mal" (Ec 2.20-21).

Um homem faz o trabalho, mas outro homem recebe a riqueza. Não parece ser justo! Em vez de trabalhar para o seu próprio bem, você acaba trabalhando para o bem de outro – para o indolente que recebe suas coisas quando você morre. Kohelet sentiu profundamente essa perda. Quando ele fala sobre alguém que trabalha com "sabedoria, ciência e destreza", ele está falando
em termos gerais, mas está descrevendo também a si mesmo. Lembre-se dos prédios que ele construiu e do jardim que ele plantou. Lembre-se do exército de trabalhadores que ele supervisionava, da fortuna enorme que acumulara ou de todos os bens que possuía (veja Ec 2.4-9). Aqui estava um homem de grande conhecimento – um administrador excelente, como a Bíblia descreve o rei Salomão (veja 1Rs 10). Ele era o empreendedor mais bem-sucedido do mundo.

Mas quando Salomão morreu, ele deixou todas essas conquistas como herança para o seu filho mais velho, o rei Roboão. Salomão pode ter sabido ou não se seu sucessor seria sábio, mas nós sabemos: Roboão era tão tolo que perdeu dez dos 12 territórios do reino de seu pai (veja 1Rs 12).

Temos aqui uma das grandes frustrações da nossa existência. Nascemos com um desejo de permanência, um anseio profundo de fazer algo que perdure. No entanto, a realidade debaixo do sol é que gastamos nossas vidas inteiras trabalhando para ganhar algo que não podemos guardar. Isso era o bastante para levar o Pregador ao desespero.

O grande romancista russo Léo Tolstói teve a mesma experiência. Escreveu:

> Minha pergunta – aquela que, aos 50 anos de idade, me levou à beira do suicídio – era a mais simples das perguntas, aquela que se encontra na alma de todo homem... uma pergunta sem uma resposta com a qual conseguíssemos viver. Era: "O que resultará hoje ou amanhã daquilo que estou fazendo? O que resultará de toda a minha vida? Por que deveria eu viver, por que desejar ou fazer qualquer coisa?" Poderíamos dizê-lo também assim: existe algum sentido na minha vida que a morte inevitável, que me espera, não consiga destruir?[2]

### *A maldição do trabalho*

Deixar tudo para trás já é ruim, mas existe outro problema sério com o trabalho. Não era só a perda da recompensa pelo trabalho que o Pregador odiava, mas o trabalho em si! O primeiro problema é que nosso trabalho trará uma recompensa para outra pessoa. O segundo problema é que o trabalho em si é labuta e problema. "Pois que tem o homem de todo o seu trabalho e da fadiga do seu coração, em que ele anda trabalhando debaixo do sol? Porque todos os seus dias são dores, e o seu trabalho, desgosto; até de noite não descansa o seu coração; também isto é vaidade" (Ec 2.22-23).

Para ressaltar o cansaço do trabalho, o Pregador o descreve como "trabalho e fadiga". Quando fala sobre trabalhar "debaixo do sol", imaginamos alguém trabalhando longas horas nos campos num dia quente, suando sob o calor ardente. Mas o trabalho também exige esforço mental, razão pela qual ele o chama de "fadiga do coração". Cada ocupação tem suas exigências específicas, mas não importa qual

tipo de trabalho fazemos, ele sempre exige um tributo nosso. Trabalho duro pode ser exaustivo tanto para a alma quanto para o corpo. Há "esforço demais", escreve James Limburg, "para pouco ganho".[3]

Trabalho também é "dores" e "desgosto". Pense em todas as preocupações que o trabalho traz. Às vezes, ficamos ansiosos, preocupados por não ter trabalho o bastante para sustentar a nós mesmos e as nossas famílias. Outras vezes, temos tanto trabalho que não sabemos como dar conta de tudo. Uma noite de sono profundo ajudaria; mas, em vez disso, ficamos acordados à noite, preocupados com o conflito de hoje no trabalho ou com o projeto de amanhã. "Até de noite não descansa o coração" do trabalhador cansado (Ec 2.23; cf. 8.16).

Não há descanso para o cansado nem de dia nem de noite, e o trabalhador está sempre cansado. Observe quanto tempo seus problemas durarão: "todos os seus dias" (Ec 2.23). Do início ao fim, a vida é um trabalho cansativo, com pouco ou nenhum resultado. Portanto, o trabalho é vaidade como todos os outros aspectos da nossa existência. Se tentarmos encontrar sentido em nosso trabalho, isso terminará em decepção. Se você fizer do seu trabalho a sua vida, ele o deixará vazio.

Warren Schmidt aprendeu essa lição no filme *About Schmidt* [As confissões de Schmidt], de 2002. Depois de se aposentar, quando Schmidt faz uma retrospectiva de sua vida como atuário a serviço de uma companhia de seguros de Omaha, ele percebe que nada tem a mostrar como resultado de todo seu trabalho duro. E aqui está o que ele escreveu para a criança pobre e necessitada que ele começou a patrocinar na África:

> Sei que todos nós somos apenas rodas bem pequenas na grande engrenagem das coisas, e suponho que o máximo que você pode esperar é fazer algum tipo de diferença. Mas que tipo de diferença tenho feito? O quê neste mundo melhorou por causa de mim? Quando eu morrer e quando todos que me conheceram também estiverem mortos, será como se eu

> nunca tivesse existido. Que diferença minha vida tem feito para outra pessoa? Nenhuma, que eu me lembre. Nenhuma mesmo. Espero que tudo esteja bem com você. Sinceramente, seu Warren Schmidt.[4]

Que diferença você tem feito? Você tem alguma coisa a mostrar como resultado de todo seu trabalho? Kohelet teria dado a mesma resposta como Warren Schmidt. Quando refletiu sobre o que um homem ganha pela labuta debaixo do sol, o Pregador chegou a esta conclusão: "Todos os seus dias são dores, e o seu trabalho, desgosto" (Ec 2.23).

### *Pegue este emprego e ame-o*

Nada pode nos preparar para o que acontece em seguida em Eclesiastes, pois de repente o livro sofre uma virada surpreendente. Sem aviso prévio, o Pregador diz a primeira coisa verdadeiramente positiva em todo o livro: "Nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer que a sua alma goze o bem do seu trabalho. No entanto, vi também que isto vem da mão de Deus, pois, separado deste, quem pode comer ou quem pode alegrar-se?" (Ec 2.24-25).

Esses versículos são um oásis de otimismo em meio a um deserto de desespero. Como tal, demarcam um ponto de virada em Eclesiastes – não só em relação ao tema do trabalho, mas em relação ao argumento do livro como um todo. "Tendo experimentado a falência da nossa autonomia fingida", escreve Michael Eaton, "o Pregador aponta agora para o Deus que ocupa o âmbito celestial e para a vida de fé nele".[5] Martinho Lutero chamou o final do capítulo 2 de Eclesiastes "uma passagem notável, uma que explica tudo que a precede e sucede". É a "conclusão principal", disse ele, "na verdade, a essência de todo o livro".[6]

Nem todos concordariam com Lutero. Alguns estudiosos acreditam que a perspectiva sobre a vida nesses versículos continua sendo bastante negativa e que Eclesiastes não apresenta nada edificante até o final do

capítulo 12.[7] Dizem que as palavras "não há nada melhor" expressam apenas um apreço relutante das coisas boas na vida. O autor "dissimula sua linguagem de forma a comunicar sua relutância e falta de entusiasmo",[8] como que para dizer: "Não é muito, mas isso é o que a vida tem a oferecer." Se isso for verdade, então é melhor aproveitarmos o dia – *carpe diem*. Então, o Pregador seria como o rico tolo na parábola de Jesus, como o homem que disse à sua alma: "come, bebe e regala-te" (Lc 12.19) ou como as vítimas condenadas a serem dilaceradas por animais selvagens nos anfiteatros romanos: "comamos e bebamos, que amanhã morreremos" (1Co 15.32).

Eu, porém, acredito que Eclesiastes 2.24-26 é muito mais positivo. O Pregador não está sucumbindo ao desespero, mas começando a ver a diferença entre viver com Deus e viver sem ele. Se não reconhecermos esse avanço em seu pensamento, perderemos o benefício prático de seu livro. Sua mensagem não é simplesmente que tudo é vaidade debaixo do sol, mas também que a alegria vem da mão de Deus, dando sentido a tudo na vida:

> Kohelet se agarra obstinadamente às duas alegações: toda a vida é *hebel* [vaidade], no entanto, a alegria é possível e boa. É importante não transformar nenhuma dessas reivindicações na única mensagem do livro e refutar a outra como distração ou qualificação relutante. Kohelet insiste em ambas, muitas vezes na mesma passagem.[9]

Isso me lembra de um antigo desenho animado em que um editor implora que Charles Dickens mude a oração inicial mais famosa na história do romance: "Senhor Dickens, ou foi o melhor ou o pior dos tempos. Não pode ter sido ambas as coisas."[10] Mas é claro que pode ser *ambas* as coisas, e muitas vezes o é. Vivemos num mundo amaldiçoado pelo pecado (veja Gn 3.17-19), mas é também um mundo que Deus criou como essencialmente bom (veja Gn 1–2), um mundo que ele visitou na carne e que ele está trabalhando para remir por meio da vida, da morte e da ressurreição de seu Filho. Assim, experimentamos alegria

e tristeza, principalmente quando conhecemos Deus de modo pessoal e salvífico.

Observe o que é que traz a alegria. No versículo 24, o Pregador aceita algumas das atividades que ele já havia rejeitado como incapazes de dar sentido à vida. Antes, ele concluiu que o trabalho era um tédio total e que nem mesmo os prazeres de comida e bebida conseguiam satisfazer a sua alma. Mas agora ele come e bebe e encontra alegria em sua labuta.

O que provoca essa diferença entre alegria e tristeza? Deus. Até agora, em Eclesiastes, Deus praticamente não foi mencionado, e quando foi mencionado (1.13), ele parecia ser parte do problema. Mas aqui a presença de Deus faz toda a diferença. Segundo o versículo 25, ninguém consegue encontrar qualquer alegria verdadeira em qualquer coisa separado dele. Por isso, se alguém estiver tendo dificuldades de encontrar alegria na vida, isso se deve ao fato de Deus não ocupar o centro das coisas. Em contrapartida, o comer e o beber que o Pregador desfruta no versículo 24 vêm diretamente "da mão de Deus". Ele parou de tentar obter prazer para si mesmo e começou a aceitá-lo como dádiva graciosa. Ele começou a colocar em prática o princípio que, mais tarde, Paulo ensinou ao jovem Timóteo – um princípio fundamental que podemos aplicar a muitas situações na vida: "Tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável, porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificado" (1Tm 4.4-5).

A afirmação de Paulo não é um argumento em favor de licenciosidade total quando se trata das escolhas que fazemos sobre o que comer e beber, mas é um chamado para a liberdade cheia de gratidão. Prazeres terrenos são uma dádiva de Deus. Eles têm seus limites, é claro, de modo que nunca nos darão satisfação eterna. Mas a alegria legítima que eles trazem nos encorajam na adoração de Deus.

Existem poucas coisas melhores na vida do que receber suas bênçãos terrenas como dádivas e então agradecer-lhe por elas. “Não é estranho”, pergunta Ray Stedman, “que quanto mais você corre atrás da vida, tentando recuperar o fôlego após cada prazer, menos você encontra, mas quanto mais você receber a vida como um presente das mãos de Deus, respondendo com gratidão pela alegria do momento, mais parece vir em sua direção”.[11] É estranho, mas é verdade: quando aprendemos a receber as coisas boas da vida como dádivas em vez de vê-las como algo a que temos direito, experimentamos uma alegria genuína e gratidão verdadeira. “Portanto, quer comais, quer bebais”, dizem as Escrituras, “ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” (1Co 10.31).

O trabalho também é uma dádiva que recebemos das mãos de Deus. Isso tem sido verdade desde o início. Às vezes, imaginamos que Adão e Eva não tinham nada a fazer no Jardim do Éden, mas, na verdade, Deus lhes deu um trabalho duro a fazer (Gn 1.28; 2.15). O trabalho é uma das ordenações da criação – parte da bondade original de Deus. No poema épico *Paradise Lost*, de John Milton, Adão celebra a bondade de Deus no presente do trabalho: “O homem tem seu trabalho diário de corpo ou mente / atribuído, que declara sua dignidade / e o respeito pelo céu em todos os seus caminhos.”[12]

Infelizmente, por causa do pecado de Adão, nosso trabalho foi amaldiçoado, o que transforma nossa labuta em desgosto e problema. Mas ainda há uma bondade básica no trabalho que vem do nosso Criador. Fomos feitos à imagem de um Deus trabalhador, e, por isso, temos a capacidade de encontrar prazer no próprio trabalho, independentemente da recompensa que ganhamos ao trabalhar. Segundo Dorothy L. Sayers, “o trabalho é o exercício e a função natural do homem – da criatura feita à imagem de seu Criador”.[13] Portanto, quando trabalhamos, sentimos seu prazer.

O modo de experimentar esse prazer é trabalhar para Deus em vez de para nós mesmos. É tão fácil emaranhar-nos em nossa ambiciosa carreira, nossa agenda de trabalho e nosso salário sem jamais parar para pensar se o nosso trabalho agrada a Deus – tanto o que fazemos como a forma como o fazemos. Trabalho difícil é mais recompensador e até mais prazeroso quando é feito para a glória maior de Deus.

Para o crente em Cristo, ele é o nosso verdadeiro Chefe e Mestre supremo, o Salvador que deu sua vida por nossos pecados. Não importa qual seja o nosso trabalho – se trabalhamos como professor ou estudante, construtor ou marceneiro, comprador ou vendedor, trabalhar num escritório ou numa fábrica, na área alimentícia ou financeira, estamos trabalhando para Cristo e para o seu reino. Em outras palavras: estamos trabalhando debaixo do Filho, e não simplesmente debaixo do sol. Então, as Escrituras nos dão este mandamento: "Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens, cientes de que recebereis do Senhor a recompensa da herança. A Cristo, o Senhor, é que estais servindo" (Cl 3.23-24; cf. Ef 6.5-8).

***O fruto do nosso trabalho***

A herança de uma recompensa nos leva de volta para um assunto que já contemplamos acima: O que o trabalhador recebe em troca de toda sua labuta? O Pregador havia começado a se perguntar se não ganharia nada de tudo debaixo do sol, em parte porque ele teria de deixar tudo para trás e em parte porque o seu trabalho parecia ser nada além de labuta e dificuldade. Mas quando trouxe Deus de volta para a sua visão, ele encontrou esta recompensa: "Porque Deus dá sabedoria, conhecimento e prazer ao homem que lhe agrada; mas ao pecador dá trabalho, para que ele ajunte e amontoe, a fim de dar àquele que agrada a Deus. Também isto é vaidade e correr atrás do vento" (Ec 2.26).

Aqui, o Pregador faz uma distinção clara entre dois tipos de pessoas: aquelas que estão sob o favor de um Deus gracioso e aquelas que estão perdidas em seus pecados. Isso pode parecer um tipo de justiça por mérito: coisas boas acontecem a pessoas boas, enquanto coisas ruins acontecem a pessoas más. Há também alguns estudiosos que consideram esse versículo arbitrário e caprichoso: Deus recompensa algumas pessoas e castiga outras, e não há nada que possamos fazer a esse respeito – tudo faz parte da vaidade da vida. Mas o que vemos aqui é uma distinção cuidadosa entre pessoas que vivem sob a misericórdia de Deus e pessoas que persistem em seus pecados.

Observe como as pessoas que agradam a Deus são descritas – como recebedoras agradecidas de bênçãos *espirituais*. Deus lhes deu "sabedoria", que, pela primeira vez no livro, é descrita como dádiva divina e não mais como empreendimento humano. Com a sabedoria vem o "conhecimento" e também verdadeira "alegria" espiritual. A razão pela qual essas pessoas agradam a Deus é que elas têm sido abençoadas por Deus. O contraste aqui, diz Derek Kidner, "é entre os gratificantes dons espirituais de Deus (sabedoria, conhecimento, alegria), que apenas aqueles que agradam a ele podem desejar ou receber, e o empreendimento frustrante de acumular aquilo que não pode ser guardado, um empreendimento de muitos daqueles que o rejeitam".[14] Se vivermos para o prazer de Deus, seremos ricamente recompensados com todas as bênçãos espirituais que Deus ama conceder.

Mas para o pecador impenitente não há recompensa, apenas perda. Essa é a primeira vez em que o Pregador fala diretamente sobre o pecado, que se tornará um tema importante no restante do livro. Uma das maiores vaidades debaixo do sol é a depravação humana. É "o pecador" que considera o trabalho uma frustração completa e, por isso, sofre a vaidade do versículo 26. Ele se concentra em acumular e

colecionar; em outras palavras, sua vida é dominada pela aquisição e pelo acúmulo de bens de consumo. Mais cedo ou mais tarde, porém, ele terá de deixar tudo para trás. Então, ele os entregará a alguém que agrada a Deus – isso é realmente vaidade.

Às vezes, a transferência de posses ocorre ainda em vida. Há alguns bons exemplos disso na Bíblia, como os cananeus que perderam as suas cidades para os filhos de Israel, ou Hamã que teve de vestir seu inimigo mortal em vestes reais, que ele acreditava ter conquistado para si mesmo (veja Et 6).

Um exemplo mais recente provém da história da comunidade holandesa perto de Pella, no Iowa. Durante a Primeira Guerra Mundial, quando meu avô era um garoto, os fazendeiros holandeses locais foram vítimas de uma perseguição organizada. Isso se devia principalmente ao fato de sua língua se parecer tanto com o alemão, mas podem ter existido também outras razões – sua prosperidade, sua ética de trabalho, seu forte compromisso com Cristo. Qualquer que tenha sido a razão, suas fazendas sofreram vandalismo, sua propriedade foi queimada e suas vidas foram ameaçadas. Logo, o FBI enviou seus investigadores. Eles solucionaram o caso quando um dos líderes dos vândalos se gabou de seus planos na frente de um agente secreto num bar local. Os criminosos foram presos. Nos anos seguintes, eles sofreram perdas adicionais quando muitos deles foram obrigados a declarar falência. Suas fazendas foram compradas a preço de banana por fazendeiros holandeses, e assim as Escrituras se cumpriram: os pecadores acumularam apenas para entregar tudo o que tinham para aqueles cujo trabalho agradava a Deus.

Isso não acontece sempre, é claro – pelo menos, não imediatamente. Na verdade, uma das vaidades de um mundo caído é que, enquanto os justos sofrem aflições, muitos pecadores parecem prosperar. Mas isso não será assim para sempre. No fim da história, a riqueza de todas as

nações será levada para o reino do céu (veja Ap 21.24). Os mansos realmente herdarão a terra, como Jesus prometeu (Mt 5.5). Segundo a justiça da providência soberana de Deus, seu povo receberá o que os pecadores acumularam. Como disse Jesus: "A todo o que tem dar-se-lhe-á; mas ao que não tem, o que tem lhe será tirado" (Lc 19.26).

Entrementes, temos a recompensa do nosso trabalho – não só o fruto do nosso trabalho, mas o próprio trabalho. Deus nos deu um bom trabalho. Fazemos esse trabalho sabendo que Jesus já fez todo o trabalho da nossa salvação. Uma das razões pelas quais os cristãos falam tanto sobre "a obra de Cristo" é porque foi assim que Jesus falou. "Meu Pai trabalha até agora", disse Jesus, "e eu trabalho também" (Jo ٥.١٧). "A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra" (Jo ٤.٣٤). Jesus Cristo era um trabalhador. Lembre-se principalmente do enorme peso que ele suportou na cruz, quando carregou todo o fardo do nosso pecado até a morte – aquilo que os teólogos chamam de "obra consumada de Cristo".

Jesus ainda está trabalhando, não acrescentando qualquer coisa ao seu sacrifício pelo pecado, mas por meio do ministério de sua igreja (veja Jo 9.4; At 1.1; Ef 4.12). Participamos dessa boa obra oferecendo o evangelho às pessoas, cantando louvores a Deus, amando nossos próximos, orando pela vinda do reino de Deus, doando generosamente ao ministério cristão. Participamos dessa boa obra também cumprindo nossas tarefas diárias comuns de uma maneira que dê glória a Deus. Isso também é trabalho do reino. Como disse Martinho Lutero certa vez: "O mundo inteiro deveria estar cheio de serviços a Deus, não só nas igrejas, mas também nos lares, nas cozinhas, nos porões, nas oficinas e nos campos".[15]

Você está encontrando a força de Deus no trabalho que ele lhe deu? Thomas Hughes expressa a alegria do trabalho do reino em seu romance *Tom Brown's Schooldays*. Um dos colegas de Tom Brown na

escola de rúgbi é George Arthur, um garoto fraco que contrai uma febre possivelmente fatal. Arthur nunca foi forte o bastante para correr, escalar, brincar e lutar como os outros garotos. Durante sua doença, ele teme que jamais será capaz de trabalhar como os outros homens. No entanto, certa noite, ele tem um sonho que enche seu coração de alegria – uma visão do reino de Deus. E é assim que Arthur a descreveu:

> E na margem oposta do grande rio, vi homens e mulheres e crianças; as lágrimas haviam sido enxugadas; eles se revestiram de glória e força; e toda fraqueza e dor se afastaram deles. E eles se dedicaram à mesma grande obra. *Todos* eles trabalharam. Cada um trabalhou de uma maneira diferente, mas todos na mesma obra. E eu vi com meus próprios olhos, Tom; até *eu* estava trabalhando e cantando.[16]

Independentemente daquilo que você faça na vida, você está ocupado com a grande obra de Jesus? Cada um trabalha de forma diferente, mas tudo faz parte da mesma obra, para a glória de Deus. Por isso, "sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão" (1Co 15.58).

[1] RYKEN, Leland. "In Search of a Christian Work Ethic for the Christian Worker." In: *Business and Professional Ethics Journal*, vol. 23, nº 4 (2004), p. 153-170.

[2] TOLSTÓI, Leo. *A Confession*. Citado em KELLER, Timothy. *The Reason for God: Belief in an Age of Skepticism*. Nova York: Dutton, 2008, p. 201.

[3] LIMBURG, James. *Encountering Ecclesiastes: A Book for Our Time*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, p. 33.

[4] SCHMIDT, Warren. Representado por Jack Nicholson, em *About Schmidt* (New Line Cinema, 2002).

[5] EATON, Michael A. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 73.

[6] LUTHER, Martin. "Notes on Ecclesiastes." In: *Luther's Works*. Trad. e org. Jaroslav Pelikan, 56 vols. St. Louis: Concordia, 1972, vol. 15, p. 46.

[7] Por exemplo, na página 214 de *How to Read the Bible for All It's Worth*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1993, Gordon Fee e Douglas Stuart escrevem: "A maior parte do livro, tudo com a exceção de dois versículos finais, representa um argumento brilhante e espirituoso para uma visão da vida – *se* Deus *não* exercesse um papel direto e intercessor na vida e *se* não houvesse vida após a morte". Assim, o livro nos oferece "a sabedoria secular e fatalista produzida por um ateísmo *prático*".

[8] LONGMAN, Tremper III. *The Book of Ecclesiastes*. New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998, p. 107.

[9] HUWILER, Elizabeth. "Ecclesiastes." In: MURPHY, Roland e HUWILER, Elizabeth. *Proverbs, Ecclesiastes, Song of Songs*. New International Biblical Commentary, Old Testament. Peabody, MA: Hendrickson, 1999, vol. 12, p. 165.

[10] A caricatura é citada em JOHNSTON, Robert K. *Useless Beauty: Ecclesiastes through the Lens of Contemporary Film*. Grand Rapids, MI: Baker, 2004, p. 169.

[11] STEDMAN, Ray. *Is This All There Is to Life?* Grand Rapids, MI: Discovery House, 1999, p. 651–654.

[12] MILTON, John. *Paradise Lost*, livro IV, versos 618-620.

[13] SAYERS, Dorothy L. *Creed or Chaos?* Nova York: Harcourt, Brace, 1949, p. 53.

[14] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*. The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 36.

[15] LUTHER, Martin. Sermão sobre Mateus 6.24-34. Citado em PLASS, Ewald M., *What Luther Says: An Anthology*. St. Louis: Concordia, 1959, p. 560.

[16] HUGHES, Thomas. *Tom Brown's Schooldays*. Citado em BOREHAM, F. W. *In Pastures Green: A Ramble through the Twenty-third Psalm*. Londres: Epworth, 1954, p. 46, 48.

7

# TUDO TEM O SEU TEMPO

*Eclesiastes 3.1-8*



*Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu* (Ec 3.1).

Foi a morte de um grande e velho estádio. Durante mais de sessenta anos, o estádio na esquina da 21ª e da Lehigh havia servido como lar para os Athletics e, mais tarde, dos Phillies. O Shibe Park era uma instituição da Filadélfia. No entanto, no final da década de 1960, a vizinhança sofreu um declínio, e o estádio, que na época era chamado de Connie Mack Stadium, ficou dilapidado. Quando os Phillies fizeram seu último jogo no estádio em 1970, os fãs começaram a depredar o local. Já antes do primeiro intervalo, ouvia-se o barulho dos martelos e das serras dos vândalos tentando roubar alguma lembrança. "Em vez de morrer como lugar gracioso e maravilhoso que era", os jornais escreveram no dia seguinte: "o Connie Mack Stadium encerrou sua vida literalmente gritando de dor enquanto estava sendo despedaçado". O que sobrou do estádio foi danificado por um incêndio no ano seguinte, e em 1976 o campo havia sido tomado por ervas daninhas. Finalmente, o prefeito Rizzo deu a ordem de demoli-lo. Chegara a hora de derrubar aquele lugar velho.

Entretanto, logo veio o tempo para construir de novo. Em 1981, a *Deliverance Evangelistic Church* adquiriu o terreno com uma visão de servir à cidade com uma comunidade centrada no evangelho. A igreja criou um espaço de ministério e educação cristã, construiu lares para idosos e, por fim, um grande santuário para a adoração a Deus.

O historiador Bruce Kuklick descreve maravilhosamente esses eventos em seu livro sobre o Shibe Park e a Filadélfia urbana. Kuklick tomou emprestado de Eclesiastes 3 o título para seu livro: *To Every Thing a Season* [Tudo tem o seu tempo].[1] Na economia de Deus, há um tempo e uma temporada para tudo, inclusive um tempo para derrubar e para erguer. Há um tempo para jogar beisebol, e há também um tempo para avançar o ministério da igreja – tudo em seu tempo determinado por Deus.

***Um tempo para isso, um tempo para aquilo***

Após tudo o que ele disse sobre a vaidade e futilidade da existência humana, esperaríamos que o Pregador dissesse algo diferente e mais desencorajador sobre o tempo. Ele poderia ter dito, por exemplo, que o tempo é curto e que, por isso, nunca temos tempo o suficiente para fazer tudo o que desejamos fazer.

Ou o Pregador poderia ter falado sobre a tirania do tempo – sobre como ele parece controlar nossa vida até o milésimo de cada segundo. Plauto escreveu sobre isso. Lamentando o estresse causado pelo método mais recente de controlar o tempo, o escritor romano disse: "Que os deuses confundam o homem que primeiro descobriu como distinguir as horas! Confundam aquele que cortou e partiu meus dias em pedaços tão pequenos. Confundam aquele que, aqui, ergueu um relógio de sol".[2]

O Pregador que escreveu Eclesiastes poderia também ter dito que o tempo é passageiro, que nosso tempo está acabando e que, uma vez que o tempo se foi, ele jamais poderá ser recuperado. Com esse pensamento em mente, o educador norte-americano Horace Mann escreveu certa vez o seguinte anúncio na seção "Procura-se": "Perdi ontem, em algum momento entre o nascer e o pôr do sol, duas horas douradas, cada uma adornada de 60 minutos de diamantes. Não ofereço nenhuma recompensa, pois se foram para sempre".[3]

O Pregador poderia ter dito todas essas coisas, mas decidiu não o fazer. Em vez disso, escreveu um poema sobre a ordem de todo tempo ordenado por Deus – o poema mais famoso do mundo sobre o tema "tempo". Na verdade, o poema é tão famoso que até pessoas que não conhecem a Bíblia o ouvem com frequência. O cantor de música *folk* Pete Seeger fez uma música com ele na década de 1950, com uma melodia popularizada pelo grupo Byrds uma década mais tarde com sua *single* "Turn, Turn, Turn". Mas já muito antes de ser transformado em melodia, o cântico do Pregador conseguiu comover o coração humano.

O Pregador começa com uma declaração generalizada: "Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu" (Ec 3.1). Então, como explicação, criou as seguintes letras:

> *há tempo de nascer e tempo de morrer;*
> *tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou;*
> *tempo de matar e tempo de curar;*
> *tempo de derrubar e tempo de edificar;*
> *tempo de chorar e tempo de rir;*
> *tempo de prantear e tempo de saltar de alegria;*
> *tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras;*
> *tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar;*
> *tempo de buscar e tempo de perder;*
> *tempo de guardar e tempo de deitar fora;*
> *tempo de rasgar e tempo de coser;*
> *tempo de estar calado e tempo de falar;*
> *tempo de amar e tempo de aborrecer;*
> *tempo de guerra e tempo de paz. (Ec 3.2-8)*

Todos reconhecem a beleza desses versos – seu ritmo, sua repetição e sua abrangência ordenada. No entanto, alguns estudiosos acreditam que a perspectiva desse poema é quase totalmente pessimista. O Pregador está tão preso na tirania do tempo que ele assume uma postura fatalista em relação à sua existência. Existe um tempo para isso e um tempo para aquilo, mas independentemente do que o tempo seja, não há nada que possamos fazer a seu respeito. Assim, os críticos

reclamam que o Deus de Eclesiastes 3 é um "mestre absoluto e arbitrário".[4] Apesar de um estudioso reconhecer que essa passagem "é de grande beleza e poesia", ele afirma também: "Kohelet se sente preso por essa sequência de tempos e ele se revolta porque precisa passar por isso sem saber por quê".[5]

A dificuldade desses estudiosos parece dever-se em parte ao seu desconforto em relação à doutrina da soberania de Deus. Em vez de encontrar encorajamento em seu domínio sobre o tempo e em sua predestinação dos eventos humanos, eles o veem como deidade aleatória. Assim, o *Abingdon Bible Commentary* fornece o seguinte título para Eclesiastes 3: "Inutilidade da luta contra um Deus arbitrário". Mas é realmente esta a perspectiva que Eclesiastes nos oferece sobre o Deus do tempo?

Lembre-se de que o capítulo 2 terminou com uma declaração da alegria que encontramos sempre que Deus está presente e nós recebemos as bênçãos da vida como presente dele. Observe também a forte declaração que Eclesiastes 3.11 faz sobre a cronologia estabelecida por Deus para os eventos humanos: "Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo". Longe de ser fatalista, o Pregador alcançou um apreço apropriado da soberania de Deus sobre o tempo e a eternidade. A vida não é uniformemente ruim, mas inclui experiências positivas e negativas. Esse poema perfeitamente equilibrado nos ensina muitas verdades importantes sobre Deus, seu Filho e nossa própria administração do tempo, que pode ser nosso bem mais precioso.

### *O Deus do tempo*

Uma compreensão bíblica do tempo e de seu lugar na visão de mundo cristã começa com a soberania de Deus. Apesar de não ser mencionado explicitamente nos oito primeiros versículos de Eclesiastes 3, Deus é mencionado nos versículos que seguem. Além do mais, o

versículo inicial fala sobre o que acontece “debaixo do céu”. Muitos estudiosos veem essa expressão como basicamente idêntica à expressão mais comum “debaixo do sol”. No entanto, as palavras “debaixo do céu” parecem ter uma conotação mais positiva. Mais tarde, o Pregador dirá explicitamente que “Deus está nos céus” (Ec 5.2). Portanto, tudo o que acontece neste universo sujeito ao tempo se encontra sob a autoridade de Deus que reina no céu.

Deus é soberano sobre o tempo e sobre tudo o que acontece no tempo. Isso se expressa na amplitude abrangente do versículo 1: “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu”. Nada acontece sem a vontade de Deus. Nas palavras do *Breve Catecismo de Westminster*, sua providência “santa, sábia e poderosa” governa “todas as suas criaturas e todos os seus atos” (resposta 11).

A extensão da soberania de Deus é ressaltada ainda mais pelo poema que segue, com suas séries paralelas de opostos relacionados. Cada par forma um *merisma*, uma figura de linguagem na qual duas polaridades formam um todo. Por exemplo, quando a Bíblia diz que Deus criou “os céus e a terra” (Gn 1.1), isso significa que Deus criou o universo inteiro. Semelhantemente, cada um dos pares em Eclesiastes 3 forma um conjunto maior. Juntos, o nascimento e a morte abarcam toda a existência humana, o choro e o riso resumem toda a gama de emoções humanas, etc. Cada par apresenta algo abrangente.

E também a lista como um todo possui um aspecto compreensivo. Há 14 pares ao todo, que é o dobro do número bíblico da perfeição e consumação (sete). Não surpreende, então, que os pares parecem abarcar toda a extensão da experiência humana, do nascimento até a morte, da guerra até a paz (que é onde o poema termina), e tudo que existe entre estes. Nas palavras de H. C. Leupold, os pares do poema de Kohelet “abrangem a maior extensão possível e, portanto, praticamente todos os aspectos da vida humana”.[6]

Deus é o Rei do tempo. Ele regulamenta nossos minutos e segundos. Ele rege todos os nossos momentos e todos os nossos dias. Nada acontece na vida sem sua supervisão. Tudo acontece quando acontece porque Deus é soberano sobre o tempo e também sobre a eternidade.

Além do mais, existe uma ordem definida no modo como Deus faz as coisas. Ele é um Deus preciso. Absoluto em sua autoridade sobre o tempo e o espaço, ele coloca tudo em seu tempo e lugar. A soberania de Deus tem uma cronologia. Isso tem sido verdade desde os primórdios do tempo, quando Deus dividiu os dias da criação. Vemos isso com cada mudança de estação – a transição do verão para o outono e a vinda da primavera depois do inverno. Os ritmos da criação são testemunho da ordem de seu Criador (veja Gn 8.22).

Em Eclesiastes 3, vemos a mesma ordem soberana aplicada às atividades e aos relacionamentos humanos. Como diz o Pregador: "Tudo tem o seu tempo" – não só as quatro estações, mas tudo o que acontece debaixo do céu. "Tempo" neste sentido é um "tempo fixo, um propósito predeterminado".[7] A tradução grega padrão do Antigo Testamento (conhecida como Septuaginta) usa o termo *kairos* (o tempo visto como oportunidade) para essa passagem, e não o termo *chronos* (o tempo no sentido de duração). Na economia divina existe uma ocasião apropriada ou adequada para tudo que acontece.

Essa perspectiva está longe de ser fatalista. O Pregador *não* está dizendo que Deus é arbitrário e que, portanto, não há nada que possamos fazer em relação ao que acontece. Sua mensagem é, antes, para que exista uma "aptidão" para tudo o que acontece. Segundo um dos velhos comentaristas, Eclesiastes 3 demonstra

> a sábia, regular e ordenada administração daquele que vê o fim desde o início e para o qual não existe contingência inesperada; e cujo olho onisciente, no meio daquilo que para nós parece inextricável confusão, possui uma percepção profunda e intuitiva das relações infinitamente diversificadas e das tendências de todos os eventos e de todas as suas circunstâncias, discernindo em tudo a perfeição da harmonia.[8]

Em palavras muito simples: Deus faz tudo no tempo certo.

***Ambosle***

Normalmente, as pessoas veem as atividades descritas em Eclesiastes 3 como coisas que as pessoas costumam fazer, e certamente as fazem. Poderíamos demonstrar isso a exemplo da vida do rei Salomão, que era construtor de grandes prédios, plantador de jardins magníficos e colecionador de muitos provérbios. Mas esse poema não se limita ao contexto humano. As atividades mencionadas são também coisas que Deus faz e que o Antigo Testamento diz que ele fez. Por exemplo, em Jeremias 1.12, Deus diz ao profeta: "Viste bem, porque eu velo sobre a minha palavra para a cumprir". Os verbos em Eclesiastes 3.1-8 são primeiro atos divinos antes de se tornarem atividades humanas.

É importante ver a perfeição do que Deus faz. O Deus soberano, que governa o tempo, não é unidimensional. Cada atividade nesse poema tem seu oposto, e, juntos, *ambos* nos dizem o que Deus faz no mundo.

Veja, por exemplo, nascimento e morte – as duas experiências mais importantes da vida, e as duas são compromissos que cada pessoa precisa cumprir. Tanto o berço quanto o leito da morte seguem a agenda de Deus. Ele é quem traz vida para o mundo. Por isso, Davi o louvou, dizendo: "Pois tu formaste o meu interior, tu me teceste no seio de minha mãe" (Sl 139.13; cf. Jó 33.4). Deus é também aquele que determina a hora da morte. "Visto que os seus dias estão contados", disse Jó ao Criador, "contigo está o número dos seus meses; tu ao homem puseste limites além dos quais não passará" (Jó 14.5). O Senhor da vida tem também poder soberano sobre a morte. "Você não pode viver mais tempo do que o Senhor determinou", disse Martinho Lutero, "nem morrer antes disso".[9] O início, a duração e o término da nossa existência estão todos sob a sua autoridade.

O mesmo vale para as atividades de plantar e colher. No Antigo Testamento, esses verbos são muito usados para descrever o relacionamento de Deus com seu povo. Deus plantou o seu povo como vinha frutífera (por exemplo, Is 5.1; Jr 2.21). Mas quando se voltaram contra ele em rebelião, Deus revirou a vinha, mandando o seu povo para o cativeiro. Ele disse por intermédio do profeta Isaías: "Agora, pois, vos farei saber o que pretendo fazer à minha vinha: tirarei a sua sebe, para que a vinha sirva de pasto; derribarei o seu muro, para que seja pisada" (Is 5.5).

Observe que Deus planta *e* arranca. Semelhantemente, existe um tempo para edificar e para derrubar, e Deus faz ambas as coisas. Deus derrubou a Torre de Babel que foi construída por causa do orgulho humano (Gn 11.8-9).

Ele também edificou uma casa para Israel e um reino para Davi. A obra completa de Deus inclui ambas: criação e devastação.

Muitas pessoas preferem uma deidade unidimensional. Gostam de imaginar Deus dando vida, mas não determinando a hora da morte. Preferem ver Deus plantando e edificando do que arrancando e derrubando. Mas em vez de aceitá-lo apenas pela metade, devemos levar em consideração seu caráter completo. Há um tempo para ele matar e um tempo para ele curar – em outras palavras, um tempo para a sentença de morte (veja Gn 9.6; Rm 13.3-5) e um tempo para assistência médica profissional e a cura da alma da nação (2Cr 7.14). Isso faz parte da perfeição de Deus em suas interações soberanas com a raça humana. Como Deus disse nos dias de Moisés: "Eu sou, Eu somente, e mais nenhum Deus além de mim; eu mato e eu faço viver; eu firo e eu saro" (Dt 32.39).

Dependendo do momento, Deus não é isso ou aquilo, ele é ambos. Segundo a cronologia de Deus, existem ambos, "um tempo para amar, e um tempo para odiar". Repito, muitas pessoas gostam de imaginar

Deus como amor sem levar em conta a realidade de sua ira. Mas a ira de Deus é uma de suas perfeições. É certo e bom que Deus se opõe a cada ato ímpio e que ele julga o mal. Vemos isso no Segundo Mandamento, no qual o Deus santo nos diz que ele odiará a idolatria até a terceira e quarta gerações, ao mesmo tempo em que demonstra seu amor a mil gerações de pessoas que o amam e observam os seus mandamentos (veja Êx 20.4-6). Vemos isso também em Provérbios, em que Salomão nos diz sete coisas que o Senhor odeia: "olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que trama projetos iníquos, pés que se apressam a correr para o mal, testemunha falsa que profere mentiras e o que semeia contendas entre irmãos" (6.17-19).

Com Deus existem ambas as coisas, "um tempo para paz, e um tempo para guerra". Sim, Deus prometeu paz na terra. Mas até a segunda vinda do "Príncipe da Paz" (Is 9.6), vivemos em tempos de guerra. Isso é verdade no sentido espiritual, pois usamos as armas da Palavra de Deus e a oração para lutar contra Satanás. Mas há também tempos de guerra no mundo quando nações justas lutam para proteger seu povo e para defender a justiça.

Precisamos da imagem completa. Para conhecer Deus e descobrir nosso lugar em seu mundo, precisamos aceitar que ambas as metades de cada par nos contam a verdade sobre seu caráter. Muitas pessoas têm uma visão desequilibrada de Deus. Nunca levam em conta todo o ensinamento bíblico sobre seu caráter e assim acabam levando em consideração apenas metade da equação. Deus cria "tempo para todo propósito debaixo do céu", porque, no tempo certo, tudo nesse poema corresponde completamente ao seu caráter – nascimento e morte, choro e riso, amor e ódio, exclusão e aceitação, guerra e paz.

***Cronologia perfeita***

A maioria das pessoas para por aqui quando usa Eclesiastes 3.1-8 para descrever o caráter de Deus, mas podemos dar um passo além, vinculando esse grande poema à pessoa e à obra de Jesus Cristo. As letras que nos ensinam algo sobre o caráter do Deus Todo-poderoso nos ensinam também algo sobre o Filho, que compartilha todas as suas perfeições divinas.

Se Deus é soberano sobre as estações, então Jesus Cristo é o Senhor do tempo. Assim como o Deus Criador, Jesus ordenou os ritmos da criação. Agora, por meio de sua ressurreição dentre os mortos, Jesus rege o universo com autoridade soberana sobre o tempo e a eternidade. Matthew Bridges disse, corretamente, em seu hino maravilhoso "Crown Him with Many Crowns", que Jesus Cristo é "o Senhor dos anos" e "o Potentado do tempo".

Quando testemunhamos a obra de Jesus nos evangelhos, vemos um Salvador que sempre conhecia a hora. Houve um tempo para ele nascer: "vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher" (Gl 4.4). Houve também um dia predeterminado para Jesus morrer. Ele morreu naquele dia, nenhum dia antes ou depois. Os líderes religiosos estavam tramando contra ele, tentando matá-lo quanto antes. Mas não conseguiram crucificá-lo antes do dia determinado por Deus. Antes disso, "não era chegada a sua hora" (p. ex., Jo 7.30). Mas quando a hora chegou, Jesus morreu na cruz. Assim, as Escrituras dizem: "Cristo (...) morreu a seu tempo pelos ímpios" (Rm 5.6). Jesus ressuscitou também na hora certa – no terceiro dia, como as Escrituras haviam prometido (Os 6.2; cf. Lc 24.45-46; 1Co 15.4). Desde o seu nascimento até sua morte e ressurreição, Jesus fez tudo na hora certa em sua obra salvífica.

Durante seu ministério na terra, Jesus conhecia a hora certa para cada atividade. Quando disse: "Eu sou a videira, vós, os ramos" (Jo 15.5), ele estava usando seus discípulos para plantar de novo a vinha do

povo de Deus. Como Senhor da ceifa, ele sabia também quando era a hora de arrancar. Jesus disse: "Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada" (Mt 15.13). Jesus sabia quando era a hora para curar. Quando realizou os milagres do reino, ele fez os paralíticos andarem, os surdos ouvirem e os cegos verem. Jesus sabia quando era a hora de derrubar – lembre-se, por exemplo, de como ele expulsou os cambistas do templo (Lc 19.45) – e sabia também quando era a hora de edificar, como quando edificou a sua igreja sobre a pedra da confissão de Pedro segundo a qual ele era e é o Cristo (Mt 16.15-18; cf. 7.24).

Jesus conhecia o tempo certo para cada emoção. Havia tempos para chorar. Assim, esse "homem de dores" (Is 53.3) chorou diante do túmulo de Lázaro (Jo 11.35,38) e derramou as lágrimas do bom pastor pelas ovelhas perdidas de Jerusalém (Lc 19.41-44; cf. Mt 9.36). Mas havia para ele também momentos para rir e dançar. Ele se regozijou no Espírito Santo quando seus discípulos retornaram de sua primeira viagem missionária, quando começaram a obra do reino (Lc 10.21).

Quando se tratava de relacionamentos pessoais, Jesus sabia quando era hora de procurar as ovelhas perdidas e quando era hora de desistir das cabras que se recusavam a ouvir sua voz. Ele abraçou os coletores de impostos, as prostitutas e outros pecadores perdidos que sabiam quanto precisavam de um Salvador. Mas Jesus não abraçou os escribas, os fariseus e outras pessoas orgulhosas que insistiam que já eram justas o bastante para Deus.

Jesus sabia também quando era a hora de falar e quando era a hora de se calar. Ele falou muito durante os três curtos anos de seu ministério público – contando histórias, explicando a lei, pregando o evangelho. Jesus cumpriu seu propósito "de dar testemunho da verdade" (Jo 18.37). Mas quando chegou a hora do julgamento de sua vida, ele não falou em sua defesa (Mt 27.14), mas sofreu em inocência silenciosa. Chegara a hora de ele se manter calado, pois "como ovelha ao

matadouro; e, como um cordeiro mudo perante o seu tosquiador, assim ele não abriu a boca" (At 8.32; cf. 1Pe 2.21-23).

Incluindo o dia de sua morte, Jesus conhecia a hora certa para tudo. Ele ainda conhece. Ele conhece o tempo para amar, demonstrando misericórdia para com os pecadores perdidos e necessitados que pedem para que ele seja seu Salvador. Ele conhece o tempo para odiar, levantando-se contra o mal e a injustiça. Ele conhece o tempo para a guerra, pois sua igreja luta contra Satanás e contra todos os inimigos de Deus. Em breve chegará o tempo para a paz, quando o Filho de Deus porá "termo à guerra até aos confins do mundo" (Sl 46.9) e trará o *shalom* eterno do reino de Deus. Do início ao fim, a cronologia de Jesus é perfeita. A soberania de Deus sobre as estações se manifesta gloriosamente em sua vida e obra salvífica.

***Remindo o tempo***

O exemplo de Jesus nos encoraja a fazer o melhor uso do nosso tempo. Essa é uma das melhores maneiras de evitar a vaidade da vida sem Deus – saber o que fazer com nosso tempo. O modo como gastamos nosso tempo é o modo que passamos nossa vida. Se nos chamarmos seguidores de Cristo, então precisamos conhecer a hora, medindo o tempo não só em termos de horas e dias, mas vendo-o como uma oportunidade de servir a Deus. Então, peço que contemple três maneiras práticas de aplicar esse poema à vida do discipulado cristão.

*Em primeiro lugar, espere pelo tempo de Deus*. Se é verdade que Deus é soberano sobre o tempo e que Jesus sempre faz uso perfeito do tempo, então nós devemos confiar que Deus conhece o tempo certo para tudo. Essa é uma das razões pelas quais Davi foi capaz de "bendizer o SENHOR em todo o tempo" (Sl 34.1); ele sabia que, não importando a hora, Deus ainda estava no controle. Alguns dos tempos na lista do Pregador estão além do nosso controle – como os tempos do

nascimento e da morte, por exemplo, ou os tempos de guerra e paz. Isso vale para muitos eventos na vida: eles fogem ao nosso controle. A maioria de nós preferiria administrar a sua própria agenda, o que nos leva facilmente a criticar a agenda de Deus. Mas em vez de perder a paciência ou se antecipar à cronologia de Deus, deveríamos nos apressar a esperar por Deus.

Sempre que nos encontramos diante de uma incerteza, devemos esperar por Deus. Não cabe a nós "conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade" (At 1.7). Enquanto isso, somos chamados para esperar pela hora de Deus. Devemos esperar como Isaías, que prometeu que aqueles que "esperam no SENHOR renovam as suas forças" (Is 40.31; cf. 30.18), ou como Davi, que disse: "Confio em ti, SENHOR (...) Nas tuas mãos, estão os meus dias" (Sl 31.14-15). Essas palavras deveriam ser a oração de todo cristão, como o foram também para William Lloyd, quando transformou o salmo de Davi em um hino:

> *Nas tuas mãos estão os meus dias;*
> *Meu Deus, ali quero que estejam;*
> *Minha vida, meus amigos, minha alma entrego*
> *Completamente aos teus cuidados.*[10]

*Em segundo lugar, viva toda sua vida sabendo que há um tempo para você morrer*. Como dizem as Escrituras: "aos homens está ordenado morrer uma só vez, vindo, depois disto, o juízo" (Hb 9.27). Você estará preparado quando a hora vier? Muitas pessoas não estão. Quando o Visconde de Turenne foi fatalmente ferido na Batalha de Salzbach em 1675, ele disse melancolicamente: "Eu não pretendia ser morto hoje".[11] Uma viúva de 65 anos de idade, de Amsterdã, por sua vez, estava totalmente preparada. Após a morte de seu marido em 2005, ela planejou o seu próprio funeral cuidadosamente, inclusive a música. Certo dia do ano seguinte, quando foi visitar o local em que seu marido

estava sepultado, ela se deitou e morreu ao lado do túmulo da família, talvez em decorrência de um ataque cardíaco. O nome da mulher já estava inscrito na lápide, e seu testamento foi encontrado dentro de sua bolsa.[12]

Seria difícil para toda pessoa estar mais preparada para morrer do que ela estava, mas, na verdade, todos que confiam em Cristo deveriam estar prontos para morrer a qualquer momento, pois o céu é a promessa de Deus para cada cristão. Você está preparado para a eternidade? Não há tempo a perder. Não importa a hora que seja agora, esta é uma boa hora para entregar a sua vida a Cristo – a hora de nascer de novo, pois quando se trata de receber o presente gratuito da vida eterna, não há tempo melhor do que o presente: "eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação" (2Co 6.2).

*Em terceiro lugar, faça bom uso do tempo que tiver*. O tempo é o bem mais precioso que temos. É a moeda impagável que Deus nos deu para fazer a obra do seu reino – aquilo que Stephen Olford chamou de "um fragmento da eternidade dado ao homem por Deus como uma mordomia solene".[13] Acontece que o tempo é também uma das coisas mais difíceis que temos para administrar. Todos nós temos a mesma quantia de tempo por dia; a pergunta é como a usamos... ou se a desperdiçamos. Assim, a Bíblia nos aconselha a usar o tempo com sabedoria, "remindo o tempo, porque os dias são maus" (Ef 5.16).

A melhor maneira de usar nosso tempo é para a glória de Deus e para o reino de Cristo. Mas remir o tempo exige a sabedoria do Espírito Santo. Há tempos na vida e no ministério para começar algo, para plantar, edificar e dar à luz. Mas há também tempos em que algo deve chegar ao fim – um projeto, um ministério ou uma instituição. Saber quando é a hora para arrancar e derrubar sempre exige sabedoria, pois estas são algumas das decisões mais difíceis na vida.

Deus nos chama para sabermos a hora certa para reações emocionais, tanto na vida particular (choro e riso) quanto na vida pública (luto e dança). Ter o coração de Jesus significa saber quando é hora de "chorar com os que choram" e de "alegrar-se com os que se alegram" (Rm 12.15; cf. Jo 16.20). Precisamos de sabedoria para agendar nossos relacionamentos, sabendo quando é a hora de abraçar alguém e quando é a hora de excluir alguém de nossos planos, das nossas prioridades e, às vezes, até da nossa igreja. Há tempos em que é importante se levantar para falar uma palavra na hora certa (veja Pv 15.23; 25.11) ou justificar a esperança que há em nós (1Pe 3.15). Mas há também momentos para se calar – tempos em que o silêncio vale ouro ou quando é melhor domar a nossa língua (veja o Sl 141.3; Pv 27.14; Tg 1.26).

Remir o tempo exige também sabedoria no uso de nossos bens. Há tempos para acumular e tempos para espalhar.[14] Há tempos para procurar por aquilo que se perdeu, mas há também tempos para parar de procurar e dar algo por perdido. Há tempos para guardar algo que possamos precisar mais tarde, mas há também tempos para abrir mão daquilo para que outra pessoa possa aproveitá-lo.

Se há "tempo para todo propósito debaixo do céu" (Ec 3.1), então remir o tempo exige decisões sábias. Aprenda a perguntar pela hora. Está na hora de edificar ou de derrubar? Devo abraçar ou excluir? Isso é algo que Deus quer que eu ame ou odeie? Estou falando porque quero dizer algo ou porque realmente tenho algo a dizer? Peça ajuda a Deus, e ele lhe dará a sabedoria para discernir a hora (veja Tg 1.5).

Em breve, Jesus voltará – "uma segunda vez" (Hb 9.28), de fato, exatamente na hora certa, na hora que seu Pai determinou (Mt 24.36) – e então o tempo não existirá mais. Entrementes, oramos para que o Senhor nos abençoe assim como abençoou os filhos de Issacar nos dias de Davi. Aqueles homens eram "conhecedores da época, para saberem

o que Israel devia fazer" (1Cr 12.32; cf. Et 1.13). Para tanto, oramos as palavras atemporais do profeta Moisés: "Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio" (Sl 90.12).

[11] KUKLICK, Bruce. *To Every Thing a Season: Shibe Park and Urban Philadelphia*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1991.

[2] PLAUTO. Citado por GELLIUS, A. Cornelius. *Noctes Atticae*, livro III, seção 3.

[3] MANN, Horace. Citado em KNOWLES, Elizabeth M. (org.), *The Oxford Dictionary of Quotations*, 5ª edição. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 493.

[4] GINSBERG, H. L. "The Structure and Contents of the Book of Kohelet." In: *Wisdom in Israel and in the Ancient Near East*. Org. M. Noth e D. W. Thomas (1955). Citado em EATON, Michael A. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 77.

[5] JONES, E. *Proverbs, Ecclesiastes*. Torch Bible Commentaries (1976). Citado em *ibid.*

[6] LEUPOLD, H. C. *Exposition of Ecclesiastes*. Grand Rapids, MI: Baker, 1952, p. 83.

[7] BRIDGES, Charles. *A Commentary on Ecclesiastes* (reimpressão 1860). Edimburgo: Banner of Truth, 1961, p. 48.

[8] WARDLAW, Ralph. *Lectures on the Book of Ecclesiastes* (1821). Citado em *ibid.*, p. 49.

[9] LUTHER, Martin. "Notes on Ecclesiastes." In: *Luther's Works*. Trad. e org. Jaroslav Pelikan, 56 vols. St. Louis: Concordia, 1972, vol. 15, p. 51.

[10] LLOYD, William F. "My Times Are in Thy Hand", 1824.

[11] TURENNE, Vicomte de, citado em MOORE, Harold G. e GALLOWAY, Joseph L. *We Were Soldiers Once... and Young*. Nova York: HarperCollins, 1992, p. 321.

[12] Essa história foi relatada pela Reuters em 1º de novembro de 2006.

[13] OLFORD, Stephen F. *A Time for Truth: A Study of Ecclesiastes 3.1-8*. Chattanooga: AMG, 1999, p. 9.

[14] Para um resumo útil dos sentidos possíveis daquilo que Kohelet quis dizer quando fala sobre lançar fora e juntar pedras no versículo 5, veja EATON. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*, p. 79-80.

8

# TUDO EM SEU DEVIDO TEMPO

*Eclesiastes 3.9-15*



*Vi o trabalho que Deus impôs aos filhos dos homens, para com ele os afligir (…) Sei que nada há melhor para o homem do que regozijar-se e levar vida regalada* (Ec 3.10,12).

Oestadista missionário Don Richardson tem viajado pelo mundo inteiro para demonstrar que pessoas de todas as culturas têm um desejo profundo de Deus. Tudo começou com as tribos sawi na Nova Guiné Holandesa – os caçadores de cabeças aos quais Richardson serviu primeiro na década de 1950. Apesar de os sawi sanguinários prezarem a traição como virtude suprema, eles tinham também um ritual sagrado para reconciliar duas tribos em pé de guerra. O filho do cacique era oferecido à tribo inimiga como "criança da paz". Richardson reconheceu nesse ritual uma parábola do evangelho, na qual o Cacique de todos os caciques fez as pazes com a tribo perdida da humanidade oferecendo seu próprio Filho.[1]

Em decorrência de suas experiências com a tribo dos sawi, Richardson começou a se perguntar se outros povos tinham tradições semelhantes – rituais sagrados que serviam como analogias remissoras para o evangelho. Ele descobriu que muitos povos – tanto antigos quanto modernos – têm conhecimento parcial de verdades religiosas. Não importa se essas crenças provêm daquilo que Deus revelou na criação ou de resquícios de uma fé transmitida desde os tempos bíblicos, elas dão testemunho de Deus e da dádiva de sua graça expiatória.

Richardson conta a história do rei dos incas que rejeitou o deus do sol Inti em prol de uma deidade mais antiga e maior – Viracocha, misericordioso doador da vida, que reside em luz não criada. Ele dá exemplos de tribos como o povo karen em Burma, que tinham lendas de um livro perdido que, um dia, lhes seria enviado pelo Deus supremo *Y'wa* para libertá-los da opressão. Ele descreve até rituais para a expiação de pecados. Por exemplo, em determinado dia de cada ano, os dyaks de Bornéu colocam seus pecados num pequeno barco e o levam rio abaixo – um tipo de "barco expiatório" por assim dizer.[2]

Segundo Richardson, todas essas histórias demonstram a verdade de algo escrito em Eclesiastes 3: Deus "pôs a eternidade no coração do homem" (Ec 3.11). Nascemos com uma saudade de outro mundo – de uma vida com Deus que se encontra além do alcance do tempo mortal.

### *A beleza da soberania de Deus*

O Rei-Pregador que escreveu Eclesiastes reconheceu esse desejo nos versículos que seguem imediatamente ao famoso poema sobre o tempo (Ec 3.1-8). Desde o nascimento até a morte, há um tempo e uma estação para tudo debaixo do céu.

Então, após dizer que Deus é soberano sobre o tempo, o Pregador retorna ao tema do trabalho e faz uma pergunta que já fez antes (e certamente faria de novo): "Que proveito tem o trabalhador naquilo com que se fadiga?" (Ec 3.9). Em sua busca contínua pelo sentido da vida, o Pregador sempre quis saber que tipo de retorno ele teria sobre o investimento de seu tempo e esforço. Sabendo quanto as pessoas trabalham, ele disse: "Vi o trabalho que Deus impôs aos filhos dos homens, para com ele os afligir" (Ec 3.10). Mesmo assim, ele queria saber se tudo isso valia a pena.

Alguns estudiosos acreditam que sua resposta foi um enfático "não". O Pregador ainda acreditava no que disse no capítulo 2 – ou seja, que o

trabalho debaixo do sol é uma aflição. Portanto, sua pergunta em Eclesiastes 3.9 é meramente retórica. Que proveito tem o trabalhador? A resposta implícita é: nenhum. O problema com essa interpretação é que o versículo 11 faz uma declaração tão forte da bondade de Deus, que "tudo fez... formoso em seu devido tempo". Algumas pessoas se ressentem do controle de Deus sobre o tempo e a eternidade; elas prefeririam definir a sua própria agenda. Mas o Salomão de Eclesiastes conseguia reconhecer a beleza da soberania de Deus. Não só há um tempo para tudo, mas Deus sempre faz tudo na hora certa. Portanto, o Pregador louvou Deus por sua linda cronologia.

No Antigo Testamento, "formoso" é, acima de tudo, um termo visual; normalmente, ele se refere a algo que podemos ver. Por exemplo, a palavra é usada para descrever as filhas de Jó como as mulheres mais bonitas do país (Jó 42.15). Com o passar do tempo, porém, a palavra ganhou um sentido mais amplo, como a palavra "bonito" em português. Algo bonito é algo bom; é certo, agradável e apropriado.

É nesse sentido que podemos dizer que a cronologia de Deus é bonita. Não importa quando Deus faça algo, ele sempre o faz na hora certa. Ele sabe a hora para derrubar e edificar, para guardar e jogar fora, para guerra e para paz. Quando o Pregador diz que "tudo fez Deus formoso no seu devido tempo" (Ec 3.11), em primeiro lugar, ele não está falando somente sobre a maneira como Deus fez o mundo, mas sobre a maneira como ele tem reinado desde então. As estações da natureza e os padrões da atividade humana estão sob a sua superintendência soberana e seu cuidado providencial. Do início ao fim, Deus faz tudo de forma decente e ordenada. Derek Kidner fala, deste modo, do "movimento caleidoscópico de inumeráveis processos, cada um com seu próprio caráter e com seu próprio tempo de florescer e amadurecer, *formoso em seu devido tempo*, contribuindo para a obra-prima geral, que é a obra de um Criador".[3]

Você acredita na pontualidade de Deus, não só para o mundo em geral, mas para seu próprio caso em específico? Você confia em sua agenda para as estações de sua própria vida? Muitas vezes, as pessoas criticam Deus por ajudar tarde demais ou por agir cedo demais. No entanto, em retrospectiva, descobrimos que sua agenda era melhor desde o início. Quando uma porta, que queríamos abrir, permaneceu fechada, acabamos seguindo uma direção diferente, que se revelou como sendo a direção certa desde o início. Não estávamos prontos para o relacionamento que queríamos quando o queríamos, mais tarde sim. Algo aconteceu que nos obrigou a mudar a nossa agenda e acabamos tendo uma conversa inesperada que mudou toda a direção da nossa vida ou talvez a direção da vida de outra pessoa.

Às vezes, estar no lugar certo no tempo de Deus em vez de estar no lugar errado no nosso tempo pode até salvar a nossa vida. Um exemplo: um grupo de estudantes do Wheaton College estava frustrado certa manhã quando seu passeio por Londres se atrasou por causa de um atendimento lento durante o café da manhã. Acreditavam estar atrasados, mas quando se aproximaram da estação de metrô, descobriram que uma explosão subterrânea acabara de acontecer. Outro exemplo: um amigo da faculdade deveria estar no topo do World Trade Center em 11 de setembro, mas um erro de reserva obrigou sua empresa a realizar a reunião em outro local.

Tudo é uma questão de cronologia. Em vez de insistir que tudo aconteça de acordo com nossa própria agenda, precisamos aprender a confiar na agenda de Deus. Saiba isto: o Salvador, que nasceu "na plenitude do tempo" (Gl 4.4) e que morreu por nossos pecados "a seu tempo" (Rm 5.6) tem um maravilhoso senso de cronologia.

### *Entre o tempo e a eternidade*

Saber que Deus está no controle não significa necessariamente que nós sempre entendemos ou aceitamos a sua cronologia. Muitas vezes,

nós não entendemos e isso pode ser verdadeiramente frustrante para nós. Então, após afirmar a beleza da autoridade soberana de Deus sobre o tempo, o Pregador observou um dos dilemas básicos da nossa existência terrena: Deus "pôs a eternidade no coração do homem, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até ao fim" (Ec 3.11).

Aqui, o Pregador se encontra preso entre o tempo e a eternidade. De um lado, Deus colocou a eternidade em nossos corações.[4] Fomos feitos para viver eternamente (veja Gn 3.22) e, por isso, temos o desejo desesperado de uma vida infinita com Deus. Muitas das promessas mais preciosas da Bíblia nos oferecem bênçãos eternas. O Deus eterno (Sl 90.2) fez uma "aliança eterna" (Gn 9.16) que nos dará um reino, que durará "eternamente" (2Sm 7.13). Ele cumpriu essas promessas dando vida eterna a todos que crerem em seu Filho, que ofereceu sua vida pelos nossos pecados antes de ressurgir do túmulo com poder sobre a morte.

O problema é que ainda vivemos em um universo sujeito ao tempo. Existe um abismo enorme entre a nossa mortalidade atual e nosso destino futuro. A eternidade em nossos corações alimenta um desejo profundo de saber o que Deus tem feito do início ao fim. Cada um de nós nasceu com "um desejo profundamente arraigado, um impulso compulsivo... de conhecer o caráter, a composição e o sentido do mundo... e de discernir o seu propósito e destino".[5] Mas como criaturas finitas que vivem num mundo caído, existem tantas coisas que não entendemos. Não importa quanto procuramos – e o Rei-Pregador que escreveu Eclesiastes procurou mais do que qualquer um – nós não conseguimos "descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até ao fim" (Ec 3.11).

Enquanto Deus tem uma visão geral, todos nós temos apenas um ponto de vista. Nossa perspectiva limitada é incapaz de abarcar a mente

de Deus. Isso tem sido parte da frustração do Pregador desde o início. Ele está procurando um sentido na vida, mas acha difícil ou até impossível compreender. "O ser humano tem 'eternidade' no seu coração – seu Criador o fez uma criatura pensante, e ele deseja passar adiante seu conhecimento fragmentário e discernir o sentido mais pleno de todo o padrão – mas o Criador não permite que a criatura seja igual a ele."[6]

Tudo isso explica por que alguns comentaristas veem Eclesiastes 3.11 como muito negativo. Ter a eternidade em nossos corações, eles dizem, gera ainda mais frustração. No tocante a Deus, há um tempo para tudo. Mas nós nem sempre conhecemos esse tempo e, por isso, é difícil sabermos quando abraçar e quando rejeitar, por exemplo, ou quando falar e quando se calar. Assim, não conseguimos entender o nosso mundo. Nós queremos saber desesperadamente o que acontece, mas somente Deus sabe.

Algumas pessoas respondem a essa frustração excluindo Deus completamente e inventando a sua própria interpretação do universo. Segundo o cineasta Woody Allen, "o universo é indiferente... assim criamos um mundo falso para nós mesmos, e existimos dentro desse mundo falso... um mundo que, na verdade, não significa qualquer coisa se você der um passo para trás. Não tem sentido. Mas é importante criarmos algum senso de sentido, pois não existe sentido perceptível para toda pessoa".[7]

Existe, porém, outra maneira de reagir. O conhecimento de que estamos presos entre o tempo e a eternidade pode nos ajudar a encontrar o caminho que nos leve até Deus. Até essa altura, Kohelet tem falhado em sua busca de encontrar qualquer coisa na terra que consiga satisfazer plenamente a mente ou o coração humano. Mas isso ainda deixa em aberto a possibilidade de encontrar satisfação em Deus e em seu céu. Então, em vez de desistir de nosso desejo de

conhecimento, deveríamos antes concluir que nosso desejo pela eternidade prova que fomos feitos para outro mundo.

Ninguém explicou melhor do que C. S. Lewis as implicações do nosso desejo pela eternidade. Ele disse: "Se eu encontrar dentro de mim um desejo que nenhuma experiência deste mundo possa satisfazer, a explicação mais provável é que eu fui feito para outro mundo. Se nenhum dos meus prazeres terrenos consegue satisfazê-lo, isso não prova que o universo seja uma fraude. É provável que o papel dos prazeres terrenos jamais foi satisfazê-lo, mas despertá-lo, sugerir a coisa verdadeira".[8] "A coisa mais doce em toda a minha vida", Lewis escreveu em um de seus romances, "tem sido o desejo (...) de encontrar o lugar de onde vem toda a beleza".[9] Em outro texto, ele descreve esse desejo como "a fragrância de uma flor que não descobrimos, o eco de uma melodia que não ouvimos, notícias de um país que jamais visitamos".[10]

Você já sentiu o cheiro da fragrância de Deus ou ouviu o eco do cântico da redenção? Deus colocou a beleza da eternidade em nossos corações para que encontrássemos o caminho que nos leve até ele. Nossos desejos mais profundos jamais serão satisfeitos se não alcançarmos um conhecimento pessoal de Deus e de seu Filho Jesus Cristo, que é o "Princípio e o Fim" (Ap 21.6). Quando encontrarmos nosso caminho para ele, finalmente seremos capazes de dizer o que Charles Bridges disse certa vez: "Encontrei mais em Cristo do que jamais esperava desejar".[11]

### *Fazendo a obra de Deus*

Algum dia saberemos o que Deus fez, do início ao fim – ou pelo menos tudo aquilo que ele quer que saibamos. Entrementes, o Pregador nos diz duas coisas que todos nós deveríamos estar fazendo. Os versículos 12 e 14 começam ambos com a palavra "sei". Em sua luta

para entender como viver como homem preso entre o tempo e a eternidade, o Pregador reconheceu duas coisas muito importantes: uma sobre fazer a obra de Deus e a outra sobre confiar na soberania de Deus.

Em primeiro lugar, devemos tomar todo o tempo que recebemos e usá-lo com alegria no serviço a Deus. Nos versículos 12 a 13, o Pregador nos instrui a pôr as mãos à obra: "Sei que nada há melhor para o homem do que regozijar-se e levar vida regalada; e também que é dom de Deus que possa o homem comer, beber e desfrutar o bem de todo o seu trabalho". Um pouco antes, no versículo 10, o Pregador havia falado sobre "o trabalho que Deus impôs aos filhos dos homens". Aqui, ele nos diz como devemos nos dedicar a esse trabalho – com alegria e energia, com gratidão a Deus pelo prazer de servi-lo.

Alguns comentaristas têm visto esses versículos de forma muito mais negativa. Dizem que a postura do Pregador é de "resignação, não de entusiasmo".[12] Nessa interpretação, as palavras "nada há melhor" são de poucos elogios. Na verdade, a Today's English Version traduz o versículo assim: devemos "fazer o nosso melhor". Em outras palavras, o Pregador está tentando fazer o melhor de uma situação ruim. Ele queria que houvesse algo melhor na vida, mas não há. E se isso é tudo que a vida tem a oferecer, a melhor coisa que ele pode fazer sob essas circunstâncias é aproveitar o momento, aproveitar os prazeres inferiores de comer, beber e trabalhar. Isso é o máximo que o homem consegue. Então, o filósofo existencialista Jean-Paul Sartre estaria dizendo algo semelhante ao que o Pregador disse:

> Era verdade, eu sempre soubera disso – eu não tinha qualquer "direito" de existir. Eu havia aparecido por acaso, eu existia como uma pedra, uma planta, um micróbio. Eu não consegui perceber nada em mim além de um zumbido inconsequente. Eu estava pensando... que aqui estávamos comendo e bebendo, para preservar a nossa preciosa existência, e que não há nada, nada, absolutamente nenhuma razão de existir.[13]

Uma interpretação negativa de Eclesiastes 3 suscita diversos problemas. Um é que quase todos os termos nesses versículos são positivos. O Pregador fala sobre prazer e alegria. Fala sobre comer e beber – as coisas boas da vida. Ele nos encoraja a "fazer o bem". E o melhor de tudo, ele nos lembra de que todas essas coisas são "dádiva de Deus para o homem". Portanto, quando diz que "nada há melhor" do que fazer a obra de Deus, ele não está se contentando com algo de segunda categoria, mas está nos dizendo que há sentido e alegria nas coisas ordinárias da vida cotidiana.

Uma boa maneira de entender e aplicar esse versículo é recitá-lo na primeira pessoa e usá-lo como descrição de emprego. "Sei que nada há melhor para mim do que regozijar-me e levar vida regalada; e também que é dom de Deus que eu possa comer, beber e desfrutar o bem de todo o meu trabalho." Imagine quantas coisas boas uma pessoa poderia fazer ao longo de uma vida simplesmente aplicando diariamente esses versículos. Depois, imagine quanto trabalho para o reino uma igreja poderia fazer se ela abordasse tudo com esse tipo de alegria, com esse tipo de trabalho assíduo e com esse tipo de gratidão a Deus.

O Pregador nos instrui a sermos alegres. Podemos nem sempre ser felizes com a maneira como as coisas andam na vida, mas podemos sempre encontrar alegria na graça de Deus e no trabalho que ele nos deu. Não importa quão ruins possam ser as nossas circunstâncias – seja por causa das dificuldades naturais da vida ou por causa de algum mal cometido por outros contra nós ou por causa das consequências dolorosas da nossa própria rebelião – em cada situação há sempre uma maneira de glorificar a Deus, e isso deveria nos dar alegria.

O Pregador nos instrui também a sermos "bons" – uma expressão que deve ser interpretada em seu sentido ético e moral. Fazer "o bem" é fazer boas obras. Isso não significa que merecemos a nossa entrada para o céu, é claro, mas significa sim que devemos fazer a boa obra que

Deus nos deu, durante o tempo em que ele a confia a nós. Por gratidão por aquilo que Deus fez por nós em Jesus, perdoando todos os nossos pecados, devemos mergulhar na obra de seu reino. Na verdade, é esta a razão da nossa existência: Somos "feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas" (Ef 2.10).

Em sua graça, Deus deu a cada um de nós algo bom a fazer para ele. Não trabalhamos porque não temos nada melhor a fazer, mas porque Deus nos chamou para trabalhar para ele. Cada cristão deveria fazer um bom trabalho em casa, amando as pessoas com quem vive. Cada cristão deveria fazer um bom trabalho no emprego, servindo a Deus nas obrigações ordinárias de um chamado terreno. Cada cristão deveria fazer um bom trabalho na igreja, usando seus dons espirituais no mínimo em um ministério regular. Cada cristão deveria fazer um bom trabalho na sociedade, demonstrando o amor de Jesus por meio de atos práticos de misericórdia.

Devemos fazer todas essas coisas enquanto vivermos, trabalhando até o fim das nossas vidas. Quando o Pregador diz "enquanto viverem", ele está lembrando o que disse no versículo 2, ou seja, que há um tempo para morrermos. Até esse dia chegar, porém, devemos usar nosso tempo com sabedoria, usando-o para Jesus. O pastor e teólogo presbiteriano Thomas Boston disse certa vez à sua congregação no interior da Escócia:

> Cada geração tem seu trabalho que lhe foi atribuído pelo Senhor soberano; e cada pessoa dessa geração também tem o seu. E agora é a nossa vez. Não podíamos ser úteis na geração que nos antecedeu; pois não existíamos; tampouco podemos [ser úteis] pessoalmente na geração que virá depois de nós; pois teremos deixado o palco. Agora é a nossa hora; não negligenciemos a utilidade na nossa geração.[14]

Ao passo em que fazemos um bom trabalho na nossa geração, o Pregador nos dá a permissão de celebrar as coisas boas da vida – comer e beber e desfrutar os prazeres que Deus fez para nos alegrar. É claro, é

sempre uma tentação viver para os prazeres terrenos, satisfazendo os nossos apetites, em vez de servir a Jesus (veja Rm 16.18). As coisas boas na vida se transformam facilmente em nossos deuses, que é uma vaidade absoluta, como o Pregador já nos disse (veja Ec 2.1ss.). Mas a maneira de resistir a essa tentação não consiste em evitar tudo. Antes evitamos a idolatria quando recebemos com gratidão as coisas boas da vida como bênçãos de Deus. Não use e tome; receba e agradeça. Tudo isso faz parte de devolver a Deus aquilo que ele nos deu em serviço alegre, enquanto ainda tivermos tempo.

***Confiando na soberania de Deus***

A outra coisa que o Pregador nos instrui a fazer – a segunda coisa que reconheceu – é deixar Deus ser Deus, aceitando com reverência a sua soberania sobre o tempo e a eternidade. Ele disse: "Sei que tudo quanto Deus faz durará eternamente; nada se lhe pode acrescentar e nada lhe tirar; e isto faz Deus para que os homens temam diante dele. O que é já foi, e o que há de ser também já foi; Deus fará renovar-se o que se passou" (Ec 3.14-15).

Quando diz "tudo quanto Deus faz", o Pregador pode estar relembrando o início do capítulo, em que disse que "tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu" (Ec 3.1). "Tudo quanto Deus faz" inclui tudo o que Deus faz, não importa quando o faça. Ele é soberano sobre os tempos e as estações. E tudo quanto faz durará para sempre: ninguém pode acrescentar ou subtrair disso – de agora para sempre.

Mais uma vez, porém, alguns estudiosos veem esses versículos como deprimentes e fatalistas. Deus faz o que faz, e não há nada que possamos fazer a esse respeito. Nas palavras de Michael Fox, "Deus atropela os esforços insignificantes do homem, e nada substancialmente novo pode interromper o curso maravilhoso dos eventos ordenados por

Deus".[15] Se não pudermos acrescentar ou subtrair qualquer coisa daquilo que Deus fez, então não há absolutamente nada que possamos fazer em relação à nossa situação na vida.

Isso é uma coisa boa ou ruim? Em outras palavras, o domínio absoluto de Deus é uma fonte de esperança ou desencorajamento? Eclesiastes nos dá a resposta quando nos diz por que Deus faz o que faz: "para que os homens temam diante dele" (Ec 3.14).

Até mesmo nesse ponto alguns estudiosos tentam alegar que Deus estaria tentando "amedrontar as pessoas e impor-lhes a submissão, não despertar um senso de maravilha respeitosa de seu poder e força".[16] O problema com essa interpretação é que o temor de Deus é um dos conceitos mais positivos de toda a Bíblia. Temer a Deus significa reverenciá-lo e estremecer diante de seu grande poder. Tanto os salmos quanto os provérbios dizem que o temor do Senhor é o início da sabedoria e que todos que não conseguem enxergar isso são tolos (Sl 110.10; Pv 1.7). Na verdade, quando chegarmos ao fim de Eclesiastes, descobriremos que essa é a mensagem de todo o livro. Após dizer tudo o que tem a dizer, o Pregador nos deixará essa simples instrução: "Teme a Deus" (Ec 12.13).

Temer a Deus não significa desistir da busca pelo sentido da vida, mas de descansar a nossa vida no único fundamento sólido do tempo e da eternidade. Temer a Deus significa confiar em sua presciência, crendo que ele sabe todas as coisas, inclusive as nossas alegrias e provações no presente. Martinho Lutero disse: "Temer a Deus significa isto: ter Deus em vista, saber que ele vê todas as nossas obras e reconhecê-lo como Autor de todas as coisas".[17]

Temer a Deus significa crer também que ele continua no controle, mesmo quando não conseguimos ver (ou entender) o que ele está fazendo. O pai da igreja primitiva Dídimo, o Cego, usou uma ilustração maravilhosa para explicar isso. Dídimo nos compara com os

passageiros num grande barco à vela que nunca encontraram o capitão, mas mesmo assim sabem que ele está pilotando o navio: “O próprio Deus administra o cosmo e cuida dele... Quando você vê um navio que está sendo pilotado e que mantém o curso, você entende a ideia de um piloto, mesmo que ele não seja visível... Semelhantemente, o Criador é conhecido por suas obras e pela ordem de sua providência”.[18]

Você acredita na doutrina da soberania divina? Você consegue aceitar que Deus é realmente Deus? Você aprendeu a temer o seu Criador? Longe de querer nos desencorajar, saber que Deus está no controle de tudo desde agora até a eternidade nos encoraja a continuar. Michael Eaton explica como confiar na soberania de Deus nos ajuda a viver uma vida cristã.

O temor de Deus do qual Kohelet fala aqui, diz ele:

> não é apenas o início da sabedoria; é também o início da alegria, da satisfação e de uma vida enérgica e cheia de propósito. O Pregador deseja libertar-nos de uma vida cor de rosa, autoconfiante sem Deus, com seu cinismo e amargura inevitáveis, e de confiar na sabedoria, no prazer, na riqueza e na justiça ou integridade humanas. Ele quer levar-nos a ver que Deus está aqui, que ele é bom e generoso e que apenas essa visão dá coerência e satisfação à vida.[19]

Até o versículo 15 é encorajador. A primeira parte do versículo lembra algo que ouvimos no capítulo 1, de que não há nada novo debaixo do sol. Segundo o prólogo de Eclesiastes, “o que foi é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer” (Ec 1.9). Aqui, nós lemos: “O que é já foi, e o que há de ser também já foi” (Ec 3.15). Em outras palavras, o que acontece agora já aconteceu antes; é a mesma velha história se repetindo mais uma vez. A diferença é que o capítulo 3 explicitamente submete tudo à soberania de Deus. Assim, o livro nos ajuda a avançar no nosso entendimento do universo. As coisas que fogem ao nosso controle não devem nos levar ao desespero, mas à esperança em Deus, que é soberano sobre tudo o que acontece.

A última parte do versículo 15 é mais difícil: “Deus fará renovar-se o que se passou”. Isso parece ser uma forma poética de falar sobre coisas que aconteceram no passado.[20] Tendemos a pensar que dias passados se foram para sempre, mas esse versículo nos diz que Deus pretende recuperar o passado. Talvez isso signifique que ele levará atos passados ao julgamento. Essa é a interpretação da New International Version, que diz: “Deus responsabilizará o passado”. O juízo é um tema importante em Eclesiastes, que termina com a promessa de que “Deus há de trazer a juízo todas as obras” (Ec 12.14), sejam elas passadas ou presentes. No entanto, a linguagem de renovar é tão positiva que ela sugere que Deus pretenda remir o passado e não simplesmente levá-lo a julgamento. Por sua graça, nós recuperaremos e restauraremos o que, do nosso ponto de vista, parece perdido para sempre.

A redenção eterna é a nossa esperança quando nos sentimos presos entre o tempo e a eternidade. O que fazemos nesta vida importa. A obra de Deus perdura para sempre, inclusive o bom trabalho que fazemos em nome de Jesus. Por isso, as nossas vidas e o nosso trabalho não são em vão.

O mesmo Deus que colocou a eternidade no nosso coração fará todas as coisas formosas, inclusive as coisas do passado que agora parecem perdidas ou defeituosas. Tudo em seu devido tempo.

[1] RICHARDSON, Don. *Peace Child*. Ventura, CA: Regal, 1974.

[2] RICHARDSON, Don. *Eternity in Their Hearts*. Ventura, CA: Regal, 1981.

[3] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*. The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 39.

[4] Aqui, o texto diz "eternidade", e não "escuridão", como alguns comentaristas têm tentado alterar o texto.

[5] KAISER, Walter. *Ecclesiastes: Total Life*. Everyman's Bible Commentary. Chicago: Moody Press, 1979, p. 66.

[6] JARICK, John. Citado em LONGMAN, Tremper III. *The Book of Ecclesiastes*. New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998, p. 121.

[7] ALLEN, Woody. Citado em JOHNSTON, Robert K. *Useless Beauty: Ecclesiastes through the Lens of Contemporary Film*. Grand Rapids, MI: Baker, 2004, p. 55.

[8] LEWIS, C. S. *Mere Christianity*. Nova York: Macmillan, 1952, p. 120.

[9] LEWIS, C. S. *Till We Have Faces.* Nova York: Harcourt, 1956, p. 75.

[10] LEWIS, C. S. *The Weight of Glory and Other Addresses*. São Francisco: HarperSanFrancisco, 2001, p. 30-31.

[11] BRIDGES, Charles. *A Commentary on Ecclesiastes* (reimpressão 1860). Edimburgo: Banner of Truth, 1961, p. 66.

[12] LONGMAN. *The Book of Ecclesiastes*, p. 121.

[13] SARTRE, Jean-Paul. Citado em KELLER, Timothy. *The Reason for God: Belief in an Age of Skepticism*. Nova York: Dutton, 2008, p. 127.

[14] BOSTON, Thomas. *The Complete Works of the Late Rev. Thomas Boston of Ettrick*. Org. Samuel M'Millan, 12 vols. Londres (reimpressão 1853), Wheaton, IL: Richard Owen Roberts, 1980, vol. 5, p. 254.

[15] FOX, Michael V. *A Time to Tear Down and a Time to Build Up: A Rereading of Ecclesiastes*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999, p. 213.

[16] LONGMAN. *The Book of Ecclesiastes*, p. 124.

[17] LUTHER, Martin. "Notes on Ecclesiastes." In: *Luther's Works*. Trad. e org. Jaroslav Pelikan, 56 vols. St. Louis: Concordia, 1972, vol. 15, p. 55.

[18] DÍDIMO, o Cego. "Commentary on Ecclesiastes", 88.29. *Proverbs, Ecclesiastes, Song of Solomon*. Org. J. Robert Wright. Ancient Christian Commentary on Scripture, OT 9. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2005, p. 230.

[19] EATON, Michael A. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 48.

[20] KIDNER. *The Message of Ecclesiastes*, p. 40.

9

# Do pó à glória

*Eclesiastes 3.16–4.3*



> *... o que sucede aos filhos dos homens sucede aos animais; o mesmo lhes sucede: como morre um, assim morre o outro, todos têm o mesmo fôlego de vida, e nenhuma vantagem tem o homem sobre os animais; porque tudo é vaidade. Todos vão para o mesmo lugar; todos procedem do pó e ao pó tornarão* (Ec 3.19-20).

Julian Barnes está com medo. Ele sabe que não deveria estar, mas está. Ele não consegue impedir. Veja bem, Julian Barnes está com medo de morrer.

O famoso escritor inglês – autor de *Flaubert's Parrot* e outros romances aclamados pela crítica – antigamente se declarava ateu. Depois, alegou ser agnóstico, porque, em sua opinião, não existe nenhuma razão boa para supor que Deus existe. Isso significaria também que não há vida depois da morte e, portanto, *Nada a se temer* [*Nothing to be Frightened Of*], o título de um de seus livros mais recentes.

No entanto, a verdade sóbria é que Julian Barnes está desesperadamente com medo de morrer. *The New York Times Book Review* diagnosticou sem erro a sua condição como *tanatofobia* – o medo da morte. Barnes pensa na morte todos os dias e reconhece que de noite, às vezes, ele é "acordado por um rugido" e "lançado do sono para a escuridão, para o pânico e para a consciência maligna de que este é um mundo alugado". Acordado e completamente sozinho, ele soca seu travesseiro e chora: "Ah! Não! Ah! Não! AH! NÃO!".

Os sonhos de Julian são ainda mais sombrios. Às vezes, ele é enterrado vivo. Outras vezes, é "caçado, cercado, derrotado". Ele é mantido "refém, equivocadamente condenado à morte e até informado que menos tempo lhe resta" do que ele havia pensado. "As coisas comuns", como descreve seus sonhos.[1] E talvez esses sonhos sejam comuns, porque a morte é a soma de todos os nossos medos – de ficarmos sozinhos, de sermos abandonados, de sermos condenados. Quando você acorda no meio da noite, você tem medo de quê?

### *A desumanidade do homem com o homem*

Eclesiastes encara nossos medos fazendo as perguntas mais difíceis que toda pessoa possa fazer sobre o sentido do universo, a existência de Deus e a vida vindoura. A difícil pergunta sobre a morte volta mais uma vez no final do capítulo 3, em que o Pregador formula um problema e encontra uma resposta, apenas para descobrir que há um problema também com essa resposta. Ele tem refletido sobre todas as injustiças no mundo e sobre o seu desejo de que Deus lide com todas elas no Juízo Final. Mas a reflexão sobre aquele grande e terrível dia o leva a se perguntar novamente o que acontecerá quando morrermos.

O ponto de partida é o versículo 16, em que o autor introduz um novo tema: "Vi ainda debaixo do sol que no lugar do juízo reinava a maldade e no lugar da justiça, maldade ainda" (Ec 3.16). Como já vimos, a expressão "debaixo do sol" descreve a "futilidade e a falta de sentido de uma vida vivida apenas para si mesmo e para o momento, sem gratidão ou respeito por Deus e seus caminhos".[2] O que vemos "debaixo do sol" nesse caso é injustiça desenfreada – a desumanidade do homem com o homem.

Aqui, Kohelet fala como um dos profetas bíblicos. Homens como Amós e Jeremias sempre clamavam por justiça, e o faziam com todo o direito, pois a justiça é um dos desejos profundos do coração humano.

Isso começa já na infância: “Ei, isso não é justo!”. Infelizmente, a injustiça não se limita ao parquinho, mas nos acompanha durante toda a vida. Somos membros de uma raça injusta.

O problema aqui é que até mesmo o “lugar do juízo” é injusto. O mesmo lugar em que a maioria espera e mais precisa para receber justiça se revela um lugar de injustiça. Até mesmo o sistema jurídico é corrupto. Isso não é apenas uma frustração, como alguns dos outros problemas mencionados em Eclesiastes, mas uma manifestação do mal genuíno. Pessoas inocentes são condenadas por crimes que nunca cometeram. Estavam simplesmente no lugar errado na hora errada, ou tinham, talvez, a cor de pele errada no bairro errado. E igualmente frequentes são os casos em que pessoas conseguem matar sem serem punidas. Elas têm dinheiro para contratar advogados melhores ou a possibilidade de se esconder por trás das estruturas de uma grande corporação para se aproveitar de pessoas menos afortunadas.

Pior ainda, não há nada que possa ser feito a respeito disso. A frustração do Pregador não se deve simplesmente ao fato de que a injustiça é cometida, mas que ela permanece impune. Segundo Martinho Lutero, ele “não está se queixando porque existe maldade no lugar do juízo, mas porque a maldade no lugar do juízo não pode ser corrigida”.[3] Quando as salas da justiça se transformam em corredores da corrupção, onde a justiça pode ser encontrada?

O Pregador retoma esse tema no início do capítulo 4, em que diz: “Vi ainda todas as opressões que se fazem debaixo do sol: vi as lágrimas dos que foram oprimidos, sem que ninguém os consolasse; vi a violência na mão dos opressores, sem que ninguém consolasse os oprimidos” (Ec 4.1). Nesse raciocínio, existem dois tipos de pessoa no mundo: os oprimidos e seus opressores. Os opressores são aqueles que têm todas as vantagens do seu lado. O poder está do seu lado, deixando às vítimas nada além de lágrimas.

Quando lemos a Bíblia, descobrimos rapidamente que este é um conflito no qual Deus toma partido. Ele não está do lado da injustiça, mas se opõe a ela com todo o seu poder. Vemos isso repetidas vezes nos profetas bíblicos. Amós pregou contra pessoas que "oprimem os pobres" e "esmagam os necessitados" (Am 4.1; cf. Pv 14.31). Ezequiel advertiu contra a extorsão e o roubo a estrangeiros (Ez 22.12). Zacarias fez uma lista das pessoas mais prováveis a serem oprimidas: viúvas, órfãos, viajantes e os pobres (Zc 7.9-10; cf. Êx 22.21-22). Não são apenas palavras e atos os causadores de opressão, mas também a legislação. Assim, Isaías pronunciou o "ai" de Deus contra "os que decretam leis injustas, os que escrevem leis de opressão" (Is 10.1).

As palavras desses profetas falam dos pecados que nós vemos em nosso próprio país – os mais pobres dos pobres estão ficando mais pobres, imigrantes legais têm dificuldades de encontrar um emprego decente, os sistemas de educação são ineficazes para nossos filhos, pais abusam de suas esposas e crianças. E há também toda a opressão que vemos ao redor do mundo – genocídio, terrorismo, escravidão, tráfico de mulheres, crianças de rua. Ah!, quanta injustiça!

Quando o Pregador viu o que realmente estava acontecendo no mundo, ele desejou alguém que confortasse os oprimidos e enxugasse as suas lágrimas. Numa cultura de exploração, ele queria consertar os erros e consolar as vítimas da injustiça. Duas vezes ele lamenta porque ninguém foi capaz de oferecer consolo.

O Pregador teve uma reação emocional intensa a ambos os grupos de pessoas – a mesma reação santa que reconhecemos na vida de Jesus Cristo. De um lado, respondeu ao sofrimento dos oprimidos com lamentação, como as lágrimas que Jesus derramou pelas pessoas aflitas e desamparadas de Israel (Mt 9.36). Por outro, respondeu aos seus opressores com indignação, como as palavras de ira que Jesus proferiu contra os cambistas no templo (p. ex., Lc 19.45-46). Mas o que o

Pregador mais sentiu foi frustração por não poder pôr um fim à opressão.

Sentimos a mesma frustração hoje quando recebemos notícias sobre a luta da igreja perseguida. Veja esta história verdadeira de "Lana", uma moça egípcia de 19 anos de idade, criada em um lar muçulmano devoto. Lana sempre aprendera a desdenhar o cristianismo, mas, certo dia, uma amiga da escola a convidou para ouvir um programa de rádio em que ela compartilhava o evangelho. Lana começou a se perguntar se Jesus Cristo era realmente Deus ou se ele era meramente um mensageiro de Deus como sempre haviam lhe ensinado. Quando leu a Bíblia, obteve a clara convicção de que Jesus é o Cristo.

Infelizmente, quando Lana aceitou Jesus como seu Senhor e Salvador, ela foi atacada por sua própria família. Seu pai bateu nela. Sua mãe não permitiu que ela se sentasse à mesa com a família. Por fim, declararam que, para eles, Lana estava morta. Mas mesmo após a expulsarem de casa, continuaram a persegui-la. Ela foi sequestrada e surrada até perder a consciência.[4]

Esse é o tipo de opressão que vemos debaixo do sol – perseguição que, às vezes, não podemos evitar. Como, então, devemos reagir? Onde esse tipo de sofrimento se encaixa em nossa teologia?

### *Um tempo para a justiça*

O autor de Eclesiastes tinha uma boa resposta para o problema da injustiça. Ele disse em seu coração: "Deus julgará o justo e o perverso; pois há tempo para todo propósito e para toda obra" (Ec 3.17).

Aqui vemos o Pregador aplicando um velho sermão ao seu próprio coração. Como exemplo, quero compartilhar algo encorajador que aconteceu comigo após pregar sobre Eclesiastes 3.2, que nos diz que "há tempo de nascer e tempo de morrer". Alguns dias mais tarde, recebi um bilhete de um dos pais da nossa igreja. Ele me contou como havia

chamado seu filho de 7 anos para lhe dizer que sua avó estava muito doente e que provavelmente não se recuperaria. “É como o pastor Ryken disse”, seu filho respondeu: “Deus tem um tempo para tudo”. O menino aplicou a verdade sobre o tempo para entender a vida e a morte.

O Pregador faz algo semelhante no versículo 17: ele recorre a um princípio espiritual que ele ensinou antes no capítulo 2 e o aplica à questão da injustiça. Se existe uma estação para tudo e “tempo para todo propósito debaixo do céu” (Ec 3.1), então deve existir também um tempo para a justiça. Portanto, em vez de simplesmente se enfurecer e se entristecer com toda a opressão que vemos no mundo, podemos confiar que, no fim, Deus corrigirá tudo.

Isso não significa que nunca haverá um tempo para buscarmos a justiça. Dependendo do nosso lugar na sociedade – da autoridade espiritual ou civil que Deus nos deu – cabe a nós a responsabilidade de lutar contra a opressão. Como pais e mães, como pastores e presbíteros, como cidadãos e funcionários públicos, somos chamados para fazer o que é certo em casa, na igreja e na sociedade.

No entanto, infelizmente, até mesmo os nossos maiores esforços não conseguirão acabar com a opressão. Ainda haverá violência contra mulheres e crianças, policiais continuarão a ser assassinados no exercício de suas tarefas. Ainda haverá estruturas de corrupção no comércio e no governo. Potências estrangeiras continuarão abusando de seu próprio povo, desafiando a ordem mundial. Mas em todas as situações em que não temos o poder e a autoridade ou sabedoria para resolvê-las, Deus garante que a justiça será feita.

Nossa confiança não está no sistema judiciário, mas no Juiz Supremo, Jesus Cristo. Deus prometeu um dia em que seu Filho julgará os justos e ímpios (At 17.30-31). A hora para sua obra de retribuição divina é o Dia do Juízo, quando pronunciará sua sentença final para

toda a humanidade. “Não fará justiça o Juiz de toda a terra?” (Gn 18.25). Sim, os ímpios serão castigados para sempre (Mt 25.41-46), e os justos serão consolados pelo Espírito de Deus, que enxugará cada lágrima de seus olhos (Ap 21.4). Como o Pregador dirá no fim do seu livro: “Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más” (Ec 12.14).

Vivemos na esperança segura e na expectativa certa desse grande dia. Sempre que vemos injustiça – sobretudo atos de opressão que não podemos impedir – podemos orar por justiça, entregando tudo às mãos de Deus. Isso exige fé nas promessas de Deus e também a paciência para esperar pela sua hora. Como os mártires, que já foram para a glória, nós exclamamos: “Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas?” (Ap 6.9-10). Jesus prometeu que, quando seu povo clamar dia e noite, Deus “depressa, lhes fará justiça” (Lc 18.8). Se a justiça parece demorar, como acontece muitas vezes, devemos crer nas palavras dos profetas, que disseram: “se tardar, espera-o, porque, certamente, virá, não tardará” (Hc 2.3).

### *Do pó ao pó*

Mesmo assim, algumas pessoas podem se perguntam por que a justiça tarda. Por que Deus não julga as pessoas imediatamente? Por que ele espera até o juízo final? O Pregador tinha uma boa resposta para isso também: “Disse ainda comigo: é por causa dos filhos dos homens, para que Deus os prove, e eles vejam que são em si mesmos como os animais” (Ec 3.18).

Nossa existência atual é um campo de provação. É um teste, não simplesmente no sentido de algo que superamos ou falhamos, mas também no sentido de algo que revela nosso caráter verdadeiro.[5] Um dos propósitos da vida é examinar e, por fim, revelar o nosso lugar no universo e o nosso verdadeiro relacionamento com Deus. Esse teste não

é para o benefício de Deus, como se existisse algo que ele ainda não soubesse a nosso respeito, mas para o nosso bem, para que aprendamos a reconhecer a nossa mortalidade. Será que conseguiremos reconhecer quem realmente somos?

À primeira vista, a comparação de Kohelet com os animais pode não parecer bíblica, como algo que um evolucionista diria. A Bíblia não diz que somos apenas um pouco inferiores aos anjos e que todos os animais estão sob nosso domínio (veja o Sl 8)? Deus não nos fez à sua própria imagem (veja Gn 1.27), e isso não nos distingue de todas as outras criaturas no mundo?

Tudo isso é verdade, mas o que Eclesiastes diz também é verdade: homens são animais. Ao dizer isso, o Pregador está comentando não só a nossa biologia, mas também o nosso destino. Ele está fazendo uma comparação específica, como explica: "o que sucede aos filhos dos homens sucede aos animais; o mesmo lhes sucede: como morre um, assim morre o outro, todos têm o mesmo fôlego de vida, e nenhuma vantagem tem o homem sobre os animais; porque tudo é vaidade. Todos vão para o mesmo lugar; todos procedem do pó e ao pó tornarão" (Ec 3.19-20).

Essa é uma das declarações mais fortes da Bíblia sobre a inevitabilidade da morte. O que o Pregador quer dizer é que as pessoas morrem, assim como os animais. A despeito de todas as diferenças existentes entre nós, temos essa coisa em comum: sendo homens ou animais, todos nós teremos o mesmo destino, pelo menos no que diz respeito aos nossos corpos físicos.

A morte é o grande igualador. Lembramos disso toda vez que vemos um animal morto. Como residente de uma cidade, costumo ver muitos corpos quando caminho para a igreja – pombas e outras aves, esquilos... e, de vez em quando, até ratos. Quando vemos algo assim, nos

lembramos que também somos mortais, ou simplesmente desviamos o olhar?

Animais são criaturas vivas, assim como nós. Como nós, eles receberam o sopro da vida de seu Criador. Mas esta vida não durará para sempre. Virá o dia em que eles expirarão pela última vez, como nós. Com nosso último respiro, todos nós iremos para o mesmo lugar, caindo na terra e voltando ao pó (veja Jó 10.9; Sl 22.15). Ao usar essa linguagem, o Pregador nos lembra da maldição de Deus contra o pecado de Adão: somos pó, e para o pó retornaremos (Gn 3.19; cf. os Sl 90.3; 104.29). "Cinzas, cinzas, todos nós caímos". Nesse sentido, não somos melhores do que animais. Nas palavras do salmista: "Todavia, o homem não permanece em sua ostentação; é, antes, como os animais, que perecem" (Sl 49.12).

Qual é a nossa resposta à certeza da nossa mortalidade? A abordagem de uma ordem de monges trapistas merece ser imitada. Juntos eles escavam um túmulo. Todos os dias vão até o local do túmulo, olham para o buraco na terra e contemplam a sua própria mortalidade. Quando um deles morre, eles o deitam no túmulo e o cobrem com terra. Então, escavam outro túmulo e reiniciam todo o ritual, sem saber quem será o próximo a morrer.[6]

Nem todos respondem à morte de forma tão sóbria ou prática. Algumas pessoas tentam rir dela, como Woody Allen, que disse: "Não tenho medo de morrer; só não quero estar presente quando acontecer!". Outras pessoas *têm* medo, como Julian Barnes. Sem qualquer consolo para seus medos, eles sofrem terrores à noite e se desesperam em sua tentativa de encontrar um sentido na vida. O Pregador parece ter alcançado este ponto aqui: "tudo é vaidade", ele diz (Ec 3.19). Se todos morrem, a vida não tem sentido. O escritor inglês Somerset Maugham chegou à mesma conclusão:

> Se deixarmos de lado a existência de Deus e a sobrevivência após a vida como duvidosas demais... então precisamos tomar uma decisão em relação ao uso da vida. Se a morte põe um fim a tudo, se eu não puder esperar o bem nem temer o mal, eu preciso perguntar-me por que estou aqui, e como, sob estas condições, devo comportar-me. Agora a resposta é clara, mas tão intragável que a maioria não a encara. Não há sentido para a vida e [portanto] a vida não tem sentido.[7]

### *Existe vida após a morte?*

Sem sentido, nada tem sentido. Por um momento, parecia que o juízo final resolveria o problema da injustiça. Mas qualquer alívio que o Pregador possa ter sentido, ele foi apenas passageiro. A resposta ao seu problema se revelou como outro problema! Ao continuar a contemplar o atraso da justiça divina e ao refletir sobre as consequências de sua própria mortalidade, ele voltou para onde começou: vaidade de vaidades.

No entanto, Kohelet sabia que havia uma coisa que poderia fazer uma diferença à face da morte. Mesmo que seja verdade que nossos corpos voltarão ao pó, talvez nossas almas vivam para sempre. Se este for o caso, isso claramente distinguiria o homem do animal. Isso também daria ao Pregador alguma garantia de que os opressores serão levados à justiça. Tudo depende se existe uma vida após a morte ou não. Se não existir, não há saída do desespero; mas se existir, então tudo pode ainda acabar bem no final.

Por ora, o Pregador não tem tanta certeza da vida que está por vir. Na verdade, parece profundamente inseguro: "Quem sabe se o fôlego de vida dos filhos dos homens se dirige para cima e o dos animais para baixo, para a terra?" (Ec 3.21). Obviamente, o Pregador havia ouvido a sabedoria convencional, segundo a qual, quando os animais morrem, eles simplesmente morrem, mas quando uma pessoa morre, seu espírito sobe para o céu. Mesmo que alguns estudiosos ainda duvidem de que as pessoas no tempo do Antigo Testamento acreditavam na vida após a morte, este e muitos outros versículos deixam claro que elas

acreditavam. Contudo, Kohelet estava começando a ter suas dúvidas. Por isso, fez as perguntas agnósticas: Quem sabe? Podemos realmente ter certeza? Como podemos saber se, quando morremos, realmente vamos para o céu para viver com Deus?

Essas são as perguntas mais fundamentais que podemos fazer sobre nosso destino. Sabemos que um dia virá a hora da nossa morte. A pergunta é: voltaremos a viver? Se soubéssemos o que acontece quando morremos nos ajudaria a saber como viver. No entanto, o Pregador estava tendo dificuldades para encontrar certeza. Mesmo que alguns estudiosos vejam o versículo 21 como uma afirmação,[8] ele parece ser uma pergunta autêntica: quem sabe?

Ao relutar com essa incerteza, o primeiro impulso do Pregador era mergulhar no trabalho: "Pelo que vi não haver coisa melhor do que alegrar-se o homem nas suas obras, porque essa é a sua recompensa; quem o fará voltar para ver o que será depois dele?" (Ec 3.22). Se estivermos encarando um futuro incerto, talvez a melhor coisa a fazer neste momento é ser produtivo. Isso pode parecer um consolo fraco, mas o Pregador não está sendo apenas cínico. Mesmo que aquilo que diz sobre encontrar alegria no nosso trabalho soe um pouco vazio, sua declaração combina com o que diz em outros pontos sobre o prazer ordinário do dia a dia.

Sem a certeza da vida eterna, porém, a alegria que encontramos no nosso trabalho diário jamais nos dará uma satisfação duradoura. Vemos isso nos primeiros versículos do capítulo 4, nos quais o Pregador volta a cair rapidamente em desespero. Mais uma vez, ele testemunha a opressão ímpia dos homens maus (Ec 4.1). Isso o leva a invejar os mortos e aqueles que ainda não nasceram: "Pelo que tenho por mais felizes os que já morreram, mais do que os que ainda vivem; porém mais que uns e outros tenho por feliz aquele que ainda não nasceu e não viu as más obras que se fazem debaixo do sol" (Ec 4.2-3).

Essa comparação amarga é um eco das palavras de profetas fiéis como Elias e Jeremias, que, às vezes, se desesperaram com a vida (veja 1Rs 19.3-5;
Jr 20.14-18). Você alguma vez desejou nunca ter nascido ou que sua vida terminasse para que, finalmente, suas dificuldades chegassem ao fim? Se a pergunta é "ser ou não ser", então, talvez seja melhor não ser. "Tudo é um grande nada", diz um dos personagens no seriado de TV *Os Sopranos*. "No fim, você morre em seus próprios braços".

Em vista de todas as coisas deprimentes que acontecem neste mundo depravado, talvez teria sido melhor se nunca tivéssemos vivido. Se tivéssemos a certeza da nossa própria salvação e soubéssemos que a justiça seria feita, então as nossas vidas seriam cheias de alegria e esperança. Mas quando duvidamos, como o fez muitas vezes o Pregador, é tentador pensar que estaríamos melhor se estivéssemos mortos.

***Do pó à glória***

A essa altura em Eclesiastes, é evidente que o Rei-Pregador não tem todas as respostas. Apesar de todo progresso que conseguira fazer na compreensão do sentido da vida, ainda havia muitas coisas que não entendia. Mas, pelo menos, estava fazendo as perguntas certas. Talvez melhor do que qualquer pessoa na história, Kohelet identificou precisamente os problemas da existência humana. Se continuarmos a fazer as suas perguntas hoje, e se procurarmos as respostas que Deus nos deu no evangelho de seu Filho, o Espírito Santo nos levará à verdade da vida eterna. Um dos primeiros pais da igreja disse: "Eclesiastes, ao instruir-nos por meio de enigmas, nos guia para a outra vida".[9]

Uma maneira de encontrar essa outra vida é dar todas as respostas bíblicas às perguntas que o Pregador levanta nessa passagem. Ele

pergunta: “Quem sabe se o fôlego de vida dos filhos dos homens se dirige para cima e o dos animais para baixo, para a terra?” (Ec 3.21). Pergunta também: “Quem o fará voltar para ver o que será depois dele?” (Ec 3.22).

São perguntas maravilhosas. Se quiséssemos, poderíamos respondê-las com o Antigo Testamento. O mesmo salmo que fala sobre pessoas que “perecem como animais” continua para fazer a promessa: “... Deus remirá a minha alma do poder da morte, pois ele me tomará para si” (Sl 49.15). Na verdade, quando ele falou sobre homens e animais voltarem ao pó da morte, Kohelet pode ter suposto que seus leitores se lembrariam desse salmo, inclusive de sua promessa da vida após a morte. Ele certamente veio a acreditar na vida mais tarde, pois quando fala sobre a morte no fim de seu livro, ele diz: “o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu” (Ec 12.7).

A melhor resposta, porém, é aquela que Deus deu por meio da pessoa e da obra de seu Filho Jesus Cristo. Todos que quiserem saber o que acontece depois da morte devem perguntar a Jesus. Ele é capaz de levar-nos a ver o que será depois de nós, pois ele passou pela morte e alcançou o outro lado. Jesus foi morto numa cruz, mas ele não permaneceu morto. No terceiro dia, ele ressuscitou. Seu corpo e seu espírito subiram para a glória à direita de Deus. Agora, todos que crerem nele “obterão superior ressurreição” (Hb 11.35). Jesus foi para o céu para preparar um lugar para nós, para que possamos estar onde ele está (veja Jo 14.3). É por isso que podemos ter certeza de que iremos para o céu. É porque Jesus “não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho” (2Tm 1.10).

O correspondente da guerra civil norte-americana Samuel Wilkerson recorreu a essa grande promessa quando contemplou o massacre na batalha de Gettysburg. Na providência de Deus, o jornalista descobriu o corpo de seu próprio filho, que havia lutado pela União e que havia

morrido na batalha. Em seu luto, Wilkerson não se desesperou, mas reivindicou a promessa da ressurreição, segundo a qual aqueles que morrem em Cristo ressuscitarão. Aqui está o que ele escreveu para a *New York Times* ao lado do corpo de seu filho amado:

> Ah!, mortos que, em Gettysburg, batizaram com seu sangue o segundo nascimento da liberdade na América, como devem ser invejados! Levanto-me de um túmulo cuja terra beijei com paixão, e levanto meus olhos para ver Cristo atravessando esse campo de batalha com seus pés e estendendo seu braço fraternal e amoroso para o céu. Sua mão direita abre os portões do paraíso – com a sua esquerda ele convida aquelas formas mutiladas, sangrentas e inchadas para subir.[10]

Você já reivindicou essa promessa, pela morte e ressurreição de Jesus Cristo, segundo a qual, quando você cair no pó da morte, você ressuscitará em glória? Caso sua resposta seja sim, você tem o consolo da ressurreição em todas as suas tristezas. Pela graça de Deus, você pode regozijar no trabalho que Deus lhe deu enquanto espera pelo dia do julgamento. Você tem a fé e a esperança para perseverar diante da injustiça e opressão.

Antes, contei a história de "Lana", a jovem egípcia convertida que foi perseguida pela sua fé em Jesus Cristo. Quando Lana foi renegada por sua família, o que a impediu de se desesperar foi a sua fé no poder da ressurreição de Deus, na vida após a morte com Jesus. "Estou em perigo", ela testemunhou, "mas confio em Deus porque ele vive. Meu conforto é que o tempo que estou passando aqui na terra é curto, mas o tempo que passarei com ele será longo... Sabemos que virá um tempo em que não haverá mais tristeza nem sofrimento. Essa é a nossa esperança no Senhor Jesus".[11] Sim, essa é a nossa esperança no Senhor Jesus – que após todos os nossos problemas e sofrimentos o Senhor ressurreto nos ressuscitará para a glória.

[1] *Nothing to be Frightened Of* foi publicado pela editora Knopf em 2008. As citações aqui foram retiradas de KEILLOR, Garrison. "Dying of the Light." In: *The New York Times Book Review* (5 de outubro de 2008), p. 1, 10.

[2] MOORE, T. M. *Ecclesiastes: Ancient Wisdom When All Else Fails: A New Translation and Interpretive Paraphrase*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2001, p. 11.

[3] LUTHER, Martin. "Notes on Ecclesiastes." In: *Luther's Works*. Trad. e org. Jaroslav Pelikan, 56 vols. St. Louis: Concordia, 1972, vol. 15, p. 56.

[4] A história de Lana é narrada pelo repórter da CBN LANE, Gary. *The Voice of the Martyrs* (abril de 2008), p. 4-5.

[5] Veja KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*. The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 42.

[6] A prática desses monges é descrita por ROBINSON, Haddon. "The Grim Shepherd." In: *Christianity Today* (23 de outubro de 2000), p. 115.

[7] MAUGHAM, Somerset. *The Summing Up*. Citado em KELLER, Timothy. *The Reason for God: Belief in an Age of Skepticism*. Nova York: Dutton, 2008, p. 127.

[8] Para esse argumento, veja EATON, Michael A. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 87-89.

[9] OLIMPIODORO. "Commentary on Ecclesiastes [3:21]." In: *Proverbs, Ecclesiastes, Song of Solomon*. Org. J. Robert Wright. Ancient Christian Commentary on Scripture, OT 9. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2005, p. 233.

[10] WILKERSON, Samuel. Citado em STOUT, Harry S. *Upon the Altar of the Nation: A Moral History of the Civil War*. Nova York: Viking-Penguin, 2006, p. 240-241.

[11] *The Voice of the Martyrs*, p. 4-5.

10

# MELHOR É SEREM DOIS DO QUE UM

*Eclesiastes 4.4-16*



*Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. Porque se caírem, um levanta o companheiro; ai, porém, do que estiver só; pois, caindo, não haverá quem o levante* (Ec 4.9-10).

As pessoas adoram fazer comparações: "Este é melhor do que aquele". "O filme original foi melhor do que a sequência." "Aqueles são mais caros, mas valem o dinheiro porque são de qualidade superior." Esses são os tipos de comparação que as pessoas fazem todos os dias.

Quando mais jovem, um dos meus filhos gostava de comparar times de futebol. "Pai", ele dizia, "em sua opinião, qual é o melhor time de futebol universitário?". "E quanto aos profissionais?". "Quem é melhor – os *Bears* ou os *Eagles*?". Finalmente, exasperado, eu dizia: "Veja bem, basta por hoje. Não vou responder mais qualquer pergunta sobre qual time é melhor". Após uma longa pausa, meu filho tentava outra abordagem: "Pai, em sua opinião, qual é o *pior* time no futebol profissional?".

Os autores do Antigo Testamento gostavam de usar uma estratégia semelhante. A fim de mostrar o caminho para a sabedoria ou o caminho da obediência, eles comparavam uma coisa com a outra. Por exemplo, quando Samuel queria dizer que amar a Deus é mais importante do que simplesmente praticar todos os gestos religiosos, ele disse: "O obedecer é melhor do que o sacrificar" (1Sm 15.22). Ou, quando Salomão quis louvar a harmonia de um lar amoroso, ele disse:

“Melhor é um prato de hortaliças onde há amor do que o boi cevado e, com ele, o ódio” (Pv 15.17).

O Rei-Pregador que escreveu Eclesiastes usou a mesma estratégia. Em vista de todos os problemas que existem no mundo, ele era às vezes tentado a pensar que seria melhor não viver, foi o que ele disse no início do capítulo 4. Então, fez várias outras comparações que se baseavam naquilo que ele via acontecendo ao seu redor e que oferecem uma sabedoria prática para a vida diária neste mundo passageiro. Pela graça de Deus, é melhor vivermos com contentamento (Ec 4.4-6), liderar com um espírito receptivo ao ensino (Ec 4.13-16) e trabalhar em parceria com outras pessoas (Ec 4.7-12).

### *Viver com contentamento*

A primeira comparação tratava do contentamento, e tudo começou com uma observação sobre o mundo do trabalho: “Então, vi que todo trabalho e toda destreza em obras provêm da inveja do homem contra o seu próximo. Também isto é vaidade e correr atrás do vento” (Ec 4.4).

Kohelet já nos disse que o trabalho é uma dádiva de Deus (p. ex., Ec 2.24). Mas assim como todas as bênçãos de Deus, o trabalho pode ser distorcido pelo pecado. Aqui, o Pregador ressalta que grande parte do nosso trabalho é motivada pela inveja, pelo desejo pecaminoso de subir na vida passando por cima das outras pessoas. Às vezes, os economistas identificam a ambição competitiva do interesse próprio como motor que impulsiona a economia capitalista. Mas Eclesiastes reconhece uma motivação mais profunda no trabalho, uma motivação que parte do coração egoísta.

A inveja não é a única razão pela qual as pessoas trabalham, é claro, e se lêssemos esse versículo de forma isolada ele soaria exagerado. Certamente existem algumas exceções que comprovam a regra. Mas mesmo assim o Pregador expressa uma verdade – uma das razões pelas quais trabalhamos tanto é para conseguir o que o vizinho tem. É por

isso que algumas pessoas enganam o governo na declaração do imposto de renda, ou passam a perna em clientes, ou acumulam dívidas com o seu cartão de crédito. É porque invejamos o que as outras pessoas têm, e fazemos de tudo para conseguir o mesmo.

Há muitas coisas que somos tentados a invejar – a aparência de alguém, por exemplo, ou suas habilidades ou condições de vida. Outra pessoa tem o emprego ou as notas ou a namorada que sempre quisemos ter. Mas de todas as coisas que somos tentados a invejar, normalmente, os bens do nosso vizinho estão perto do topo da lista. Basta ler os Dez Mandamentos: a maioria das coisas que não devemos cobiçar são coisas que o dinheiro pode comprar. Trabalhamos muito para ganhar mais dinheiro para comprar mais coisas, ou usamos o cartão de crédito para nos entreter com aquilo que um economista chamou de "terapia de varejo".[1] Se conseguirmos tudo que cobiçamos, outra pessoa nos invejará, e o ciclo continua. O mundo está cheio de vizinhos tentando superar seus vizinhos.

Em 2008, voei para a Filadélfia no dia de viagem entre o segundo e o terceiro jogo da *World Series*. O homem sentado ao meu lado havia garantido isso. A cada ano, sua empresa o leva para o *Fall Classic* – assentos maravilhosos para dois jogos e três noites num hotel excelente, com vales para restaurantes e uma limusine com motorista. Ele mencionou também que tem entradas para seis jogos num dos lugares mais cobiçados do Texas Stadium. Sentado ao lado dele, revisando o manuscrito de um sermão, mas também antecipando os dois jogos entre os Phillies e os Rays, senti uma onda repentina de inveja. Mas então ouvi Kohelet sussurrando em meu ouvido, lembrando-me que desejar aquilo que Deus havia dado a outra pessoa em vez de querer aquilo que ele tinha para mim é vaidade, correr atrás do vento.

E o Pregador observou ainda outra coisa. O oposto do homem que trabalha demais é o homem que se recusa a trabalhar de modo nenhum:

“O tolo cruza os braços e come a própria carne” (Ec 4.5).

Em vez de participar dessa corrida de ratos, algumas pessoas caem fora. Elas sabem que não conseguem acompanhar seus vizinhos, por isso, nem tentam. Tudo o que fazem é cruzar seus braços preguiçosos. Mas isso é profundamente autodestrutivo. Segundo a descrição do Pregador, o tolo come o que tem até não sobrar mais nada:

> Ele é a imagem da complacência e da autodestruição inconsciente, pois esse comentário sobre ele aponta para um dano mais profundo do que o desperdício de seu capital. Sua preguiça consome não só o que ele tem, mas também o que ele é: minando seu autocontrole, seu senso de realidade, sua capacidade de cuidar de si mesmo e, no fim, seu respeito próprio.[2]

Esses versículos descrevem dois erros iguais e opostos: “Assim como o trabalho pode consumir tudo, a preguiça pode levar ao canibalismo próprio”.[3] Quais desses erros é mais tentador para você? Talvez você se sinta tentado a invejar o que os outros têm e então a desgastar-se tentando obtê-lo. Ou talvez você acredite estar acima de tudo isso, no entanto, tem uma atitude tão negativa em relação ao trabalho que, às vezes, você foge dele completamente. Para ambos os casos, Kohelet tem um bom conselho: “Melhor é um punhado de descanso do que ambas as mãos cheias de trabalho e correr atrás do vento” (Ec 4.6).

Essa linda comparação se apoia em um contraste duplo: “descanso” é contrastado com “trabalho e correr”. Um bom sinônimo seria “contentamento”. A pessoa descansada é pacífica e controlada. Em vez de sempre correr atrás de mais, ele ou ela já está satisfeito. O contraste é reforçado pela diferença entre ter um punhado e ter “ambas as mãos cheias”. A pessoa com ambas as mãos cheias é um consumidor ávido, sempre tentando agarrar o máximo que pode e sempre estendendo a mão para obter mais. Porém, às vezes, menos é mais, e a pessoa descansada encontrou o equilíbrio certo. Seus braços não estão cruzados, como os do tolo. Ela trabalha o bastante para ter um

punhado decente daquilo que precisa para viver. Mas isso lhe basta. Ela não fica pedindo sempre mais, antes aceita o que Deus lhe deu.

Você aprendeu a se contentar? A pessoa descansada é como Jesus, que sempre nos mostra a melhor maneira de viver. Jesus não cruzou os braços em ociosidade. Tampouco invejou as pessoas que tinham mais do que ele, ou seja, quase todas. Ele simplesmente trabalhou muito para o chamado que seu Pai lhe dera – o chamado para procurar e salvar os pecadores perdidos. Enquanto trabalhava, confiava que seu Pai satisfaria as suas necessidades diárias: contentou-se com as coisas básicas da vida.

Agora Jesus nos convida a viver da mesma forma – a melhor forma que encontramos em Eclesiastes. Trabalhe muito, mas se contente com aquilo que tem. Encontre a sua satisfação na bondade de Deus, como a moça que citou o salmo 23 de forma errada, mas mesmo assim falou bem. Em vez de dizer: "O SENHOR é meu pastor; nada me faltará", ela disse: "O SENHOR é meu pastor: isso é tudo que me faltava".[4] Muitos de nós querem tantas coisas na vida que se torna difícil dizer isso, mas independentemente se Jesus é tudo que queremos ou não, a verdade é que ele é tudo o que precisamos.

### *Liderar com um espírito aberto ao ensino*

O Pregador faz outra comparação útil no final do capítulo 4, que devemos contemplar rapidamente antes de voltar ao centro da passagem. A mensagem dessa comparação final é que é melhor liderar com um espírito aberto ao ensino do que ser orgulhoso demais para permitir que alguém nos ensine qualquer coisa.

Dessa vez, o Pregador começa com a comparação, então conta uma história da vida para ilustrá-la. A comparação é a seguinte: "Melhor é o jovem pobre e sábio do que o rei velho e insensato, que já não se deixa admoestar" (Ec 4.13). Então, ele conta o resto da história: "ainda que

aquele saia do cárcere para reinar ou nasça pobre no reino deste. Vi todos os viventes que andam debaixo do sol com o jovem sucessor, que ficará em lugar do rei. Era sem conta todo o povo que ele dominava; tampouco os que virão depois se hão de regozijar nele. Na verdade, que também isto é vaidade e correr atrás do vento" (Ec 4.14-16).

Essa história de "da sarjeta ao palácio" trata de um homem que subiu da obscuridade para a realeza. Se Salomão a escreveu, como acreditam muitos, então, obviamente, ele não podia estar se referindo a si mesmo, já que o grande rei havia sido criado num palácio real. Parece mais com a história de Davi, que serviu como pastor antes de reivindicar sua coroa. No entanto, a menção de uma prisão lembra a vida de José. É, portanto, possível que a história tenha uma origem completamente diferente.

É um pouco difícil seguir as transições da história, mas aparentemente o que aconteceu foi isto: de modo inesperado, um homem jovem chega ao poder, assumindo o lugar do rei que reinou antes dele. Apesar de ter nascido em pobreza, ele alcançou o ofício mais alto do país. Alguns estudiosos acreditam que o versículo 14 se refere à juventude do velho rei, porém é mais provável que ele se refira ao homem mais jovem e melhor que assumiu o seu lugar. Esse novo rei reinava sobre um império vasto; parecia não haver um fim para as pessoas que o seguiam. Todavia, nem mesmo o novo rei podia reinar para sempre. Literalmente, o versículo 15 se refere a um segundo jovem, o qual alguns estudiosos consideram ser o eventual sucessor do novo rei. Não importa se essa seja a maneira certa de ler o versículo ou não, o versículo 16 deixa claro que, um dia, esse rei, como qualquer outro rei, será esquecido.

Parte da lição aqui é que a fama é passageira. Não importa quão popular um governante seja, virá o dia em que outra pessoa assumirá o seu lugar e em que toda a sua glória se dissipará. No fim, todos acabam

sendo dispensáveis. O velho rei já pode ter passado de seu auge, mas o jovem ascendente também não viverá para sempre. Segundo Derek Kidner, o novo rei "alcançou o cume da glória humana, apenas para ficar encalhado ali. É mais um anticlímax humano e uma conquista vazia".[5] Assim, somos lembrados de que não devemos apostar demais em posições terrenas – nem nossas, nem de terceiros.

Mas há outra lição aqui que não devemos ignorar. De todos os contrastes entre os dois reis – juventude *versus* idade, pobreza *versus* riqueza, sabedoria *versus* tolice – o mais importante é a sua atitude em relação a conselhos. O velho rei "já não se deixa admoestar" (Ec 4.13). No passado, ele havia ouvido seus conselheiros, mas agora ele aconselhava a si mesmo, e por isso deixou de ter utilidade para o seu povo. Essa tragédia tem se repetido muitas vezes na história das nações (e, infelizmente, também no ministério da igreja), quando homens velhos se agarram a posições de poder, recusando-se a abrir mão.

Essa história serve como advertência aos cristãos mais velhos. Costumamos pensar que cabelos grisalhos trazem sabedoria, e muitas vezes isso é verdade. Mas não importa se sejam jovens ou velhos, os cristãos mais sábios são aqueles que aceitam conselhos e, se necessário, correção. Ao mesmo tempo, esse versículo é um encorajamento para os cristãos mais jovens. Até mesmo uma pessoa jovem e pobre pode fazer um trabalho valioso para o reino de Deus. A forma de fazer esse tipo de trabalho não é mandando em outras pessoas ou tentando conquistar uma posição mais importante. A maneira de fazer isso é ter a sabedoria de dizer: "Ainda tenho muito a aprender sobre a vida e o ministério, e na hora certa, Deus me mostrará o lugar certo para servir".

A melhor maneira de adquirir essa sabedoria é voltando-se para Jesus Cristo, o único Rei cuja fama durará para sempre. A vida do reformador João Calvino ilustra bem esse princípio. Quando descreveu a sua conversão à fé em Cristo, Calvino disse que Deus subjugou sua

mente e a levou para um "estado aberto ao ensino".[6] A expressão "aberto ao ensino" ocorre com bastante regularidade em suas famosas *Institutas da Religião Cristã*.[7] Um cristão é simplesmente um seguidor de Cristo aberto ao ensino.

O final de Eclesiastes 4 é, no fundo, a história de Jesus e de seu espírito humilde aberto ao ensino. A Bíblia diz que, quando ele era um garoto que vivia na casa de José e Maria, "ele crescia em sabedoria" (Lc 2.52). Ele estava disposto a ouvir seus pais. Ele certamente ouviu o seu Pai Celestial, pois seguiu o conselho de seu Pai até a cruz, onde morreu por nossos pecados. Então, quando chegou a hora, o Pai ressuscitou Jesus para ser nosso Rei. Assim, o homem nascido em pobreza e obscuridade foi exaltado ao trono da glória eterna.

Agora, não há um limite para todas as pessoas que Jesus lidera – pessoas ao longo de toda a História, de todas as partes do mundo. Se formos sábios, seguiremos o seu exemplo e viveremos pela sua graça. Pediremos que Deus nos dê um coração aberto ao ensino, sem o qual jamais estaremos prontos para liderar ou ser úteis para o reino de Deus.

### *Trabalhar em parceria*

Para fazer um bom trabalho do reino, precisamos de algo além de consentimento e um espírito aberto ao aprendizado. Para descobrir o que é, precisamos voltar para o centro do capítulo, no qual encontramos mais uma comparação, uma que tem a ver com parceria.

Mais uma vez, o Rei-Pregador faz uma observação cuidadosa sobre como as pessoas vivem: "Então, considerei outra vaidade debaixo do sol, isto é, um homem sem ninguém, não tem filho nem irmã; contudo, não cessa de trabalhar, e seus olhos não se fartam de riquezas; e não diz: Para quem trabalho eu, se nego à minha alma os bens da vida? Também isto é vaidade e enfadonho trabalho" (Ec 4.7-8).

Aqui, o Pregador nos conta a triste história sobre um indivíduo solitário. O nome do homem não é mencionado, mas ele vive e trabalha sozinho. Não sabemos se ele tem esposa, pois ela não é mencionada, portanto, pode se tratar da biografia de um homem solteiro. Mas mesmo se ele tiver uma pessoa, ele não tem herdeiro – um filho ou irmão que pudesse herdar as suas riquezas. Assim, trabalha apenas para si mesmo, não para ser bênção ou para o benefício de outra pessoa.

Ao observar a vida desse homem, o Pregador viu que era vaidade do início ao fim. O trabalho do homem parecia não ter fim. Dia após dia, ele trabalhava, do nascer do sol ao pôr do sol. Qual era a sua jornada de trabalho semanal? Sessenta horas? Setenta horas? Mas o homem avarento nunca estava satisfeito; queria sempre mais. Derek Kidner o chama de "acumulador de dinheiro compulsivo".[8] Mas para quê? Não importa quanto ganhasse, o homem não tinha ninguém com quem pudesse compartilhar a sua riqueza. Ele trabalhava demais para ter tempo para fazer amizades ou começar uma família.

Aparentemente, o homem nem parou para se perguntar o que estava fazendo com a sua vida. Ou, caso tenha se perguntado, ele não conseguiu encontrar uma resposta. Aqui estava ele, fazendo sacrifícios dispendiosos para avançar em sua carreira e encher a sua conta bancária, mas jamais se perguntando se tudo aquilo valia a pena. O Pregador viu que *não* valia a pena; os sacrifícios do homem não tinham valor algum. Seus bens jamais conseguiriam satisfazer a sua alma, e sem alguém para compartilhá-los, sua vida terminaria em infelicidade.

O que o Pregador viu serve como advertência para todos nós contra o isolamento, o egoísmo, a cobiça e o vício pecaminoso do trabalho. No entanto, a maioria dos norte-americanos continua acreditando que conseguimos chegar lá por conta própria – chamamos isso de individualismo rude. Reflita sobre as palavras de Carloyn Burnham, no filme *Beleza americana*, que tenta ensinar à filha Jane como lidar com

as decepções da vida: “Você já tem idade para aprender a lição mais importante da vida. Você não pode contar com ninguém além de si mesma... É triste, mas é verdade, e quanto antes você aprender isso, melhor”.[9]

Viver e trabalhar para si mesmo é uma das maneiras mais rápidas para transformar o sonho americano em um pesadelo. Eclesiastes nos ensinou que o trabalho pode ser um prazer, mas não se o exercermos para os nossos próprios propósitos egoístas. A fim de encontrar prazer no trabalho, precisamos fazer a pergunta do versículo 8 e encontrar a resposta certa: “Para quem trabalho eu?”. Não para mim mesmo, responde o cristão, mas para a glória de Deus e para o bem de outras pessoas, incluindo as pessoas que amo na família de Deus.

Caso contrário, teremos o mesmo destino do empreendedor que Ellen Goodman descreveu em sua coluna provocante para a *Minneapolis Tribune*. Goodman contou a história trágica de um homem que trabalhou tanto quanto o homem em Eclesiastes 4. Quando morreu, aos 51 anos de idade, seu obituário dizia que a causa de morte era uma trombose coronária, mas a maioria das pessoas conhecia a causa verdadeira. Ele passava seis dias da semana no escritório, muitas vezes até às 8 ou 9 da noite, e seus amigos e parentes disseram que ele simplesmente havia se matado trabalhando. No entanto, no dia de seu funeral, quando a empresa já estava procurando um sucessor, o presidente olhou para os funcionários no escritório e perguntou: “Bem, quem tem trabalhado mais?”. Mas a pior observação veio da esposa do falecido. Quando um amigo disse: “Sei quanto você sentirá falta dele”, ela respondeu: “Ah!, eu já sentia falta dele há muito tempo!”.[10]

Existe uma maneira melhor de viver e trabalhar, e a Bíblia nos diz como, quando afirma: “Melhor é serem dois do que um” (Ec 4.9). Segundo essa simples comparação, é melhor compartilhar a nossa vida e o nosso trabalho do que tentar fazer tudo por conta própria. Aqui o

Pregador não está falando simplesmente sobre o casamento, mesmo que cada casamento centrado em Deus seja prova viva desse princípio. Mas o Pregador está falando também sobre todos os nossos relacionamentos. Nunca fomos criados para sermos sós, mas para sempre vivermos em comunhão com outras pessoas. O "sistema de coleguinhas" não serve apenas para excursões escolares e banhos no mar; é o plano de Deus para a nossa vida e o nosso serviço. Tem sido assim desde o início, quando Deus criou Adão e disse: "Não é bom que o homem esteja só" (Gn 2.18). Companhia é melhor do que solidão. Conexão é melhor do que competição.

O Pregador nos apresenta uma série de razões pelas quais uma parceria é melhor do que isolamento pessoal. É melhor serem dois do que um, porque são mais produtivos em seu trabalho – "porque têm melhor paga do seu trabalho" (Ec 4.9). O homem no versículo 8 não tinha ninguém para quem ou com quem trabalhar. Mas quando duas pessoas trabalham bem juntas, elas realizam mais do que o dobro daquilo que cada um conseguiria realizar sozinho. Tenho visto isso repetidas vezes na igreja, quando pastores ou presbíteros desafiaram as minhas ideias e aprimoraram as minhas ideias para o ministério. Tenho visto isso na minha atividade de escritor e no mundo editorial, principalmente quando trabalhei em livros com meu pai. Tenho visto isso na cozinha, onde Lisa e eu lavamos a louça juntos. Não importa se estamos na igreja, no trabalho ou em casa, nosso trabalho é mais gratificante quando o compartilhamos com outra pessoa.

Também é melhor serem dois do que um, porque eles podem ajudar um ao outro em tempos de crise. Diz o Pregador: "Porque se caírem, um levanta o companheiro; ai, porém, do que estiver só; pois, caindo, não haverá quem o levante" (Ec 4.10). Essa advertência lembra o famoso comercial de TV em que uma mulher idosa sofre um acidente em casa e diz: "Caí e não consigo levantar!". Às vezes, isso acontece na

vida, não só literalmente, mas também metaforicamente. As provações e dificuldades da vida nos derrubam. Às vezes, alguém nos empurra, e às vezes, tropeçamos sobre os nossos próprios pés, mas em ambos os casos acabamos no chão. Tentamos algo e fracassamos. Relacionamentos se rompem. Dificuldades financeiras nos deixam desesperados. Contra nosso juízo melhor, caímos em pecado grave.

Se estivermos sozinhos, podemos cair e ficar caídos. Mas não estamos sozinhos. Um irmão ou uma irmã em Cristo estará lá para nos levantar com palavras de encorajamento, lembrando-nos do amor e da misericórdia de Deus, ajudando-nos a levantar.

É melhor serem dois do que um também porque um pode aquentar o outro. "Também", diz o Pregador, "se dois dormirem juntos, eles se aquentarão; mas um só como se aquentará" (Ec ٤.١١). Em um primeiro momento, podemos achar que ele esteja falando sobre a cama conjugal, mas as implicações de suas palavras são muito mais amplas. O que o Pregador tem em mente é uma pessoa que atravessa o deserto. O deserto é frio à noite, e se um peregrino estiver caminhando sozinho, ele morrerá de frio. Mas não se ele tiver um companheiro! Os dois podem dormir com as costas encostadas uma na outra e assim esquentar-se durante a noite toda. E às vezes, é claro, o companheiro de viagem pode ser também um amante, que dá o melhor calor de todos:

> *A neve está caindo, e o vento está soprando*
> *Mas eu resisto à tempestade!*
> *O que me importa a força da tempestade?*
> *Tenho meu amor para me esquentar.*[11]

Isso não é apenas uma boa dica para uma viagem, mas também sabedoria para a alma. Há um calor espiritual ao atravessar a vida com outros crentes. É fácil esfriar na vida cristã, tornar-se entorpecido para o trabalho de Deus e congelar até a morte espiritual. Mas quando esfriamos, o calor de outro cristão pode nos aquentar. A oração de um

presbítero ou diácono, o versículo das Escrituras compartilhado por um amigo, uma exortação que dirige o nosso coração para Deus – estas são algumas das centelhas que Deus usa para manter o fogo aceso.

O frio não é o único perigo que ameaça os viajantes na estrada. Isso se aplicava especialmente aos dias do rei Salomão, quando sempre existia o perigo de ser assaltado por bandidos. Essa é outra razão pela qual dois são melhores do que um: eles podem proteger um ao outro. Pois "Se alguém quiser prevalecer contra um, os dois lhe resistirão" (Ec 4.12).

Números oferecem segurança. Derrotar dois exige o esforço dobrado do que derrotar um. Portanto, às vezes, tudo que precisamos para nos proteger é de uma pessoa que "proteja a nossa retaguarda", um camarada de luta.

O filme *Batman Begins,* de 2005, oferece uma ilustração simples. O comissário de polícia Gordon se pergunta como conseguirá levar um criminoso perigoso à justiça. O comissário é apenas um homem, afinal de contas. Como ele resistirá a todas as forças da escuridão na cidade? Mas então Batman se apresenta e diz: "Agora somos dois!".

Mesmo se não pegarmos a estrada ou vivermos em Gotham City, enfrentamos perigos espirituais todos os dias. O mundo está cheio de tentações – o desejo dos olhos, o prazer da carne e o orgulho da vida (1Jo 2.16). Satanás está sempre à espreita como um leão para nos devorar (1Pe 5.8). Para enfrentar perigos espirituais, dois são melhores do que um. Se vivermos próximos de outros cristãos, sempre há alguém para estar ao nosso lado na luta e para nos proteger com a oração.

### *O melhor amigo de todos*

Realmente é melhor serem dois do que um – é melhor para o trabalho e para o frio, é melhor em tempos de sofrimento e guerra. Mas para ter essa vantagem precisamos viver em comunhão íntima com o povo de Deus. Quem são os seus parceiros no ministério? Seus

relacionamentos são fortes o bastante para ajudá-lo a crescer em Cristo? Se você é casado(a), você passa tempo suficiente com seu cônjuge em oração? Se você convive com outros cristãos, vocês conversam sobre assuntos espirituais? Você participa de um grupo de estudos bíblicos? Existe alguém a quem você presta contas sobre as suas áreas mais vulneráveis de tentação? Existe alguém no mundo que o conhece o bastante para proteger a sua retaguarda por meio de orações?

Os filhos de Deus não foram criados para viver sozinhos, mas sempre com a ajuda e o apoio de seus irmãos e de suas irmãs em Cristo. Cada ministério da igreja – desde o trabalho na creche até a fundação de novas igrejas – depende de parcerias que funcionem. Mais cedo ou mais tarde todos nós precisamos de alguém para reanimar-nos para o evangelho, ou para nos levantar quando caímos, ou para nos ajudar a combater perigos espirituais. Não espere até estar em dificuldades para procurar um amigo; pode ser tarde demais. Em vez de supor que você consegue dar conta de seu ministério ou de sua santificação sozinho, abra seus braços para a parceria espiritual. E quando tiver a oportunidade, seja o amigo que outra pessoa precise.

E lembre-se também de que, quando se trata de amizades espirituais, o melhor parceiro de todos é Jesus Cristo, o "amigo dos (...) pecadores" (Mt 11.19; Lc 7.34). Um dos pontos altos dessa passagem em Eclesiastes é quando o Pregador faz a aritmética do evangelho para transformar dois em três. Desde o início, sua argumentação tem sido que dois são melhores do que um. Mas no fim do versículo 12 ele transforma o duo dinâmico numa trindade poderosa, dizendo que "o cordão de três dobras não se rebenta com facilidade".

Ao acrescentar uma terceira dobra ao cordão, o Pregador transmite a simples mensagem de que para tudo, desde o trabalho até a guerra, três pessoas são ainda melhores do que duas. Essa é a lei dos números maiores. Se o Pregador estivesse falando apenas sobre o casamento, a

terceira dobra seria um intruso (a não ser, talvez, que ele estivesse falando da bênção de filhos). Mas fora o casamento, na maioria das situações perigosas e difíceis que enfrentamos na vida, três pessoas são mais fortes do que duas.

Isso se aplica ainda mais se a terceira pessoa é o próprio Deus. Não estou dizendo que Kohelet tenha pensado necessariamente em Deus aqui ou que esta seja uma das muitas passagens em que o Antigo Testamento nos oferece uma profecia explícita sobre Jesus Cristo. Mas estou dizendo que entre todos os amigos que nos dão força para a vida, Jesus é o melhor amigo de todos.

Jesus disse que não somos simplesmente seus servos, mas verdadeiramente seus amigos. Encontramos a maior recompensa quando trabalhamos em parceria com ele, confiando em sua graça para nos ajudar com cada tarefa difícil e pedindo a sua bênção para tudo o que fazemos, a despeito das nossas fraquezas, e usando-o para a sua glória. Quando nossos corações estão frios, Jesus nos abraça com seus braços de amor para nos aquecer. Quando caímos, ele nos levanta, lembrando-nos de que nossos pecados realmente foram perdoados e que, pelo poder do Espírito Santo, ele pode nos ajudar a ficar em pé. Quando nos encontramos em perigo desesperador, lutando contra os poderes do inferno, Jesus nos defende e nos resgata – não só por meio de sua morte, mas também por meio do poder da vida eterna.

Jesus é o amigo do qual mais precisamos. Você já se tornou seu amigo, depositando a sua confiança nele? Realmente é melhor serem mais de um quando um dos dois é o melhor de todos.

[1] WYSS, David. Citado em LAMER, Timothy. "Striving After Wind." In: *World* (13 de agosto de 2005), p. 41.

[2] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*. The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 46.

[3] BROWN, William P. *Ecclesiastes*. Louisville: John Knox, 2000, p. 50.

[4] ANÔNIMO. Citado em *The New Encyclopedia of Christian Quotations*. Org. Mark Water. Grand Rapids, MI: Baker, 2000, p. 224.

[5] KIDNER. *The Message of Ecclesiastes*, p. 52.

[6] CALVIN, Jonh. *Commentary on the Book of Psalms*, vol. 1. Trad. Rev. James Anderson. Grand Rapids, MI: Baker, 1999, p. xl.

[7] CALVIN, Jonh. *Institutes of the Christian Religion*. Org. John T. McNeill. Trad. Ford Lewis Battles, 2 vols. Library of Christian Classics, 20-21. Filadélfia: Westminster, 1960, vol. 1, p. xviii.4.

[8] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*, p. 46.

[9] JOHNSTON, Robert K, cita essa cena em seu livro *Useless Beauty: Ecclesiastes through the Lens of Contemporary Film*. Grand Rapids, MI: Baker, 2004, p. 60.

[10] LIMBURG, James republicou a coluna de Goodman em *Encountering Ecclesiastes: A Book for Our Time*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2006, p. 61-63.

[11] BERLIN, Irving. "I've Got My Love to Keep Me Warm" (1937).

11

# NO ESPÍRITO E NA VERDADE

*Eclesiastes 5.1-7*



*Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus; porque Deus está nos céus, e tu, na terra; portanto, sejam poucas as tuas palavras* (Ec 5.2).

O curta *James 3* retrata uma família, composta por quatro pessoas, se preparando para ir à igreja numa manhã de domingo. Apesar de o espectador não conseguir ouvir o que os membros da família estão dizendo, não é difícil ler seus lábios ou, pelo menos, suas posturas. Eles acordam cansados e mal-humorados. O pai tropeça sobre a roupa suja e a chuta para longe. A filha mais velha discute com sua mãe sobre o que ela vestirá (ou não vestirá) para ir à igreja. A filha mais nova derrama seu leite e seus cereais. Palavras irritadas são ditas, especialmente quando o pai pisa no freio enquanto a mãe está tentando se maquiar no carro.

Enquanto se preparam para a igreja, nenhum membro da família sorri ou diz uma palavra amigável... até entrar na igreja, que é o momento de apresentar um rosto feliz. A mãe e o pai sorriem ao ver as primeiras pessoas. Alegres, tomam seus lugares no santuário. Quando se levantam para cantar, seus olhos estão fechados em reverente adoração. Quando o filme termina, ouvimos o que eles cantam: "Louvado seja Deus do qual fluem todas as bênçãos".

Qual é a realidade? Qual a ficção? E quem é você realmente? É a pessoa que trata mal as pessoas em casa ou a pessoa que trata as

pessoas na casa de Deus de forma amigável? Quando você adora, está realmente adorando ou apenas fingindo?

***Preste atenção!***

Eclesiastes 5 abre com uma exortação: é preciso ter verdade e reverência na adoração a Deus. Kohelet, o Rei-Pregador, começou seu livro falando sobre a falta de sentido em nossa existência. "Vaidade de vaidades", disse. "Tudo é vaidade." A princípio, parecia estar apenas se queixando dos problemas do mundo. Mas quanto mais escrevia, mais conselhos ele tinha a dar para o modo como deveríamos viver – conselhos sábios e práticos sobre temas cotidianos como trabalho, morte, tempo e bens.

No capítulo 5, ele se dirige diretamente a nós, dizendo-nos o que devemos fazer. Agora, ele fala realmente como um pregador. Essa é a seção da sua mensagem em que ele oferece uma aplicação prática para ensinar ao povo a maneira certa de viver. As admoestações e os imperativos do Pregador se dirigem tanto a nós quanto às pessoas que vivem em sua época. Segundo Derek Kidner, são para "a pessoa bem-intencionada que gosta de cantar e que chega alegre na igreja; mas que ouve apenas com um ouvido e que nunca chega a fazer o que se ofereceu a fazer para Deus".[1]

Em outras palavras, o Pregador está falando de praticamente todos que vão à igreja. Suas palavras não se dirigem às pessoas que nunca vão à igreja. Pelo contrário, apesar de todas as frustrações com a vida, ele não só acreditava em Deus, mas se dedicava completamente à adoração. Assim, suas exortações são para pessoas que realmente *vão* à igreja, mas que às vezes têm dificuldade de prestar atenção, cujos pensamentos vagueiam quando oram e que são cheias de boas intenções em relação a servir a Deus, mas que têm dificuldades de realizá-las. Trata-se de pessoas que sabem que precisam se envolver na

evangelização, mas que normalmente encontram alguma desculpa para não participar do ministério neste momento. Iniciaram um programa sério de estudo bíblico pessoal já uma dezena de vezes, mas nunca o concluíram. Tentam prestar atenção na igreja, mas normalmente passam metade do tempo pensando na semana seguinte.

Às pessoas desse tipo – pessoas como nós – Eclesiastes diz: "Guarda o pé, quando entrares na Casa de Deus; chegar-se para ouvir é melhor do que oferecer sacrifícios de tolos, pois não sabem que fazem mal" (Ec 5.1; cf. 1Sm 15.22). Essa é a primeira exortação de Kohelet, que diz respeito a como abordamos a adoração de Deus. Ele está dizendo que devemos prestar atenção à Palavra de Deus.

O contexto é o de um adorador que entra na casa de Deus, no sagrado santuário. Nos dias de Salomão, "a casa de Deus" teria sido o templo em Jerusalém, mas o que ele diz se aplica a todo lugar sagrado separado para a adoração de Deus. O Pregador nos diz que devemos guardar os nossos passos quando formos para o culto. Existe uma maneira certa e outra errada para entrar nos espaços de ação de graças e pelos portões do louvor.

A maneira certa de se aproximar de Deus em adoração é vir com os ouvidos bem abertos. O Pregador supõe que, quando as pessoas vão para a casa de Deus, haverá algo que elas precisam ouvir. Esse "algo" é a Palavra do Deus vivo. A casa de Deus é um lugar para a leitura e a pregação da Palavra de Deus. Portanto, as primeiras perguntas que precisamos fazer a nós mesmos quando nos preparamos para o culto são: Estou preparado para ouvir a voz de Deus? O meu coração está aberto para a instrução espiritual? Meus ouvidos estão atentos à mensagem que ouvirei da Bíblia?

Na *Tenth Presbyterian Church,* em Filadélfia, a adoração começa, ainda antes do prelúdio musical, com um ou dois versículos das Escrituras – algo relacionado ao tema principal do culto que segue.

Ainda antes do chamado formal para a adoração, Deus fala conosco para que comecemos a ouvir a voz do nosso Salvador. Se formos sábios, ouviremos, pois, diz a Escritura: "a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo" (Rm 10.17; cf. At 10.33).

O problema, é claro, é que para nós é difícil ouvir. Tantas outras vozes exigem a nossa atenção. Mesmo quando entramos num espaço quieto para a adoração, o barulho da cultura continua a ressoar em nossos ouvidos. É fácil deixar nossos pensamentos vagarem, mas é difícil ouvir a voz de Deus. Como galinhas sem cabeça, executamos todos os gestos de adoração sem jamais envolver as nossas mentes.

É melhor ouvir, diz o Pregador, fazendo mais uma de suas famosas comparações. Não é apenas um pouco melhor ouvir a Palavra de Deus, mas totalmente melhor. O Pregador usa uma linguagem dura para condenar as pessoas que não prestam atenção. Em vez de oferecer a Deus um sacrifício de louvor, elas lhe oferecem o "sacrifício de tolos". Se ouvirem de qualquer modo a mensagem de Deus, elas não a recebem por meio da fé e, assim, não são salvas (veja Hb 4.2). Quaisquer sacrifícios que ofereçam são insinceros. Esse tipo de hipocrisia não é só tolo, é também mau. Lembre-se, o Pregador está falando sobre pessoas na igreja. No entanto, elas têm tão pouco entendimento de quem é Deus ou o que significa adorá-lo "em espírito e em verdade" (Jo 4.24) que nem percebem que o que fazem é mau. A adoração do hipócrita é pecado.

Compreenda que, sempre que adoramos, entramos na presença de um Deus santo, que reuniu seu povo santo para ouvir a sua Santa Palavra. Se tomamos isso como certo, não ouvindo o que Deus diz, então, diz a Bíblia que somos culpados de um grande mal, pois desprezamos o evangelho da cruz e o túmulo vazio. Isso explica por que algumas pessoas caíram mortas na porta da casa de Deus – como Nadabe e Abiú, que ofereceram fogo estranho (Lv 10.1ss.), ou Ananias

e Safira, que mentiram a Deus sobre a quantia que haviam dado como oferta (At 5.1-11). Cada um desses terríveis atos de julgamento ocorreu no início de uma nova era de adoração (quando o tabernáculo foi inaugurado e nos dias da igreja primitiva), demonstrando para todos os tempos quanto Deus zela pela adoração adequada.

Quando contemplamos a santidade de Deus e a comparamos com a nossa própria adoração profana, é um milagre ainda estarmos vivos. Graças a Deus por Jesus! Não são apenas os seus sofrimentos que nos salvam, mas também a sua obediência, inclusive a sua adoração perfeita que ele ofereceu ao Pai. Jesus morreu pelos nossos pecados, inclusive todos os pecados que cometemos em cada ato na adoração a Deus. Mas Jesus fez algo mais. Segundo Hebreus, ele tomou as palavras do salmo 22.22 e fez delas as suas próprias: "Cantar-te-ei louvores no meio da congregação" (Hb 2.12). Estas palavras se referem à adoração que Jesus ofereceu no templo e na sinagoga. Imagine o Filho de Deus cantando os salmos inspirados pelo Espírito e usando-os para louvar o Pai. Por meio da fé em Cristo, essa adoração perfeita pertence agora a nós, como se nós mesmos a tivéssemos oferecido a Deus. Isso é parte do que significa conhecer Cristo: nossa adoração imperfeita é aceita pelo Pai por causa da adoração perfeita oferecida pelo Filho.

Quando sabemos que até mesmo a nossa adoração é perdoada, então podemos nos aproximar de Deus em alegre confiança. Em vez de dizer: "Se eu adorar da forma correta, Deus me aceitará", dizemos: "Já sou aceito por meio da crucificação e ressurreição de Jesus Cristo, e agora é o meu privilégio adorar a Deus da forma como ele deseja ser adorado". Nós vamos à adoração da forma como o Salomão de Eclesiastes nos instrui a ir – prestando atenção em Deus, guardando os nossos passos quando entrarmos em seu santuário e ouvindo a verdade da sua Palavra. Ouvimos essa palavra com a confiança de Salomão, que disse: "Toda palavra de Deus é pura" (Pv 30.5). Ouvimos a palavra com

a expectativa de Maria, que se sentou aos pés do Mestre em Betânia, ouvindo cada palavra (Lc 10.38-39). Nós a ouvimos com a fé de Pedro, que disse a Jesus: "Tu tens as palavras da vida eterna" (Jo 6.68).

***Preste atenção naquilo que você diz!***

O Pregador se preocupa não só com a maneira como ouvimos, mas também com aquilo que dizemos. Sua primeira exortação nos ordena a ouvir. Sua segunda exortação – que diz respeito principalmente à oração – diz respeito ao que dizemos: "Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus; porque Deus está nos céus, e tu, na terra; portanto, sejam poucas as tuas palavras" (Ec 5.2).

As pessoas tendem a ser imprudentes com as palavras. Contam mentiras, fazem comentários rudes e atacam com raiva. Proferem ameaças de morte e usam insultos raciais repulsivos. Fazem promessas que jamais cumprirão. Muitas vezes blasfemam contra Deus. Sempre que uma boca se abre, revela-se um coração, e é tão provável ouvirmos uma palavra do inferno quanto ouvirmos uma palavra do céu.

Entre todas as palavras rudes, Kohelet se preocupava mais com aquelas que falamos na casa de Deus. O versículo 2 se refere a uma palavra dita "diante de Deus". Há uma compreensão que cada palavra que dizemos é dita diante de Deus. Se Deus está em todos os lugares, então, cada palavra que sai da nossa boca alcança o ouvido de Deus. Ele está sempre ouvindo, o que deveria nos levar a prestar atenção naquilo que dizemos, não importa onde estejamos. Mas a expressão "diante de Deus" se refere especificamente à adoração pública, sobretudo nesse contexto, em que o Pregador está falando sobre guardar os nossos passos quando estivermos indo para a casa de Deus. Ele quer que sejamos cuidadosos com o que dizemos na adoração, quando oramos e quando pregamos.

Estamos sendo sinceros com aquilo que dizemos quando nos levantamos e adoramos na casa de Deus? É fácil ler um salmo ou cantar um hino ou confessar um credo sem refletir sobre o seu significado. Às vezes, até mesmo uma oração pode se tornar desprovida de oração. A simples repetição de palavras piedosas não significa que nossas palavras vêm de um coração piedoso.

O Deus a quem adoramos – ou fingimos adorar – é o Deus soberano e poderoso que governa todo o universo. O Pregador nos lembra disso no versículo 2, quando diz: "Deus está nos céus, e tu, na terra". Este é um dos melhores versículos da Bíblia para colocar-nos em nosso devido lugar. João Calvino disse que conhecer a Deus e conhecer a nós mesmos é a soma de toda sabedoria.[2] Eclesiastes 5.2 nos oferece essa sabedoria. Deus está nos céus; ele é a deidade eterna que criou todo o universo. Nós estamos na terra, somos seres mortais, limitados ao tempo e espaço. Existe uma distância enorme entre o finito e o infinito. A distância entre Deus no céu e nós na terra é importante para a geografia teológica de Eclesiastes, pois fornece o contexto para tudo que Kohelet diz sobre a vida "debaixo do sol" e também sobre as possibilidades de uma perspectiva acima do sol para contemplar a vaidade da vida. Em termos mais gerais, a diferença entre Deus estar no céu e nós estarmos na terra é fundamental para qualquer visão adequada de mundo – aquilo que os teólogos chamam de distinção Criador/criatura.[3]

A distinção Criador/criatura tem implicações práticas para o que dizemos quando adoramos. Precisamos conhecer o nosso lugar, lembrando-nos de quem Deus é e quem nós somos. Em uma de suas famosas profecias, Isaías disse: "Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o SENHOR, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos" (Is 55.8-

9). Se isso é verdade, devemos pensar antes de falar. Gregório de Nissa escreveu: “Sabendo como é ampla a diferença entre a natureza divina e a nossa, permaneçamos silenciosamente dentro de nossos próprios limites”.[4]

Eclesiastes nos ajuda a definir esses limites quando diz: “Sejam poucas as tuas palavras” e explica por quê: “Porque dos muitos trabalhos vêm os sonhos, e do muito falar, palavras néscias” (Ec 5.2-3). A comparação do Pregador é familiar para todos que dormem e, portanto, também sonham. Se trabalharmos duro para nos envolver em nossos negócios terrenos, é provável termos sonhos estranhos à noite. Há um vínculo natural. Semelhantemente, há um vínculo íntimo entre tolice e verbosidade. É difícil ser sábio o tempo todo, e quanto mais falamos, maior a chance de dizermos algo tolo, especialmente quando adoramos. Como regra geral, os tolos são prolixos (cf. Ec 10.14). Raramente guardam seus pensamentos para si mesmos, antes tendem a falar muito. Tremper Longman parafraseia o versículo 3 assim: “O trabalho leva a muitos sonhos; a tolice leva a muitas palavras”.[5]

O Pregador nos instrui a sermos mais prudentes. Em vez de falar sem cessar sobre tudo, devemos economizar nossas falas. No entanto, a questão não é o número exato de palavras que usamos. A questão real é se as palavras que falamos são sinceras. Segundo Charles Bridges: “A economia de palavras não é a preocupação principal, mas se são palavras do coração”.[6] Podemos aplicar esse princípio a todas as palavras que professamos, fazendo perguntas como: “Estou falando do coração? As minhas palavras de encorajamento refletem minha opinião verdadeira ou estou apenas tentando agradar alguém? Quando uso palavras para compartilhar o evangelho, eu acredito nas boas novas que estou tentando transmitir?”.

Sinceridade é especialmente importante quando adoramos. Quando cantamos um hino de louvor, devemos fazê-lo com os pensamentos de

Deus em mente e com o amor por Deus em nosso coração. A Boardwalk Chapel, em Wildwoo, New Jersey, tem uma placa que ajuda os líderes de adoração a se lembrarem disso. A placa diz: "Cante como se acreditasse nisso", mas a palavra "como" é riscada e substituída pela palavra "porque": "Cante porque acredita nisso". Nossas orações deveriam ser igualmente sinceras. Jesus nos ensinou a não ficar falando como os pagãos, mas apenas apresentar os nossos pedidos a Deus (veja Mt 6.7ss.).

Jesus é o nosso exemplo perfeito para isso. A Bíblia diz: "Se alguém não tropeça no falar, é perfeito varão" (Tg 3.2). Jesus Cristo é esse varão perfeito. Cada palavra que falou é verdadeira. Jesus nunca fez um comentário rude. E mesmo quando foi perseguido, ele não respondeu em raiva injusta. No final de sua vida, quando estava morrendo na cruz, escolheu cuidadosamente cada palavra que diria.

Jesus tem a graça para nos ajudar a falar as palavras que agradam a Deus. O Salvador da fala perfeita pode tocar nossos lábios com sua graça. Pelo poder do Espírito Santo, ele nos ensinará como usar as palavras que falamos para a glória de Deus.

***Palavras, palavras, palavras!***

Um bom resumo de tudo que temos dito até agora é oferecido pelo apóstolo Tiago, que disse: "Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar" (Tg 1.19). Mas o Pregador tinha também uma terceira exortação, e esta também era um assunto íntimo e precioso ao coração de Tiago. Ele falou sobre não só ouvir a Palavra, mas também praticá-la (veja Tg 1.22). Kohelet o expressou da seguinte forma: "Quando a Deus fizeres algum voto, não tardes em cumpri-lo; porque não se agrada de tolos. Cumpre o voto que fazes. Melhor é que não votes do que votes e não cumpras" (Ec 5.4-5; cf. Dt 23.21-23).

Após nos instruir a ouvir e a prestar atenção naquilo que falamos, o Pregador agora nos diz o que devemos fazer. Ele diz: "*Faça* o que diz".

Ou, para ser mais preciso, ele diz: “Cumpre o voto que fazes”. Aqui, Eclesiastes está falando sobre um tipo específico de fala – as promessas que fazemos a Deus.

Em tempos bíblicos, as pessoas costumavam fazer muitos votos a Deus, normalmente no contexto da adoração pública (veja Lv 22.18-20). Encontramos essa linguagem em alguns salmos, como o salmo 50.14 (“Oferece a Deus sacrifício de ações de graças e cumpre os teus votos para com o Altíssimo”) ou o salmo 65.1 (“A ti, ó Deus, confiança e louvor em Sião! E a ti se pagará o voto”). Vemos exemplos também nas histórias do Antigo Testamento, por exemplo, na história de Ana, que jurou dedicar o seu primogênito ao ministério do sacerdócio (1Sm 1.11), ou na de Jefté, que precipitadamente fez um voto que lhe custou a sua filha (Jz 11.29-40).

Aqui em Eclesiastes não estamos falando sobre um voto pecaminoso, mas sobre uma promessa sagrada de oferecer a Deus um presente ou um sacrifício, como o voto descrito por Asafe no salmo 76.11: “Fazei votos e pagai-os ao SENHOR, vosso Deus; tragam presentes todos os que o rodeiam, àquele que deve ser temido”. A mensagem do Pregador é muito simples: se fizermos um voto, precisamos ter certeza de que faremos o que dissemos e que pagaremos a Deus o que devemos.

É muito mais fácil fazer uma promessa do que a cumprir. As pessoas fazem isso com Deus o tempo todo, especialmente quando usam a oração para negociar com ele. Dizem coisas como: “Deus, se tu me perdoares essa única vez, juro que nunca mais cometerei esse pecado.” Ou: “Prometo que, assim que eu receber mais dinheiro, eu começarei a devolver os 10% a ti.” Se alguma vez você já fez uma oração desse tipo – como muitos já fizeram – você sabe também como é fácil esquecer o que prometeu. Antes de nos darmos conta, voltamos a praticar o mesmo pecado ou continuamos a ser tão egoístas com o nosso dinheiro

quanto antes, nesse caso teria sido melhor nunca ter feito qualquer promessa a Deus.

Jesus contou uma parábola sobre uma pessoa assim – um filho que disse que faria o que seu pai mandava e que sairia para os campos para trabalhar, mas nunca foi (Mt 21.28-31). O Pregador que escreveu Eclesiastes teria chamado o garoto de tolo, porque nunca fazia o que dizia. Não devemos a Deus apenas nossas palavras, mas também as nossas obras. Se lhe dissermos que faremos algo – por exemplo, se assumirmos um compromisso no ministério ou se prometemos dinheiro para a obra do reino – então precisamos fazer o que prometemos e pagar o que devemos. Na verdade, Eclesiastes diz que precisamos fazê-lo sem tardar. Cumprir prontamente os nossos compromissos é uma parte importante da santidade prática.

Outra maneira de dizer isso é: não faça Deus de bobo! Se você lhe prometer algo, seja um homem ou uma mulher de palavra. Em alguns casos, isso significa que seria melhor não prometer nada a Deus. Mas a Bíblia supõe que existem momentos em que é apropriado fazer votos espirituais, como os votos do matrimônio, por exemplo, ou as promessas que as pessoas fazem quando se tornam membros da igreja. Quando pensarmos em fazer um voto, aqui está um bom conselho, do velho pregador Charles Bridges, para seguirmos:

> Um compromisso solene assumido com Deus é uma transação que exige muita oração e ponderação. Ele deveria se apoiar na clara garantia da Palavra de Deus. Deveria dizer respeito a uma questão verdadeiramente importante, apropriada e atingível. Deveria ser tão limitada a ponto de abrir o caminho para a realização sob contingências imprevisíveis ou circunstâncias alteradas.[7]

Estes são princípios sábios a serem seguidos, pois se fizermos um voto e não o cumprirmos, tornamo-nos culpados de pecado e podemos cair sob o julgamento de Deus. Eclesiastes adverte: “Não consintas que a tua boca te faça culpado, nem digas diante do mensageiro de Deus que foi inadvertência; por que razão se iraria Deus por causa da tua

palavra, a ponto de destruir as obras das tuas mãos?" (Ec 5.6). Há muitas maneiras para a boca nos levar para o pecado (basta ler Tg 3). Mas o que o Pregador tem em mente aqui é, supostamente, o grande pecado de não cumprir uma promessa dada a Deus.

Em geral, as pessoas tentam se desculpar pelo seu pecado, e o Pregador fala sobre isso aqui. "O mensageiro" que ele menciona pode ser um anjo, porém é mais provável que ele se refira a alguém do templo que coletava as ofertas e os sacrifícios que as pessoas haviam jurado pagar. Alguns estudiosos acreditam que "durante o tempo de Kohelet, havia pessoas cuja tarefa era conferir se as pessoas haviam cumprido seus votos públicos".[8] Hoje nós os chamaríamos de "a polícia do dízimo", mas naqueles dias os líderes espirituais exigiam que as pessoas prestassem contas de suas promessas.

O problema era que algumas pessoas tentavam fugir de seus compromissos inventando todos os tipos de desculpa esfarrapada ("Voto? Que voto? Deve haver algum tipo de equívoco!").

Quando não fazemos o que dizemos – especialmente quando fazemos uma promessa a Deus – a Bíblia diz que nos tornamos culpados de pecado, que isso provoca a ira de Deus e que ele destruirá o que fizemos. É por isso que as pessoas às vezes dizem que "de boas intenções o inferno está cheio". Por melhores que sejam nossas intenções, elas não nos levam ao céu. Na verdade, podem até aumentar a nossa condenação. Se continuarmos prometendo a Deus que faremos isso e aquilo e ainda aquilo outro, mas nunca cumprirmos, então nos tornaremos ainda mais culpados.

Mais uma vez podemos apenas nos entregar à misericórdia de Deus, orar que ele nos perdoe por tudo que deixamos de fazer e pedir que ele nos aceite por meio de Jesus Cristo. O Messias é o único que cumpriu todas as suas promessas a Deus, inclusive seu voto de oferecer um sacrifício santo – o sacrifício de seu corpo pelos nossos pecados. Pela

misericórdia de Jesus, todos os nossos erros são perdoados. E agora, pela graça de Jesus, temos ajuda para cumprir nossos compromissos com Deus. Quando oramos pela graça de cumprir o que dizemos, estamos orando a um Salvador que sabe o que significa cumprir um compromisso, que fez tudo que prometeu até a morte.

***Da vaidade à reverência***

O Pregador encerra essa passagem descrevendo a postura do coração que devemos ter em tudo que dizemos e fazemos na adoração: "Como na multidão dos sonhos há vaidade, assim também, nas muitas palavras; tu, porém, teme a Deus" (Ec 5.7).

Se "o temor do SENHOR é o princípio do saber" (como Salomão disse certa vez, Pv 1.7), então este é um dos versículos mais sábios de Eclesiastes. Ele reúne os dois grandes temas desse grande livro. Eclesiastes começou com a vaidade de vaidades – a futilidade da vida num mundo caído. Aqui, encontramos essa vaidade em devaneios fúteis e nas palavras tolas de um frequentador da igreja que apenas finge adorar, sem realmente oferecer sua mente e seu coração a Deus.

Vemos também a resposta do Pregador à vaidade da vida. No final de Eclesiastes, quando finalmente alcança a conclusão da sua busca espiritual, ele dirá que o propósito da vida é o temor de Deus (Ec 12.13). Assim, o livro avança da vaidade para a reverência. Essa transição é apresentada aqui, na qual Kohelet nos prega sobre a adoração. Deus é aquele a quem precisamos reverenciar.

Charles Bridges definiu o temor de Deus como "o grande fundamento da santidade".[9] Temer a Deus é reconhecer seu poder e sua majestade. Significa reconhecer que ele está no céu, e nós, na terra, que ele é Deus e que nós não somos. Significa dizer: "Quem nos céus é comparável ao SENHOR? Entre os seres celestiais, quem é semelhante ao

SENHOR? Deus é sobremodo tremendo na assembleia dos santos e temível sobre todos os que o rodeiam" (Sl 89.6-7).

Quando temermos a Deus dessa forma, viremos para a adoração com expectativa e maravilha. Estaremos preparados para ouvir o que ele tem a dizer (ele é Deus, afinal de contas). Teremos cuidado com o que dizemos, limitando a nossa fala a palavras que o agradam. Daremos a Deus o que ele merece, incluindo qualquer tempo, talento ou tesouro que prometemos lhe dar.

Eclesiastes 5 foi escrito para nos ajudar a levar Deus mais a sério quando o adoramos. T. M. Moore escreveu uma paráfrase poética desses versículos que pode nos ajudar a lembrar suas lições espirituais.

> Como as pessoas são insolentes e desonestas
> com a sua religião. Usam-na apenas de acordo
> com as suas necessidades; por isso, atendem
> aos cultos e cantam os hinos, e quando
> precisam dão um pouco de dinheiro
> ao Senhor. Mas vivem elas como deveria
> quem fez um voto a Deus? Não se iluda.
> Entre seus amigos a sua fé está em jogo...
> Lembre-se, Deus sabe tudo.
> Ele conhece nosso coração quando lhe oferecemos
> nossa adoração, e você não pode enganá-lo. Por isso,
> dê uma boa olhada em si mesmo antes de se
> apresentar novamente ao Senhor. E vá para
> ouvir, não para falar, pois ele saberá
> o que você precisa. Porque qualquer tolo consegue
> fazer uma oração linda ou cantar um hino sobre
> sua fé. Suas palavras são irracionais, como um sonho,
> mesmo que as pessoas que as ouvem
> se impressionem. Mas não Deus...
> Pois as palavras não custam nada,
> como os sonhos que você tem enquanto dorme.
> Deus quer o seu coração, meu filho, não apenas um espetáculo.
> Acerte as suas contas com ele antes de se apresentar perante ele.[10]

A forma de acertar as suas contas com Deus antes de adorá-lo é muito simples. A forma correta de adorar é ser honesto com ele sobre

nossa hipocrisia e todos os nossos outros pecados e pedir que ele nos perdoe, pelo amor de Jesus.

[1] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*. The Bible Speaks Today Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 52.

[2] CALVIN, Jonh. *Institutes of the Christian Religion*. Org. John T. McNeill. Trad. Ford Lewis Battles, 2 vols. Library of Christian Classics, 20-21. Filadélfia: Westminster, 1960, vol. 1, p. i.1.

[3] Veja especialmente as obras de TIL, Cornelius Van, como, por exemplo, a segunda edição de sua obra *Christian Apologetics*. Org. William Edgar. Phillipsburg, NJ: P&R, 2003.

[4] NISSA, Gregório de. "Answer to Eunomius's Second Book." In: *Proverbs, Ecclesiastes, Song of Solomon*. Org. J. Robert Wright. Ancient Christian Commentary on Scripture, OT 9. Downwers Grove, IL: InterVarsity, 2005, p. 240.

[5] LONGMAN, Tremper III. *The Book of Ecclesiastes*. New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998, p. 152.

[6] BRIDGES, Charles. *A Commentary on Ecclesiastes* (reimpressão 1860). Edimburgo: Banner of Truth, 1961, p. 102.

[7] *Ibid*., p. 105.

[8] LONGMAN. *The Book of Ecclesiastes*, p. 154.

[9] BRIDGES. *A Commentary on Ecclesiastes*, p. 109.

[10] MOORE, T. M. *Ecclesiastes: Ancient Wisdom When All Else Fails: A New Translation and Interpretive Paraphrase*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2001, p. 43-44.

12

# A SATISFAÇÃO É VENDIDA SEPARADAMENTE

*Eclesiastes 5.8-20*



*Quem ama o dinheiro jamais dele se farta; e quem ama a abundância nunca se farta da renda; também isto é vaidade* (Ec 5.10).

O *agiota e sua mulher* – uma pintura famosa do pintor renascentista Quentin Matsys – nos confronta com a escolha que todos precisam fazer entre Deus e o dinheiro. O agiota está em casa, com uma balança e uma pilha de dinheiro sobre a mesa à sua frente, cuidadosamente avaliando o valor de uma única moeda.

No entanto, nossa atenção é atraída também pela mulher sentada ao lado dele, a esposa do agiota. Ela está folheando uma Bíblia ou um livro de exercícios espirituais, provavelmente comprado por seu rico marido. Ela está tendo seu tempo devocional, mas o dinheiro está distraindo sua atenção. Ao virar a página, seu olhar é cativado pela moeda na mão do marido.

Matsys pintou essa imagem para chamar atenção para algo sério. Sua cidade de adoção, Antuérpia, havia se tornado o centro mundial de comércio e finanças. Mas Matsys reconheceu como o dinheiro consegue enfadar a nossa alma da adoração a Deus.

Todos nós sentimos essa tensão. Sabemos que Deus exige a nossa mais alta fidelidade. Acreditamos que nada pode ser mais precioso do que a mensagem de seu evangelho – o perdão dos nossos pecados e a dádiva gratuita da vida eterna por meio da fé em Jesus Cristo. Contudo,

nós nos distraímos facilmente. Às vezes, preferiríamos folhear um catálogo de vendas do que ouvir o que Deus diz em sua Palavra.

### *A vaidade da injustiça*

O Salomão de Eclesiastes quer nos ajudar a vencer essa batalha espiritual mostrando-nos a vaidade do dinheiro. Ele começa falando sobre a injustiça que as pessoas sofrem em decorrência das estruturas pecaminosas da sociedade. Logo, ele assumirá um tom mais pessoal, mas ele começa falando sobre o sistema: "Se vires em alguma província opressão de pobres e o roubo em lugar do direito e da justiça, não te maravilhes de semelhante caso; porque o que está alto tem acima de si outro mais alto que o explora, e sobre estes há ainda outros mais elevados que também exploram" (Ec 5.8).

O Pregador vê algo que todos nós vemos – opressão e injustiça em cada nível da sociedade. Vemos isso no comunismo, em que o Estado controla os meios de produção. Mas vemos isso também no capitalismo sempre que o lucro ignora o bem-estar de outras pessoas. De alguma forma, as pessoas pobres sempre acabam pagando a conta. Eclesiastes nos diz que não devemos nos surpreender com a vaidade de toda essa injustiça. Isso não desculpa a injustiça: é simplesmente uma visão realista da vida num mundo caído.

O que é difícil de entender é por que exatamente Kohelet acredita que não devemos nos surpreender com tanta injustiça. Ele se refere a uma hierarquia oficial, na qual uma pessoa supervisiona outra. Mas não é completamente claro por que isso causa injustiça. Talvez a questão aqui seja a burocracia governamental – aquilo que Tremper Longman chama de interpretação "burocracia".[1] De alguma forma, uma burocracia de múltiplos níveis sempre parece abrir mais portas para a injustiça. Nas palavras de um estudioso, esse versículo fala das "frustrações de uma burocracia opressiva com seus atrasos e desculpas

infinitas, enquanto os pobres não podem se dar ao luxo de esperar e a justiça se perde entre os níveis da hierarquia".[2]

Ou talvez ele esteja querendo dizer que cada nível do governo tira algo das pessoas no nível inferior. Não devemos nos surpreender quando as pessoas detentoras de autoridade abusam de seu poder. Eventualmente, a injustiça alcança também os pobres que, provavelmente, também oprimiriam alguém se pudessem, mas não podem porque estão no nível mais baixo. Segundo essa interpretação, o problema não é a burocracia, mas a tirania.

A interpretação correta desse versículo depende em parte do significado da palavra "supervisionar" (*shomer*). Às vezes, essa palavra tem uma conotação negativa. Assim, pode se referir à forma como ramos diferentes do governo tendem a suspeitar uns dos outros. "Supervisionar" nesse sentido significa manter as pessoas sob vigilância, sempre à procura de uma maneira de tirar vantagem delas. Mas "supervisionar" pode ser entendido também de forma mais positiva, uma indicação de que as pessoas do governo estão de olho umas nas outras, protegendo-se mutuamente. Esse tipo de compadrio gera uma máquina política que exclui as pessoas pobres e comuns.

É difícil saber exatamente que tipo de injustiça Eclesiastes tem em mente, mas até essa incerteza ajuda a demonstrar o argumento do Pregador. Há tantos tipos de injustiça na sociedade que nunca devemos nos surpreender com o pecado. A não ser que haja "algum Salomão para exortar e consolá-lo", disse Martinho Lutero, "o governo esmaga o homem, o apaga e o destrói completamente".[3]

O versículo 9 parece oferecer pelo menos uma solução parcial para esse problema perene. O Pregador diz: "O proveito da terra é para todos; até o rei se serve do campo" (Ec 5.9). Este é outro versículo de tradução difícil. Na versão da *English Standard Version:* a melhor defesa contra a corrupção do governo é um rei santo. A sociedade precisa de

um governante com sabedoria como Salomão, alguém que preze pelos valores da liberdade econômica, que encoraje as pessoas a prosperarem cultivando seus próprios campos. No entanto, muitos estudiosos leem o versículo de forma mais negativa, e o traduzem assim: "O lucro da terra é tirado por todos; até mesmo o rei se beneficia do campo".[4] Nessa interpretação, o rei não é parte da solução, mas outra parte do problema. Certamente, esse é o modo como a maioria dos governantes reinava no mundo antigo e sempre desde então: reivindicando os lucros da terra para si mesmos.

Nossa experiência com a injustiça neste mundo caído nos leva a esperar corrupção em cada nível do governo, até o topo. Mesmo que alguns líderes sejam motivados pelo puro desejo de servir a sociedade, muitos outros são como o notório político da Filadélfia que usou recursos públicos para financiar seu estilo de vida luxuoso e então se gabar diante de seus amigos por gastar "o dinheiro dos outros".

Os melhores governos supõem desde o início que as pessoas são pecadoras e que, por isso, precisam ser supervisionadas para coibir a injustiça. Mas até mesmo os melhores governos estão longe da perfeição. Enquanto vivermos nesta terra, veremos pessoas pagando para chegar ao poder, usando posições públicas para lucro pessoal e manipulando o sistema para sua própria vantagem.

Em vez de esperar que o governo resolva nossos problemas, precisamos reconhecer que até os melhores governantes não conseguem ser perfeitos. Portanto, vivemos na esperança de uma administração melhor – uma que encontramos não em Eclesiastes, mas no evangelho:

> *Porque um menino nos nasceu,*
> *um filho se nos deu;*
> *o governo está sobre os seus ombros;*
> *e o seu nome será:*
> *Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte,*
> *Pai da Eternidade, Príncipe da Paz;*
> *para que se aumente o seu governo,*

*e venha paz sem fim*
*sobre o trono de Davi e sobre o seu reino,*
*para o estabelecer e o firmar*
*mediante o juízo e a justiça,*
*desde agora e para sempre.*
*O zelo do* SENHOR *dos Exércitos fará isto* (Is 9.6-7).

### *A vaidade da prosperidade*

Até agora, o Pregador tem falado sobre riqueza e pobreza numa escala nacional, mas a partir do versículo 10 ele traz tudo para um nível pessoal. Os oficiais públicos não são os únicos que querem ter mais dinheiro; é uma tentação que afeta todos nós. Por isso, o Pregador nos adverte sobre a vaidade da prosperidade: "Quem ama o dinheiro jamais dele se farta; e quem ama a abundância nunca se farta da renda; também isto é vaidade" (Ec 5.10).

Aqui temos uma verdade bem conhecida, formulada como provérbio, à qual o Pregador acrescenta seu típico comentário editorial sobre a vaidade. Não importa quanto dinheiro tenham, as pessoas que vivem pelo dinheiro nunca se contentam. Sempre querem mais. John D. Rockefeller era um dos homens mais ricos do mundo, mas quando alguém lhe perguntou quanto dinheiro seria o suficiente, ele deu a famosa resposta: "Só um pouquinho mais".

A escritora contemporânea Jessie O'Neill diagnosticou esse problema espiritual. Ela o chama de "afluência", que é "um relacionamento não saudável com o dinheiro" ou busca de riqueza.[5] A maioria dos norte-americanos sofre pelo menos de um caso leve dessa doença mortal. Mesmo se formos gratos pelo que temos, muitas vezes pensamos nas coisas que não temos e em como consegui-las. Isso explica o surto súbito de insatisfação que sofremos quando percebemos que não temos o dinheiro para comprar algo que desejamos ou a culpa que sentimos quando o compramos mesmo assim e acumulamos dívidas por causa disso.

O apetite pelas coisas que o dinheiro pode comprar nunca é satisfeito. A única maneira de controlá-lo é contentar-se com aquilo que Deus providencia. Charles Bridges disse que, quando nossos desejos ultrapassam as nossas necessidades, é melhor "sentar-nos satisfeitos onde estamos, do que onde esperamos estar na ilusão do nosso desejo insaciável".[6] Em vez de sempre querer mais, somos convidados a nos contentar com menos, uma vez que nos satisfazemos com Deus.

Isso é uma luta que dura toda a vida. O fato de termos resistido à tentação do dinheiro no passado não nos torna imunes no futuro. Num dia, podemos dizer: "Não me importo com dinheiro". Mas logo cantamos uma música diferente, como a dos Beatles: "O dinheiro não compra tudo, é verdade / o que ele não compra é inútil para mim. / Agora, dê-me dinheiro (é isso que quero)".[7]

Eclesiastes adverte nossos corações divididos de que viver por coisas que só o dinheiro pode comprar é vaidade. O livro nos oferece uma longa lista de razões para nos ajudar a não sofrer um caso grave de "afluência".

O primeiro problema com o dinheiro é que *outras pessoas tentarão tirá-lo de nós*. "Onde os bens se multiplicam", diz o Pregador, "também se multiplicam os que deles comem; que mais proveito, pois, têm os seus donos do que os verem com seus olhos?" (Ec 5.11). A expressão "se multiplicam os que deles comem", de certa forma, refere-se às pessoas que consomem a nossa riqueza. Pode ser o governo opressivo descrito nos versículos 8-9, que se apodera do nosso dinheiro por meio de impostos mais altos. Podem ser nossos filhos ou outros dependentes – as bocas famintas ao redor da nossa mesa. Ou podem ser as pessoas que nos procuram implorando por algo – os parasitas e aproveitadores. Mas não importa quem sejam, quanto mais tivermos, mais pessoas tentarão se aproveitar.

Ninguém sabia disso melhor do que o rei Salomão. Ele era o homem mais rico do mundo, mas em vista dos milhares que precisava alimentar (veja 1Rs 4.22-28), ele tinha mesmo de ser. Aqui, ele nos adverte de que quanto mais tivermos, mais pessoas irão querer a sua parte. Se forem bem-sucedidos nisso, jamais conseguiremos desfrutar da nossa riqueza. Podemos vê-la, mas ela desaparecerá antes de termos a chance de usá-la. Isso é vaidade.

Um segundo problema de ter mais dinheiro é que *ele nos mantém acordados à noite*. O Rei-Pregador ressalta isso por meio de um contraste: "Doce é o sono do trabalhador, quer coma pouco, quer muito; mas a fartura do rico não o deixa dormir" (Ec 5.12).

Como regra geral, as pessoas que trabalham duro durante o dia todo, especialmente quando trabalham com as suas mãos, estão prontas para uma boa noite de sono. Não importa se tiveram um jantar decente ou se são tão pobres a ponto de se deitarem com fome, elas estarão cansadas o bastante para cair no sono imediatamente. O rico ocioso não tem esse luxo, mas fica acordado a noite toda. Não porque estivesse preocupado com todos os seus bens, como o tolo rico na parábola de Jesus (Lc 12.13-21), mas porque a dieta de comidas gordurosas lhe dá dor de barriga. Sua insônia é causada por indigestão.

Ter muito dinheiro pode ser muito nocivo – não só espiritualmente, mas também fisicamente. As pessoas que trabalham muito deveriam ser gratas, mesmo se não receberem sempre uma folha de pagamento alta. O sono reparador é a bênção do trabalho manual. Mas o estilo de vida dos ricos e preguiçosos tende a não ser muito relaxante. Derek Kidner destaca uma das formas disso que vemos no Ocidente, onde quase todos são ricos. Kidner observa todos nossos "aparelhos modernos nas academias" e diz que é "uma das nossas absurdidades humanas gastar dinheiro e esforço para desfazer os danos causados por dinheiro e

preguiça”.[8] Isso me lembra da advertência de Oliver Goldsmith: “Doente está o país / onde a riqueza acumula e o homem decai”.[9]

***Prosperidade temporária***

Até agora, Kohelet tem falado sobre a vaidade de ter muito dinheiro. Nos versículos 13-14, ele fala sobre a vaidade de perdê-lo: “Grave mal vi debaixo do sol: as riquezas que seus donos guardam para o próprio dano. E, se tais riquezas se perdem por qualquer má aventura, ao filho que gerou nada lhe fica na mão”.

Esta é uma terceira razão pela qual viver pelo dinheiro não faz sentido: *ele pode existir hoje, mas desaparecer amanhã*. O Pregador chama isso de “grave mal”, que literalmente significa que só pensar nisso já o deixa doente. A fim de explicar o porquê, ele nos apresenta um estudo de caso, a intenção do qual é, segundo Martinho Lutero, mostrar que “Deus permite as riquezas nas quais as pessoas confiam para causar a ruína daquelas que as possuem”.[10]

A história de Kohelet fala de um homem rico que tentou acumular suas riquezas, mas as perdeu em algum investimento arriscado. Hoje, as pessoas perdem seu dinheiro em lugares como o mercado de ações. Naqueles dias, seus navios naufragaram ou suas caravanas de camelos foram atacadas no deserto. Mas qualquer que tenha sido a razão, esse homem apostou e acabou perdendo tudo.

Pior ainda, o homem era um pai, e agora não tinha nada para deixar ao seu filho. A história ensina então o que a Bíblia diz em outros textos: os pais deveriam deixar uma herança para seus filhos (por exemplo, Pv 13.22). Ao planejar nosso futuro financeiro, devemos pensar não só em nós mesmos, mas também naquilo que podemos dar às nossas famílias, inclusive à nossa família espiritual, a igreja. Pais e mães têm um dever de economizar e sacrificar para os seus filhos e suas filhas. No entanto, isso não significa que acumular e guardar dinheiro deva ser o nosso

foco primário. Pelo contrário: a essência dessa história é que contar com o dinheiro é vaidade e correr atrás do vento.

Então o Rei-Pregador nos dá uma quarta razão pela qual devemos resistir à febre da "afluência". A razão dessa vez é que *não podemos levar o dinheiro conosco*. E é assim que a história do homem que perdeu seu dinheiro continua: "Como saiu do ventre de sua mãe, assim nu voltará, indo-se como veio; e do seu trabalho nada poderá levar consigo. Também isto é grave mal: precisamente como veio, assim ele vai; e que proveito lhe vem de haver trabalhado para o vento?" (Ec 5.15-16).

A linguagem desses versículos é familiar para todos que conhecem a história de Jó. Quando aquele pobre homem perdeu tudo que tinha, ele disse: "Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!" (Jó 1.21). O apóstolo Paulo aplicou a mesma verdade a todos nós: "... nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele" (1Tm 6.7).

Algum dia, todo nosso trabalho estará perdido. Essa é a realidade trágica que todos nós precisamos encarar – a realidade da nossa mortalidade. No final de um de seus anos mais lucrativos na *European Tour*, alguém perguntou ao jogador de golfe inglês Simon Dyson se havia algo que ele temia. "A morte", Dyson respondeu, "estou numa posição neste momento em que posso fazer praticamente tudo o que eu quiser... Morrer não seria muito bom neste momento".[11]

Não importa se ganhamos ou não tanto dinheiro quanto um jogador de golfe profissional, e gostando disso ou não, o dia virá em que teremos de deixar tudo para trás. Então, o que ganhamos se vivermos pelo dinheiro? Algumas pessoas esperam até o leito da morte para refletir sobre isso – se é que o fazem – mas se formos sábios como o Salomão de Eclesiastes, refletiremos sobre isso agora. Martinho Lutero

disse: “Assim como abandonarei minhas riquezas quando eu morrer, eu as abandonarei enquanto estiver vivo”.[12]

Uma maneira de abandonar nossas riquezas é simplesmente contemplar o que temos e dizer a nós mesmos: “Aqui está algo que Deus me deu para me alegrar por ora, ou talvez para doar para o trabalho do seu reino, mas preciso lembrar que jamais poderei levá-lo comigo quando eu morrer”. Isso é algo bom para as meninas dizerem em relação às suas bonecas, e os meninos, em relação aos seus videogames. Isso é algo bom para os adolescentes dizerem em relação às suas roupas e sua música. Os homens e as mulheres devem dizer isso em relação às suas casas e seus carros, se tiverem. Estamos a caminho da eternidade. Portanto, deveríamos viajar com pouca bagagem.

Tudo que Salomão diz sobre o dinheiro é lindamente parafraseado por Randy Alcorn em seu livro *The Treasure Principle*, sob o título “Correr atrás do vento”. Alcorn cita as descobertas de Salomão em Eclesiastes 5.10-15 e então acrescenta sua própria paráfrase:

> “Quem ama o dinheiro jamais dele se farta” (v. 10). *Quanto mais você tem, mais você quer.*
> “Quem ama a abundância nunca se farta da renda” (v. 10). *Quanto mais você tem, menos se satisfaz.*
> “Onde os bens se multiplicam, também se multiplicam os que deles comem” (v. 11). *Quanto mais você tem dinheiro, mais pessoas virão atrás dele (incluindo o governo).*
> “Que mais proveito, pois, têm os seus donos do que os verem com seus olhos?” (v. 11). *Quanto mais você tem, mais você percebe que a riqueza não lhe faz bem.*
> “Doce é o sono do trabalhador, quer coma pouco, quer muito; mas a fartura do rico não o deixa dormir” (v. 12). *Quanto mais você tem, mais você tem com o que se preocupar.*
> “Grave mal vi debaixo do sol: as riquezas que seus donos guardam para o próprio dano” (v. 13). *Quanto mais você tem, mais você pode se machucar agarrando-se a isso.*
> “Tais riquezas se perdem por qualquer má aventura” (v. 14). *Quanto mais você tem, mais você tem a perder.*
> “Como saiu do ventre de sua mãe, assim nu voltará, indo-se como veio; e do seu trabalho nada poderá levar consigo” (v. 15). *Quanto mais você tem, mais você deixará para trás.*[13]

Salomão resume as muitas razões pelas quais não devemos viver pelo dinheiro no versículo 17: “Nas trevas, comeu em todos os seus dias, com muito enfado, com enfermidades e indignação”. Esse versículo nos

apresenta uma imagem patética do lugar para onde a cobiça nos leva. Derek Kidner escreve: "Se houver algo pior do que o vício que o dinheiro traz, é o vazio que ele deixa".[14] O avarento acabará sozinho em sua miséria. Por viver em escuridão espiritual, sua alma será atormentada por muitas ansiedades. A busca ímpia pela riqueza exigirá um preço físico, deixando-o doente. Ele também será uma pessoa muito irritada – um velho homem amargurado – pois quem já ouviu falar num avarento feliz? As pessoas que vivem pelo dinheiro tentam juntar o máximo de dinheiro possível, mas quando precisam abrir mão – como todos em algum momento – isso as deixa irritadas com todos e com tudo.

Isso nos fornece uma pergunta útil que podemos fazer sobre nossa própria raiva, parte da qual pode ser causada pelo amor exagerado às coisas deste mundo. Quando nos irritamos, qual é o motivo? Quando maridos e esposas discutem sobre quanto gastar, por exemplo, e com o que gastar, eles estão discordando sobre os princípios da administração bíblica, ou estão brigando sobre aquilo que querem ter? O desejo insatisfeito de posses terrenas é um poderoso gerador de raiva.

### *O poder de desfrutar*

Quando ouvimos a história do velho homem irritado em Eclesiastes 5, não podemos remediar, mas pensamos que deve existir uma maneira melhor de viver, e ela existe. A Bíblia nos diz que não devemos depositar a nossa "esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento" (1Tm 6.17). Eclesiastes o formula assim:

> Eis o que eu vi: boa e bela coisa é comer e beber e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho, com que se afadigou debaixo do sol, durante os poucos dias da vida que Deus lhe deu; porque esta é a sua porção. Quanto ao homem a quem Deus conferiu riquezas e bens e lhe deu poder para deles comer, e receber a sua porção, e gozar do seu trabalho, isto é dom de Deus (5.18-19).

Alguns estudiosos acham que esses versículos são tão contrários a tudo que o Pregador já disse que acreditam que ele deve estar sendo sarcástico ou, no mínimo, estoico. “À luz da ausência de uma vida com sentido”, eles nos dizem, “Kohelet defende uma vida que busca os pequenos prazeres fornecidos pela comida, bebida e trabalho”.[15] Na verdade, o Pregador não acredita que a vida seja prazerosa, mas ele está tentando nos ajudar a desfrutá-la enquanto ainda podemos. Assim, ele nos instrui a comer, beber, ser produtivos, pois amanhã estaremos mortos.

No entanto, isso não é tudo que o Pregador diz. Ele está nos oferecendo uma visão equilibrada, centrada em Deus. Assim como ele tem sido honesto sobre a vaidade da nossa existência, ele também quer nos dizer a verdade sobre encontrar alegria nas coisas cotidianas da vida, como trabalhar e festejar. Ele já falou sobre essas bênçãos antes, nas chamadas “passagens de desfrute” de Eclesiastes (p. ex., 2.24-26). Ele sabe que essa alegria é real porque ele a experimentou. Sabe também que essa alegria é “boa e apropriada” – algo adequado ao povo de Deus. Sim, nosso tempo na terra é curto, mas o tempo que temos é uma dádiva sagrada. Quando o Pregador chama a vida de “a dádiva de Deus”, ele lhe confere seu mais alto louvor. Isso não é estoicismo ou sarcasmo, mas gratidão santa.

O Pregador pode dizer isso porque acredita no Deus da alegria. Mais acima nessa passagem, quando falou sobre a vaidade do dinheiro, o Pregador praticamente não mencionou Deus. Mas nos versículos 18-20 ele o menciona repetidas vezes. Qualquer alegria que ele encontra é centrada em Deus. Sem Deus, a vida não tem sentido e é miserável, especialmente se vivermos pelo dinheiro. Mas quando conhecemos o Deus da alegria, o dinheiro pode ser uma bênção.

Para entender isso, precisamos prestar atenção na formulação do versículo 19. Mais acima, o Pregador havia listado as muitas razões

pelas quais o acúmulo de dinheiro é vaidade. Mas aqui ele nos diz explicitamente que, se formos ricos, deveríamos desfrutar isso. Quase parece uma contradição, mas observe de onde vem o poder para desfrutar: ele vem de Deus. Ter e desfrutar coisas são dádivas de Deus.

Essa profunda descoberta nos ajuda a obter uma visão equilibrada dos nossos bens terrenos. O mundo criado por Deus está repleto de muitas e ricas dádivas, mas o poder para desfrutá-las não está nas dádivas em si. É por isso que sempre é inútil adorar as dádivas no lugar do Doador. A capacidade de desfrutar riqueza, família, amizades, comida, trabalho, sexo ou qualquer outra dádiva vem exclusivamente de Deus. A satisfação é vendida separadamente. Assim, os versículos centrados em Deus no final de Eclesiastes 5 nos chamam de volta para a alegria que só podemos encontrar em Deus. A pessoa que encontra o maior prazer na vida é aquela que conhece Deus e que tem um relacionamento com ele por meio de Jesus Cristo.

O poeta inglês George Herbert escreveu sobre o poder da alegria em seu poema "The Pulley".[16] Herbert começa dizendo que, quando Deus criou o homem, ele tomou seu copo e derramou o máximo de bênçãos possíveis – riquezas, beleza, sabedoria, honra e prazer. Mas quando o copo estava quase vazio, ele decidiu parar. "Quando quase tudo havia sido derramado", escreve Herbert, "Deus fez uma pausa / ao perceber que de todos os seus tesouros / restava no fundo apenas o descanso". Em outras palavras, a única dádiva que Deus decidiu não dar foi o descanso ou, como poderíamos dizer, a satisfação. "Pois se eu (disse ele) / fosse dar também essa joia para a minha criatura / ela adoraria minhas dádivas em vez de mim." Em seu amor e sabedoria, Deus assim decretou que deveríamos ser "ricos e preocupados", de modo que a nossa preocupação voltasse nossos corações para ele.

Você abandonou suas preocupações com as riquezas para encontrar a sua alegria em Deus? Essa é parte da resposta do Pregador ao

problema da vaidade da vida. Ele está nos ensinando a depender de Deus para o nosso prazer em vez de depender de uma de suas muitas dádivas. A pessoa que aprender bem essa lição "não se lembrará muito dos dias da sua vida, porquanto Deus lhe enche o coração de alegria" (Ec 5.20). Mesmo que alguns estudiosos tenham interpretado equivocadamente esse versículo como tentativa desesperada de esquecer os problemas da vida, o Pregador usa aqui palavras positivas para transmitir uma mensagem positiva sobre a alegria que apenas Deus pode trazer para o coração humano. Quando aprendemos a desfrutar Deus, experimentamos tanta alegria que nos esquecemos da vaidade curta da vida.[17]

Quentin Massys parece ter aprendido essa lição espiritual. Sabemos disso por causa de um detalhe surpreendente em *O agiota e sua mulher*. Lembre-se de que nessa obra prima o marido e a esposa se afastam de Deus para se concentrar no dinheiro. Na mesa entre os dois, Massys inseriu um pequeno espelho redondo, que reflete uma pequena cena que ocorre além dos limites do quadro. Se olharmos com cuidado a imagem no espelho, veremos linhas escuras que se cruzam numa janela para formar uma cruz. Vemos também uma pequena figura estendendo o braço em direção à cruz, como que para se agarrar à cruz. Os historiadores da arte reconhecem o rosto: trata-se do próprio Massys.

O artista – assim como o Pregador que escreveu Eclesiastes – está nos lembrando que, na vida, não devemos procurar qualquer satisfação no dinheiro. Em vez disso, somos convidados a estender nossa mão para a cruz, onde Jesus deu a sua vida por todos os nossos pecados avarentos, a agarrar-nos em Jesus e encontrar toda a satisfação nele.

[1] LONGMAN, Tremper III. *The Book of Ecclesiastes*. New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998, p. 157.

[2] EATON, Michael A. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 101.

[3] LUTHER, Martin. "Notes on Ecclesiastes." In: *Luther's Works*. Trad. e org. Jaroslav Pelikan, 56 vols. St. Louis: Concordia, 1972, vol. 15, p. 5.

[4] LONGMAN. *The Book of Ecclesiastes*, p. 157.

[5] O'NEILL explica o termo em seu livro *The Golden Ghetto: The Psychology of Affluence*. Center City, MN: Hazelden, 1996.

[6] BRIDGES, Charles. *A Commentary on Ecclesiastes* (reimpressão 1860). Edimburgo: Banner of Truth, 1961, p. 115.

[7] Das músicas "Can't Buy Me Love" e "Money (That's What I Want)" dos discos *Hard Day's Night* (1964) e *With the Beatles* (1963).

[8] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*. The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 56.

[9] GOLDSMITH, Oliver. "The Deserted Village." In: *The Poetical Works of Oliver Goldsmith: with a Life*. Nova York: Blakeman & Mason, 1862, p. 35.

[10] LUTHER. "Notes on Ecclesiastes", vol. 15, p. 90.

[11] DYSON, Simon. Citado em BLANCHARD, John. *Where Do We Go From Here?*. Darlington: Evangelical Press, 2008, p. 6.

[12] LUTHER. "Notes on Ecclesiastes", vol. 15, p. 91.

[13] ALCORN, Randy. *The Treasure Principle: Unlocking the Secret of Joyful Living*. Nova York: Doubleday, 2005, p. 55-56.

[14] KIDNER. *The Message of Ecclesiastes*, p. 56.

[15] LONGMAN. *The Book of Ecclesiastes*, p. 168.

[16] HERBERT, George. *George Herbert and the Seventeenth-Century Religious Poets*. Org. Marion A. D. Cesare. Nova York: Norton, 1978, p. 57.

[17] EATON. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*, p. 104.

13

# HOJE AQUI, AMANHÃ NÃO MAIS

*Eclesiastes 6.1-12*



*Há um mal que vi debaixo do sol e que pesa sobre os homens: o homem a quem Deus conferiu riquezas, bens e honra, e nada lhe falta de tudo quanto a sua alma deseja, mas Deus não lhe concede que disso coma; antes, o estranho o come; também isto é vaidade e grave aflição* (Ec 6.1-2).

"Não é fácil andar na terra e encontrar paz. Parece que dentro de nós algo saiu do ritmo com as coisas, por isso, estamos sempre inquietos, insatisfeitos, frustrados e sofridos. Sentimos um desejo tão forte que é difícil encontrar descanso. O desejo é sempre mais forte do que a satisfação", escreve Ronald Rolheiser em seu livro *The Holy Longing: The Search for a Christian Spirituality*.[1] Enquanto andarmos nesta terra inquieta, cheia de desejos, nunca estaremos completamente satisfeitos.

Jonathan Clements chegou a uma conclusão semelhante nas páginas do *Wall Street Journal*. "Podemos ter vida e liberdade", ele escreveu, "mas a busca pela felicidade não está indo muito bem... Queremos constantemente carros mais chiques e folhas de pagamento mais gordas – e, no início, essas coisas aumentam a felicidade. Mas o brilho da satisfação rapidamente se dissipa, e logo passamos a desejar outra coisa".[2]

Isso acontece todos os anos após abrirmos nossos presentes de Natal. Recebemos o que achávamos que queríamos e o curtimos por um tempinho. Mas logo aparece algo diferente que queríamos ter

recebido. Nossos desejos nunca desaparecem por muito tempo; eles sempre voltam.

### *Sem garantia de satisfação*

A decepção de um desejo insatisfeito é tão velha quanto Eclesiastes. Kohelet disse: "Quem ama o dinheiro jamais dele se farta" (Ec 5.10). Após contemplar a vaidade da prosperidade, o Rei-Pregador concluiu que a única maneira de encontrar qualquer satisfação verdadeira na vida é confiar no Deus da alegria (veja Ec 5.18-20). Mas ele não permaneceu satisfeito por muito tempo. Logo, voltou a lamentar os muitos problemas da vida debaixo do sol.

Eclesiastes 6 é um dos capítulos mais sombrios da Bíblia. Quando ouvimos o que o Pregador tem a dizer, lemos o que o poeta russo Alexandre Pushkin chamou de "intimações gélidas da razão e relatos de um coração em dor".[3] O autor apresenta uma lista de decepções que o deixaram profundamente insatisfeito, seguida por várias perguntas que só Deus consegue responder. Muitas pessoas veem a vida de forma semelhante: como longa lista de decepções que suscita perguntas sérias sobre Deus.

A primeira decepção do Pregador dizia respeito aos bens das pessoas. Ele viu que a satisfação não era garantida: "Há um mal que vi debaixo do sol e que pesa sobre os homens: o homem a quem Deus conferiu riquezas, bens e honra, e nada lhe falta de tudo quanto a sua alma deseja, mas Deus não lhe concede que disso coma; antes, o estranho o come; também isto é vaidade e grave aflição" (Ec 6.1-2).

O homem desses versículos parecia ter tudo. Ele não só valia uma fortuna como era também famoso, coisa que algumas pessoas prezam ainda mais do que dinheiro. No entanto, por alguma razão não especificada, ele era incapaz de se alegrar com o que tinha. Martinho Lutero chamou esses versículos de "uma descrição de um homem rico

ao qual não falta nada para uma vida boa e feliz, mas mesmo assim não a tem".[4]

Ao contrário do homem descrito no final de Eclesiastes 5, o homem do capítulo 6 tinha riqueza sem a satisfação. No fim, perdeu tudo e assim nunca teve a oportunidade de usufruir tudo aquilo que adquirira durante a vida por meio de muito trabalho. Talvez tenha perdido seus bens em tempos de guerra ou por causa de um roubo, ou talvez ele tenha colocado tudo a perder num investimento arriscado (veja Ec 5.13-14). Talvez ele estivesse doente demais para fazer bom uso de seu dinheiro ou morreu antes de se aposentar (veja Ec 2.18), como acontece com muitos. Mas por alguma razão providencial, alguém que parecia ter tudo o que poderia querer nunca teve a oportunidade de desfrutá-lo. Estava aqui hoje, mas amanhã não mais, e quando sumiu, passou tudo para outra pessoa – para alguém que o homem nem conhecia.

O Pregador chamou isso de "grave mal". Também o descreveu como algo que "pesa sobre os homens" (Ec 6.1). Essa expressão pode se referir à gravidade da situação, mas é mais provável que se refira à sua frequência. Acontece o tempo todo: uma pessoa perde tudo pelo qual trabalhou tanto, e então vem alguém para usufruir aquilo. Como Davi escreveu em um de seus salmos: "amontoa tesouros e não sabe quem os levará" (Sl 39.6).

Se houver algo de bom nessa situação infeliz, é o reconhecimento de que nossos bens jamais podem nos trazer alegria duradoura. As dádivas que Deus nos dá e o poder para desfrutar dessas dádivas vêm separadamente. É por isso que ter mais dinheiro jamais pode garantir qualquer alegria. Sem Deus, continuaremos insatisfeitos. É somente quando o mantemos no centro de nossa existência que experimentamos uma alegria verdadeira com as dádivas que ele nos dá. O temor do Senhor não é apenas o início da sabedoria; é também a fonte de satisfação.

### *A morte seria melhor*

Se a satisfação não é garantida, então talvez seria melhor estarmos mortos. É essa possibilidade sombria que o Pregador contempla a seguir:

> Se alguém gerar cem filhos e viver muitos anos, até avançada idade, e se a sua alma não se fartar do bem, e além disso não tiver sepultura, digo que um aborto é mais feliz do que ele; pois debalde vem o aborto e em trevas se vai, e de trevas se cobre o seu nome; não viu o sol, nada conhece. Todavia, tem mais descanso do que o outro, ainda que aquele vivesse duas vezes mil anos, mas não gozasse o bem. Porventura, não vão todos para o mesmo lugar? (Ec 6.3-6)

Essa é outra das afirmações do Pregador do tipo "melhor do que", em que ele compara uma coisa com outra. Nesse caso, ele compara um homem cuja vida é repleta de bênçãos com uma criança que nunca viu a luz do dia. Dada a vaidade da vida neste mundo caído, Kohelet chega à amarga conclusão de que uma criança natimorta leva o melhor fim nesse negócio.

O homem descrito nesses versículos tinha a melhor vida que qualquer um pudesse imaginar nos tempos do Antigo Testamento. Eclesiastes não nos diz quão rico ele era, mas numa cultura que via filhos como bênção do Senhor, ele havia gerado cem filhos e filhas. Viveu também uma longa vida – de dois mil anos, para ser exato, o que é o dobro da idade de Metusalém (veja Gn 5.27). Mesmo assim, o homem não estava satisfeito, provavelmente porque não tinha Deus em sua vida. Observe que era especificamente a sua alma que estava insatisfeita. Algo estava faltando em sua vida espiritual. Havia um buraco em seu coração.

Infelizmente, quando o homem morreu, ele não recebeu nem mesmo a honra de um enterro decente. A Bíblia não nos diz por que o seu corpo não foi enterrado. Talvez tenha morrido numa batalha, ou talvez tenha sido desdenhado pela família. Mas qualquer que tenha sido a razão, o fato de não ter sido enterrado teria levado muitas pessoas a

concluir que ele se encontrava sob uma maldição de Deus. Tudo isso serve para mostrar que uma pessoa pode "ter as coisas das quais o homem sonha – o que, em termos do Antigo Testamento, significava muitos filhos e milhares de anos de vida – e mesmo assim partir despercebido, insatisfeito e sem ninguém para lamentar a morte".[5]

Ao contemplar essa situação hipotética, o Pregador chega a cogitar o pensamento da não existência. Uma pessoa pode ter tudo o que a vida tem a oferecer e mesmo assim sentir-se miserável. Mas se estivermos tão infelizes com a vida, então talvez fosse melhor nunca ter vivido.

Assim, o Pregador chega a contemplar a estranha bênção do natimorto. A criança "vem em vaidade", porque o seu nascimento é infrutífero (Ec 6.4). "Em trevas se vai", porque morre sem jamais ter visto a luz do dia (cf. Jó 3.16). Até o seu nome se cobre de trevas – não porque a criança não chega a receber um nome dos seus pais, mas porque a morte encobre a sua identidade e personalidade. Ninguém jamais conhecerá o caráter ou as habilidades da criança. Tampouco a criança conhecerá este mundo: "não viu o sol, nada conhece" (Ec ٦.٥).

Talvez seja melhor assim. "É melhor abortar durante o parto", diz um comentarista, "do que abortar durante toda a vida".[6] A criança natimorta jamais precisa suportar dor ou ver sofrimento, ou lutar com a culpa de um pecado consciente. E o melhor de tudo: a criança é a primeira a morrer e, portanto, a primeira a encontrar o descanso eterno.

Esse pensamento tem dado pelo menos um pouco de conforto a muitos pais que sofreram a insuportável perda de um recém-nascido. Ao contemplar esse pensamento aqui, o Pregador quase se sente tentado a invejar: "Se essa vida é tudo, e se ela oferece a algumas pessoas frustração em vez de satisfação, sem nada que possam deixar para aqueles que delas dependem; se, além disso, todos estão esperando a sua vez de serem apagados, então alguns realmente podem invejar os natimortos, por serem os primeiros na fila".[7]

Até mesmo alguém que vive dois milênios tem exatamente o mesmo fim do natimorto. A morte é o grande igualador. Não importa quanto vivemos, todos nós morremos em algum momento. O famoso teólogo neo-ortodoxo Karl Barth aplicou essa dura verdade de forma muito pessoal. Disse: "Algum dia, um grupo de homens fará uma procissão em direção ao cemitério e baixará um caixão na terra, e todos voltarão para casa; mas uma pessoa não voltará, e essa pessoa serei eu".[8] Mas se no final todos nós morrermos, então qual é a vantagem de continuar a viver, especialmente quando a vida não é particularmente agradável?

Lembre-se de que, quando o Pregador diz tudo isso, ele está excluindo Deus por ora. Está pensando, essencialmente, sob a perspectiva da vida sob o sol, não em termos da vida após a morte e de todas as promessas que Deus fez sobre a vinda do seu reino. Esta vida não é tudo o que existe. Jesus provou isso quando morreu e ressuscitou, trazendo da escuridão do túmulo a luz da ressurreição. Quando cristãos são enterrados – e quando enterram seus filhos pequenos – eles o fazem sempre na esperança certa e segura da ressurreição dos mortos.

Mas o Rei-Pregador ainda não está pronto para nos dar esse evangelho. Em vez disso, está escrevendo para nos mostrar a nossa necessidade de Deus. Ele o faz contando-nos que, não importa quanto tempo vivemos ou quanto dinheiro temos, tudo é sem sentido, a menos que possamos desfrutá-lo, o que nunca seremos capazes de fazer sem o poder de Deus.

### *Apetite insaciável*

A insatisfação do Pregador ressurge nos versículos a seguir. Nos versículos 1-2 ele falou sobre um homem que tinha tudo o que queria na vida, exceto a chance de usufruir tudo isso. Nos versículos 3-6 ele usou uma comparação para argumentar que, se não gozarmos a vida, melhor seria estarmos mortos. Agora, ele presume se algum dia

estaremos satisfeitos: “Todo trabalho do homem é para a sua boca; e, contudo, nunca se satisfaz o seu apetite. Pois que vantagem tem o sábio sobre o tolo? Ou o pobre que sabe andar perante os vivos? Melhor é a vista dos olhos do que o andar ocioso da cobiça; também isto é vaidade e correr atrás do vento” (Ec 6.7-9).

Se as pessoas têm dificuldades de se deleitar com a vida – se a satisfação não é garantida, independentemente de quanto tempo vivemos – então talvez devamos evitar o desapontamento, exigindo menos dela. O problema é que sempre temos apetite para mais. No versículo 7, o Pregador nos diz o que acontece quando alimentamos esse apetite: ficamos com fome de novo; os mesmos desejos voltam dia após dia. Nós nos alimentamos para ter forças para o trabalho, para ganhar o nosso pão de cada dia, que então comemos para ter forças para voltar ao trabalho no dia seguinte, e assim continua, dia após dia.

Tampouco importa quão sábios somos ou quanto dinheiro temos – todos temos desejos insatisfeitos. É melhor ser sábio do que tolo, é claro, mas até mesmo as pessoas sábias têm desejos que a vida não satisfaz plenamente. Nem mesmo a pobreza nobre consegue nos livrar do desejo. O homem pobre descrito no versículo 8 é sábio o bastante para conhecer a maneira certa de viver. Então, talvez ele consiga evitar todas as decepções das pessoas ricas, quando estas esperam que o dinheiro lhes dê sentido e propósito na vida. No entanto, quando se trata de satisfazer o desejo, o pobre se decepcionará tanto quanto qualquer outro. Nem sabedoria nem pobreza garantem uma vantagem.

Normalmente, acreditamos poder encontrar satisfação em tudo o que a vida tem a oferecer – comida e bebida, música e beleza, família e amigos. Mas o desejo é um vagabundo. Jamais satisfeito em ficar em casa, ele sempre sai para vagar pelo mundo. Essa é a imagem vívida do Pregador no versículo 9, em que ele fala sobre “o andar ocioso da

cobiça". Nossos desejos estão sempre a caminho, mas nunca alcançam o destino. Este é o desejo da alma humana: vagar.

Um exemplo notável da insatisfação perpétua foi encontrado nas escavações da cidade de Pompeia. Quando o vulcão Vesúvio irrompeu e Pompeia foi soterrada, muitas pessoas morreram, e as formas de seus corpos, suas posturas e, em alguns casos, suas expressões faciais foram preservadas pelas cinzas vulcânicas. Os pés de uma mulher apontavam na direção do portão da cidade, em busca de segurança. Mas seu rosto estava voltado para trás, olhando para algo que se encontrava fora do alcance de seus braços estendidos. Ela estava tentando agarrar uma bolsa de lindas pérolas. Talvez ela tenha se lembrado subitamente que havia deixado as pérolas para trás ou visto que outra pessoa as deixara cair, tentando salvar sua vida – a mulher ficou congelada numa postura de desejo inalcançável.[9]

Todos nós sentimos esta tentação: a de abandonar a vida e estender os braços para a morte tentando agarrar-nos em algo que acreditamos poder nos satisfazer – um colar de pérolas, talvez, ou algum outro tipo de joia. Algumas pessoas se agarram em comida e bebida ou alguma outra substância que possam injetar em seus corpos. Outros deixam se seduzir pelo prazer sexual. Outros se voltam para seus brinquedos e jogos ou algum outro passatempo. Ou talvez passem seu tempo simplesmente assistindo TV ou jogando no computador. Mas não importa o que seja, nossos apetites vagantes estão sempre procurando algo para nos satisfazer.

A verdade é que apenas Deus consegue nos satisfazer plenamente – por meio de sua palavra, por meio de sua adoração e por meio da ajuda que vem do Espírito Santo quando o procuramos na oração. É importante lembrar-se disso sempre que nos frustramos com algo na vida. Precisamos perguntar a nós mesmos o que realmente precisamos e lembrar-nos daquilo que Deus quer nos dar. Antes de comprar algo, ou

de comer alguma coisa, ou de iniciar qualquer coisa, é melhor conversar sobre tudo com o nosso Pai no céu, dizendo algo como: "Senhor, sabes como me sinto vazio neste momento. Ajuda-me a não fugir dos meus problemas, mas a entregá-los a ti. Ensina-me que somente tu me bastas. E por meio de tua graça, dá-me a paz e a alegria que tens para mim em Jesus".

### *A mesma velha história*

Infelizmente, o autor de Eclesiastes ainda não estava pronto para orar sobre suas decepções com a vida. Em vez de se voltar para o Senhor, ele continuou com sua lista de queixas. Ele já disse que a satisfação não é garantida. Ele se perguntou se não seria melhor estar morto e reconheceu a vida vagante de seu apetite insaciável. Agora, ele diz que a vida é sempre a mesma e velha história até morrermos, e quem sabe o que acontece depois disso?

Kohelet o formulou da seguinte maneira:

> A tudo quanto há de vir já se lhe deu o nome, e sabe-se o que é o homem, e que não pode contender com quem é mais forte do que ele. É certo que há muitas coisas que só aumentam a vaidade, mas que aproveita isto ao homem? Pois quem sabe o que é bom para o homem durante os poucos dias da sua vida de vaidade, os quais gasta como sombra? Quem pode declarar ao homem o que será depois dele debaixo do sol? (Ec 6.10-12)

Esses versículos se encontram praticamente no centro de Eclesiastes, mas o Pregador continua dizendo as mesmas coisas que já disse no início do livro. Ele o disse uma vez e o disse uma dúzia de vezes: não há nada de novo debaixo do sol. Os nomes já foram atribuídos; tudo foi rotulado e categorizado. Além do mais, a condição humana é a mesma que foi desde a queda de Adão e Eva: vaidade e correr atrás do vento. Esse lamento lembrou Martinho Lutero de um antigo provérbio alemão: "Assim como foram, as coisas continuam sendo; e como são, serão".[10]

Se estivermos infelizes com a situação atual, não faz sentido discutir com Deus sobre isso. Parece ser isso que o Pregador queria dizer quando falou sobre discutir com alguém que é mais forte do que nós. O "mais forte" é o Deus Todo-poderoso. Às vezes, as pessoas tentam discutir com Deus – como Jó, por exemplo – mas normalmente se arrependem disso mais tarde. Após Deus lhe responder, Jó teve de confessar: "Na verdade, falei do que não entendia... Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza" (Jó 42.3,6).

Precisamos conhecer os nossos limites, e um dos nossos limites é que não possuímos sabedoria para ganhar de Deus numa discussão. Não importa o que se diga, dizendo a Deus que ele deveria fazer isso ou aquilo, nossas palavras nunca conseguirão mudar o seu sábio plano para governar o universo. Nas palavras de Derek Kidner: "Não importa quão sábias sejam as palavras que multipliquemos sobre o homem ou contra o seu Criador, os versículos 10 e 11 nos lembram que não podemos alterar a forma como nós e o nosso mundo foi feito".[11] Na verdade, quanto mais falamos, mais vazias as nossas palavras se tornam. Para nos manter em nosso devido lugar, o apóstolo Paulo perguntou: "Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?!" (Rm 9.20).

Para não encerrar essa parte de seu livro com uma discussão, o Pregador termina com algumas perguntas retóricas: "Pois quem sabe o que é bom para o homem durante os poucos dias da sua vida de vaidade, os quais gasta como sombra? Quem pode declarar ao homem o que será depois dele debaixo do sol?" (Ec 6.12).

Essas são perguntas básicas sobre o sentido da vida e da morte. A primeira pergunta é sobre nossa existência atual. O Pregador sabe que a vida é curta, como a sombra de uma nuvem que desliza pelo céu. Sabe também que a vida é vaidade, especialmente sem Deus. Ele tem dito isso repetidas vezes desde o início de Eclesiastes. Mesmo assim, deseja saber

como viver uma vida boa. Quer saber também o que acontece depois. Por isso, sua segunda pergunta é sobre a vida vindoura. Quem sabe o que acontecerá depois, seja na terra ou no céu?

### *A vida vindoura*

Com essas palavras parece que retornamos para onde Eclesiastes começou, com perguntas impossíveis sobre o sentido da vida. O Pregador ainda não tem todas as respostas, razão pela qual algumas pessoas veem esse capítulo como muito pessimista.

Para responder a essa perspectiva, ajuda lembrar onde nos encontramos em Eclesiastes e onde nos encontramos na Bíblia como um todo. O Pregador começou esse capítulo falando sobre o mal que havia visto "debaixo do sol". Embora ele mencione o nome de Deus uma vez ou outra, ele tem contemplado a vida principalmente a partir de um ponto de vista humano, que é correto dentro de seus limites. Sim, sofremos muitas decepções na vida. Temos também perguntas que nunca são respondidas satisfatoriamente. Mas entenda o propósito do Pregador: ao falar abertamente sobre as nossas decepções com a vida, ele está tentando despertar o nosso desejo de Deus. Algumas das nossas perguntas serão respondidas até o final do livro. Outras permanecerão em aberto por ora, mas são respondidas no evangelho.

Isso vale, sobretudo, para a última pergunta de Kohelet: Existe uma vida vindoura? Algumas pessoas negam isso, apesar de nunca poderem provar a sua posição. Segundo a *British Humanist Association* [Associação Humanista Britânica], "a vida leva a nada, e cada pretensão contrária é uma ilusão".[12] Mas como podemos saber que o céu é uma ilusão, que a vida eterna é uma mentira? Alguns céticos são mais cautelosos. Podem não acreditar em um reino vindouro, mas sabem que não podem negar a possibilidade. Assim, morrem na incerteza, como Rabelais, que disse: "Estou partindo à procura de um

grande talvez", ou Thomas Hobbes, que, com sua célebre frase, descreveu sua morte como "a última viagem, um grande salto no escuro".[13]

As pessoas que acreditam na Bíblia sabem que não é assim. Se excluirmos Deus da equação, se contemplarmos as coisas "debaixo do sol", jamais teremos certeza daquilo que acontecerá quando morrermos. Mas quando levamos a sério a Palavra de Deus e acreditamos nas promessas que fez na Bíblia, sabemos que existe uma vida após a morte. Após morrer por nossos pecados e ressuscitar, Jesus ascendeu ao céu. Ele está lá para preparar um lugar para nós com ele na presença de Deus. O caminho para este lugar abençoado é simplesmente confiar em Jesus.

Se não houver céu, não há como escapar da vaidade da nossa existência. Nada importa. Nossos desejos jamais serão satisfeitos. Nossos apetites continuarão vagando para sempre. Em decorrência disso, seremos tentados de vez em quando a pensar que melhor seria se estivéssemos mortos, e nenhuma queixa ou discussão mudará isso. Mas se a vida for uma curta preparação para uma longa eternidade, então tudo importa, e haverá alegria para nós à direita de Deus.

Lembrei-me dessa alegria quando a nossa família visitou a mostra de Nárnia no Franklin Institute, em Filadélfia. A exposição era dedicada ao *Príncipe Caspian* e a *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* – dois filmes baseados nos famosos livros infantis de C. S. Lewis. A última galeria mostrava a linda sala do trono em Cair Paravel, o lindo castelo de Nárnia. Fiquei olhando como os três pequenos Ryken passaram por uma guarda de honra de centauros e se aproximaram do trono real. Lá, diante de nós, estavam quatro coroas de ouro – acessórios cinematográficos para os reis e as rainhas de Nárnia — com os nomes de Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia inscritos nelas.

Então ouvimos uma voz vinda do trono. Era a voz de Aslam, o grande leão que reina sobre a terra de Nárnia, dizendo: “Uma vez rei ou rainha em Nárnia, sempre rei ou rainha em Nárnia”. Enquanto admirávamos as coroas, sonhando com um reino eterno, sussurrei nos ouvidos das crianças: “Vocês gostariam de usar uma coroa?”.

É claro que sim. E assim o farão pela fé em Cristo, pois ali, na corte de Cair Paravel, eis que pude vê-las na sala do trono de Deus, prontas para receber as coroas eternas que nos foram prometidas em Cristo (veja 2Tm 4.8; 1Pe 5.4; Ap 2.10). Pude ver os nomes inscritos nelas: Kathryn, a Pura; James, o Justo; Karoline, a Corajosa; e Philip, o Menor (acho que foi isso que li). Havia um rei no trono – o Leão da tribo de Judá – e em voz alta ele dizia: “Eis que faço novas todas as coisas!” (Ap 21.5). Assim será, pela graça de Deus, no último de todos os dias. Estamos aqui hoje, mas seremos coroados amanhã!

[1] ROLHEISER, Ronald. *The Holy Longing: The Search for a Christian Spirituality*. Citado em KAUFFMAN, Richard A. "The Human Condition." In: *Christianity Today* (julho de 2008), p. 46.

[2] CLEMENTS, Jonathan. "No Satisfaction: Why What You Have Is Never Enough." In: *Wall Street Journal* (2 de maio de 2007), D1.

[3] PUSHKIN, Alexandre. *Eugene Onegin and Other Poems*. Everyman's Library Pocket Poets. Trad. Charles Johnston. Nova York: Alfred A. Knopf, p. 11.

[4] LUTHER, Martin. "Notes on Ecclesiastes." In: *Luther's Works*. Trad. e org. Jaroslav Pelikan, 56 vols. St. Louis: Concordia, 1972, vol. 15, p. 94.

[5] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*. The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 59.

[6] EATON, Michael A. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 106.

[7] KIDNER. *The Message of Ecclesiastes*, p. 60.

[8] BARTH, Karl. *Dogmatics in Outline*. Citado em LIMBURG, James. *Encountering Ecclesiastes: A Book for Our Time*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2006, p. 84.

[9] A escavação é descrita por CHAPPELL, Clovis G. *Feminine Faces*. Grand Rapids, MI: Baker, 1978, s. p.

[10] LUTHER. "Notes on Ecclesiastes", vol. 15, p. 101.

[11] KIDNER. *The Message of Ecclesiastes*, p. 62.

[12] The British Humanist Association, citada em BLANCHARD, John. *Where Do We Go from Here?* Darlington: Evangelical Press, 2008, p. 10.

[13] Rabelais e Hobbes são citados *ibid*., p. 9.

14

# CADA VEZ MELHOR

*Eclesiastes 7.1-12*



> *Melhor é a boa fama do que o unguento precioso, e o dia da morte, melhor do que o dia do nascimento. Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há banquete, pois naquela se vê o fim de todos os homens; e os vivos que o tomem em consideração* (Ec 7.1-2).

Uma das brincadeiras que fazíamos em festas do ensino médio chamava-se "Maior e melhor". Formávamos times, e cada time recebia um palito. Então, saíamos pela vizinhança, batendo nas portas e tentando encontrar algo maior e melhor do que o palito (ou qualquer coisa que fosse). "Estamos jogando 'Maior e melhor'", nós dizíamos ao dono da casa. "Você tem algo maior e melhor do que isso?" No fim da noite, nós voltaríamos com, por exemplo, uma TV velha ou, certa vez, com um cortador de grama motorizado, que a esposa de algum homem infeliz estivesse querendo se livrar há tempos.

O Pregador de Eclesiastes usa uma estratégia semelhante para nos ensinar o caminho da sabedoria para a vida neste mundo onde "tudo é vaidade". No final do capítulo 6, o Pregador se perguntou como podemos viver bem durante os poucos e passageiros dias na terra. Ele responde a essa pergunta no capítulo 7, fazendo uma série de comparações do tipo "melhor do que". O Pregador está nos ensinando a como usar o discernimento ao escolher o modo como vivemos.

### *Os dias do nascimento e da morte*

Ao analisarmos as comparações de Kohelet, ajudará manter em mente que essa seção de seu livro é menos organizada do que os capítulos anteriores. Eclesiastes é uma literatura sapiencial, e como muitos escritos do Oriente Próximo da Antiguidade, o livro contém uma grande variedade de provérbios e outros ditos de sabedoria. Essa é uma das razões pelas quais alguns estudiosos acreditam que Eclesiastes foi escrito pelo rei Salomão. Alguns dos provérbios que lemos aqui são muito parecidos com o que Salomão escreveu em seu livro de Provérbios. Como os provérbios naquele livro, os provérbios que encontramos em Eclesiastes compreendem uma gama ampla de assuntos. No entanto, muitos deles tratam de temas relacionados, como os que encontramos nos versículos iniciais do capítulo 7, no qual temos provérbios práticos sobre o sentido da vida e da morte (Ec 7.1-4), sobre a diferença entre a repreensão sábia e o riso tolo (Ec 7.5-6) e sobre esperar pacientemente enquanto esperamos para ver o que Deus fará (Ec 7.7-10), seguido por uma declaração que sumariza o valor da sabedoria (Ec 7.11-12).

O Pregador começa oferecendo-nos sabedoria para entender as grandes questões da vida e da morte. Ele começa com uma comparação dupla: "Melhor é a boa fama do que o unguento precioso, e o dia da morte, melhor do que o dia do nascimento" (Ec 7.1). A primeira parte desse provérbio é semelhante ao que Salomão disse em outra passagem: "Mais vale o bom nome do que as muitas riquezas" (Pv 22.1). Aqui em Eclesiastes o Pregador compara a boa reputação ao rico aroma de uma fragrância exótica (veja também Ct 1.3). Ele o faz com um jogo de palavras em hebraico que é difícil traduzir para o português, mas talvez essa paráfrase chegue perto: "Boa fama é melhor do que perfume refinado".[1] É possível que esse provérbio tenha sido um dito popular naqueles dias. Nas comunidades empoeiradas dos tempos bíblicos, óleos perfumados e outras fragrâncias eram bens valiosos. Mas ter um

nome cuja integridade as pessoas admiram é ainda mais valioso. Em cada comentário que fazemos e em cada decisão que tomamos, construímos ou destruímos a nossa reputação.

Kohelet nos chama para usar o perfume do bom caráter. Considere, portanto, o tipo de nome que você está criando para si mesmo. Quando as pessoas pensam em você, quais os traços de seu caráter que lhes vêm à mente? Trata-se de qualidades de Cristo? Para dar alguns exemplos: Você é mais conhecido por ser uma pessoa alegre ou por ter um espírito crítico? Você é conhecido por sempre falar a verdade absoluta ou por inventar histórias difíceis de acreditar? Você é generoso com o que tem ou você tende a ser pão-duro? Caráter é como você vive, e mais cedo ou mais tarde você será conhecido pelo caráter que você cultiva. Cultive um bom nome – não para si mesmo, mas para Jesus.

A comparação da primeira parte do versículo 1 prepara a comparação seguinte, sobre aniversários e funerais. Aqui está como o versículo deve ser lido: "Assim como o nome é melhor do que óleo, assim o dia da morte é melhor do que o dia de nascimento".[2] A segunda parte dessa comparação é tão aberta que ela tem sido interpretada de muitas formas diferentes. Alguns estudiosos a entendem como comentário sombrio e cínico sobre o vazio da nossa existência – "O alívio de Kohelet de que, finalmente, a vida acabou".[3] O Pregador já teve pensamentos semelhantes no capítulo 6, quando se perguntou se não seria melhor estar morto (veja Ec 6.3-6). Em uma interpretação um pouco mais positiva, sua comparação entre os dias de nascimento e morte poderia significar que algumas pessoas têm uma vida tão dura que a morte virá como libertação.

Uma boa razão para ver essa comparação de modo positivo, no entanto, é que a primeira parte do versículo é muito otimista. É maravilhoso possuir tanto uma boa reputação quanto um perfume precioso. Semelhantemente, tanto o primeiro quanto o último dia da

vida têm algo a oferecer, especialmente para alguém que possui um bom nome nos tribunais do céu por meio da fé salvífica em Jesus Cristo.[4] Quando Dídimo, o Cego, estudou esse versículo, ele comentou que o dia de morte de um cristão é melhor porque é "o fim e o término do mal".[5] O apóstolo Paulo expressou um pensamento semelhante em sua carta aos Filipenses (٢٣-١.٢١). Ao comparar a vida com a morte, Paulo achou difícil decidir qual era melhor: "Já não sei o que hei de escolher", ele disse. "De um e outro lado, estou constrangido." Por um lado, quanto mais vivia mais oportunidades tinha de realizar a obra do reino. No entanto, assim que morresse, entraria na presença de Cristo, o que seria muito melhor. "Para mim, o viver é Cristo", ele disse, "e o morrer é lucro".

É por isso que o dia da morte de um cristão é o melhor dia de todos. "No dia de seu nascimento, nasceu para morrer", escreveu Thomas Boston, mas "no dia de sua morte, ele morre para viver".[6] Boston descreveu o nosso dia da morte como o dia em que entramos para um mundo melhor, mais perfeito, mais puro, com descanso mais profundo, companhia melhor e emprego melhor do que o mundo em que entramos no dia em que nascemos.[7] A morte é a nossa entrada para a glória – aquilo que Charles Spurgeon descreveu como o dia em que cristãos "alcançam e, todo perigo passou, entram em seu porto desejado".[8]

Para entender como o nosso último dia pode ser o nosso melhor dia, precisamos voltar para o dia em que Cristo nasceu, e para o dia ainda melhor em que ele morreu pelos nossos pecados. O dia em que Jesus nasceu foi um dos melhores dias – a vinda do nosso Deus e Rei. A alegria daquele dia é lindamente expressada num antigo hino de John Byrom:

*Cristãos, despertai, saudai a manhã feliz*
*Em que o Salvador do mundo nasceu.*
*Levantai para adorar o mistério do amor*

*Proclamado por exércitos de anjos no céu,*
*Com eles boas novas se iniciaram*
*Do Deus encarnado e do filho da virgem.*[9]

Mas nem mesmo aquele dia abençoado é o melhor dos dias. Olhamos além de Belém para o Calvário, onde o Salvador na manjedoura morreu em uma cruz. Não é o nascimento de Jesus que nos salva – evidentemente, ele teve de nascer antes de morrer –, é antes a morte de Jesus que liberta – o derramamento do seu sangue pela expiação dos nossos pecados. Apenas porque o dia da sua morte foi tão perfeito – Sexta-feira Santa, como normalmente chamamos – é que agora podemos ter alguma esperança de uma vida após a nossa morte.

Alguns dos melhores hinos de Natal falam dessa grande verdade. Ao celebrarem o nascimento de Cristo, louvam também sua morte salvífica. "Que criança é esta que, deitada, dorme no colo de Maria?". E o hino responde: "Pregos, lança o atravessará, a cruz suportou por mim, por você".[10] "Dentro de um berço meu Salvador dormia, uma manjedoura de madeira cheia de feno." E depois estas palavras: "Numa cruz meu Salvador morreu, para, crucificado, resgatar os pecadores".[11] Ou veja estas lindas palavras de um hino de Paul Gerhardt: "Ele se torna o Cordeiro que leva / o pecado e para ti faz plena expiação".[12] A verdade que encontramos em Eclesiastes 7.1 é expressa mais perfeitamente na fragrância do caráter, no alegre nascimento e na morte expiatória de Jesus Cristo.

### *O caminho de toda carne*

Existem, portanto, várias maneiras de interpretar o que o Pregador diz sobre os dias do nascimento e da morte. Mas nós o compreendemos com maior clareza quando contemplamos as suas palavras dentro do contexto. A principal razão pela qual o dia da morte é melhor do que o dia do nascimento é porque, paradoxalmente, a morte tem mais a nos ensinar sobre a vida: "Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa

onde há banquete, pois naquela se vê o fim de todos os homens; e os vivos que o tomem em consideração. Melhor é a mágoa do que o riso, porque com a tristeza do rosto se faz melhor o coração. O coração dos sábios está na casa do luto, mas o dos insensatos, na casa da alegria" (Ec 7.2-4). Matthew Henry resume isso dizendo: "É mais proveitoso irmos a um funeral do que a uma festa".[13]

Isso não significa negar que o riso e a festa têm o seu lugar na vida. A comparação do Pregador supõe que é bom celebrar, especialmente quando o fazemos para a glória de Deus. Sabemos que o próprio Jesus gostava de festejar, e o banquete é uma das imagens mais positivas da Bíblia para a bênção divina (por exemplo, Ct 2.4; Lc 15.22-23). No entanto, até as celebrações mais alegres tendem a ser superficiais. Como observa Derek Kidner sabiamente: "Em um nascimento (e em todas as ocasiões festivas e alegres), a atmosfera geral é animada e expansiva. Não é o momento para contemplar a brevidade da vida ou as limitações humanas: deixamos correr soltas as nossas alegrias e esperanças. Na casa de luto, porém, o humor é pensativo e os fatos são simples. Se os dispensarmos, a culpa é nossa: não teremos chance melhor de encará-los".[14] Ir a um funeral é melhor neste sentido: ele nos ensina a sermos sábios na forma como vivemos e assim nos preparamos para morrer.

Quando o Pregador menciona a "casa do luto", ele está falando sobre visitar a casa em que alguém morreu. Naqueles dias, era comum que as pessoas prestassem as suas últimas honras na casa do falecido. Jesus fez isso quando Lázaro morreu; ele foi consolar Maria e Marta. Hoje, nós nos despedimos na igreja ou num velório, mas, qualquer que seja o costume, é bom ter um encontro direto com a morte.

Isso contraria a atitude prevalecente da nossa cultura, que faz de tudo para negar a realidade da nossa mortalidade. Na sociedade secular, escreveu Susan Sontag, "a morte é o mistério obsceno, a afronta final, a coisa que não pode ser controlada. Ela só pode ser negada".[15] E

é o que nós fazemos. É cada vez mais raro que as pessoas se deparem com corpos mortos ou que elas vejam caixões serem baixados na terra ou até mesmo que mencionem a palavra *morte*. Os chamados "falecidos" partem, ou não estão mais conosco, ou vão para um lugar melhor – tudo menos aquilo que realmente fizeram, ou seja, morrer.

É melhor lidarmos diretamente com a morte, saber que este é o caminho de toda carne. Segundo Martinho Lutero, é bom "convidarmos a morte para a nossa presença quando ainda está distante e não batendo à porta".[16] Charles Spurgeon deu um conselho semelhante, mas um pouco mais extenso:

> Ela está muito mais próxima do que imaginamos. Para vocês que já passaram dos 50, 60 ou 70 anos de idade, ela deve, necessariamente, estar bem próxima. Para os outros de nós que ainda se encontram na flor da vida, ela também não está longe, pois suponho que todos nós sabemos que o tempo voa mais rápido agora que nunca. Os anos da nossa juventude parecem ter tido o dobro de duração do que os anos que temos agora como homens. Foi ontem que os botões cresceram e desabrocharam, e agora as folhas estão começando a cair, e em breve veremos o velho inverno ocupar seu lugar como de costume. Os anos passam de forma tão rápida que não conseguimos ver os meses que representam os raios da roda. Toda a coisa viaja com tamanha velocidade que o seu eixo chega a esquentar. Estamos voando, como nas asas de alguma águia poderosa, em direção à eternidade. Falemos então sobre como nos preparar para a morte. É a coisa mais importante que precisamos fazer, e precisamos fazê-lo logo, por isso, falemos e façamos algo a esse respeito.[17]

Assistir a um bom funeral nos ajuda a refletir sabiamente sobre a morte. Ela nos ajuda a chorar, o que nos capacita a receber o consolo que Jesus prometeu àqueles que choram (Mt 5.4). Assistir a um funeral incentiva uma contemplação sóbria da nossa própria mortalidade, e isso, por sua vez, nos ensina a viver. A oração de Moisés é útil para todos nós: "Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio" (Sl 90.12). Um lugar onde podemos obter esse coração sábio é em um bom funeral, onde nos lembramos que os nossos próprios dias estão contados e assumimos um compromisso renovado de fazer com que cada dia conte para a eternidade.

Um bom funeral nos ajuda também a nos preparar para a morte. Muitas pessoas não estão preparadas para a morte, para sua própria desvantagem. Em seu romance *The Second Coming* [A segunda vinda], Walker Percy escreve:

> O infiel dos dias modernos é louco porque nasce num mundo de maravilhas infinitas, sem noção de como chegou aqui, num mundo em que come, dorme... trabalha, envelhece, adoece e morre... se agrada e curte, acompanha o jogo, assiste TV, toma seu drinque, ri... para todo mundo como se sua próstata não estivesse ficando cancerígena, como se suas artérias não estivessem se transformando em cálcio, como se as células de seu cérebro não estivessem morrendo aos milhões, como se os vermes não estivessem de olho nele.[18]

O cristão, por sua vez, está preparado para morrer. Uma das obrigações solenes de cada cristão é morrer bem, e isso exige uma vida de preparo:

> Pendurado na beira de um precipício, cercado de terror, não é o momento ou o lugar para aprender sobre os procedimentos de escalada de emergência; você precisa aprendê-los antes de iniciar a expedição. Semelhantemente, precisamos começar a estudar sobre a morte agora, enquanto ainda estivermos saudáveis... antes de a negação nos cegar ou antes de lutarmos valentemente por esperança.[19]

Uma das melhores maneiras de estudar sobre a morte, enquanto ainda tivermos tempo, é ajudar as pessoas a enterrarem os seus mortos, especialmente quando o fazemos com a fé no poder de ressurreição de Jesus Cristo.

O Pregador está certo: é melhor ir para uma casa de luto do que a uma casa de alegria. Adquirimos mais sabedoria ao assistir a um funeral do que participar durante um ano todo de festas de aniversário. Lidar com a morte faz bem ao coração – uma palavra que o Pregador menciona repetidas vezes nos versículos 2-4. O coração é o centro daquilo que somos – o núcleo dos pensamentos, das emoções e da vontade do nosso ser. O versículo 3 diz que "melhor é a mágoa do que o riso", pois ela deixa o coração feliz. Mais literalmente, a tristeza "melhora" o coração. O que importa aqui não é tanto a felicidade, mas

a sanidade do coração. Lidar com a morte e com toda a sua tristeza faz de nós pessoas melhores.

Essas verdades bíblicas me levam a refletir sobre o que eu aprendi de alguns funerais aos quais já assisti. Lembro-me de quando Sheri Nystrom morreu, voltando da igreja para a minha casa. Sheri foi uma das pessoas mais vibrantes, mais divertidas que já conheci. Só para dar um exemplo, quando ela ainda era criança, ela e uma amiga enviaram um peixinho-dourado ao nosso pastor pelos correios (não tente isso em casa, o peixe não sobreviveu). Ficamos muito tristes quando Sheri morreu num acidente de carro após a faculdade, recém-casada e grávida. Mas o velório e o funeral foram cenas de alegria surpreendente, toda a família da igreja – pessoas de todas as idades – chorava, sorria, cantava e se abraçava em amor cristão. Muitos ficaram até o final, quando o caixão de Sheri foi enterrado e seu pai jogou pétalas de rosas sobre o caixão.

Essa experiência me ensinou a dor da perda de um familiar e a paixão do amor da igreja, com a alegria do luto no poder da ressurreição de Jesus Cristo. Na casa do luto, eu entendi isso, e isso deixou o meu coração melhor do que era antes. Até hoje, canto para os meus filhos uma música que Sheri ensinou ao nosso grupo de jovens. O texto é baseado em Judas 24: "Agora a ele que é capaz de mantê-lo, que é capaz de impedi-lo de tropeçar e de fazê-lo ficar de pé em sua presença, sem culpa, sem mácula, com grande alegria". Pela graça de Deus e por meio da fé em Jesus Cristo, até mesmo a morte pode ser usada pelo Espírito Santo para trazer-nos vida e alegria.

### *A correção da sabedoria*

Ao falar sobre as casas de alegria e luto (Ec 7.4), o Pregador estabeleceu um contraste entre corações sábios e tolos. O mesmo contraste reaparece quando Kohelet introduz um novo tema com outra comparação: "Melhor é ouvir a repreensão do sábio do que ouvir a

canção do insensato. Pois, qual o crepitar dos espinhos debaixo de uma panela, tal é a risada do insensato; também isto é vaidade" (Ec 7.5-6). A mensagem desses versículos é, em termos bem simples, que a repreensão da sabedoria é melhor do que a risada da tolice. Uma das melhores formas para aprender a viver bem neste mundo vão é aceitar a correção de pessoas mais sábias do que nós mesmos.

Não é o que a maioria das pessoas querem ouvir. Elas preferem ouvir aquilo que o Pregador chama de "canção do insensato" (Ec 7.5). Talvez ele esteja pensando aqui em coisas tolas que algumas pessoas cantam quando estão bêbadas. Ou talvez tenha em mente as letras impuras que as pessoas costumam cantar sobre violência, sexo e adoração a outros deuses.

Ao descrever esse tipo de insensatez, o Pregador estabelece uma analogia vívida, na qual ele compara a "risada dos insensatos" com o "crepitar dos espinhos debaixo duma panela" (Ec 7.6). Esse versículo é, em parte, um jogo de palavras, pois os termos hebraicos para "espinhos" e "panela" são muito parecidos.[20] Podemos chegar perto disso em português dizendo que a risada do insensato é como "o crepitar da espinheira dentro de uma lareira".

Sempre que encontramos uma metáfora desse tipo, precisamos procurar o ponto de comparação. De que forma uma risada tola é como um fogo aberto alimentado por galhos de um espinheiro? Em primeiro lugar, produzem um som muito parecido. O barulho produzido pelo crepitar do fogo é como o crepitar de tolos. E o que seja talvez mais importante ainda, um fogo feito de espinhos é de curta duração. Apesar de produzir chama rapidamente (outro ponto de comparação – o tolo está disposto a rir sobre qualquer coisa), ela não arderá por muito tempo, diferentemente de um fogo de lenha ou carvão. Em consequência disso, uma chama de espinhos não fornecerá muito calor – "mais chama do que fogo".[21]

O mesmo vale para pessoas insensatas. Sua risada não fornece muito calor. Possui toda a frivolidade sem alegria. Mesmo que o insensato possa rir com facilidade, sua risada não dura. Aquele que ri mais alto não é necessariamente aquele que mais ri. Na verdade, Jesus disse: "Ai de vós, os que agora rides! Porque haveis de lamentar e chorar" (Lc 6.25). Nosso Salvador estava pensando nas chamas do juízo final, quando esses insensatos que riem perecerão para sempre.

Isso se encaixa bem na postura séria que Eclesiastes nos ensina a assumir diante da vida e da morte. Algumas pessoas simplesmente riem no decorrer de suas vidas. Quando o filósofo popular George Santayana contemplou os seus dias de nascimento e morte, ele disse: "Não há outra cura para o nascimento e para a morte senão curtir o intervalo".[22] Assim, algumas pessoas tentam rir a vida toda, até a morte. Veja este epitáfio famoso do poeta inglês John Gay: "A vida é um gracejo, e todas as coisas mostram isso. / Assim pensava, e agora o sei". Quem fala assim é o insensato. Mas a morte, ou o inferno que vem depois dela para todos que morrem sem Cristo, nada tem de engraçado.

É por isso que o Pregador diz que é muito melhor ouvirmos a repreensão do sábio. Alguém que se importa o bastante para nos confrontar nos dirá que precisamos levar a sério a vida e a morte. Ouvir a crítica edificante de um amigo piedoso pode salvar a nossa alma. Pessoas sábias dirão todas as coisas que Eclesiastes nos ensina. Elas nos dirão que viver pelo prazer e pelo trabalho por lucro egoísta é correr atrás do vento. Elas nos dirão que Deus tem um tempo para tudo, inclusive um tempo para nascer e para morrer. Elas nos dirão que é melhor serem dois do que um para enfrentar todas as fadigas e provações da vida. Elas nos dirão que, já que Deus está no céu e nós estamos na terra, devemos ter cuidado com o que dizemos. Elas nos dirão que dinheiro jamais satisfará a nossa alma. Ou seja, elas nos ensinarão a viver não para o dia de hoje, mas para a eternidade.

Portanto, seja sábio e visite os lugares em que você possa receber uma correção sábia e edificante. Leia a Bíblia. Ouça pregações cristocêntricas e cheias do Espírito. Gaste mais tempo com pessoas que já avançaram mais em sua peregrinação espiritual do que você. Quando você ouvir algo sério sobre coisas espirituais, não ria, mas o leve a sério.

***Olhando para frente***

A última comparação nesses versículos nos ensina a adquirir uma perspectiva santa sobre o que acontece no mundo. O Pregador já nos instruiu sobre o nascimento e a morte, sobre sabedoria e insensatez. Agora, após uma breve advertência sobre o perigo do poder ("Verdadeiramente, a opressão faz endoidecer até o sábio, e o suborno corrompe o coração"; Ec 7.7), ele nos diz que devemos olhar para frente e assumir uma visão de longo prazo: "Melhor é o fim das coisas do que o seu princípio; melhor é o paciente do que o arrogante" (Ec 7.8).

Como sempre, alguns estudiosos veem o início do versículo 8 como comentário sombrio e cínico sobre a vaidade da vida. Quanto antes resolvermos tudo isso, melhor! No entanto, a partir daquilo que o Pregador diz em seguida, fica claro que ele está querendo transmitir algo positivo. Quando fala sobre o "fim" de algo, ele está falando sobre o seu resultado ou consequência – o produto final. Muitas coisas que parecem não ser muito promissoras no início acabam dando certo no final. Isso vale para tudo que tem a bênção de Deus. Tudo fica bem quando termina bem em seu gracioso plano porque "sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus" (Rm 8.28).

A história de Israel nos fornece um exemplo notável. Quando o povo de Deus voltou para Jerusalém após seu longo exílio na Babilônia, construiu um novo templo. Quando a construção começou, algumas pessoas duvidaram abertamente se ele seria muito impressionante. Entretanto, o profeta Zacarias profetizou que "quem despreza o dia dos

humildes começos, esse alegrar-se-á" (Zc 4.10). Mesmo que o templo novo começasse pequeno, o seu fim seria melhor do que o início pela graça de Deus.

Vemos esse princípio se manifestar muitas vezes em nossa vida. Alguns poucos passos de simples obediência, por fim, levam a uma vida de oração mais forte ou a uma generosidade maior diante das ofertas ao reino. Vemos isso em nossas famílias, nas quais filhos e filhas, que têm tanto a aprender na vida, aos poucos amadurecem até finalmente serem capazes de oferecer um serviço útil ao reino de Deus. Vemos isso na fundação de igrejas, em que a visão e as orações de um punhado de cristãos podem, por fim, produzir uma congregação de centenas de membros. O fim das coisas é melhor do que seu início.

Vemos isso da forma mais clara no plano de salvação de Deus. Vá para Belém, e o que você verá? Uma noiva jovem com seu marido mais velho, um estábulo humilde, alguns pobres pastores e um bebê numa manjedoura. Quem imaginaria que isso seria o início de um império, que o bebê se tornaria rei, e que, ao oferecer-se como sacrifício, ele conquistaria o perdão dos pecados de pessoas de todas as nações? No entanto, o fim será muito melhor do que o início. Aquilo que começou com a vinda do menino Cristo terminará com a consumação de seu reino eterno.

Reconhecer todo o escopo do plano de Deus nos ajuda também a evitar outro erro – e o Pregador nos adverte dele no versículo 10: "Jamais digas: Por que foram os dias passados melhores do que estes? Pois não é sábio perguntar assim" (Ec 7.10). Se no versículo 8 a tentação era o pessimismo em relação ao futuro, a tentação aqui é a nostalgia em relação ao passado. Algumas pessoas gostam de falar sobre os "bons e velhos tempos". Querem que as coisas voltem a ser como eram (provavelmente, porque se esqueceram de como algumas

coisas eram ruins naqueles tempos). Em vez de olhar para frente, elas parecem olhar sempre para trás.

Alguns israelitas cometeram esse erro quando o templo estava sendo reconstruído nos dias de Esdras e Neemias. Os nostálgicos diziam que o segundo templo não chegava nem perto da beleza do templo construído por Salomão (veja Ed 3.12-13; Ag 2.3). Mas o Salomão que escreveu Eclesiastes teria lhes dito que deveriam deixar o passado no passado. Em vez de desejar dias melhores, deveriam olhar para o futuro. Deus ainda está trabalhando em seu plano, portanto, o melhor ainda está por vir. Isso se aplicava ao povo de Deus nos dias do segundo templo, enquanto aguardavam a vinda de Cristo – o templo vivo (veja Jo 1.14; 2.19-22). Isso se aplica a nós enquanto esperamos que Jesus volte e faça novas todas as coisas. Deveríamos estar olhando para frente, não para trás, pois nossa "salvação está, agora, mais perto do que quando no princípio cremos" (Rm 13.11).

Assuma uma perspectiva santa em relação ao que está acontecendo no mundo. Espere que Deus realize o seu plano, acreditando que o melhor ainda está por vir. Contemplar a vida dessa forma exige a postura da qual o Pregador fala no versículo 8, em que ele diz que a paciência é melhor do que o orgulho. Em vez de arrogância, assumindo que sabemos o que é melhor, devemos submeter-nos humildemente a Deus enquanto esperamos que ele resolva tudo. Isso se aplica à nossa santificação em todas as áreas em que ainda precisamos crescer. Isso se aplica ao casamento e aos problemas familiares nos quais somos tentados a desistir em vez de continuar lutando. Isso se aplica ao ministério na igreja sempre que desejamos que outras pessoas tenham a mesma visão daquilo que Deus pode fazer. Isso se aplica a qualquer área da vida em que pensamos saber o que é melhor e desejamos que Deus se apresse e faça algo, quando, na verdade, ele quer que nós nos apressemos e esperemos.

Uma das maneiras mais fáceis de reconhecer se realmente confiamos nos planos de Deus é ver quanto nos irritamos quando as coisas não acontecem como nós queremos – o pecado da exasperação. O Pregador nos dá a seguinte ordem: "Não te apresses em irar-te, porque a ira se abriga no íntimo dos insensatos" (Ec 7.9). O vínculo entre a ira e a insensatez é conhecido. Salomão deu um conselho semelhante em seu livro de Provérbios:
"O que presto se ira faz loucuras" (Pv 14.17) e "o de ânimo precipitado exalta a loucura" (Pv 14.29). Aqui, o Rei-Pregador está pensando em um tipo específico de ira – a raiva precipitada que explode sempre que achamos que algo não está acontecendo com tanta presteza como deveria. Normalmente, dizemos que temos o direito de ficar com raiva. Mas Eclesiastes vê a nossa raiva como aquilo que é – uma tolice pecaminosa, imaturidade espiritual e uma desconfiança subjacente da soberania de Deus. Assim que começamos a ficar impacientes, precisamos pedir que o Espírito Santo nos impeça de cometer a tolice da raiva precipitada.

***O valor da sabedoria***

Em todas essas exortações variadas sobre a vida e a morte, sobre a sabedoria e a tolice, sobre a paciência de esperar para ver o que Deus fará, o Pregador está nos ensinando a forma correta de viver e ver a vida. Ele encerra essas exortações reafirmando o valor da sabedoria, que, segundo ele, é boa "havendo herança, e de proveito, para os que veem o sol. A sabedoria protege como protege o dinheiro; mas o proveito da sabedoria é que ela dá vida ao seu possuidor" (Ec 7.11-12).

O vínculo que o Pregador estabelece aqui é muito surpreendente. Após tudo que disse sobre dinheiro e como ele é incapaz de satisfazer a nossa alma, dificilmente esperaríamos que ele diria que a sabedoria é como dinheiro. Se conhecermos o livro de Provérbios, ficamos ainda mais surpresos, pois aqui Salomão diz que a sabedoria não tem preço

(p. ex. 8.11). Mas aqui a Bíblia diz apenas que a sabedoria é "boa como herança", que é outra maneira de traduzir o versículo 11, e que a segurança que ela fornece é como a proteção do dinheiro. O Pregador sabe muito bem que o dinheiro não dura para sempre. Mas enquanto tivermos dinheiro, ele será útil fornecendo alguma proteção contra as dificuldades práticas do dia a dia. Semelhantemente, a sabedoria serve como proteção para a alma. Ela nos ajuda a lidar com a realidade da morte. Ela nos protege contra a tolice da raiva precipitada. Ela nos ajuda a adotar uma visão de longo prazo daquilo que Deus está fazendo no mundo. A sabedoria pode até salvar a nossa alma, pois o Pregador alega que ela "dá vida ao seu possuidor" (Ec 7.12). A verdadeira sabedoria espiritual nos dá uma vitalidade espiritual enquanto vivermos, e quando vier a hora da nossa morte, ela nos levará à vida eterna.

Charles Ward tinha esse tipo de sabedoria. Ward serviu no exército da União como sargento da 32ª companhia de voluntários de Massachusetts. Em uma de suas últimas cartas à família, escreveu: "Espero poder voltar para casa outra vez, mas a vida aqui é incerta". O soldado estava certo sobre as incertezas da vida e da morte, porque alguns dias depois ele foi fatalmente ferido no sangrento campo de trigo em Gettysburg. Após sobreviver por algum tempo, Ward morreu dentro de uma semana. Em sua última carta à família, ele escreveu: "Querida mãe, posso não vê-la de novo, mas não tema pelo seu soldado cansado. A morte não representa um medo para mim. Minha esperança continua firme em Jesus. Encontre-me no céu com o Pai, com todos os meus queridos amigos. Não tenho nada especial a lhe dizer senão despedir-me alegremente de todos vocês. Seu afetuoso filho e soldado, Charles Ward".[23]

Se formos sábios, seguiremos o exemplo de Ward. Ao aceitar a morte e olhar para frente, para aquilo que Deus planejou para nós em Cristo,

viveremos com sabedoria... e morreremos bem.

[1] "Fair fame is better than fine perfume." MARTIN, G. C. *Proverbs, Ecclesiastes, and Song of Songs*. In: *The Century Bible: A Modern Commentary*, 33 vols. Org. Walter F. Adeney. Londres: Caxton, 1908, vol. 13, p. 253.

[2] EATON, Michael A. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 109.

[3] LONGMAN, Tremper III. *The Book of Ecclesiastes*. New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998, p. 182.

[4] Em seu sermão sobre esse texto, Thomas Boston estabelece um vínculo íntimo entre as duas partes do versículo, argumentando que, principalmente para o homem de boa fama, o dia da morte é melhor do que o dia do nascimento. Veja em *The Complete Works of the Late Rev. Thomas Boston of Ettrick*. Org. Samuel M'Millan, 12 vols. Londres (reimpressão 1853). Wheaton, IL: Richard Owen Roberts, 1980, vol. 5, p. 463, 480ss.

[5] DÍDIMO, o Cego. "Commentary on Ecclesiastes." In: *Proverbs, Ecclesiastes, Song of Solomon*. Org. J. Robert Wright, Ancient Christian Commentary on Scripture, OT 9. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2005, p. 249.

[6] BOSTON. *The Complete Works*, vol. 5, p. 484.

[7] *Ibid*., vol. 5, p. 486ss.

[8] SPURGEON, Charles H. "The Believer's Deathday Better than His Birthday." In: *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, vol. 27 (reimpressão 1882). Londres: Banner of Truth, 1971, p. 149.

[9] BYROM, John. "Christians, Awake, Salute the Happy Morn", 1.745.

[10] "What Child Is This?" é um hino tradicional da Inglaterra; as palavras bem conhecidas foram adaptadas por William Dix por volta de 1865.

[11] "Within a Crib My Savior Lay", Timothy Dudley-Smith, 1968.

[12] GERHARDT, Paul. "All My Heart This Night Rejoices", 1653.

[13] HENRY, Matthew. Citado em BRIDGES, Charles. *A Commentary on Ecclesiastes* (reimpressão 1860). Edimburgo: Banner of Truth, 1961, p. 135.

[14] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*. The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 65.

[15] SONTAG, Susan, citada em OLASKY, Marvin. "Whistling past the graveyard." In: *World* (julho/agosto de 2002), p. 58.

[16] LUTERO, Martinho. Citado em NGIEN, Dennis. "Picture Christ." In: *Christianity Today* (abril de 2007), p. 68.

[17] SPURGEON, Charles. *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*. Pasadena, TX: Pilgrim Publications, 1977, vol. 54, p. 3.116.

[18] PERCY, Walker. Citado em OLASKY, Marvin. "Wanting both: Looking for love in the right places." In: *World* (22 de dezembro de 2004), p. 96.

[19] MORRIS, Virginia. *Talking About Death Won't Kill You*. In: OLASKY. "Whistling past the graveyard", p. 55-56.

[20] RYKEN cita uma paráfrase em inglês que tenta recriar esse jogo de palavras em inglês: "Nettles crackling under kettles". MOFFATT, citado em EATON. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*, p. 110.

[21] LUTHER, Martin. "Notes on Ecclesiastes." In: *Luther's Works*. Trad. e org. Jaroslav Pelikan, 56 vols. St. Louis: Concordia, 1972, vol. 15, p. 114.
[22] SANTAYANA, George. Citado em OLASKY. "Whistling past the graveyard", p. 56.
[23] Charles Ward, citado em STOUT, Harry S. *Upon the Altar of the Nation: A Moral History of the Civil War*. Nova York: Viking-Penguin, 2006, p. 237.

15

# AQUILO QUE É TORTO EM NOSSA PORÇÃO

*Eclesiastes 7.13-18*



*Atenta para as obras de Deus, pois quem poderá endireitar o que ele torceu?* (Ec 7.13).

Uma das primeiras pessoas que espero encontrar no céu é o teólogo escocês Thomas Boston, que foi o tema da minha pesquisa de doutorado em história da igreja.[1] Admiro o homem pela profundidade de sua teologia. Jonathan Edwards disse que a obra de Boston sobre as alianças o distingue como "verdadeiro e grande divino".[2] Admiro-o também pelo volume de seus escritos – 12 volumes grossos sobre praticamente todas as doutrinas da fé cristã, ensinadas a partir de todos os livros da Bíblia. Admiro Thomas Boston ainda mais por sua lealdade como pastor ao longo de mais de 25 anos na mesma paróquia rural. Mas admiro-o, sobretudo, por sua perseverança em todo sofrimento.

Thomas Boston era um homem melancólico, que sofria temporadas de desencorajamento na vida cristã. Muitas vezes, encontrava-se com problemas de saúde, mas nunca faltou ao púlpito. Sua esposa sofria de uma doença crônica física e talvez também mental. Mas a maior provação do casal talvez tenha sido a morte de seus filhos: perderam seis de seus dez bebês.

Uma perda foi especialmente trágica. Boston já havia perdido um filho chamado Ebenézer, que, na Bíblia, significa: "Até aqui nos ajudou o SENHOR" (1Sm 7.12). Quando a sua esposa deu à luz outro filho, ele

cogitou chamar também este filho de Ebenézer. Mas o ministro hesitou. Chamar o menino de Ebenézer seria um testemunho de esperança na fidelidade de Deus. Mas e se essa criança também morresse e a família tivesse de enterrar outro Ebenézer? Essa perda seria amarga demais para suportar. Pela fé Boston decidiu chamar seu filho de Ebenézer. No entanto, a criança vivia doente, e a despeito de orações intensas de seus pais, ela nunca se recuperou. Como escreveu o pai em suas *Memórias*, "agradou ao Senhor que ele também fosse removido de mim".[3]

Após sofrer tamanha perda, muitas pessoas estariam tentadas a acusar Deus de um erro ou a abandonar a fé, ou a, no mínimo, afastar-se do ministério por um tempo. Mas não foi o que Thomas Boston fez. Ele acreditava tanto na bondade quanto na soberania de Deus. Assim, em vez de se *afastar* do Senhor em seu tempo de provação, ele se *voltou para* o Senhor pedindo ajuda e consolo.

A perseverança de Boston no sofrimento merece não só a nossa admiração, mas também a nossa imitação. Uma maneira de aprender com seu exemplo é ler o seu clássico sermão sobre a soberania de Deus, que é um dos últimos textos que ele preparou para publicação antes de morrer. Boston chamou seu sermão de *A torção em nossa porção*.[4] Baseava-se na ordem e na pergunta que encontramos em Eclesiastes 7.13: "Atenta para as obras de Deus, pois quem poderá endireitar o que ele torceu?".

### *Dias bons, dias ruins*

A ordem nesse versículo é um chamado para uma observação cuidadosa de como Deus opera. O homem que escreveu Eclesiastes – o Pregador que se identificou como Kohelet e que pode muito bem ter sido o próprio rei Salomão – observou o mundo em sua volta de forma meticulosa. Ele estudou as estações da vida, aprendendo o tempo para isso e o tempo para aquilo. Observou como as pessoas trabalhavam e

brincavam. Viu como viviam e como morriam. Aqui em Eclesiastes 7, ele nos convida a contemplar a obra de Deus no mundo. Então, faz uma pergunta retórica: Quem tem o poder de endireitar o que Deus torceu? A resposta é, evidentemente, ninguém. As coisas são como Deus quer que elas sejam; não temos a capacidade de nos impor ao Todo-poderoso.

Quando o Pregador fala sobre algo "torcido" ou "torto", ele não está se referindo a algo que tenha saído moralmente da linha, como se Deus pudesse ser o autor do mal. Em vez disso, está falando sobre algum problema ou dificuldade na vida que gostaríamos de mudar, mas não conseguimos. Isso acontece com todos nós. Lutamos com os limites físicos do nosso corpo. Sofremos o fim de relacionamentos pessoais ou familiares. Temos algo que preferíamos não ter ou não temos algo que gostaríamos de ter. Mais cedo ou mais tarde, aparece algo na vida que gostaríamos que Deus mudasse. Qual é a única coisa que você mudaria em sua vida, se você tivesse o poder de mudá-la?

Segundo Eclesiastes, Deus deu a cada um de nós uma situação de vida diferente. Thomas Boston o explicou desta maneira: "Existe certo curso de eventos que, pela providência de Deus, cabe a cada um de nós durante a nossa vida neste mundo: e esta é a nossa porção, que nos foi atribuída pelo Deus soberano". Todos nós temos a nossa própria porção na vida. Além do mais, todos nós temos coisas na vida que gostaríamos de mudar. Boston continua:

> Nesse curso de eventos, alguns são contrários a nós, e ao que queremos; e estes representam a *torção* em nossa porção. Enquanto estivermos aqui, haverá eventos contrários, como também eventos agradáveis, em nossa porção e nas nossas condições. Às vezes, as coisas fluem suave e agradavelmente; mas, de vez em quando, há algum incidente que altera esse decurso, que nos irrita, que nos machuca... A porção de todos neste mundo tem alguma coisa torta nele... Não há perfeição aqui, nenhuma porção fora do céu sem alguma coisa torta.[5]

Quando algumas pessoas ouvem essas palavras de Eclesiastes, elas supõem que o Pregador está sendo fatalista. Algumas coisas são retas na vida, outras são tortas; mas sejam elas retas ou tortas, não há absolutamente nada que possamos fazer a esse respeito. Tudo se resume ao destino ou, talvez, à predestinação. Portanto, essa passagem trata da "impotência dos seres humanos diante de Deus"[6] – uma impotência que só pode levar ao fatalismo.

No entanto, existe outra maneira de ver esses versículos – não como expressão de um fatalismo, mas conforme o calvinismo! Em outras palavras, o Pregador está nos dizendo que, independentemente de as coisas parecerem retas ou tortas, precisamos contemplar nossa situação em termos da soberania de Deus. Segundo Thomas Boston, se foi Deus quem criou algo torto no nosso lote, então precisamos ver essa coisa torta como obra de Deus, que nós não podemos mudar. "Aquilo que Deus considera próprio para estragar" nós "não conseguiremos consertar". "Essa visão da questão", disse Boston, "é um meio apropriado para silenciar e satisfazer os homens e assim trazê-los para a submissão ao seu Criador e Governador, sob algo torto em sua porção".[7]

Uma maneira de ver a diferença entre o desespero do fatalismo e a esperança do calvinismo é comparar Eclesiastes 7.13 ao que o Pregador disse lá no início, em Eclesiastes 1.15. A formulação desse versículo é quase idêntica: "Aquilo que é torto não se pode endireitar". Mas quando o Pregador disse isso pela primeira vez, ele estava excluindo Deus de sua visão. Estava olhando para o mundo sem Deus e dizendo-nos como nada daquilo fazia sentido. Mas aqui, no capítulo 7, ele volta a incluir Deus na equação. Ele está contemplando o mundo de acordo com Deus: está colocando tanto as coisas retas quanto as coisas tortas sob a sua soberania divina.

Continua sendo verdade, é claro, que não há nada que possamos fazer para endireitar as coisas tortas. Não podemos mudar o que Deus fez a não ser que Deus queira mudá-lo. Estamos sob o poder do governante soberano e onipotente de todo o universo. Não temos o poder de mudar seu plano para a nossa vida. Mas longe de querer levar-nos ao desespero, a soberania de Deus nos dá esperança em todas as provações da vida. Sofremos a frustração da vida num mundo caído. Mas a Bíblia diz que sofremos essas coisas pela vontade de um Deus que planeja nos libertar de toda essa futilidade e que está trabalhando para que tudo sirva para o nosso bem (veja Rm 8.20, 28).

Confiar na soberana bondade de Deus nos ajuda a saber como reagir a todas as alegrias e provações da vida. Não importa se estejamos tendo um dia bom ou ruim, há sempre uma maneira de glorificar a Deus. O Pregador diz: "No dia da prosperidade, goza do bem; mas, no dia da adversidade, considera em que Deus fez tanto este como aquele, para que o homem nada descubra do que há de vir depois dele" (Ec 7.14).

Ao dizer isso, Kohelet submete este dia e qualquer dia à soberania de Deus. Alguns dias são repletos de prosperidade. O sol brilha, os pássaros cantam e tudo está bem no mundo. Há comida na mesa e dinheiro na conta. Se houver trabalho a fazer, trata-se do tipo de trabalho que gostamos de fazer. Se estivermos tirando um dia de folga, podemos passá-lo como bem quisermos, com as pessoas que amamos. Cada um desses dias é um presente de Deus que nos chama para sermos alegres. Aqui o Pregador celebra o tipo de hedonismo sensato sobre o qual já falou várias vezes. Cada dia lindo, cada refeição boa, cada vento financeiro favorável, cada boa conversa, cada experiência agradável, cada sucesso no ministério – cada bênção, de qualquer tipo – é mais uma razão para devolver louvores e gratidão a Deus. Ser alegre significa encontrar a nossa satisfação fundamental em Deus e então receber cada prazer na vida como dádiva de sua graça.

Evidentemente, nem todos os dias são assim. Alguns dias são repletos de adversidade em vez de prosperidade. O sol não brilha, os pássaros não cantam e nada parece estar bem no mundo. Podemos ter comida na mesa, mas nenhum dinheiro na conta. O trabalho é um sofrimento, as férias são um tédio e talvez sintamos que não temos um único amigo no mundo. No entanto, este dia também é um dia que vem das mãos de Deus, um dia que está sob o seu controle soberano. O Pregador não tem coragem para nos dizer que devemos ser alegres num dia difícil, mas ele nos chama para uma contemplação sábia dos caminhos de Deus. Quando surgir uma adversidade, reconheça que este também é um dia que o Senhor fez. "Temos recebido o bem de Deus", diz Jó no dia de sua adversidade, "e não receberíamos também o mal?" (Jó 2.10). Devemos reconhecer que tanto os dias bons quanto os ruins vêm das mãos de Deus.

O Pregador diz também que é impossível sabermos o que acontecerá no futuro. Em vista daquilo que disse no início do versículo 14, podemos supor que as pessoas justas são aquelas que prosperarão, enquanto os ímpios sofrerão adversidades. Contudo, o que acontece, às vezes, é o exato oposto: os justos sofrem adversidades, e os ímpios prosperam. Por isso, é impossível prevermos o que acontecerá nos próximos dias. Como diz o Pregador: É possível "que o homem nada descubra do que há de vir depois dele" (Ec 7.14). Não temos como saber se os dias vindouros nos trarão maior prosperidade ou mais adversidades.

Viver com esse tipo de incerteza não precisa nos deixar ansiosos ou desesperados; deve antes ensinar-nos a deixar o nosso futuro nas mãos de Deus. A maioria de nós preferiria controlar seu próprio destino. Em vez disso, devemos confiar as nossas vidas aos cuidados amorosos do nosso Deus soberano. Se fizermos isso, estaremos bem preparados para os dias bons e os dias ruins. Em seus comentários sobre esse versículo,

Martinho Lutero deu o seguinte conselho pastoral: “Desfrute das coisas presentes de tal forma que você não baseie a sua confiança nelas, como se fossem durar para sempre... mas reserve parte do seu coração para Deus, para que com ele possamos suportar o dia de adversidade”.[8]

Tudo isso faz parte do significado de “contemplar a obra de Deus”. Quando o Pregador nos instrui a “contemplar”, ele está nos dizendo que devemos fazer mais do que simplesmente ver o que Deus tem feito. Ele está nos instruindo a aceitar o que Deus tem feito e a nos submeter à sua vontade soberana. Ele está nos instruindo a louvar a Deus por toda a nossa prosperidade e a confiar em Deus em cada adversidade. O puritano Richard Baxter o expressou bem: “Tome o que ele lhe der / e louve ainda / no bem e no mal / que vive para sempre”.[9]

### *Dois perigos que levam à destruição*

Uma coisa é dizer que cremos na soberania de Deus, outra bem diferente é viver isso em um mundo que, muitas vezes, parece não ter sentido. Assim que o Pregador nos instrui a contemplar as obras de Deus, ele entra em conflito com a soberania de Deus.

Lembre-se, Kohelet está completamente dedicado a nos dizer a verdade sobre a vida, em toda a sua vaidade. Aqui ele nos diz que, às vezes, a vida parece desesperadamente injusta. “Tudo isto vi nos dias da minha vaidade: há justo que perece na sua justiça, e há perverso que prolonga os seus dias na sua perversidade” (Ec 7.15).

Isso é exatamente o oposto daquilo que a maioria esperaria num mundo governado por um Deus bom e justo. As pessoas justas são aquelas que deveriam regozijar em sua prosperidade, enquanto os ímpios deveriam sofrer adversidades até serem obrigados a reconhecer que Deus está no controle. Em vez disso, vemos muitas vezes aquilo que o Pregador viu: que pessoas justas morrem precocemente, enquanto os ímpios continuam vivos.

Esse paradoxo parece contradizer o que a Bíblia diz em outras partes. Deus disse ao seu povo que, se fizesse o que ele diz, ele o abençoaria com uma vida longa na terra da promessa (p. ex., Dt 4.40). Também ameaçou punir seus inimigos com a morte por causa de sua desobediência. Mas às vezes as coisas não são como deveriam ser. Pastores santos sofrem o martírio por sua fé, enquanto seus inimigos vivem para aterrorizar a igreja por mais um dia. Vítimas inocentes são mortas na primavera de suas vidas; seus assassinos são condenados, mas, em vez de morrer, passam o restante de suas vidas na prisão. Isso não é justo.

Essas injustiças são algumas das coisas tortas na vida que gostaríamos de endireitar. Mas sabendo que não somos capazes de fazer isso, o Pregador nos dá um conselho prático: "Não sejas demasiadamente justo, nem exageradamente sábio; por que te destruirias a ti mesmo? Não sejas demasiadamente perverso, nem sejas louco; por que morrerias fora do teu tempo?" (Ec 7.16-17).

Alguns estudiosos acreditam que esses versículos são cínicos, e talvez sejam. Talvez o Pregador esteja dizendo: "Veja, se os justos perecem enquanto os ímpios prosperam, para quê então ser bom? Aceite meu conselho: não tente ser o garoto exemplar. Não estou dizendo que deva ser mau, é claro. Seria loucura desafiar o destino levando uma vida ímpia. Estou dizendo apenas que, se apenas os bons morrem jovens, então nada se pode ganhar tentando ser bom".

Segundo essa interpretação, o Pregador está sugerindo "uma abordagem equilibrada à vida, não excessivamente zelosa em relação à sabedoria e à insensatez, justiça ou perversão".[10] Esse tipo de raciocínio concordaria perfeitamente com os filósofos gregos e romanos da Antiguidade, que muitas vezes defendiam uma vida de moderação. Não seja excessivamente bom nem excessivamente mau, eles diziam. Um excesso de piedade ou iniquidade levará a uma morte precoce. Hoje em

dia, muitas pessoas também pensam assim. São inteligentes o bastante para não viver uma vida de iniquidade total, pois no fundo acreditam que Deus julgará as pessoas por seus pecados. No entanto, suspeitam secretamente que tentar ser santo deixaria a vida sem graça. Em termos gerais, tentam ser boas, e esperam ser boas o suficiente para salvar a sua pele no dia do juízo. Mas suas consciências não se importam o bastante com seus pecados. Enquanto não forem excessivamente justas ou excessivamente ímpias, estão felizes do jeito que são.

Se é isso que o Pregador está querendo dizer, então ele deve estar contemplando a vida "debaixo do sol" mais uma vez, por ora, deixando Deus fora de cena e refletindo sobre o bem e o mal como faz o infiel.

Todavia, existe uma alternativa. Quando nos diz que não devemos ser "demasiadamente justos", é possível que ele está nos dizendo para não sermos hipócritas. Em termos gramaticais, a forma verbal que o Pregador usa no versículo 16 pode se referir a alguém que está apenas *fingindo* ser justo e representando ser sábio.[11] Nesse caso, a pessoa que o Pregador tem em mente é justo demais apenas em um sentido específico. Ele não possui a santidade verdadeira que vem por meio da fé, mas apenas a santidade hipócrita que vem por meio das obras.

Afinal de contas, se o padrão de Deus é a perfeição – se somos chamados para amá-lo com todo o nosso coração, alma, mente e força – então como alguém poderia ser "demasiadamente justo"? Não, nosso real problema é pensar que somos mais justos do que realmente somos. De alguma forma, nunca parecem faltar pessoas que acreditam ser boas o suficiente para Deus. Isso leva H. C. Leupold a suspeitar que "um tipo específico de justiça estava começando a se manifestar em Israel, uma justiça exagerada que perdeu de vista as imperfeições pecaminosas onipresentes nos homens e que sentia uma inclinação forte de discutir com Deus e de encontrar a culpa nele, pois aparentemente ele não

estava recompensando aqueles homens justos que acreditavam merecer uma recompensa".[12]

O Pregador nos adverte dizendo que não devemos ser hipócritas. Não devemos pensar que nossa tentativa de sermos mais justos nos salvará no dia do juízo. Tampouco devemos acreditar que somos tão justos a ponto de não merecer sofrer qualquer adversidade, isso que é injusto para alguém como nós: jamais ter algo torto em sua porção. Quando acreditamos ser bons demais, confiando em nossa justiça própria, é fácil dizermos: "Eu não mereço ser tratado assim. Deus não sabe quem eu sou?". E daí falta pouco para dizermos: "Quem Deus pensa que é?". Por isso, o Pregador nos aconselha a não sermos "demasiadamente justos". Ao dizer isso, ele nos alerta contra uma justiça que "está pronta para desafiar a Deus por seu erro de não nos recompensar" tanto quanto acreditamos merecer.[13]

Evidentemente, isso não significa que devemos ser *injustos*. O Pregador alerta contra esse erro no versículo 17, quando nos instrui a não sermos demasiadamente perversos. Ele *não* está dizendo que podemos ser um pouco perversos, como se houvesse algum nível aceitável de iniquidade. Quando se trata de pecados, um pouco já é demais. O que ele pretende dizer é que há um grande perigo de nos entregarmos ao mal. Uma coisa é pecar de vez em quando, como todos fazem. O Pregador falará sobre isso no versículo 20: "Não há homem justo sobre a terra que faça o bem e que não peque". Mas existe um mundo de diferença entre cometer um pecado ocasionalmente e tomar a decisão deliberada de seguir uma vida de roubo, enganação, prazer e ganância. "Não seja tolo", diz o Pregador, "se você viver em pecado, você perecerá".

Portanto, há dois perigos. Um é uma tentação para a pessoa religiosa – a justiça própria. O outro é uma tentação ainda maior para a pessoa não religiosa – a injustiça. Ambos os erros levam à destruição; podem

até levar a uma morte precoce. Mas existe uma maneira de evitar esses dois perigos, e esta consiste em viver no temor de Deus. Kohelet diz: "Bom é que retenhas isto e também daquilo não retires a mão; pois quem teme a Deus de tudo isto sai ileso" (Ec 7.18).

Esse versículo é difícil de entender, mas quando o Pregador nos instrui a "reter isto" e não "retirar a mão daquilo", ele está nos remetendo ao conselho que deu nos versículos 16-17. Ele está dizendo algo como: "A vida correta segue o caminho entre dois extremos, evitando a hipocrisia, mas não permitindo que a perversão inata siga o seu rumo natural".[14] Se fizermos isso, evitaremos a morte e a destruição que certamente virão se vivermos em pecado e hipocrisia.

Para dizer isso de forma mais simples: a maneira correta de viver é viver no temor de Deus. Observe no versículo 18 que a pessoa que "teme a Deus" escapará dos perigos da morte e da destruição. O temor de Deus é um dos grandes temas da segunda parte de Eclesiastes, quando o livro avança da vaidade da vida para o temor de seu Criador. Quando chegarmos ao fim de Eclesiastes, o Pregador nos instruirá a "temer a Deus e guardar os seus mandamentos" (Ec 12.13). Aqui, ele nos instrui a temer a Deus e a escapar do julgamento vindouro.

Temer a Deus significa venerar Deus. Significa saber que ele é Deus e que nós não somos. Significa admirá-lo por sua beleza majestosa. Significa respeitá-lo por seu poder maravilhoso. Ter o temor verdadeiro e apropriado de Deus nos ajudará a não sermos tão farisaicos. Saberemos que Deus nos vê como realmente somos, e isso nos ensinará a não fingir ser algo que não somos. O temor de Deus também nos impede de levar uma vida perversa, pois quando entendemos a sua santidade, a última coisa que queremos é cair sob o seu julgamento.

### *Por que Deus permite o sofrimento*

Essa passagem começou com um chamado para contemplar a obra de Deus. Na medida em que contemplamos como Deus opera no mundo, ele nos ensina a maneira correta de viver. Aprendemos a louvar a Deus pela prosperidade e a confiar em Deus nas adversidades. Aprendemos a levar uma vida em temor a Deus, uma vida livre de iniquidade e farisaísmo. Levamos uma vida inteira para aprender essas lições. Mas a lição mais difícil talvez seja aquela que iniciamos no versículo 13: aprender a ver além das nossas dificuldades atuais e a reconhecer a obra de Deus, aceitando todas as coisas tortas na vida até ele decidir endireitá-las.

No início deste capítulo, conhecemos Thomas Boston e seu sermão sobre Eclesiastes 7.13. Boston encerrou seu sermão apresentando uma lista com algumas das muitas razões pelas quais Deus faz algumas coisas tortas.[15] Tratava-se de lições bíblicas que ele havia confirmado por experiência própria de luto e dor – lições sobre os propósitos soberanos de Deus que podem nos ajudar em nosso sofrimento. Por que Deus faz algumas coisas tortas, mesmo quando pedimos que ele as endireite?

Em primeiro lugar, disse Boston, *as coisas tortas na vida são um teste para nos ajudar a determinar se realmente estamos confiando em Cristo para a nossa salvação*. Pense em Jó, por exemplo, que sofreu muitas provações dolorosas a fim de provar a autenticidade de sua fé. Nossos sofrimentos têm o mesmo propósito: pela graça de Deus, eles confirmam que estamos nos apoiando em Cristo. Ou talvez eles revelem exatamente o oposto, que nunca confiamos plenamente em Cristo, mas mesmo assim precisamos confiar nele para a nossa salvação.

Em segundo lugar, *quaisquer que sejam as torções em nossa porção terrena, elas afastam o nosso coração deste mundo vão e nos ensinam a buscar a nossa felicidade na vida vindoura*. O sofrimento faz parte do nosso preparo para a eternidade. Veja o filho pródigo, que voltou para

casa de seu pai somente depois de perder tudo o que tinha. Quando algo na vida parece torto, lembre-se que virá o dia em que Deus o endireitará.

Em terceiro lugar, *as coisas tortas na vida nos condenam pelos nossos pecados*. A razão pela qual existe o torto em tudo é porque há pecado no mundo, inclusive nosso próprio pecado. Muitas vezes, o Espírito Santo usa as torções na nossa porção para tocar a nossa consciência, lembrando-nos de algum pecado específico que precisamos confessar. Lembre-se dos irmãos de José. Quando as coisas foram de mal a pior para eles no Egito, eles, de repente, lembraram-se de sua culpa perante Deus por terem vendido seu irmão para a escravidão muitos anos antes (veja Gn 42.21). Seria um erro pensar que toda vez que sofremos é por causa de nossos pecados. Mas seria igualmente errado perder a oportunidade, que todo sofrimento traz, para se arrepender por qualquer pecado que ainda não confessamos.

Em quarto lugar, *as coisas tortas na vida podem corrigir-nos pelos nossos pecados*. Há momentos em que o sofrimento serve como instrumento da justiça de Deus, como uma punição (ou, para o crente, um castigo) por nosso pecado. Foi assim com Davi após o assassinato de Urias: a espada jamais se afastou de sua casa (veja 2Sm 12.10). Quando sofremos, isso pode ser uma consequência do nosso pecado, pelo qual nos encontramos sob o julgamento ou sob a disciplina de Deus.

Essas não são as únicas razões pelas quais Deus faz algumas coisas tortas. Thomas Boston mencionou várias outras. Às vezes, Deus permite que soframos a fim de impedir que cometamos um pecado ou a fim de revelar uma atitude pecaminosa do nosso coração que é tão profunda que ela só pode ser revelada por uma provação dolorosa. Ou talvez – e essa é a razão mais feliz de todas – Deus coloque algo torto em nossa porção a fim de demonstrar sua graça em nossa santidade.

Tendemos ao que Boston chamou de “ataques de preguiça espiritual”, em que as nossas graças permanecem adormecidas. Mas quando temos algo torto em nossa porção, ele nos desperta do nosso sono espiritual e produz “muitos atos de fé, esperança, amor, altruísmo, resignação e outras graças”.[16]

***O torto do pastor***

A intenção dessa lista de possíveis razões para o nosso sofrimento não é sugerir que sempre conseguimos entender por que Deus incluiu alguma coisa torta específica em nossa porção. É dizer que *Deus* sabe por que a colocou ali. Quando algo na vida parece torto, costumamos ser rápidos em sugerir-lhe como endireitá-lo. Em vez disso, devemos permitir que Deus *nos* endireite! Em sua soberania sobre nosso sofrimento, Deus está trabalhando muito para realizar nosso bem espiritual, não só de uma forma, mas de muitas formas. Portanto, somos chamados a confiar nele, até mesmo nas coisas que parecem tortas.

Sempre que tivermos dificuldades de acreditar que Deus sabe o que está fazendo, a primeira coisa a fazer é contemplar a obra do nosso Salvador. Lembre-se de que nosso Bom Pastor tinha algo torto em sua porção – algo torto que veio na forma de uma cruz. Em sua oração no jardim do Getsêmani, Jesus perguntou ao seu Pai se havia alguma maneira de fazer reto o Calvário, em vez de torcido. Mas não havia outra maneira. Quando Jesus contemplou a obra de Deus, ele reconheceu que a única maneira de obter a expiação para o pecado do seu povo era morrer em seu lugar. Assim, Jesus sofreu a cruz, que era a porção que Deus lhe dera. E ele confiou em seu Pai, esperando que ele endireitasse as coisas no tempo certo ressuscitando-o no terceiro dia.

Se Deus foi capaz de endireitar algo tão torto quanto uma cruz, então certamente podemos confiar que ele fará algo com o que é torto

em nossa porção. Esse foi o testemunho dado por James Montgomery Boice na última vez que falou à sua congregação na Tenth Presbyterian Church em Filadélfia. O Dr. Boice havia sido diagnosticado com um câncer fatal e agressivo; restavam-lhe poucas semanas de vida. Esta era a coisa torta em sua porção. Assim, o Dr. Boice levantou uma pergunta que se baseava na soberania e na bondade de Deus: "Se Deus fizesse algo em sua vida", ele perguntou, "você o mudaria?". Ou como Kohelet o teria dito: "Se Deus lhe desse algo torto, você o endireitaria?".

Bem, você endireitaria? Você mudaria sua deficiência ou doença? Você mudaria seu emprego ou a sua situação financeira? Você mudaria a sua aparência ou as suas habilidades, ou a sua situação na vida? Ou você confiaria a Deus todas as coisas tortas na sua vida e esperaria que ele as endireitasse, assim como Jesus o fez quando morreu por você na cruz?

O Dr. Boice respondeu a sua própria pergunta retórica testemunhando a bondade da vontade soberana de Deus. Ele disse que se tentasse mudar o que Deus fez, o resultado não seria tão bom; apenas pioraria tudo.[17] O Pregador que escreveu Eclesiastes disse algo parecido: "Atenta para as obras de Deus", ele disse. "Quem poderá endireitar o que ele torceu?". Nosso Salvador nos diria a mesma coisa: "Quando você atenta para a obra de Deus", ele diria, "lembre-se do meu amor por você por meio da cruz, e confie no nosso Pai para endireitar tudo em seu bom tempo".

[1] Veja RYKEN, Philip Graham. *Thomas Boston as Preacher of the Fourfold State*. Rutherford Studies in Historical Theology. Carlisle, Inglaterra: Paternoster, 1999.

[2] EDWARDS, Jonathan. *The Works of Jonathan Edwards*. Org. John E. Smith. New Haven, CT: Yale University Press, 1957, vol. 2, p. 489.

[3] BOSTON, Thomas. *The Complete Works of the Late Rev. Thomas Boston of Ettrick*. Org. Samuel M'Millan, 12 vols. Londres (reimpressão 1853). Wheaton, IL: Richard Owen Roberts, 1980, vol. 12, p. 205.

[4] BOSTON, Thomas. "The Crook in the Lot." In: *Complete Works*, vol. 3, p. 495-590.

[5] *Ibid*., vol. 3, p. 499.

[6] JARIK, John, citado em LONGMAN, Tremper III. *The Book of Ecclesiastes*. New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998, p. 191.

[7] BOSTON. *The Crook in the Lot*, vol. 3, p. 498.

[8] LUTHER, Martin. "Notes on Ecclesiastes." In: *Luther's Works*. Trad. e org. Jaroslav Pelikan, 56 vols. St. Louis: Concordia, 1972, vol. 15, p. 120.

[9] BAXTER, Richard, citado em KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*. The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 68.

[10] LONGMAN. *The Book of Ecclesiastes*, p. 196.

[11] WHYBRAY, R. N. *Ecclesiastes*. The New Century Bible Commentary. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989, p. 120-121.

[12] LEUPOLD, H. C. *Exposition of Ecclesiastes*. Grand Rapids, MI: Baker, 1952, p. 163.

[13] *Ibid*., p. 164.

[14] EATON, Michael A. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 114.

[15] BOSTON. *The Crook in the Lot*, vol. 3, p. 511-516.

[16] *Ibid*., vol. 3, p. 515-516.

[17] BOICE, James Montgomery. "Final Address at Tenth Presbyterian Church." In: *The Life of Dr. James Montgomery Boice, 1938-2000*. Org. RYKEN, Philip G. Filadélfia: Tenth Presbyterian Church, 2001, p. 44-45.

16

# SABEDORIA PARA OS SÁBIOS

*Eclesiastes 7.19-29*



*Tudo isto experimentei pela sabedoria; e disse: tornar-me-ei sábio, mas a sabedoria estava longe de mim. O que está longe e mui profundo, quem o achará?* (Ec 7.23-24).

Acredite ou não, o departamento de inglês da universidade de Wyoming oferece um curso que ensina seus estudantes a se comunicar com alienígenas. O curso se chama "Composição de Mensagem Interestelar" e é financiado por uma bolsa da National Aeronautics and Space Administration (Nasa). Segundo o *site* de Wyoming, é "o primeiro curso a envolver escritores criativos em uma conversa potencialmente cósmica". "Temos refletido muito sobre como podemos nos comunicar com outros mundos", diz o professor, "mas não refletimos muito sobre o que poderíamos realmente dizer".

Um dos primeiros exercícios que o instrutor dá aos estudantes é fazer um resumo da condição humana em dez palavras ou menos – uma declaração sucinta e simples que poderiam enviar como S.O.S. para o universo. Um aluno de inglês realizou o exercício usando apenas nove palavras: "Somos uma espécie adolescente em busca da nossa identidade".[1]

Se é isso que é considerado ensino superior nos Estados Unidos hoje em dia, é difícil saber se devemos rir ou chorar. Mas deveríamos responder também com compaixão por que isso nos diz sobre a condição da humanidade caída. As pessoas estão à procura de sentido,

estão chamando na escuridão e esperando que haja alguém lá fora que possa nos dizer quem somos.

Você já descobriu o sentido da vida, ou ainda está procurando? Você conhece o seu lugar no universo, ou ainda está tentando descobrir quem você é e o que está fazendo aqui?

### *A força da sabedoria*

O Rei-Pregador que escreveu Eclesiastes ainda estava em sua busca espiritual. Desde o início desse livro, ele tem tentado e muitas vezes falhado na compreensão sobre: o que importa na vida. "Vaidade de vaidades", ele disse, "tudo é vaidade!". Mas mesmo quando não encontrava todas as respostas, o Pregador ainda queria saber a maneira correta de viver. E assim, ao longo de todo o capítulo 7, ele tem elogiado o valor da sabedoria e demonstrado os seus benefícios práticos. Eclesiastes é literatura sapiencial, e como a maior parte da literatura sapiencial do mundo antigo, o livro celebra a sabedoria como dádiva preciosa.

Em outro texto, a Bíblia diz que a sabedoria é mais valiosa do que pérolas (Jó 28.18) e "melhor do que joias" (Pv 8.11). "Quanto melhor é adquirir a sabedoria do que ouro!", o rei Salomão disse em um de seus sábios provérbios (Pv 16.16). "A fonte da sabedoria é ribeiro transbordante" (Pv 18.4). Mais acima nesse mesmo capítulo o Pregador nos disse que a sabedoria pode salvar vidas (veja Ec 7.12). Aqui ele diz que ela nos deixa fortes: "A sabedoria fortalece ao sábio, mais do que dez poderosos que haja na cidade" (Ec 7.19).

Nessa simples analogia, o Pregador imagina uma cidade governada por um conselho de dez homens. A maioria das cidades se consideraria feliz se tivesse um único líder sábio para proteger a cidade. Mas há força em números, e essa cidade específica tem dez bons governantes para administrar seus assuntos cívicos. Uma pessoa sábia tem a força de uma cidade bem administrada. A sabedoria governa os pensamentos; por

isso, uma pessoa sábia sabe como refletir sobre as coisas centrando os seus pensamentos em Deus. A sabedoria governa a vontade; por isso, uma pessoa sábia sabe fazer as escolhas certas na vida. A sabedoria governa a fala; por isso, a pessoa sábia sabe o que dizer e o que não dizer. A sabedoria governa os atos; por isso, a pessoa sábia sabe o que fazer em qualquer situação. Adquira sabedoria, e ela o deixará forte.

O Pregador nos dá um exemplo prático nesses versículos quando diz: "Não apliques o coração a todas as palavras que se dizem, para que não venhas a ouvir o teu servo a amaldiçoar-te" (Ec 7.21). Esse é o tipo de conselho sábio e bíblico que deveria ser mais conhecido e mais aplicado. É um conselho excelente, diz Derek Kidner, "pois levar excessivamente a sério o que as pessoas dizem sobre nós significa ser magoado, de qualquer modo todos nós já dissemos coisas que magoaram".[2]

Mesmo não tendo servos que possam nos amaldiçoar, mais cedo ou mais tarde é inevitável ouvirmos alguém dizer algo sobre nós que possa não ser gentil ou verdadeiro. Normalmente, nossa primeira reação é raiva. No entanto, o que deveríamos fazer é deixar passar, reconhecendo que aquelas palavras não se destinavam aos nossos ouvidos e que podem ter sido ditas num momento de fraqueza ou equívoco. É tolo escutar atrás da porta. "Se todos os homens soubessem o que cada um diz sobre o outro", observou Pascal sombriamente, "não haveriam quatro amigos neste mundo".[3] Se formos sábios, teremos o cuidado de não nos interessar excessivamente por aquilo que os outros dizem sobre nós: "Ouvintes, na ponta dos pés da suspeita, raramente ouvem coisas boas a seu respeito".[4]

Essa é uma lição que Lúcia aprendeu ao abrir o livro do mágico, uma história contada em *A viagem do peregrino da alvorada*, de C. S. Lewis. Ao folhear um livro de encantos mágicos, Lúcia descobriu uma fórmula mágica que lhe permitiria ouvir o que seus amigos estavam

dizendo sobre ela. Ela não resistiu à curiosidade, e tolamente recitou a fórmula. Logo conseguiu ouvir Marjorie Preston dizer a Anne Featherstone que, apesar de Lucy "não ser uma garota ruim de certa forma", ela "se cansaria dela ainda antes do fim do semestre".[5] Lúcia teria sido mais sábia se tivesse se contentado com a sua ignorância e não arruinado uma amizade razoavelmente boa.

A mesma coisa acontecerá conosco se insistirmos em querer saber o que as pessoas dizem sobre nós. Saiba o que ouvir e o que ignorar, especialmente quando se trata de críticas. Essa é uma das maneiras como a sabedoria nos fortalece: ela nos ajuda a não nos preocuparmos excessivamente com o que os outros dizem. Ela nos ensina a não nos ofendermos, mas a respondermos com gentileza e graça, mesmo quando as coisas que as pessoas dizem pareçam injustas. Um homem sábio respondeu a um crítico dizendo: "Ele não me ofendeu de forma alguma; na verdade, estava falando sobre outro homem: o homem que ele pensava que eu fosse".

Para colocar esse conselho na perspectiva certa, Kohelet nos lembra que as nossas próprias palavras também não são sempre caridosas: "tu sabes que muitas vezes tu mesmo tens amaldiçoado a outros" (Ec 7.22). É verdade: para a nossa vergonha, precisamos admitir que muitas vezes temos dito coisas por trás das pessoas que jamais diríamos na frente delas. Às vezes, a frustração nos faz dizer determinadas coisas, e apenas quando nos acalmamos conseguimos avaliar a situação adequadamente e dizer algo que se aproxime mais da verdade. Às vezes, falamos duramente sobre pessoas sem entender completamente a sua situação. Em outras ocasiões, as nossas críticas revelam mais sobre o que há de errado conosco do que com a outra pessoa.

Quaisquer que sejam as nossas razões, há momentos em que nos tornamos culpados de uma fala indelicada. Somos a prova viva do versículo 22, e também do versículo 20, que diz: "Não há homem justo

sobre a terra que faça o bem e que não peque" (cf. Sl 143.2). Nenhum de nós consegue cumprir o padrão da fala perfeita de Deus. Portanto, devemos ser tardios em julgar outras pessoas por não corresponderem a esse padrão. Se formos sábios, permitiremos que as nossas próprias palavras pecaminosas nos lembrem de não levar tão a sério o que as outras pessoas dizem, e sermos tolerantes, oferecendo-lhes a mesma graça que nós mesmos precisamos tantas vezes. Como você reage à crítica que recebe em casa ou aos comentários que as pessoas fazem na escola ou aos comentários sarcásticos que ouve no trabalho? Você possui o autocontrole para controlar a sua língua, ou você tende a piorar a situação respondendo com palavras de raiva?

Quando ainda era jovem, Jonathan Edwards tomou uma decisão pessoal "de jamais dizer qualquer coisa contra qualquer pessoa, a não ser que seja em acordo perfeito com o mais alto grau de honra cristã e de amor à humanidade, conforme a maior humildade e em consciência dos meus próprios erros e fracassos, e em acordo com a Regra de Ouro".[6] Esse voto está em conformidade com o alto padrão da Bíblia para a integridade pessoal. Se formos sábios, garantiremos que nossas palavras passem por alguns testes simples antes de nos atrevermos a falar. Eu diria isso se a pessoa pudesse me ouvir, e é assim que eu o diria? Estou dizendo isso para a glória de Deus e por amor a meu irmão ou minha irmã, ou estou dizendo isso apenas para desabafar minha frustração?

Se formos sábios, seguiremos também a instrução que Paulo pediu que o pastor Tito desse ao povo em sua igreja: "não difamem a ninguém; nem sejam altercadores, mas cordatos, dando provas de toda cortesia, para com todos os homens" (Tt 3.2). Paulo explicou também por quê. É porque nós mesmos temos sido culpados de muitos pecados maliciosos, inclusive palavras cheias de ódio. Mas Deus demonstrou a sua misericórdia para conosco, salvando-nos pelas obras justas de seu

Filho perfeito e lavando-nos com o poder purificador do Espírito Santo. Sua graça salvífica e santificadora vem com a força da sabedoria de saber o que devemos e o que não devemos ouvir, como devemos e como não devemos falar.

***A busca da sabedoria***

É difícil ser sábio no emprego de nossas palavras. Na verdade, assim que o Pregador termina de falar sobre a força da sabedoria, ele nos diz como é difícil encontrar sabedoria. Aqui temos um homem que dedicou a sua vida inteira à busca da sabedoria, que havia procurado com muito esforço o sentido da vida. Observe os verbos ativos que ele usa para descrever a sua busca: "Tudo isto *experimentei* pela sabedoria", ele diz (Ec 7.23). Ou: "Apliquei-me a *conhecer*, e a *investigar*, e a *buscar* a sabedoria e meu juízo de tudo, e a *conhecer* que a perversidade é insensatez e a insensatez, loucura" (Ec 7.25).

Ao descrever a sua busca pelo conhecimento, o Pregador não está falando apenas sobre as muitas coisas que investigou no capítulo 7 – o valor da boa reputação, como a adversidade nos traz mais sabedoria do que a prosperidade, como aceitar o que Deus criou de forma torta e assim por diante. Na verdade, suas palavras se aplicam a tudo que ele tem investigado desde o início de Eclesiastes, quando ele disse: "Apliquei o coração a esquadrinhar e a informar-me com sabedoria de tudo quanto sucede debaixo do céu" (Ec 1.13).

Algum homem já fez uma tentativa mais séria de compreender o sentido da vida do que o Salomão de Eclesiastes? "Tornar-me-ei sábio", ele disse (Ec 7.23), e então, ao longo de muitos anos, ele fez de tudo para descobrir os segredos da sabedoria. No entanto, no fim de sua busca, ele teve de admitir – de modo muito relutante – que havia falhado em encontrar a sabedoria que procurou durante toda a sua vida. "A sabedoria estava longe de mim", ele lamentou. "O que está longe e mui profundo, quem o achará?" (Ec 7.23-24). A essa altura,

quase parece que todo o livro de Eclesiastes pode terminar em um grande fracasso. Kohelet está procurando uma sabedoria que não pode encontrar. Sua busca falhou. Ele é incapaz de explicar o propósito da vida ou explicar por que tudo importa.

Derek Kidner descreve esses versículos como "o epitáfio de cada filósofo".[7] De fato, muitos filósofos chegaram a esse ponto em sua busca por sentido e têm lutado para ir além. Segundo Horácio, "a curta duração da vida nos proíbe de nos entregarmos a esperanças de longo alcance".[8] Ou veja estas palavras de Pascal, de suas famosas *Pensées*:

> Quando contemplo a curta duração da minha vida, envolta pela eternidade que a antecede e sucede e depois disso, quando contemplo o pequeno espaço que preencho e vejo, envolto pela imensidão infinita dos espaços que eu desconheço que não me conhecem, permaneço assustado e maravilhado, pois não existe razão pela qual eu deveria estar aqui, e não ali. Quem me colocou aqui? Por que agora e não em outro momento?[9]

Mais cedo ou mais tarde, quase todos se deparam com as mesmas perguntas, com as mesmas dúvidas. Qual é o sentido da minha existência, se é que existe algum sentido? Procurei pela sabedoria, fui fundo à busca do propósito da vida. No entanto, ainda não encontrei o que estou procurando. Qual, então, deve ser meu próximo passo?

A essa altura, temos duas escolhas. Uma é desistir completamente e entregar-se ao desespero. Mas Kohelet nunca fez isso, e nós também não deveríamos. A melhor alternativa é reconhecer que não temos todas as respostas, mas acreditar também que Deus as tem, e então esperar pela sabedoria que ele providenciar. Esse é o caminho da humildade e da fé – aquilo que Calvino chamou de "ignorância instruída".[10] Devemos nos esforçar ao máximo para entender o sentido da vida. Mas devemos também nos contentar e confessar que existem alguns mistérios que não conseguimos desvendar. "Duvide sabiamente", escreveu o pregador e poeta John Donne.[11] Conhecer os limites da sabedoria é parte da sabedoria. Quanto mais sabemos, mais devemos

perceber quão pouco sabemos, e que qualquer sabedoria que temos é uma dádiva de Deus.

***Uma armadilha mortal***

Por mais frustrante que tenha sido não encontrar o sentido da vida, o que o Pregador descobriu em seguida foi ainda mais desencorajador. Ele ainda estava em busca de sabedoria, e nós estamos seguindo os caminhos tortuosos de sua mente inquisidora. No versículo 24, ele anunciou que a sabedoria era tão profunda que ninguém conseguiria alcançar o seu fundo. O versículo 25 nos conta que, mesmo assim, ele continuou a sua procura, tentando entender a diferença entre o modo sábio e o modo tolo de viver. Mas o que ele descobriu foi o mistério mais sombrio e o problema mais profundo de todos – a depravação do coração humano. De alguma forma, os problemas da vida sempre nos levam de volta ao problema do pecado. Por mais decepcionado que o Pregador estivesse com a vida em geral, sua maior decepção foi a que ele experimentou com as outras pessoas.

Como exemplo, Kohelet descreve um tipo de mulher que o sábio deveria evitar: "Achei coisa mais amarga do que a morte: a mulher cujo coração são redes e laços e cujas mãos são grilhões; quem for bom diante de Deus fugirá dela, mas o pecador virá a ser seu prisioneiro" (Ec 7.26).

O Rei-Pregador compara o coração dessa mulher a uma armadilha, semelhante à rede ou armadilha usada para a captura de pássaros. Mas quem era ela? O Pregador parece ter alguém em mente. Se quiséssemos um exemplo bíblico, a primeira mulher a vir à mente é Dalila, que emaranhou o longo cabelo de Sansão em seu tear e por fim roubou desse homem forte a sua santidade (Jz 16). Alguns comentaristas fazem uma comparação com o livro de Provérbios, em que Salomão personifica a sabedoria e a loucura como duas mulheres chamando os que passam por elas. Segundo Provérbios, "a loucura é mulher

apaixonada" (Pv 9.13). Talvez Kohelet estivesse falando da mesma mulher em Eclesiastes – não de uma pessoa real, mas de uma metáfora para uma vida insensata. Alguns estudiosos acreditam que o Pregador estivesse se referindo especificamente à filosofia pagã.[12]

O problema com essas interpretações é que elas se baseiam mais naquilo que a Bíblia diz em outros textos do que naquilo que a Bíblia diz em Eclesiastes 7. Aqui, o Pregador não faz nenhuma comparação mais ampla com a sabedoria e a loucura, mas nos diz algo que ele aprendeu de experiência própria. Em algum momento, ele conheceu uma mulher que tentou destruí-lo (cf. Pv 2.18-19; 5.4-5). Ele não está dizendo que todas as mulheres são assim, mas algumas delas são, e uma pessoa sábia obedecerá a sua advertência e fugirá de suas tentações.

O alerta é aberto o suficiente para que possa ser aplicado a muitas situações na vida, mas uma maneira óbvia de aplicá-lo é mantendo-se longe das seduções do pecado sexual, inclusive das tentações trazidas pela televisão e pela internet. As pessoas a chamam de realidade virtual, mas o perigo é real. Quando a tentação vem, em vez de se deixar seduzir pelo desejo pecaminoso, lembre ao seu coração de que a mulher sedutora é uma armadilha. Se você ceder aos seus encantos, o resultado será mais amargo do que a morte. Ela o levará para o pecado que destrói a alma, ela destruirá a sua capacidade de se entregar à intimidade verdadeira, e você jamais se tornará o homem (ou a mulher) que Deus quer que você seja.

Saiba disto: existe uma maneira de escapar. Eclesiastes diz que, mesmo que o pecador rebelde seja capturado pela mulher sedutora, a pessoa que agrada a Deus encontrará uma maneira de escapar. Jamais diga que você não consegue parar de pecar; sempre acredite que, pelo poder de Deus, pelo Espírito Santo, existe uma maneira de fugir da tentação, como também José o fez quando a esposa de Potifar tentou agarrá-lo (Gn 39). Acredite no evangelho. Leve o seu pecado

diretamente para a cruz e confesse-o. Cresça no conhecimento de Deus por meio do ministério de sua Palavra. Ore por santidade, e peça a um amigo para que ele o ajude a orar. Recorra à ajuda de um pastor ou presbítero da igreja. Busque o prazer de Deus, e ele, em sua graça, o libertará do poder do pecado.

Ao dizer-nos que existe um caminho de fuga (veja 1Co 10.13), o Pregador deixou claro que ele acreditava na possibilidade de santidade. Mesmo assim se decepcionou com toda a perversão em sua volta. Se ele encontrou uma mulher pecaminosa, encontrou mil. Ouça a futilidade de sua busca para encontrar quem levasse uma vida sábia e justa: "Eis o que achei, diz o Pregador, conferindo uma coisa com outra, para a respeito delas formar o meu juízo, juízo que ainda procuro e não o achei: entre mil homens achei um como esperava, mas entre tantas mulheres não achei nem sequer uma" (Ec 7.27-28). Apesar de o Pregador não o dizer explicitamente, ele aparenta indicar uma busca por uma pessoa sábia ou justa. Entre mil homens, conseguiu encontrar um único que não o decepcionou; entre mil mulheres, nenhuma.

Antes de acusar o Pregador de ser sexista,[13] precisamos estudar esses versículos em seu contexto geral. Como um todo, a Bíblia fala tanto (e talvez até mais) sobre homens pecaminosos quanto fala sobre mulheres pecaminosas. A iniquidade oferece oportunidades iguais a ambos os sexos. Vemos isso aqui em Eclesiastes. A fim de não pensar que o Pregador via os homens de forma mais positiva do que as mulheres, precisamos nos lembrar daquilo que disse no versículo 20: "Não há homem justo sobre a terra que faça o bem e que não peque". Até mesmo aquele homem bom que ele encontrou entre os mil era pecador. Se ele fala sobre a perversão dos homens, não devemos nos ofender se ele falar também sobre a loucura das mulheres.

Além de contemplar os versículos 27-28 em seu contexto bíblico, precisamos entender também o seu contexto pessoal. O escritor não

está falando sobre todas as pessoas em todos os lugares, mas está relatando a sua experiência, que pode dizer tanto sobre ele quanto diz sobre terceiros. Lembre-se de que esses versículos podem ter sido escritos pelo rei Salomão, que conhecia alguns homens sábios e santos, como o profeta Natã, mas que também tinha mil esposas e concubinas em seu harém real – mulheres que adoravam deuses estrangeiros (veja 1Rs 11.3). Devemos realmente nos surpreender ao saber que nenhuma delas era conhecida por sua santidade? A Bíblia diz que essas mulheres levaram Salomão à adoração de outros deuses (veja 1Rs 11.1-8). Seus corações eram a armadilha amarga que levou à sua queda trágica.

A Bíblia elogia muitas mulheres por sua santidade, como a linda noiva no salmo 45, ou a mulher virtuosa em Provérbios 31 ou as mulheres solteiras em Lucas 8, que apoiaram Jesus em seu ministério. Todas essas mulheres se destacaram por sua total devoção a Deus e, se eram casadas, pela fidelidade completa à aliança do casamento. Aparentemente, o Rei-Pregador que escreveu Eclesiastes não conhecia nenhuma mulher desse tipo, que é o que acontece com um homem que tenta amar mil mulheres ímpias. Mas podemos louvar a Deus pelas muitas mulheres santas que encontramos na igreja de Jesus Cristo. Martinho Lutero estava pensando nelas quando disse: "Não há [nada] na terra tão amável quanto o coração de uma mulher, cujo amor é guiado pela graça de Deus".[14] Isso nos ensina a como orar por nossas mães, esposas, irmãs e filhas – pedindo que sejam aquela mulher entre mil que tenha o coração gracioso guiado pelo amor de Deus.

***Nosso estado caído***

Até a melhor das mulheres nada mais é do que uma pecadora salva pela graça. Somos lembrados disso pelo último versículo de Eclesiastes 7, que leva a busca do Pregador pela sabedoria humana à sua infeliz

conclusão. Ele lamenta: “Eis o que tão somente achei: que Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias” (Ec 7.29).

Temos aqui uma acusação ampla contra a humanidade – o que Charles Bridges chamou de um “testemunho humilhante da corrupção total e universal de toda a raça humana”.[15] O Pregador toma toda a raça humana e a coloca sob a categoria da iniquidade. Não adianta discutir sobre quem é mais ou menos justo ou brigar com Kohelet por afirmar que os homens eram um décimo de 1% mais prováveis de serem justos do que as mulheres que ele conhecia. O pecado é o grande igualador. Cada homem, cada mulher e cada criança é pecador.

Desde muito tempo os teólogos reconheceram que Eclesiastes 7.29 é um versículo importante para a doutrina cristã, um versículo que nos instrui sobre a criação e a queda. Ele começa no início, dizendo como Deus nos criou. Muitas pessoas tentam culpar Deus por tudo que há de errado com o mundo, mas não é ele que deve ser culpado. Segundo esse versículo (que concorda com o que lemos nos primeiros capítulos das Escrituras) “Deus fez o homem reto”. Essa é a doutrina bíblica da *justiça original*.

Quando o Pregador diz “homem”, ele usa a palavra *adam*, ou Adão, o pai de todos nós. Em sua condição criada, Adão era perfeitamente justo. Mas Adão decidiu comer do fruto proibido, e ao fazer essa escolha, ele condenou todos os seus filhos à depravação. Essa é a doutrina bíblica do *pecado original*, que prova que Deus não pode ser culpado pelo pecado da nossa raça. Por “sua própria vontade”, escreveu Charles Bridges, Adão “se tornou autor de sua própria ruína”.[16] E não apenas de sua própria ruína:

O pecado de Adão é a ruína de todos nós. João Calvino comparou Adão com uma raiz que apodrece e então destrói a árvore toda.[17] Essa é a história da árvore genealógica da humanidade. Descender “do Senhor Adão e da Senhora Eva”, disse C. S. Lewis, “é uma honra grande o

bastante para levantar a cabeça do mais pobre mendigo e uma vergonha grande o bastante para curvar os ombros do maior imperador da terra".[18] Em virtude do pecado que herdamos de Adão, o que Eclesiastes diz vale para todos nós: temos nos dedicado a uma grande variedade de esquemas ímpios e enganosos – aquilo que a antiga versão King James chamava de "muitas invenções".

Essa pode não ter sido a resposta que o Pregador esperava encontrar quando começou a procurar pelo sentido da vida, mas é essencial para a sabedoria verdadeira. Uma das primeiras coisas que precisamos entender é a condição humana. Que doutrina tem uma força explicativa maior do que a doutrina da depravação total, que ensina que o problema do mundo não é Deus, mas nós e o nosso pecado? A depravação é a doutrina da fé cristã que pode ser provada empiricamente. Mark Twain pode não ter sido um grande teólogo, mas como um observador astuto da natureza humana ele fez esta irônica observação sobre o efeito do pecado de Adão: "Todos que viveram tempo o bastante para descobrir o que a vida é sabem quanta gratidão devemos a Adão, o primeiro grande benfeitor da nossa raça. Ele trouxe a morte para o mundo".[19] O apóstolo Paulo concordaria: "Por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram" (Rm ٥.١٢).

Eclesiastes 7 pode nos trazer até aqui, mas não pode nos levar até onde deveríamos ir. Se pararmos na doutrina do pecado, paramos antes da salvação, e tudo está perdido. Como disse Pascal certa vez: "Conhecer a nossa desgraça sem conhecer a Deus nos deixa entregues ao desespero".[20] Graças a Deus pelo fato de a Bíblia não parar na criação e na queda, mas por continuar a ensinar a redenção pela graça. O primeiro Adão não é o único Adão. Há também um Último Adão (1Co 15.45), que é um dos títulos nobres que a Bíblia confere a Jesus

Cristo. Reconhecendo que o primeiro Adão não conseguiu permanecer reto, devemos procurar nossa salvação no Último Adão, pedindo que ele nos ajude a permanecer firmes até o juízo final.

Jesus Cristo é o único homem que permaneceu totalmente reto e nunca caiu no pecado. Graças à sua vida perfeita e morte expiatória, ele nos oferece o perdão por todos os nossos esquemas ímpios. Apesar de ser verdade que "pela ofensa de um só, morreram muitos", é verdade também que aqueles que "recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo" (Rm 5.15,17). Mesmo se não tivermos a sabedoria para solucionar os mistérios profundos da vida ou para entender tudo que podemos saber sobre o nosso lugar no universo, devemos pelo menos ser sábios o bastante para reconhecer o pecado mortal em nosso coração e pedir a Jesus para ser nosso Salvador.

[1] A informação sobre esse curso foi encontrada em HAM, Ken. "Talking to Aliens?". In: *answersupdate*, vol. 15, nº 9, p. 1-2.

[2] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*. The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 69.

[3] PASCAL, Blaise. *Thoughts*. The Harvard Classics, vol. 48. Trad. W. F. Trotter. Nova York: P. F. Collier & Son, 1910, p. 45.

[4] BRIDGES, Charles. *A Commentary on Ecclesiastes* (reimpressão 1860). Edimburgo: Banner of Truth, 1961, p. 171.

[5] LEWIS, C. S. *The Voyage of the Dawn Treader*. Londres: Geoffrey Bles, 1952, p. 143.

[6] EDWARDS, Jonathan. "Resolutions." In: *Letters and Personal Writings* (*WJE Online*). Org. George S. Claghorn, vol. 16, p. 751 (Resolution 31).

[7] KIDNER. *The Message of Ecclesiastes*, p. 71.

[8] HORÁCIO. *Horace for English Readers: Being a Translation of the Poems of Quintus Hoartius Flaccus into English Prose*. Trad. E. C. Wickham Oxford: Clarendon Press, 1903, p. 30.

[9] PASCAL. *Thoughts*, p. 78.

[10] CALVIN, Jonh. *Institutes of the Christian Religion*. Org. John T. McNeill. Trad. Ford Lewis Battles, 2 vols. Library of Christian Classics, 20-21. Filadélfia: Westminster, 1960, III.xxi.2.

[11] DONNE, John. *Poems of John Donne*. Org. E. K. Chambers. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1896, p. 188.

[12] LEUPOLD, H. C. *Exposition of Ecclesiastes*. Grand Rapids, MI: Baker, 1952, p. 173-176.

[13] Para uma visão que defende que Kohelet seja um misógino, veja LONGMAN, Tremper III. *The Book of Ecclesiastes*. New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998, p. 203-207.

[14] LUTHER, Martin, citado em BRIDGES. *A Commentary on Ecclesiastes*, p. 177.

[15] BRIDGES. *A Commentary on Ecclesiastes*, p. 168.

[16] *Ibid*., p. 179.

[17] CALVIN. *Institutes*, II.i.6,7.

[18] LEWIS, C. S. *Prince Caspian*. Nova York: HarperCollins, 1979, p. 233.

[19] TWAIN, Mark. *The Tragedy of Pudd'nhead Wilson and the Comedy of the Extraordinary Twins*. Nova York: Harper & Brothers, 1922, p. 18.

[20] PASCAL, Blaise, citado em EDGAR, William. "Why Is Light Given to the Miserabel?". In: *It Was Good – Making Art to the Glory of God*. Org. Ned Bustard. Baltimore: Square Halo, 2000, p. 45.

17

# ORDEM E CONSENTIMENTO

*Eclesiastes 8.1-9*



*Quem é como o sábio? E quem sabe a interpretação das coisas? A sabedoria do homem faz reluzir o seu rosto, e muda-se a dureza da sua face. Eu te digo: observa o mandamento do rei, e isso por causa do teu juramento feito a Deus* (Ec 8.1-2).

Helmuth von Moltke foi recrutado pela Alemanha nazista para trabalhar na contraespionagem; sua fé cristã, porém, fez dele um oponente determinado de Adolf Hitler. Apesar de acreditar que seria errado recorrer à violência contra os nazistas, von Moltke usou sua elevada posição para resgatar muitos prisioneiros da morte certa. Não surpreendentemente, no fim, ele foi acusado de traição, julgado e condenado à morte.

Em sua última carta à sua amada esposa Freya, Helmuth descreveu o momento dramático de seu julgamento em que o juiz iniciou um ataque contra sua fé em Cristo: "Apenas em um único aspecto o nacional-socialismo se parece com o cristianismo", ele gritou, "ambos exigimos que o homem seja homem de verdade". Então o juiz exigiu que o acusado declarasse a sua lealdade final: "De quem você aceita suas ordens, do outro mundo ou de Adolf Hitler? Em quem você deposita sua lealdade e sua fé?".[1]

Von Moltke sabia exatamente a quem ele devia a sua lealdade. Ele havia colocado toda a sua esperança e confiança em Jesus Cristo. Portanto, apresentou-se ao seu juiz terreno como cristão, e nada mais. Sua fé o capacitou a agir sabiamente no serviço governamental, e agora o capacitou a agir sabiamente ao encarar sua hora final. Como seguidor

de Cristo, von Moltke conhecia a diferença entre o exercício apropriado de autoridade e o abuso de poder. Também sabia o que fazer quando se encontrava sob o controle de outra pessoa e quando sua própria vida corria perigo.

### *A face da sabedoria*

Eclesiastes 8 nos ensina a exercer o mesmo tipo de sabedoria em nossa própria submissão à autoridade. Esses versículos nos oferecem uma orientação prática para lidar com governos terrenos, sejam bons ou maus, até mesmo em questões de vida ou morte.

O versículo de abertura dessa passagem (vagamente organizada) é transicional. Ele resume o que o capítulo 7 disse sobre a sabedoria, abrindo ao mesmo tempo o caminho para o que o restante do capítulo 8 diz sobre coisas que estão fora de nosso controle. O Rei-Pregador faz uma pergunta retórica, depois louva o presente da sabedoria: "Quem é como o sábio? E quem sabe a interpretação das coisas? A sabedoria do homem faz reluzir o seu rosto, e muda-se a dureza da sua face" (Ec 8.1).

Qual é a resposta às perguntas de Kohelet? Quem é verdadeiramente sábio, e quem possui a habilidade para explicar algo que é difícil de interpretar? Alguns estudiosos acreditam que a resposta seja: "Ninguém". Essas perguntas exigem uma resposta negativa, dizem, especialmente depois daquilo que o Pregador disse no capítulo 7 sobre quão longe está a sabedoria e quão difícil é chegar às profundezas em que ela se encontra (veja os
v. 23-24). Não existe homem sábio; não, nenhum.

O problema com essa interpretação é que a segunda metade do versículo é positiva. Ela diz que a sabedoria verdadeira transforma o semblante de uma pessoa. Mas por que o Pregador diria isso se ninguém fosse sábio? Devem existir pelo menos algumas pessoas que possuem sabedoria. Por isso, a pergunta retórica do Pregador deve ter um significado um pouco diferente. Ele não está dizendo que ninguém é

sábio, mas que a sabedoria é rara e que ninguém se compara a uma pessoa verdadeiramente sábia. Se a sabedoria é tão difícil de encontrar como o Pregador disse no capítulo 7, então poucos a encontrarão – apenas um em mil homens (Ec 7.28). Tampouco conseguiremos encontrar muitas pessoas que sabem interpretar as coisas. Pense em como pode ser difícil entender ensinamentos difíceis da Bíblia (incluindo aqui alguns dos versículos dessa passagem). Ou, em termos mais amplos, pense em como é difícil explicar a providência misteriosa de Deus, a forma como ele faz algumas coisas tortas ou retas no mundo. O meu sofrimento é um sinal do julgamento de Deus e, por isso, um chamado para o arrependimento, ou seria uma oportunidade para a graça de Deus e, por isso, um teste da minha fé?

O homem que possui a sabedoria para solucionar esses tipos de problema complexo é realmente raro. No entanto, alguns indivíduos possuem o dom da interpretação. Para mencionar apenas um exemplo notável, lembro da vida e do ministério do profeta Daniel. Quando era jovem, Daniel foi levado em cativeiro para a Babilônia, onde recebeu treinamento na corte de Nabucodonosor. Só Daniel (em companhia de alguns amigos) foi sábio o bastante para não comer da carne que os babilônios ofereciam aos seus deuses. A Bíblia diz também que "em toda matéria de sabedoria e de inteligência" Daniel sabia dez vezes mais do que qualquer um dos estudiosos ou mágicos da Babilônia (Dn 1.20). Mais tarde, revelou ser o único homem em todo o reino que era sábio o bastante para interpretar o sonho do rei (Dn 2).

Poucas pessoas têm a sabedoria de Daniel. Ele é um exemplo tão brilhante que corresponde à descrição na segunda metade de Eclesiastes 8.1. A sabedoria fazia seu rosto brilhar. Na verdade, até os babilônios conseguiam enxergar que sua aparência era melhor do que a aparência de seus próprios jovens (Dn 1.15).

É estranho, mas é verdade: a sabedoria divina muda a aparência das pessoas. As pessoas que vivem sem Deus no mundo demonstram muitas vezes a postura orgulhosa ou a expressão rígida que resulta de um coração endurecido pelo pecado – aquilo que o Pregador chamou de "dureza da (...) face". Mas a sabedoria do evangelho transforma a expressão rígida do pecado em sorriso da graça. Assim, o Pregador contrasta a face do pecador endurecido com "o homem sábio que é visivelmente gracioso em sua postura e cuja gentileza se evidencia em sua expressão facial".[2] Ao dizer isso, ele não quer apenas que andemos com um sorriso estampado em nosso rosto. O que ele está dizendo é o que o salmista disse: aqueles que olham para o Senhor são "iluminados, e o vosso rosto jamais sofrerá vexame" (Sl 34.5; cf. Êx 34.29-35; Pv 15.13). Isso é mais do que uma metáfora. A sabedoria verdadeira traz uma alegria para a vida que muda tudo, inclusive a aparência das pessoas.

Encontramos um exemplo surpreendente disso num ensaio de 2008 de um ateu famoso sobre um fenômeno estranho que ele observou na África. O jornalista Matthew Parris escreveu um artigo para *The Times* intitulado de "Why Africa Needs God" [Por que a África precisa de Deus]. Apesar de Parris deixar bem claro que não acredita em Deus, ele reconheceu que o cristianismo fazia uma diferença palpável nas vidas das pessoas que ele conheceu em Malaui, no país de sua infância e em outros países da África. Ele não só admirou o bom trabalho que os cristãos estavam fazendo cuidando dos pobres e enfermos, mas gostou também de sua aparência: "Os cristãos eram diferentes", escreveu. "Sua fé parecia tê-los libertado e deixado mais à vontade. Havia uma vivacidade, uma curiosidade, um compromisso com o mundo... Sempre que entrávamos em um território com um missionário, tínhamos de reconhecer que algo havia mudado nos rostos das pessoas que encontrávamos e com as quais conversávamos: algo em seus olhos".[3]

A sabedoria bíblica traz transformação pessoal. Ela faz uma diferença em nosso testemunho, mostrando às pessoas a alegria de conhecer Cristo. Faz também uma diferença em nossos relacionamentos. Em vez de viverem mal-humoradas o tempo todo (uma tentação para todos nós), as pessoas sábias têm uma alegria interior que irradia e alcança outras pessoas. Você já viu esse tipo de alegria no rosto de um cristão mais velho, mais sábio? Deus faz seu rosto brilhar? Quando orarmos pelo nosso progresso espiritual, devemos pedir a Deus uma sabedoria maior para trazer uma alegria crescente para nossa vida em nosso testemunho de Jesus Cristo. Quando sua face brilhar sobre nós (veja Nm 6.25), nossos próprios rostos brilharão com a sabedoria da sua graça radiante (veja 2Co 3.18).

***O direito divino dos reis***

Após nos informar sobre a aparência da sabedoria, o Pregador nos mostra o que a sabedoria faz quando lidamos com pessoas de autoridade absoluta: "Eu te digo: observa o mandamento do rei, e isso por causa do teu juramento feito a Deus. Não te apresses em deixar a presença dele, nem te obstines em coisa má, porque ele faz o que bem entende. Porque a palavra do rei tem autoridade suprema; e quem lhe dirá: Que fazes?" (Ec 8.2-4).

Em seu contexto original, esses versículos se aplicavam especificamente à vida na corte real, como o palácio em que Daniel serviu na Babilônia. O Pregador está falando sobre o direito divino de reis, como os monarcas que reinavam sobre Israel na Antiguidade. Esses princípios, porém, podem ser aplicados também a outras formas de governo ou, num sentido mais geral, a qualquer situação em que somos chamados para submeter-nos a uma autoridade conferida por Deus.

Há dicas em toda a passagem de que o rei em questão pode ou não exercer seu governo de forma piedosa. Na verdade, o versículo 9 sugere

que muitas vezes ocorre um abuso de autoridade terrena: “Tudo isto vi quando me apliquei a toda obra que se faz debaixo do sol; há tempo em que um homem tem domínio sobre outro homem, para arruiná-lo”. Essa passagem fala não só sobre o uso de poder, mas também sobre seu abuso. Com base naquilo que o Pregador tinha visto, sempre que uma pessoa tem poder sobre outra, há sempre uma grande probabilidade de que ela o usará de forma destrutiva. R. N. Whybray expressa essa ambivalência na postura de Kohelet diante de uma autoridade política: “Por um lado, ele recomenda obediência e submissão em razão da prudência, por outro, porém, não oculta o fato de que considera isso brutal e tirânico”.[4]

### *Ouvir é obedecer*

Qual é a maneira sábia e santa de viver sob autoridade? Essa pergunta não diz respeito apenas aos membros da corte. É relevante para cada cidadão, cada funcionário e cada pessoa chamada a se submeter a qualquer autoridade que Deus instituiu. Como honramos a Deus honrando o rei?

Nossa primeira obrigação é obediência. Assim, o Pregador começa instruindo-nos a “observar o mandamento do rei” (Ec 8.2). Um servo sábio fará o que o rei lhe diz. Dirá: “Seu desejo é minha ordem” ou “Ouvir é obedecer, meu senhor”.

O princípio geral aqui é submissão às autoridades do governo – algo que a Bíblia ensina também em outras passagens. Jesus disse aos discípulos que deviam “dar a César o que é de César” (Lc 20.25). Paulo instruiu a cada pessoa a estar “sujeito às autoridades superiores” – ao que William Tyndale chamou de “poderes que são” (Rm 13.1). Martinho Lutero chamou essa obrigação de “obediência política”.[5] Todo cristão é chamado para ser um cidadão obediente à lei e para responder a qualquer pedido piedoso de ajuda que o governo faça. Isso

inclui tudo, desde pagar todos os impostos a responder ao apelo do presidente de prestar serviços voluntários.

Há várias boas razões para obedecer o rei. A mais importante é de natureza teológica: "observa o mandamento do rei, e isso por causa do teu juramento feito a Deus" (Ec 8.2). O que as Escrituras dizem literalmente é: "por causa do teu juramento feito a Deus". Não está absolutamente claro se isso se refere a um juramento feito pelo cidadão ou por Deus. Alguns estudiosos interpretam isso como juramento de lealdade feito pelo povo de Israel. Existem alguns exemplos de tais juramentos no Antigo Testamento – os juramentos de oficiais públicos de serem leais ao seu rei (p. ex., 1Cr 29.24). Se é isso que o Pregador está querendo dizer aqui, ele está lembrando os membros da corte real que eles prometeram obedecer o rei.

No entanto, há outra maneira de ler esse versículo. O "juramento de Deus" pode ser uma promessa divina, e não humana – a promessa que Deus fez quando colocou seu rei no trono. Lembre-se que os reis justos de Israel eram recebedores de uma promessa real. Deus havia jurado ao rei Davi que um de seus filhos se sentaria no trono de Israel para sempre. Essa é a aliança que Deus fez com Davi em 2Samuel 7 e que o próprio Davi repetiu no salmo 110: "Disse o SENHOR ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés" (v. 1). O povo de Deus era obrigado a obedecer o seu rei terreno porque ele havia sido ungido pelo Deus Todo-poderoso. Obedecer o rei significava dar honra a Deus.

Nós honramos Deus da mesma forma. É verdade, nossos governantes não receberam a aliança que Deus prometera a Davi. Aquele juramento solene se cumpriu com a vinda de Cristo, que reinará para sempre como o Rei ungido de Deus. Mas no exercício de sua autoridade real e universal, Jesus apontou líderes para o nosso governo: "Não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que

existem foram por ele instituídas. De modo que aquele que se opõe à autoridade resiste à ordenação de Deus" (Rm 13.1-2). Nossa submissão à autoridade na terra é parte importante da nossa submissão a Cristo no céu.

As pessoas muitas vezes se perguntam se essa obediência tem seus limites. Preciso sempre me submeter às autoridades governantes, ou há tempos em que, como cristão, preciso desobedecer? A resposta simples é aquela que Pedro deu quando os governantes de Jerusalém ordenaram que ele parasse de pregar o evangelho: "Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens" (At 5.29). Quando se trata de um conflito entre Deus e os homens, precisamos obedecer a autoridade superior.

O que o Pregador nos oferece em Eclesiastes 8 é sabedoria prática para situações em que nos encontramos sob uma autoridade terrena que não é completamente justa e que pode nos deixar incertos em relação ao que fazer. O versículo 3 parece supor uma situação em que um oficial público discorda com a ordem de seu rei. Aqui o Pregador oferece uma palavra de cautela: "Não te apresses em deixar a presença dele, nem te obstines em coisa má, porque ele faz o que bem entende" (Ec 8.3).

Quando diz que não devemos nos apressar, o Pregador não está informando a velocidade com que devemos andar quando sairmos do Palácio do Planalto.* No mundo antigo, uma audiência com o rei era uma questão de vida ou morte. Quando Ester, por exemplo, entrou na sala do trono do rei, ela estava colocando sua vida em suas mãos ("Se perecer, pereci"; Et 4.16). Nesse contexto cultural, uma saída apressada da sala do trono era um sinal de desonra, uma maneira de expressar seu desrespeito pela autoridade. O Pregador não está dizendo que nunca temos o dever de desobedecer o governo para cumprir nossa obrigação maior com Deus. Mas está dizendo que não devemos nos afastar apressadamente de qualquer autoridade instituída por Deus.

Ele também nos instrui a sermos cautelosos para não defender uma "coisa má" (Ec 8.3). Isso seria um bom conselho em qualquer situação, mas nesse contexto o Pregador pode ter algo específico em mente. Quando as pessoas se encontram sob o governo de uma autoridade ímpia, é tentador rebelar-se de forma injusta. O Pregador nos instrui a combater o mal com santidade. Um bom exemplo é a postura assumida pelos amigos de Daniel contra o rei Nabucodonosor quando este ordenou que todos o adorassem. Hananias, Misael e Azarias (para usar seus nomes hebraicos verdadeiros) se recusaram pacificamente a adorar qualquer pessoa além de Deus (veja Dn 3). Outro exemplo notável é Helmuth von Moltke – o homem mencionado na introdução deste capítulo. Apesar de resistir a Hitler a cada momento, von Moltke se recusou a recorrer à violência, porque temia que isso o tornaria igual a Hitler.

Isso não quer dizer que nunca haja um momento em que é preciso lutar contra a tirania, recorrendo inclusive ao uso da força, se este for um chamado que recebemos de Deus. Mas Eclesiastes nos aconselha a não responder ao mal com o mal. As nações aplicam esse princípio seguindo os princípios bíblicos para a prática justa de guerra, incluindo o tratamento humano de prisioneiros. Mas podemos aplicar esse princípio também pessoalmente sempre que sentirmos o ímpeto de lutar contra o abuso de autoridade. Quando sofrer opressão em casa, no emprego ou na sociedade, não permita que o desejo de vingança volte seu coração para a iniquidade.

A razão mais importante para obedecer o rei é de natureza teológica. Mas o Pregador nos dá também uma boa razão prática para cumprir a nossa obrigação real, ou seja, porque isso nos protegerá de prejuízos. Lembre-se de que a palavra do rei é lei, que a autoridade terrena do governo é absoluta: "Porque a palavra do rei tem autoridade suprema; e quem lhe dirá: Que fazes?" (Ec 8.4). Portanto, se formos tolos a ponto

de desafiar a autoridade do rei – ou pior, se nossa resistência for má – então podemos cair sob o seu julgamento (veja Rm 13.4).

Alguns comentaristas têm a impressão de que, pelo fato de ele fazer "o que bem entende" (Ec 8.3), esse rei específico pode ser um tanto imprevisível, até mesmo perigoso.[6] Sendo este o caso ou não, é bom ser cauteloso na presença de um governante todo-poderoso. Se desobedecermos o rei, é provável que provocaremos sua ira (veja Pv 14.35; 16.14; 20.2). Segundo Derek Kidner, existem tempos em que "a sabedoria precisa dobrar suas asas e assumir uma forma discreta, contentando-se a manter seu dono longe do perigo".[7] No entanto, o Pregador nos oferece este encorajamento: "Quem guarda o mandamento não experimenta nenhum mal; e o coração do sábio conhece o tempo e o modo" (Ec 8.5). Isso não é uma promessa absoluta, mas é um princípio válido. A obediência tem a bênção de Deus. Submeter-nos ao domínio da lei nos protegerá de infortúnios. Essa é uma das bênçãos da sabedoria: ela nos ajuda a reconhecer o modo certo de viver, que inclui a submissão ao nosso governo como cidadão leal.

### *Morte, guerra e o futuro*

Tudo que dissemos até agora é perfeitamente resumido em um dos provérbios bíblicos: "Teme ao SENHOR, filho meu, e ao rei e não te associes com os revoltosos" (Pv 24.21). Um pouco mais difícil de entender é o conselho que segue. Após dizer-nos que uma pessoa sábia "conhece o tempo e
o modo", o Pregador nos assegura de que "para todo propósito há tempo
e modo" (Ec 8.5-6). Em outras palavras, a pessoa sábia conhece a coisa certa a fazer e o tempo certo para fazê-la. Todavia, o Pregador continua e diz que "é grande o mal que pesa sobre o homem. Porque este não

sabe o que há de suceder; e, como há de ser, ninguém há que lho declare" (Ec 8.6-7).

Mais uma vez nos encontramos contra os limites da sabedoria terrena.

A pessoa sábia tem um sentido do tempo de Deus. Isto está de acordo com o que o pregador anteriormente disse, que há "tempo para todo propósito debaixo do céu" (Ec 3.1). Se o pregador ainda está pensando sobre reis e governos, ele está dizendo que há um tempo para obedecer o rei e um tempo para deixar a sua presença, ou mesmo para iniciar uma rebelião justa. Podemos aplicar o mesmo princípio para outras situações que envolvem autoridade. Há um tempo para submeter-se e um tempo para ficar contra a opressão. Para dar apenas um exemplo, há um tempo para ficar e fazer um casamento funcionar, mas há também um tempo para deixar um cônjuge abusivo ou adúltero.

O problema é que é difícil identificar o tempo, o que torna difícil saber qual é a coisa certa a fazer. Os problemas e as frustrações da vida são numerosos, como o Pregador não se cansa de nos lembrar. Não sabemos o que o futuro trará. Tampouco ninguém pode nos dizer exatamente o que acontecerá no amanhã. Eu conseguirei realizar minhas ambições? Deus me abençoará com a situação que desejo para a minha vida? Quais nações se erguerão e cairão? A economia será boa ou ruim? Qual igreja florescerá ou apenas sobreviverá? Essas são apenas algumas das muitas incertezas que temos em relação ao futuro.

E então há a maior incerteza de todas, que é o momento da morte. Isso também está fora do nosso controle. O Pregador diz: "Não há nenhum homem que tenha domínio sobre o vento para o reter; nem tampouco tem ele poder sobre o dia da morte" (Ec 8.8). A palavra "espírito" significa, às vezes, "vento" (p. ex., Ec 1.6), mas seu vínculo aqui como "o dia da morte" deixa claro que o Pregador está pensando no "espírito" como sopro da vida (cf. Ec 3.19; 12.7). Nenhum ser

humano tem poder sobre a vida e a morte do espírito. Em breve, respiraremos pela última vez, e quando este dia vier, não haverá absolutamente nada que possamos fazer para estendê-lo. As Escrituras dizem: "aos homens está ordenado morrerem uma só vez" (Hb 9.27), mas essa data está marcada na agenda de Deus, não na nossa. A Bíblia diz também que existe um "tempo de morrer" (Ec 3.2), mas esse tempo não se encontra em nossa agenda. Nosso último suspiro é o último que teremos, e não há como respirarmos mais uma vez depois disso.

Para dar um exemplo específico sobre a incerteza da vida e da morte – um exemplo que diz respeito ao poder de reis terrenos – o Pregador contempla o caso de um soldado em tempos de guerra: "nem há tréguas nesta peleja; nem tampouco a perversidade livrará aquele que a ela se entrega" (Ec 8.8). Normalmente, a Bíblia considera o serviço militar um chamado nobre. João Batista, por exemplo, disse aos soldados do exército romano a não abandonarem sua posição, mas a honrarem a Deus na maneira de cumprir sua obrigação (Lc 3.14).

Aqui o Pregador diz a mesma coisa aos soldados, mas ele o faz reconhecendo que a guerra é uma ocupação perigosa. Um bom soldado não pode fugir do perigo. A lei de Moisés previa que os homens covardes pudessem ser liberados do serviço militar (veja Dt 20.8). Mas na hora da luta, os homens na ativa eram proibidos de fugir. Esse é o costume universal de todo exército respeitável. Um soldado não pode enganar o sistema, fugir do serviço ou se afastar sem licença. Nem mesmo a iniquidade no campo de batalha pode tirar dele a responsabilidade de lutar.[8]

A situação do soldado reúne dois temas principais dessa passagem (que, como devemos lembrar mais uma vez, apresenta uma estrutura solta, seguindo o fluxo de pensamentos do autor). Entre todas as coisas que um governo ordena às pessoas a fazer, esta é a mais exigente: a de defender seu país. É também a obrigação que traz o maior perigo e,

com esse perigo, a maior incerteza em relação ao futuro. Em tempos de guerra, um soldado enfrenta a possibilidade real da morte em qualquer momento. Ele, mais do que qualquer outra pessoa, sabe que não tem conhecimento do futuro ou poder sobre o dia da morte. Mesmo assim, o soldado precisa obedecer as ordens. A propósito, essa é uma das razões pelas quais precisamos orar pelos militares, especialmente em tempos de guerra: eles encaram as grandes questões de vida e morte todos os dias.

Essa é também a nossa situação, se nós desejarmos ver apenas isso. Todos nós nos encontramos sob a autoridade de outros. Todos nós encaramos um futuro incerto. Não controlamos nosso destino nem determinamos os dias da nossa vida. Nem sabemos como interpretar tudo que acontece em nossa vida. Qual, então, é o modo sábio de viver?

O modo sábio de viver é submeter-se à soberania de Deus e confiar nossas vidas – corpo e alma – ao senhorio de Jesus Cristo. Ele é a sabedoria de Deus (1Co 1.30); portanto, se quisermos conhecer o modo sábio de viver, precisamos ir até ele. Jesus Cristo é o Rei dos reis (Ap 19.16); assim, quando nos submetemos a qualquer governo terreno, estamos na verdade honrando seu reinado eterno. Jesus Cristo é o Salvador que morreu em seu tempo, pacientemente submetendo seu espírito ao Pai (veja Lc 23.46) ao oferecer sua vida na cruz pelos nossos pecados. Jesus Cristo é o Senhor da vida eterna (Jo 6.68); por isso, ele é capaz de nos libertar da morte e de nos dar a plenitude da alegria na presença eterna de Deus. Entregue a sua vida a Cristo, e ele o salvará para sempre. Seu futuro estará seguro, a despeito de todos os problemas e incertezas da vida.

Nos últimos dias de sua vida na terra, Helmuth von Moltke experimentou o conforto de conhecer Cristo. Apesar de ser inocente de todas as acusações, ao ser condenado pelos nazistas, von Moltke sabia que ele era um homem morto. Qualquer dia podia ser o seu último.

Mesmo assim, em sua última carta à esposa, ele se mostrou repleto de alegria e confiança na bondade de Deus. Von Moltke estava sofrendo o mal descrito em Eclesiastes 8.9, que diz que um homem tem o poder de ferir o outro. No entanto, ao mesmo tempo, ele teve a sabedoria que vem do conhecimento de Cristo. Assim, foi capaz de dizer à sua amada esposa Freya que "a agonia da partida, o terror da morte e o medo do inferno" não tinham poder sobre ele. Em vez disso, estava tomado de fé, esperança e caridade. "Sei que vivo apenas em sua graça", disse von Moltke. Citou também um verso de seu hino favorito: "Está pronto para a morte aquele que está firmado em ti".[9]

Se formos sábios, também nos firmaremos em Cristo, vivendo apenas em sua graça, e assim estaremos preparados para a morte e tudo o mais que vier a acontecer na vida.

[1] MOLTKE, Helmuth von, em uma carta à esposa, Freya, de 11 de janeiro de 1945. In: *The Christian Lover: The Sweetness of Love and Marriage in the Letters of Believers*. Org. Michael A. G. Haykin e Victoria J. Haykin. Lake Mary, FL: Reformation Trust, 2009, p. 95.

[2] EATON, Michael A. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 117.

[3] PARRIS, Matthew. "As an atheist, I truly believe Africa needs God." In: *TimesOnline*, 27 de dezembro de 2008; http://www.timesonline.co.uk/tol/comment/columnist/matthew_parris/article5400568.ece.

[4] WHYBRAY, R. N. *Ecclesiastes*. The New Century Bible Commentary. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989, p. 134-135.

[5] LUTHER, Martin. "Notes on Ecclesiastes." In: *Luther's Works*. Trad. e Org. Jaroslav Pelikan, 56 vols. St. Louis: Concordia, 1972, vol. 15, p. 135.

[6] Veja, por exemplo, LONGMAN, Tremper III. *The Book of Ecclesiastes*. New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998, p. 212.

[7] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*. The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 74.

[8] Alternativamente, a "perversidade" no versículo 8 pode não dizer respeito à guerra, mas servir como exemplo separado de alguma coisa na vida que foge ao nosso controle: "a pessoa que não reconhece nenhuma lei, mas faz exatamente apenas o que lhe agrada, pode ser vista como exceção à regra geral, que o homem é sempre a vítima das circunstâncias; mas até mesmo este homem, em algum momento, acabará sendo superado por tais circunstâncias". Em WHYBRAY, *Ecclesiastes*, p. 134.

[9] MOLTKE, Helmuth von, citado em HAYKIN. *The Christian Lover*, p. 93, 95.

[*] No texto original a referência é à Casa Branca, a casa presidencial dos Estados Unidos.

# JUSTIÇA FINAL

*Eclesiastes 8.10-15*



> *Ainda que o pecador faça o mal cem vezes, e os dias se lhe prolonguem, eu sei com certeza que bem sucede aos que temem a Deus. Mas o perverso não irá bem, nem prolongará os seus dias; será como a sombra, visto que não teme diante de Deus* (Ec 8.12-13).

"Acondição fundamental de ser humano é que morreremos. Uma verdade quase igualmente básica é que parecemos incapazes de acreditar nisso."[1] Assim escreve Leah Hager Cohen em um artigo sobre a angústia de uma mulher diante da morte iminente da mãe. Mesmo sabendo que algum dia todos nós morreremos, temos dificuldade de acreditar na nossa própria morte.

No entanto, existem momentos em que a morte nos confronta de forma tão pessoal e direta que não conseguimos mais negá-la. Ouvimos que alguma pessoa famosa morreu. Participamos de um funeral de um ente querido. Visitamos um túmulo. Ou talvez simplesmente sonhamos sobre o fim da nossa própria existência. Num momento de clareza cristalina, de repente nos lembramos de que a vida termina em morte, e isso muda tudo.

### *O fim no túmulo*

O Rei-Pregador que escreveu Eclesiastes teve um momento de clareza referente às grandes questões da vida e da morte. Ele estivera refletindo sobre o poder dos reis terrenos e sobre a autoridade de governar que Deus lhe deu (Ec 8.2-4). Ele também meditou sobre a soberania de Deus sobre a vida e a morte, lembrando-nos de que nós

não determinamos o dia da nossa morte (Ec 8.8). Ele estava refletindo sobre essas coisas porque queria descobrir o modo sábio de viver. De repente, ele teve uma experiência que mudou toda a sua perspectiva sobre a vida e a morte. "Vi os perversos receberem sepultura", ele diz. "Também isto é vaidade" (Ec 8.10). Talvez o Pregador tenha assistido a um funeral, ou talvez tenha visto uma procissão fúnebre passar pela rua. Em todo caso, ele testemunhou o sepultamento de um homem perverso, o que lhe deu uma sabedoria maior.

A morte tem um jeito de trazer perspectiva para a vida. "A visão de um funeral", disse Charles Spurgeon, "é uma coisa muito saudável para a alma".[2] Semelhantemente, Columba Stewart disse: "A consciência da mortalidade exerce um poder único para concentrar a mente e o coração no essencial".[3] É fácil distrair-se com os prazeres e problemas do dia a dia a ponto de não refletir sobre o futuro ou o fim dos nossos dias. Mas quando ficamos ao lado de um túmulo, lembramos de algo que a maioria tenta esquecer: a morte vem mais rápido do que pensamos.

Essa realidade sóbria e triste ajudou o Pregador entender e aceitar algo que estava perturbando sua alma. Pelo que observava, as pessoas más estavam tendo uma vida boa. Se Deus é justo, ele deveria julgar os perversos. No entanto, olhando em volta, o Pregador via exatamente o oposto. Ele era como Asafe, que reconheceu que "invejava os arrogantes, ao ver a prosperidade dos perversos" (Sl 73.3). Asafe faz essa queixa no salmo 73, em que escreve também: "Para eles não há preocupações, o seu corpo é sadio e nédio. Não partilham das canseiras dos mortais, nem são afligidos como os outros homens" (v. 4-5). Em outras palavras, os inimigos de Deus parecem estar recebendo todas as bênçãos. Ganham mais dinheiro, têm mais poder e experimentam mais prazeres do que as pessoas que tentam fazer o que Deus diz.

Foi isso que Asafe viu, e o Pregador viu a mesma coisa. E este era seu epitáfio para os perversos: "Eles costumavam entrar e sair do lugar santo e eram elogiados na cidade em que haviam feito estas coisas" (Ec 8.10).* Não está totalmente claro que "lugar santo" o Pregador tinha em mente. Talvez estivesse se referindo a Jerusalém, a cidade santa de Deus. Ou talvez estivesse se referindo mais especificamente ao templo em Jerusalém. Isso levou Martinho Lutero a acreditar que as pessoas que "entram e saem do lugar santo" eram os sacerdotes que lideravam a adoração na casa de Deus, caso em que o Pregador estaria falando sobre os líderes religiosos de Israel.[4] Mas independentemente de quem eram e do lugar que frequentavam, eles entravam e saíam em liberdade.

A maioria das traduções passa a impressão de que essas pessoas perversas eram populares, que eram "elogiadas na cidade" (Ec 8.10). Alguns comentaristas acreditam também que isso se refere aos seus funerais; a despeito de sua perversidade, essas pessoas eram louvadas em seu sepultamento, algo que elas jamais mereciam.[5] Às vezes, ouvimos palavras gentis em funerais de pessoas más, mas só podemos interpretar Eclesiastes dessa forma se alterarmos o texto. É muito mais provável que devamos ler o versículo na forma como se apresenta na maioria dos manuscritos, que é também como é traduzido na anotação da *English Standard Version*: os perversos "eram *esquecidos* na cidade". Salomão disse algo parecido no livro de Provérbios: "A memória do justo é abençoada, mas o nome dos perversos cai em podridão" (10.7). Isso faz parte da perspectiva que a morte traz. As pessoas perversas podem ser preeminentes na cidade e, às vezes, até na igreja, mas quando morrem, são esquecidas.

Mas estamos nos adiantando. No que diz respeito a esta vida, os perversos muitas vezes parecem receber o que eles *não* merecem. Kohelet escreve sobre essa injustiça em Eclesiastes 8.14: "Ainda há outra vaidade sobre a terra: justos a quem sucede segundo as obras dos

perversos, e perversos a quem sucede segundo as obras dos justos. Digo que também isto é vaidade".

Ah!, a injustiça de tudo isso! Se Deus é justo, então esperaríamos que ele recompensasse os justos e punisse os perversos. No entanto, muitas vezes ele parece fazer exatamente o oposto. Pessoas boas enfrentam dificuldades que apenas pessoas más merecem, enquanto as pessoas más recebem o que apenas pessoas boas merecem. Ditadores cruéis expulsam governos livres. O homem que rouba a herança dos investidores recebe uma gratificação enorme, enquanto pessoas trabalhadoras perdem seu emprego e sua casa. Pastores são jogados na prisão, enquanto os perseguidores da igreja se fortalecem em seu poder cruel. Ou para trazer tudo isso para um nível mais pessoal: o estudante que trapaceou numa prova difícil recebe a nota máxima, mas você fica de recuperação. O funcionário que traiu você é promovido, enquanto você permanece preso na mesma faixa salarial. Ou você assume um compromisso de castidade e, apesar de você ainda ser solteira, a garota que se joga nos braços dos homens recebe um anel e um longo vestido branco.

O Pregador está nos dizendo que, nesta vida, há uma inversão de retribuição e recompensa. As coisas não só parecem ser assim, mas é assim que elas realmente são. Qual então o sentido de ser justo? Se as pessoas más têm uma vida boa, o que ganhamos com a santidade? O Pregador chamou isso de "vaidade". O teólogo reformado Theodore Beza chamou isso de "repugnante à razão".[6] Eu chamaria isso de injustiça absurda.

### *O atraso que leva à depravação*

Para piorar ainda mais as coisas, a aparente injustiça entre a recompensa dos justos e dos injustos leva as pessoas possivelmente à prática do mal. Observe o que acontece quando os pecados dos

perversos não são punidos: “Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal” (Ec ٨.١١; cf. ٧.٢٩).

Aqui se abre uma janela que nos oferece uma visão desagradável da depravação total do coração humano. Se os atos maus fossem punidos imediatamente, as pessoas seriam impedidas de praticar a perversão (do tipo descrito no versículo 9, em que um homem tinha o poder de ferir outro). Mas a justiça é tão lenta que algumas pessoas acreditam poder matar e sair impunes, literal e figurativamente. Para dar um exemplo do mundo dos esportes, uma das razões pelas quais atletas famosos como Barry Bonds e Alex Rodriguez continuaram usando esteroides, mesmo após o banimento dessas drogas do baseball profissional, é porque os usuários de esteroides não eram punidos.[7] Se não há consequências por que não continuar e pecar?

Quando as pessoas agem de forma injusta, elas estão tirando vantagem da misericórdia de Deus. A razão pela qual Deus não lança raios do céu é porque ele é muito paciente. Ele é “longânimo e grande em misericórdia” (Êx 34.6). O julgamento está vindo – talvez mais rápido do que imaginamos (veja o Sl 55.23), mas Deus está nos dando mais tempo para nos arrependermos. A maneira de reagir a esse paciente atraso é pedir-lhe misericórdia por nossos pecados. As Escrituras dizem: “A bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento” (Rm 2.4). No entanto, muitas pessoas abusam da paciência de Deus usando-a como desculpa para a sua imoralidade. Se existir algum juízo final, acreditam que ele está longe. É, porém, mais provável que riem da ideia de que Deus as julgará em algum momento. São como os zombadores dos quais Pedro nos advertiu, que seguem as suas próprias regras e dizem: “Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação” (2Pe 3.4).

William Provine, da Cornell University, usa esse argumento em seu livro sobre o darwinismo: "Quando você morrer", ele diz, "você não ficará surpreso, pois estará completamente morto. Agora, se eu tiver consciência de mim mesmo após a minha morte, eu realmente ficarei surpreso! Mas pelo menos estarei indo para o inferno, onde não terei de aturar todos esses pregadores risonhos da manhã de domingo". Então Provine apresenta um resumo de sua própria visão do mundo, que não deixa espaço para Deus ou um juízo final:

> Não há deuses, não há propósitos, não há forças dirigidas a objetivos de qualquer tipo. Não há vida após a morte. Quando eu morrer, tenho certeza absoluta de que estarei morto. Este será o meu fim. Não há fundamento perfeito para a ética, não existe sentido supremo da vida... Já que sabemos que não viveremos após a nossa morte, não há recompensa por sofrer neste mundo. Você vive e você morre.[8]

O Dr. Provine apresenta uma longa lista de coisas que ele "sabe", na verdade, trata-se de coisas que ele *acredita*, já que nenhuma delas pode ser demonstrada racional ou cientificamente. Mas observe quanto sua visão do mundo se parece com aquela da qual Eclesiastes nos adverte. Quando as pessoas não acreditam em Deus, elas não entendem por que a vida importa e perdem seu fundamento para uma vida justa, voltando assim seus corações para o mal.

### *Depois disso, o julgamento*

Uma das melhores maneiras de reconquistar a perspectiva de Deus sobre o bem e o mal é fazer o que o Pregador fez e visitar o túmulo de alguém, especialmente o túmulo de uma pessoa má. Em seu conflito ao testemunhar a injustiça, o Pregador precisava ver também o fim da história. E nós precisamos fazer o mesmo, se quisermos preservar a nossa sanidade espiritual num mundo caído.

Em suas memórias, Svetlana Alliluyeva descreve a morte de um tirano cruel, que assassinou milhões de pessoas. Tratava-se de seu pai, Josef Stalin. Se houve algum homem que dedicou seu coração à prática

do mal, este homem foi Stalin. Sua filha mais jovem descreve seu último respiro desta forma:

> No que parecia ser seu último momento, ele de repente abriu seus olhos e olhou para todos que estavam na sala. Foi um olhar terrível, insano e talvez irritado, cheio de medo da morte e dos rostos desconhecidos dos médicos debruçados sobre ele. Seu olhar passou por todos dentro de um segundo.
>
> Então aconteceu algo incompreensível e assustador, algo que não consigo esquecer nem entender até hoje. De repente, levantou sua mão esquerda, como que para amaldiçoar todos nós. O gesto era incompreensível e cheio de ameaça, e ninguém soube dizer a quem ou ao quê ele se dirigia. No momento seguinte, após um último esforço, o espírito conseguiu se libertar das garras da carne.[9]

O que aconteceu depois disso? Esta é a pergunta final. O que acontece após a nossa morte? O Pregador acreditava que haveria uma correção final de todos os males. Sim, ele estava incomodado com as injustiças comuns da vida num mundo caído. Mas tinha também a certeza de que Deus endireitaria todas as coisas no final: "Ainda que o pecador faça o mal cem vezes, e os dias se lhe prolonguem, eu sei com certeza que bem sucede aos que temem a Deus. Mas o perverso não irá bem, nem prolongará os seus dias; será como a sombra, visto que não teme diante de Deus" (Ec 8.12-13).

Vistos isoladamente, esses versículos poderiam se referir à nossa existência atual. Se as coisas vão bem ou não para nós depende se honramos Deus ou não. Mas em vista dos versículos que os antecedem (em que o Pregador fala sobre a morte; veja Ec 8.10-11) e o versículo que os sucede (em que ele descreve a vaidade da injustiça terrena; veja Ec 8.14), parece mais provável que ele está antecipando o futuro. Mesmo que não explique exatamente o que acontece após a morte, Kohelet sabe que a justiça será feita. Mesmo sabendo que o mundo é repleto de injustiça, ele acredita também na justiça final de Deus.

As coisas não terminarão bem para os perversos, que sofrerão um final ruim. Não importa se pequem cem ou mil vezes, não haverá bênção para eles além do túmulo. Algum dia, morrerão e serão

enterrados, pois, como o Pregador nos lembra no versículo 10, os perversos não viverão para sempre. T. M. Moore oferece a seguinte paráfrase: "E então eles morrem.
O funeral é até bonito: damos ao sujeito o que lhe é devido; seus entes queridos choram; todos os seus amigos dizem que sentirão sua falta; depois o enterram e o perdem de vista, e todos o esquecem".[10]

Os versículos 12-13 nos contam mais. O versículo 12 nos diz que os perversos querem prolongar seus dias. Visto que não têm a certeza do céu, eles se agarram à vida, tentando desesperadamente viver o máximo que podem. Mas o versículo 13 nos diz que eles não receberão um único dia a mais do que Deus lhes dá. As sombras ficam mais longas no fim do dia, mas os perversos não conseguem impedir o cair da noite da morte. Davi disse algo semelhante: "Vou passando, como a sombra que declina" (Sl 109.23; cf. Sl 102.11).

Além disso, o Pregador diz, de forma um tanto ominosa, que "o perverso não irá bem" (Ec 8.13; cf. Is 3.11). Se ele estiver pensando em o que acontece depois da morte, ele está absolutamente correto. Quando morrerem, os perversos enfrentarão o juízo (veja Hb 9.27). Seus pecados serão contados contra eles, suas almas serão condenadas ao inferno e eles serão banidos da presença de Deus para sempre. Não inveje o perverso, mesmo que ele aparente prosperar. Ele não se dará bem no dia do julgamento. Não mesmo, pois a Bíblia diz que eles serão "lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes" (Mt 8.12).

### *Tudo fica bem quando termina bem*

O Pregador tem uma perspectiva muito melhor para as pessoas que levam uma vida santa. "Eu sei com certeza", diz ele, "que bem sucede aos que temem a Deus" (Ec 8.12). Normalmente, o Pregador nos diz o que ele "viu", mas dessa vez ele opta por um verbo diferente e nos

comunica algo que ele "sabe". Não se trata de algo que ele viu a distância, mas algo que ele compreendeu com a convicção racional de sua própria mente. Sua resposta "não é uma observação, mas uma resposta de fé".[11] Ele acredita naquilo que não se pode ver – que um dia tudo ficará bem para todos aqueles que vivem sob o temor de Deus.

Quando a Bíblia fala do "temor de Deus", ela não diz simplesmente que as pessoas têm medo de Deus, mesmo que este conceito esteja incluído.

O temor de Deus é aquilo que Michael Eaton chama de "o temor e a cautela sagrada provocados pela percepção da grandeza de Deus".[12]

Nesse caso, a percepção da grandeza de Deus vem acompanhada também da percepção de sua proximidade. Aqueles que temem a Deus "temem diante dele" (Ec 8.12 ACF), o que significa que eles sabem que estão em sua presença. A maioria das pessoas, incluindo muitos cristãos, passa pela vida sem se dar conta de que está constantemente na presença de Deus. Mas a pessoa que teme a Deus sabe que ele está sempre por perto. Ele está conosco quando estamos em nossa cama à noite, preocupando-nos com o nosso amanhã. Ele está conosco quando temos uma oportunidade de testemunho e não sabemos o que dizer. Ele está conosco quando sofremos uma emergência repentina e precisamos de ajuda sobrenatural. Viver uma vida temente a Deus significa viver em consciência constante da presença dele. Ele está conosco no quarto e na cozinha, no carro e no ônibus, no supermercado e no jogo de futebol. Ele está onde quer que estejamos.

O temor de Deus apropriado é um tema importante em todo o livro de Eclesiastes, mas especialmente no fim. O Pregador nos instruiu a temer

a Deus porque ele é soberano sobre as estações da vida (Ec 3.14) e a temer a Deus também quando entramos em sua casa para adorá-lo (Ec 5.1,7). Mais tarde, ele nos instruirá a temer a Deus observando os seus

mandamentos (Ec 12.13). Aqui, ele diz que, se temermos a Deus, tudo ficará bem para nós nos dias vindouros.

Essa promessa se cumprirá completamente no juízo final. Lembre-se das palavras do ladrão na cruz ao lado de Cristo. Naquele dia, dois ladrões foram crucificados, um de cada lado de Jesus. Um deles zombou do nosso Senhor, mas o outro ladrão o repreendeu, dizendo: "Nem ao menos temes a Deus?" (Lc 23.40). Então demonstrou seu próprio temor de Deus pedindo que o Cristo crucificado fosse seu Salvador. "Jesus", ele disse, " lembra-te de mim quando vieres no teu reino" (Lc 24.42). Este é o caminho para todos, a fim de que comecem a viver em temor de Deus: peça que Jesus o salve!

Todos que pedirem o perdão receberão a mesma promessa de vida eterna que o ladrão recebeu quando estava morrendo ao lado de Jesus. Jesus nos dirá o que disse ao ladrão: "Estarás comigo no paraíso" (Lc 23.43). É por isso, e somente por isso, que tudo "ficará bem" para o homem, para a mulher ou para a criança que teme a Deus. É somente porque Jesus morreu pelos nossos pecados na cruz.

Não use o atraso do julgamento como desculpa para não se arrepender dos seus pecados ou para não confiar em Jesus. Segundo Eclesiastes 8 – e segundo tudo que lemos em toda a Bíblia – existem apenas dois tipos de pessoas: aquelas que temem a Deus e aquelas que não o temem. A Bíblia é igualmente clara ao dizer que as coisas ficarão bem apenas para aquelas que temem a Deus. Nem sempre os acontecimentos da vida nos passam essa impressão. Na verdade, às vezes as coisas parecem ser exatamente o oposto, como Kohelet nos diz. Mas haverá uma justiça final. Os perversos serão enterrados, e depois disso eles serão punidos por seus pecados. No que diz respeito aos justos, eles serão vingados pela graça de Deus. A justiça está vindo; é apenas uma questão de tempo.

***Tudo estará bem***

Um dia tudo estará bem para o povo que teme a Deus. Entrementes, o Pregador tem conselhos práticos sobre a forma como devemos viver. O mesmo temor de Deus que nos levará para a vida eterna nos ajuda também a encontrar alegria no aqui e no agora: "Então, exaltei eu a alegria, porquanto para o homem nenhuma coisa há melhor debaixo do sol do que comer, beber e alegrar-se; pois isso o acompanhará no seu trabalho nos dias da vida que Deus lhe dá debaixo do sol" (Ec 8.15).

O que o Pregador diz aqui é semelhante ao que já dissera nas passagens sobre a alegria em Eclesiastes (veja 2.24-26; 3.12-13,22; 5.18-20).

A despeito de toda vaidade "debaixo do sol", é possível encontrarmos alegria autêntica nas coisas ordinárias do dia a dia. Na verdade, essa é uma das principais mensagens desse livro. Agostinho resumiu essa passagem da seguinte maneira: "Salomão dedica todo o livro de Eclesiastes para sugerir, com a plenitude que julgava adequada, a vaidade desta vida com o objetivo final de fazer-nos ansiar por outro tipo de vida, que não seja uma sombra sem substância debaixo do sol, mas realidade substancial debaixo do Criador do sol".[13]

Alguns estudiosos oferecem uma interpretação bem diferente de versículos como Eclesiastes 8.15. Dizem que o Pregador estaria simplesmente fazendo o melhor de uma situação ruim, que Salomão é cínico. Se todos nós morremos de qualquer jeito, por que, então, não aproveitar o dia? Esse versículo, dizem, "só pode ser compreendido como expressão de resignação".[14] Comamos, bebamos e sejamos alegres, pois amanhã morreremos.

O problema com essa visão é que ela não faz jus ao que o Pregador diz. Tampouco reconhece a alegria genuína que podemos experimentar enquanto aguardamos a justiça final. Observe que o Pregador está nos apresentando uma perspectiva centrada em Deus e que, no versículo 15, ele fala sobre os dias da nossa vida como dádiva de Deus. Observe

também que ele menciona a alegria duas vezes nesse versículo e a descreve como algo que podemos experimentar durante toda a nossa vida. Se Deus está sempre ao nosso lado, então sempre temos a profunda satisfação de saber que ele está perto, mesmo em nossas provações mais escuras.

Além do mais, o Pregador está se tornando cada vez mais confiante em relação a essa alegria. Antes, ele nos disse que não encontrou "nada melhor" do que a alegria (Ec 2.24) e que havia "visto" alegria (Ec 5.18), mas aqui ele nos incentiva a experimentar a alegria de Deus. "Exaltei eu a alegria", ele diz (Ec 8.15), e a palavra para "exaltar" é uma palavra hebraica para louvor (*shabach*). Sim, existe vaidade debaixo do sol. Sim, vemos uma injustiça difícil de aceitar ou compreender. Sim, temos muito trabalho duro a fazer. Mesmo assim, há alegria para nós nas coisas ordinárias da vida – comer, beber e compartilhar comunhão com o povo de Deus. Dietrich Bonhoeffer escreveu: "A nossa vida não é apenas muita dificuldade e trabalho duro; é também descanso e alegria na bondade de Deus. Trabalhamos, mas Deus nos alimenta e sustenta. Existe razão para celebrar... Deus está nos chamando para regozijar, celebrar no meio do nosso dia de trabalho".[15]

Sem o conhecimento salvífico e pessoal de Jesus Cristo e sem a certeza da vida eterna, é difícil ter qualquer alegria. Até mesmo os melhores momentos da vida estão impregnados de tristeza porque sabemos que a vida não durará para sempre. Teremos de morrer um dia, e se não conhecermos Cristo, viveremos na angustiante expectativa do julgamento. A humanista Marghanita Laski foi brutalmente honesta em relação a isso quando resumiu a condição humana para um público de rádio na Inglaterra: "Estamos sozinhos, somos culpados e morreremos".[16]

Compare o desespero de Laski com a fé e a alegria de Lewis de Marolles, um protestante francês idoso que foi preso em 1685 por causa

de sua fé em Jesus Cristo (isso aconteceu após a revogação infame do Edito de Nantes). De Marolles sofreu muitas provações desumanas. Durante muitos anos ele foi acorrentado, levado de cárcere para cárcere e forçado a servir como um galeote.* Seus capturadores tentaram constantemente convencê-lo a renunciar à sua confissão de fé. Na verdade, tentaram destruir a sua confiança em Deus e a sua esperança na vida eterna.

Mas de Marolles não se desesperou. Ele continuou a chamar Deus de seu "querido e verdadeiro amigo". Ele se entregou completamente à vontade de Deus. Escreveu: "Tenho certeza de que todos os estados e todas as condições em que ele se agrada a me colocar são os estados em que ele julga que eu o glorificarei melhor do que em qualquer número infinito de outros que ele poderia atribuir a mim". Isso não quer dizer que ele nunca relutou com a injustiça de tudo isso. Na verdade, no último ano de sua vida, ele passou por um período de profundo desânimo espiritual, durante o qual a solidão constante e a escuridão perpétua confrontaram sua alma com "ideias assustadoras e aterrorizantes" que causavam "impressões fatais" em sua mente e o lançaram "num profundo abismo de aflição".[17] Mas de Marolles havia orado pela graça de continuar fiel até a morte. Sempre que surgiam dúvidas sobre a bondade de Deus, como às vezes fazia, ele se consolava com a mesma verdade que lemos em Eclesiastes 8.12. Ele dizia a si mesmo: "Tudo está – e ficará – bem".[18]

Este é o testemunho de todos que acreditam em Jesus Cristo e na graça que vem de sua cruz e de seu túmulo vazio. A despeito de nossos sofrimentos atuais, tudo está bem, pois Deus está próximo. E tudo ficará bem, pois o Deus da justiça e misericórdia nos salvará no dia final.

[1] COHEN, Leah Hager. "Rough Crossing." In: *New York Times Book Review* (4 de janeiro de 2009), p. 1.

[2] SPURGEON, Charles, "The Wicked Man's Life, Funeral, and Epitaph." In: *The New Park Street Pulpit*. Pasadena, TX: Pilgrim, 1975, p. 281.

[3] STEWART, Columba. *Prayer and Community: The Benedictine Tradition*. Citado em KAUFFMAN, Richard A. "Benedictine Wisdom." In: *Christianity Today* (dezembro de 2008), p. 55.

[4*] Tradução do autor (N. do E.).

LUTHER, Martin. "Notes on Ecclesiastes." In: *Luther's Works*. Trad. e org. Jaroslav Pelikan, 56 vols. St. Louis: Concordia, 1972, vol. 15, p. 139.

[5] EATON, Michael A. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 121.

[6] BEZA, Theodore, citado em BRIDGES, Charles. *A Commentary on Ecclesiastes* (1860). Reimpressão Edimburgo: Banner of Truth, 1961, p. 204.

[7] Veja EPSTEIN, David. "The Rules, the Law, the Reality." *Sports Illustrated* (16 de fevereiro de 2009), p. 30-31.

[8] PROVINE, William. Debate de 1994 com Phillip Johnson na Stanford University. "Darwinism: Science of Naturalistic Philosophy?"

[9] ALLILUYEVA, Svetlana. *Letters to a Friend*. Citado em BLANCHARD, John. *Where Do We Go from Here?* Darlington: Evangelical Press, 2008, p. 3.

[10] MOORE, T. M. *Ecclesiastes: Ancient Wisdom When All Else Fails: A New Translation and Interpretive Paraphrase*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2001, p. 60.

[11] EATON. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*, p. 123.

[12] *Ibid*., p. 122-123.

[13] AGOSTINHO. "City of God", 20.3. In: *Proverbs, Ecclesiastes, Song of Solomon*, org. WRIGHT J., Robert. Ancient Christian Commentary on Scripture, OT 9. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2005, p. 261.

[14] LONGMAN, Tremper, III. *The Book of Ecclesiastes*. New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998, p. 216.

[15] BONHOEFFER, Dietrich. *Life Together*. Citado em LIMBURG, James. *Encountering Ecclesiastes: A Book for Our Time*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2006, p. 47-48.

[16] LASKI, Marghanita. Citada em BLANCHARD. *Where Do We Go from Here?*, p. 7.

[17*] N. do R. Galeote era o mareante que remava as galés. Era o remador em embarcações a remo.

Essa citação e outros detalhes da prisão de De Marolles foram encontrados em MAROLLES, Lewis de. *An Essay on Providence. To which is prefixed an abridgment of Mr. Jaquelot's History of the Sufferings and Martyrdom of Mr. De Marolles* (Londres, 1790).

[18] MAROLLES, Lewis de, citado em BRIDGES. *A Commentary on Ecclesiastes*, p. 203.

# Os vivos e os mortos

*Eclesiastes 8.16–9.6*



*Para aquele que está entre os vivos há esperança; porque mais vale um cão vivo do que um leão morto. Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles recompensa, porque a sua memória jaz no esquecimento* (Ec 9.4-5).

Ele chamava a si mesmo de Kohelet, o Pregador. Disse que era filho de Davi e, portanto, o rei em Jerusalém. Ele embarcou em uma busca perene para descobrir o sentido da vida, relatada no livro de Eclesiastes.

A busca de Kohelet não terminou da forma como esperaríamos. Normalmente, quando as pessoas tentam descobrir do que trata a vida, elas esperam encontrar uma resposta simples e inequívoca – algo notável o bastante para imprimir num cartaz e pendurar sobre a cama. Mas o Rei-Pregador parecia nunca chegar à resposta final. Quanto mais analisava as coisas, mais dificuldades encontrava de compreender este mundo.

Sem dúvida alguma, Kohelet teria se simpatizado com a frustração que Samuel Johnson sentiu quando finalmente publicou o seu famoso dicionário. Quando encerrou os trabalhos em sua obra-prima lexical, o Dr. Johnson tinha uma definição para praticamente todas as palavras da língua inglesa. No entanto, não acreditou nem por um momento que ele conhecia todas as respostas. O que ele escreveu em seu prefácio foi isto: "Vi que uma pesquisa apenas gerava outra, que livro se referia a livro, que procurar nem sempre significa encontrar e que encontrar nem

sempre significava conhecer; e que, portanto, a busca da perfeição era... correr atrás do sol".[1]

O mesmo aconteceu com o Pregador. Procurar o sentido da vida era como correr atrás do sol. Isso nos ajuda a entender Eclesiastes. Não é o tipo de livro que lemos até o final, no qual encontramos a resposta, como num romance policial. Trata-se antes de um livro em que continuamos lutando com os problemas da vida e em que, enquanto lutamos, aprendemos a confiar a Deus as perguntas, mesmo quando *não* temos todas as respostas.

É assim que funciona a vida cristã: não se trata apenas daquilo que compreendemos no final, mas também daquilo em que nos transformamos ao longo do caminho. O discipulado é uma viagem e não apenas um destino.

### *Um filósofo frustrado*

No final de Eclesiastes 8, encontramos o Pregador lutando ainda com muitas das mesmas perguntas. O conselho que deu no versículo 15 serviu até certo ponto, mas não pôde lhe dar todas as respostas que esperava encontrar. Assim, nos oferece o testemunho de um filósofo frustrado:

> Aplicando-me a conhecer a sabedoria e a ver o trabalho que há sobre a terra — pois nem de dia nem de noite vê o homem sono nos seus olhos —, então, contemplei toda a obra de Deus e vi que o homem não pode compreender a obra que se faz debaixo do sol; por mais que trabalhe o homem para a descobrir, não a entenderá; e, ainda que diga o sábio que a virá a conhecer, nem por isso a poderá achar (Ec 8.16-17).

Na base de tudo que lemos até agora (por exemplo, Ec 1.13), sabemos que o Pregador está compartilhando conosco a verdade sincera de sua busca espiritual. Ele tem tentado aprender o máximo possível sobre a vida. Por meio de experiências pessoais e observações meticulosas, ele tem tentado descobrir a verdade sobre todas as coisas como elas realmente são.

O que ele aprendeu até agora? Apenas isto: a vida é uma coisa desgastante, e é impossível saber com certeza o que Deus está fazendo no mundo. Se alguém quiser nos convencer do contrário – se alguém alegar que descobriu o sentido da vida ou que desvendou os planos secretos de Deus – estará mentindo.

Quando o Pregador fala sobre dias e noites sem sono, ele pode estar falando sobre sua própria insônia.[2] Quanto mais tentava entender o sentido da vida, mais ansioso ficava; passava as noites em claro, tentando compreender os caminhos de Deus e do homem. No entanto, é mais provável que ele esteja compartilhando conosco a verdade sobre os nossos próprios dias inquietos e noites sem sono. Estamos sempre tão ocupados que parece que nunca conseguimos ter o descanso que precisamos. Às vezes, eu sonho em conseguir um dia a mais na semana* – 24 horas a mais entre a quarta e a quinta-feira. Esse dia seria um dia para pôr tudo em ordem – ninguém teria permissão de telefonar ou marcar compromissos. Contudo, a triste realidade é que nem mesmo esse dia extra nos ajudaria. Dê-nos oito dias de semana, e nós os preenchemos com nove dias de trabalho. Parece que nunca conseguimos descansar o bastante.

Há também esta questão exaustiva de tentar entender a obra de Deus. Nós vemos a obra de Deus, mas não a compreendemos. Não importa quão sábios sejamos e não importa quanto "trabalhemos para descobrir" (Ec 8.17), não conseguimos entender seus santos caminhos. Aqui, Eclesiastes nos confronta com os limites do conhecimento humano. Em 2006, os pesquisadores estimavam que o mundo gerava quase 200 bilhões de gigabytes de informação digital a cada ano.[3] Mas nem mesmo todos esses dados conseguem começar a explicar os mistérios da soberania de Deus. Muitas coisas na administração divina do universo estão simplesmente além da nossa capacidade intelectual.

Qual é a melhor forma de reagir a essa limitação? Algumas pessoas olham para toda a confusão do mundo e concluem que Deus não existe. A vida é apenas "um conto narrado por um idiota, cheio de barulho e fúria, mas sem qualquer sentido".[4] Outros acham que, mesmo havendo um Deus, ele não tem ideia do que está fazendo. Ele é como a deidade sobre a qual escreveu Thomas Hardy – "a Coisa sonhadora, escura e estúpida que gira a roda desse espetáculo vão".[5]

Kohelet não se rende a esse tipo de pensamento. Por mais cético que seja em relação à sua capacidade de conhecer a mente de Deus, ele mesmo assim acredita que aquilo que acontece no mundo seja "a obra de Deus" (Ec 8.17). Se formos sábios, também reconheceremos que existem muitos mistérios da vida que não podemos compreender, mas reconheceremos isso sem duvidar da existência de Deus e sem acreditar que sua compreensão seja limitada.

Algumas pessoas esperam ter todas as respostas, e quando não conseguem encontrá-las, irritam-se com Deus por causa daquilo que está acontecendo (ou não) em suas vidas. É mais sábio reconhecermos humildemente que somos seres finitos com mentes caídas, portanto, incapazes de compreender tudo que acontece. Francis Bacon estava certo quando nos alertou a "não rebaixar ou submeter os mistérios de Deus à nossa razão".[6] Devemos antes elevar nossos corações para o louvor de Deus, como Paulo fez ao confessar a sua fé nos grandes mistérios da mente de Deus: "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro?" (Rm 11.33-34).

Em vez de nos frustrarmos com todas as coisas que não sabemos sobre o mundo ou não compreendemos sobre os caminhos de Deus, somos convidados a nos contentar com nossas próprias limitações e a

adorar Deus por sua elevada sabedoria. “Onde falha a razão com todos os seus poderes”, escreveu Isaac Watts no fim de um de seus muitos hinos, “lá prevalece a fé e o amor”.[7]

### *Nas mãos de Deus*

Quando Kohelet relutava com os caminhos de Deus, ele ainda não havia alcançado o lugar do amor adorador, mas sua fé prevaleceu. Nos versículos iniciais do capítulo 9, nós o vemos afirmar a sua fé na soberania de Deus e então lutar com algumas das implicações práticas dessa doutrina.

Podem ter existido muitas coisas que o Pregador não conseguia compreender, mas ele nunca desistiu de sua fé, de que Deus estava no controle: “Deveras me apliquei a todas estas coisas para claramente entender tudo isto: que os justos, e os sábios, e os seus feitos estão nas mãos de Deus” (Ec 9.1). Com essas palavras, o Pregador entrega o povo de Deus às mãos de Deus. A Bíblia usa a imagem da “mão de Deus” para expressar o poder, o amor, a supervisão e o controle de Deus. Aqui, a metáfora expressa a sua supervisão soberana sobre o seu povo e as suas ações. Deus realmente tem “o mundo inteiro em suas mãos”, como diz o antigo hino. “Cada um de nós”, escreve T. M. Moore, “independentemente daquilo que possamos ter feito na vida ou de quem possamos conhecer ou do lugar que possamos ocupar na sociedade – cada um de nós está nas mãos de Deus, e ele decide para cada um o que será de nós ao longo da nossa vida”.[8]

Para o fiel que acredita em Jesus Cristo, a mão de Deus é uma imagem de consolo e segurança. Sabemos que a mão de Deus é a mão do amor. Sabemos disso porque sabemos que as mãos de Jesus foram perfuradas por causa das nossas transgressões quando foi pregado no madeiro. Isso nos dá a esperança e a fé de entregar tudo nas mãos de Deus – todos os nossos fardos, todas as nossas privações e todas as

nossas preocupações. O Salvador que nos ama e que morreu por nós também cuidará de nós.

Essa, porém, não é a perspectiva do Pregador. Ele está escrevendo antes da cruz, é claro, mas está escrevendo também por base em sua luta de compreender o que Deus está fazendo no mundo. Sua incerteza se evidencia claramente na segunda parte de Eclesiastes 9.1: "se é amor ou se é ódio que está à sua espera, não o sabe o homem".

O significado desse versículo é sujeito a debates. O Pregador pode estar falando sobre o amor e o ódio como emoções humanas. É certamente disso que ele fala no versículo 6, em que faz referência ao "*seu* amor e *seu* ódio". Talvez, então, ele esteja dizendo no versículo 1 que os seres humanos têm dificuldades de discernir a diferença entre amor e ódio. No entanto, é difícil ver como essa ideia se encaixaria no fluxo do seu raciocínio. Parece, então, melhor ver amor e ódio como atributos de Deus. Quando a Bíblia aplica esses termos a Deus, "amor" se refere à sua aceitação; e o "ódio", à sua rejeição. Por exemplo, quando o Senhor diz: "Amei Jacó, porém me aborreci de Esaú" (Rm 9.13), ele está dizendo que Jacó foi aceito pela fé, mas Esaú foi rejeitado em sua descrença.

O problema é que é difícil (ou até mesmo impossível) sabermos se Deus nos ama ou nos odeia, se ele nos aceitará ou nos rejeitará. Kohelet está lidando aqui com a questão muito real de onde nos encontramos diante de Deus: "se é amor ou se é ódio que está à sua espera, não o sabe o homem". Kohelet nunca perdeu a sua confiança na soberania de Deus; logo, ele sabe que o nosso destino está nas mãos de Deus. O que, porém, ele não sabe é se a mão de Deus é por nós ou contra nós. As Escrituras dizem que a direita de Deus "está cheia de justiça" (Sl 48.10), que somos "ovelhas de sua mão" (Sl 95.7), e que ninguém pode nos arrebatar de sua mão (Jo 10.28), nem quando vier a nossa hora de morrer (Sl 31.5). Entretanto, as Escrituras também dizem: "Horrível

coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10.31). Portanto, não basta saber que estamos nas mãos de Deus. Todos estão nas mãos de Deus. A pergunta é se a mão de Deus é por nós ou contra nós. Ele é nosso amigo ou inimigo?

***O mesmo destino acontece a todos***

Enquanto o Pregador relutava com esta pergunta – Deus é por nós ou contra nós? – ele descobriu que era praticamente impossível responder a essa pergunta simplesmente observando as circunstâncias das pessoas. Muitas pessoas supõem que, se ele existir, Deus recompensará seus seguidores com prosperidade terrena. Se quisermos saber se Deus é por ou contra alguém, basta então contar suas bênçãos terrenas. No entanto, não é assim que Deus opera. Pelo que o Pregador conseguia ver, ele parece tratar todos de forma mais ou menos igual, o que torna difícil determinar se ele nos "ama" ou "odeia":

> Tudo sucede igualmente a todos: o mesmo sucede ao justo e ao perverso; ao bom, ao puro e ao impuro; tanto ao que sacrifica como ao que não sacrifica; ao bom como ao pecador; ao que jura como ao que teme o juramento. Este é o mal que há em tudo quanto se faz debaixo do sol: a todos sucede o mesmo; também o coração dos homens está cheio de maldade, nele há desvarios enquanto vivem; depois, rumo aos mortos (Ec 9.2-3).

Mais acima, o Pregador nos garantiu que tudo ficaria bem para os justos, mas não para os perversos (Ec 8.12-13). Isso vale absolutamente para o dia do juízo. Mas, entrementes, o Pregador lutava para entender por que os justos não eram abençoados e por que os perversos não eram amaldiçoados. Em Eclesiastes 8.14, ele falou sobre uma inversão do destino, em que as pessoas boas recebem o que as pessoas más merecem, e vice-versa. Em Eclesiastes 9.2-3, ele destaca outro aspecto – não que haja uma inversão de destino, mas que todos sofrem o mesmo infortúnio. Uma das razões pelas quais é tão difícil saber se Deus é por nós ou contra nós é que as mesmas coisas acontecem a todos.

Ao dizer que “a todos sucede o mesmo”, o Pregador cuidadosamente distingue entre dois tipos de pessoa. Um grupo é descrito como “justo”, “bom” e “puro”; este oferece sacrifícios a Deus. O outro grupo é descrito como “perverso”, “mau” e “impuro”. Não surpreende que essas pessoas não ofereçam sacrifícios santos a Deus. Há também um contraste entre os juramentos que essas pessoas fazem. É difícil estar completamente certo se o Pregador acredita ser melhor jurar ou evitar um juramento. Mais acima, ele advertiu contra qualquer juramento apressado (Ec 5.3-4). Mas aqui no capítulo 9, em que a parte positiva de cada par é apresentada primeiro, ele parece estar dizendo que as pessoas justas assumem um compromisso sagrado com Deus (veja, por exemplo, Dt 6.13), enquanto as pessoas perversas se recusam a entrar em uma aliança com ele. Em todo caso, a comparação geral é clara: algumas pessoas honram a Deus, mas outras não.

No entanto, curiosamente, ambos os grupos sofrem o mesmo destino. “Tudo sucede igualmente a todos”, diz o Pregador, e “a todos sucede o mesmo” (Ec 9.2-3). Quando ocorre uma tempestade, tanto o justo quanto o perverso é levado pelas águas. Quando ocorre um terremoto, as casas de ambos caem, e quando ocorre uma depressão, ambos acabam falidos. Em termos mais otimistas, quando os tempos são bons, a maré sustenta todos os barcos. Portanto, jamais seremos capazes de separar o justo do perverso por base naquilo que acontece no mundo. Já que Deus faz “vir chuvas sobre justos e injustos” (Mt 5.45), é impossível saber quem tem e quem não tem o favor eterno de Deus.

Isso frustrou o Pregador infinitamente. Na verdade, ele começa o versículo 3 dizendo que a equivalência dos resultados terrenos é um mal. E termina o versículo dizendo, mais uma vez, que os seres humanos são desesperadamente perversos: “também o coração dos

homens está cheio de maldade, nele há desvarios enquanto vivem; depois, rumo aos mortos" (Ec 9.3; cf. 7.29; 8.11).

Isso é tão frustrante quanto qualquer outra coisa que temos visto em Eclesiastes. Tudo parece tão fútil. Algo realmente importa? O Pregador encerrou o capítulo 8 negando que qualquer um possa compreender a obra que Deus faz no mundo. Por um momento, ele nos deu a esperança de que a nossa vida está nas mãos de um Deus soberano, mas então diz que era impossível sabermos se Deus é por nós ou contra nós – o mesmo destino aguarda a todos. Aqui ele nos diz quanto nós somos pecadores desesperados e desencorajados.

O coração humano é cheio de tanto mal que isso quase nos leva a perder a cabeça. A "loucura" que o Pregador menciona pode ser definida como "um deserto moral, que é impetuoso e irracional".[9] As pessoas cometem atos de violência, como assassinar oficiais de polícia. Elas se entregam a vícios autodestrutivos, como sexo e drogas. Elas machucam as pessoas que mais amam e das quais mais precisam, incluindo os membros de suas próprias famílias. Estamos vivendo em um mundo louco. Absolutamente louco.

E o pior de tudo: todos morremos no fim. "Depois", diz o Pregador, "rumo aos mortos" (Ec 9.3). A morte é o grande igualador. Não importa quem somos ou quão bem vivemos, nosso tempo na terra terminará em morte – "o obliterador universal".[10] Nas palavras de um adesivo de carro: "Coma bem, mantenha sua forma física e morra mesmo assim".

### *Melhor vivo do que morto*

Mais uma vez o Pregador nos confronta com a nossa mortalidade. A maioria das pessoas tenta nem pensar na morte, mas Kohelet falou sobre ela sempre que pôde. Aqui ele nos apresenta outro *memento mori*

ou lembrete da morte, da expressão latina que significa: “Lembre-se de que você precisa morrer”.

O que o Pregador diz sobre a morte aqui é que é melhor estar vivo do que morto. Mais cedo ou mais tarde, a morte levará cada um de nós. Mas:

> Para aquele que está entre os vivos há esperança; porque mais vale um cão vivo do que um leão morto. Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles recompensa, porque a sua memória jaz no esquecimento. Amor, ódio e inveja para eles já pereceram; para sempre não têm eles parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol (Ec 9.4-6).

A fim de comparar a vida e a morte, o Pregador repete um notável provérbio, que contrasta um cachorro vivo com um leão morto. O leão é um animal nobre, como todos sabem (veja Pv 30.30). Isso valia principalmente para os tempos bíblicos, quando o leão servia como brasão real da casa de Davi – o emblema de nosso Messias (veja Gn 49.9). Poucos animais, por sua vez, eram tão desprezados como os cachorros. Algumas pessoas gostam de cachorros, mas naqueles dias eram considerados animais selvagens e sujos. O tipo de cachorro que Kohelet tem em mente não era um animal doméstico, mas um “vira-lata detestável que percorria as ruas como um carniceiro”.[11] Para ter uma ideia de como as pessoas viam os cachorros naqueles dias, pense em como Golias zombou do garoto Davi: “Sou eu algum cão, para vires a mim com paus?” (1Sm 17.43).

Até mesmo o mais fervoroso entre os amantes de cachorros teria de reconhecer que cachorros não se comparam a leões. Quando as pessoas vão ao zoológico, por exemplo, elas não vão ver as hienas (se é que o zoológico tem estes animais). Elas querem ver os leões, é claro. No entanto, a situação muda se o leão estiver morto. Então o cachorro supera o leão, pois ele pelo menos está vivo!

A mensagem simples é que viver é melhor do que morrer. Aqui, o Pregador menciona alguns problemas relacionados à morte. A morte

traz ignorância, pois os mortos não sabem nada – pelo menos nada daquilo que esteja acontecendo na terra. O final do versículo 6 deixa claro que o Pregador não nega uma vida após a morte, antes descreve o fim permanente que a morte traz para a nossa existência terrena. Assim que morrermos, perderemos para sempre a nossa "parte em coisa alguma do que se faz debaixo do sol" (Ec 9.6). A morte traz também uma perda irreparável, pois os mortos não recebem nenhuma recompensa terrena (nem celestial, se morrerem fora de Cristo). A morte traz também esquecimento; ninguém se lembrará dos mortos quando não estiverem mais aqui. Até mesmo as emoções terrenas, que nos passam a impressão de estarmos vivos – os sentimentos como amor, ódio e inveja que o Pregador menciona no versículo 6 –, desaparecerão quando morrermos.

Quando refletimos sobre todas as coisas que perdemos por meio da morte – as pessoas que amamos e todas as pequenas alegrias da vida neste lindo planeta – chegamos a apreciar o fato de que ainda estamos vivos e respirando. Por mais difícil que a vida seja, ela ainda é melhor do que a outra opção. Onde há vida, há esperança.

### *A vida após a morte*

Mas qual é a esperança que a vida realmente nos dá? No versículo 4, o Pregador se refere a essa esperança em termos gerais, mas no versículo 5 ele é mais específico: "os vivos sabem que hão de morrer". Isso pode parecer um conforto fraco. Em termos relativos, a vida é melhor do que a morte, mas a vantagem principal de viver acaba sendo o conhecimento de sua morte. Quão esperançoso é isso? Segundo alguns estudiosos da Bíblia, isso é apenas uma "preferência sarcástica ou amarga".[12] A vida pode ser melhor do que nada, mas não muito.

No entanto, as palavras do Pregador podem ser vistas por uma luz mais positiva. É melhor ser consciente do que inconsciente, portanto, o

que o Pregador diz é verdade: é melhor estar vivo do que morto. Além do mais, é bom sabermos que morreremos, pois isso nos dá tempo para nos prepararmos para a morte e também para a eternidade.

Mesmo assim, precisamos reconhecer que essa é uma das passagens mais pessimistas em Eclesiastes. Segundo Derek Kidner, essa seção do livro "nos confronta com o pouco que sabemos, depois, com a vasta extensão daquilo com o que não sabemos lidar: especificamente com a morte".[13] Ele o faz sem nos dar qualquer indicação clara de uma vida vindoura. Mas se a vida termina na morte, que esperança há em tudo?

O pregador e evangelista inglês David Watson nos conta sobre um estudante de medicina que veio falar com ele após dissecar seu primeiro cadáver. O estudante estava profundamente abalado pela experiência, pois ao cortar o tecido muscular e outros tecidos para expor os órgãos internos do corpo, ele disse a si mesmo: "Se isso é tudo que será de nós após a morte, qual é o sentido de qualquer coisa?".[14]

Para responder a essa pergunta, precisamos olhar para além desse capítulo, para o final do livro, em que as Escrituras dizem que esta vida não é a única que existe. Eclesiastes 9 nos fala sobre a vida "debaixo do sol", o que levanta a possibilidade de algum outro tipo de vida, em algum outro lugar. Quando chegarmos ao capítulo 12, descobriremos que existe também uma vida no alto, onde "o espírito volte a Deus, que o deu" (v. 7), e uma vida vindoura, quando "Deus há de trazer a juízo todas as obras" (v. 14).

Precisamos olhar também para além do livro de Eclesiastes, para o evangelho de Jesus Cristo e a promessa da ressurreição. Eclesiastes não tem todas as respostas, tampouco alega tê-las. Lembre-se, este não é o tipo de livro que continuamos a ler até recebermos todas as respostas, mas o tipo de livro que nos ajuda a saber como servir a Deus mesmo quando *não* temos todas as respostas. Faz também parte de um livro maior que dá respostas mais completas a muitas das mesmas perguntas

que Eclesiastes apenas começa a levantar. Esse livro, diz Derek Kidner, "nos empurra em direção a uma síntese que se encontra além de suas próprias páginas; nesse caso, para a perspectiva de recompensa e castigo no mundo vindouro".[15] Portanto, precisamos ler Eclesiastes sempre no contexto de toda a Bíblia.

O que o restante da Bíblia nos ensina sobre a vida vindoura? Ele nos ensina que Jesus Cristo, o Filho de Deus, nos antecedeu na glória. Primeiro, Jesus deu sua vida pelos nossos pecados ao morrer na cruz. Depois, ele foi sepultado no chão; ele estava tão morto quanto qualquer outro morto. Mas ao terceiro dia ele ressuscitou para a imortalidade, trazendo vida eterna do túmulo mortal.

Agora, a promessa de Deus para cada pessoa que crê em Cristo é que nós também viveremos. "Nossa fé em Cristo nos eleva para o céu e promete eternidade para as nossas almas."[16] Isso significa que a nossa vida não terminará em esquecimento e ignorância. Jamais sofreremos uma perda sem fim. Pelo contrário, a morte será a nossa passagem para a glória. "Bem-aventurados os mortos", diz a Bíblia, "que morrem no Senhor" (Ap 14.13). Descansaremos de todo o nosso trabalho. Entraremos na presença de Deus e conheceremos a plenitude da alegria. Nossos corpos se levantarão para nunca mais morrerem. Pela misericórdia de Deus, nós seremos regenerados "para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus" (1Pe 1.3-4). Tudo isso é só o começo, pois "nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam" (1Co 2.9).

Que esperança essas promessas trazem para a vida, e que confiança elas nos dão para o dia da morte. Veja as últimas palavras do infame Giacomo Casanova. Como o Salomão de Eclesiastes, Casanova havia experimentado quase tudo que a vida tem a oferecer, incluindo muitos

prazeres pecaminosos. Sabemos de seus escritos que nenhuma dessas experiências conseguiu satisfazer sua alma. No entanto, sabemos também, por meio do testemunho de muitas testemunhas, que suas últimas palavras expressaram a sua esperança na vida da ressurreição. "Eu vivi como filósofo", Casanova disse, "e morro como cristão".[17]

Ao ler Eclesiastes podemos aprender algo sobre o que significa viver como filósofo. Com o Pregador como nosso guia, experimentamos quase tudo que a vida tem a oferecer e lutamos para encontrar as respostas para as perguntas da vida. Muitos de nós aprenderam as mesmas lições pelos próprios experimentos com a vida e as próprias experiências de sofrimento. Como Casanova, "vivemos como filósofos".

Mas será que morreremos como cristãos? Essa é a pergunta mais importante de todas. Se formos sábios, estaremos prontos para morrer agora, pedindo a Jesus para perdoar os nossos pecados e confiando nele para ressuscitar nossos corpos para a vida eterna. Então, quando chegarmos ao último dos nossos dias, estaremos prontos para morrer com a plena confiança em Cristo.

[1] JOHNSON, Samuel. Prefácio de *A Dictionary of the English Language*. Londres: 1555.

[2] Essa é a interpretação que encontramos, por exemplo, em LEUPOLD, H. C. *Exposition of Ecclesiastes*. Grand Rapids: Baker, 1952, p. 202.

[3*] N. do R. O texto original traz um neologismo intraduzível, Grunsday, um "oitavo dia" da semana entre as quartas e quintas-feiras.
BERGSTEIN, Brian. "Overload." In: *The Philadelphia Inquirer* (8 de março de 2007), C1.

[4] SHAKESPEARE, William. *Macbeth*, ato 5, cena 5.

[5] HARDY, Thomas. "The Dynasts" (1904-1908).

[6] BACON, Francis, citado em BRIDGES, Charles. *A Commentary on Ecclesiastes* (1860). Reimpressão Edimburgo: Banner of Truth, 1961, p. 207.

[7] WATTS, Isaac. "We Give Immortal Praise", 1709.

[8] MOORE, T. M. *Ecclesiastes: Ancient Wisdom When All Else Fails: A New Translation and Interpretive Paraphrase*. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2001, p. 65.

[9] EATON, Michael A. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 126.

[10] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*. The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 82.

[11] LEUPOLD. *Exposition of Ecclesiastes*, p. 21.

[12] LONGMAN, Tremper, III. *The Book of Ecclesiastes*. New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998, p. 228.

[13] KIDNER. *The Message of Ecclesiastes*, p. 80.

[14] WATSON, David. *Is Anyone There?* Londres: Hodder and Stoughton, 1979, p. 66.

[15] KIDNER. *The Message of Ecclesiastes*, p. 82.

[16] JERÔNIMO, carta 108.27. In: *Proverbs, Ecclesiastes, Song of Solomon*, org. WRIGHT, J. Robert. Ancient Christian Commentary on Scripture, OT 9. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2005, p. 263.

[17] CASANOVA, Giacomo, citado em DIRDA, Michael. "The Pleasures of Casanova." In: *The New York Review of Books* (31 de maio de 2007), p. 20.

20

# A VIDA BOA

*Eclesiastes 9.7-10*



*Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe gostosamente o teu vinho, pois Deus já de antemão se agrada das tuas obras. Em todo tempo sejam alvas as tuas vestes, e jamais falte o óleo sobre a tua cabeça* (Ec 9.7-8).

As pessoas podem não cantá-la com a mesma frequência, mas esta canção era popular em seus dias:

*Você fará aquela viagem de navio, aconteça o que acontecer;*
*Suas reservas estão feitas, mas você simplesmente não consegue partir.*
*No próximo ano, com certeza, você verá o mundo e realmente viajará;*
*Mas até onde pode ir se estiver dois metros debaixo da terra?*

E depois o refrão:

*Divirta-se, já é mais tarde do que você imagina!*
*Divirta-se, enquanto sua pele ainda estiver rosada!*
*Os anos passam num piscar de olhos,*
*Divirta-se, divirta-se, já é mais tarde do que você imagina.*[1]

A música "Enjoy Yourself" foi escrita na década de 1930 e se tornou popular na década de 1950, mas sua perspectiva sobre a vida é tão antiga quanto Eclesiastes. Nosso tempo na terra é curto, portanto, é melhor aproveitá-lo ao máximo e encontrar alegria em seus muitos prazeres.

### *Aproveitando ao máximo*

Pode parecer surpreendente que Kohelet assuma essa perspectiva. Desde as primeiras palavras de Eclesiastes, ele tem nos falado

principalmente sobre os problemas da vida. Nossa existência debaixo do sol é vaidade e correr atrás do vento. No entanto, este não é o único tema do Pregador. Ele fala não só sobre a dor, mas também sobre os prazeres, especialmente nas chamadas "passagens de alegria" de Eclesiastes. No final do capítulo 2, falou sobre comer e beber (v. 24-26). Na metade do capítulo 3, falou sobre fazer o bem com alegria enquanto vivermos (v. 12-13). No capítulo 5, explicou como é bom e adequado encontrar alegria no nosso trabalho, porque esta é a nossa porção na vida (v. 18). No capítulo 8, foi ainda além e recomendou a alegria como estilo de vida (v. 15).

Essas passagens representam um grande desafio para a interpretação do livro de Eclesiastes, porque parecem contradizer o que o Pregador diz sobre a frustração da vida sob o sol. Por isso, alguns comentaristas as veem como irônicas: quando o Pregador nos instrui a aproveitar a vida, como se ele estivesse sendo cínico ou sarcástico. Segundo essa interpretação, a postura do Pregador estaria contida na antiga expressão latina *carpe diem*: "Aproveite o dia!".[2] Já que a vida não tem nada melhor a oferecer do que prazer, então podemos muito bem tentar obter o máximo de prazer possível. "Comamos e bebamos, que amanhã morreremos" (١Co ١٥.٣٢). Isso é o melhor que um homem (ou uma mulher) pode esperar da vida.

Alguns comentaristas comparam essa passagem com passagens semelhantes em outros escritos antigos. Como exemplo, veja estas palavras da *Epopeia de Gilgamesh*, um poema acadiano do tempo de Abraão ou mais antigo ainda:

> Gilgamesh, enche a sua barriga —
> Celebra dia e noite
> Que os teus dias sejam repletos de alegria,
> Dança e faz música dia e noite.
> E veste roupas novas,
> E lava a tua cabeça e toma banho.
> Olha a criança que segura a tua mão,

E alegra a tua esposa com o teu abraço.
Apenas estas coisas devem importar aos homens.[3]

O que esses estudiosos querem dizer não é que Eclesiastes se baseia em *Gilgamesh*, como se isso fosse um caso de dependência literária, mas que Kohelet assume a mesma postura diante da vida. Encontramos algo semelhante nos escritos do antigo Egito: "Siga seu desejo enquanto viver. Coloque mirra em sua cabeça, vista tecidos finos e unge-te... e não restrinja o seu coração – até o dia da lamentação o visitar".[4]

Há pelo menos duas boas razões pelas quais devemos ser cautelosos para não menosprezar o que o Pregador diz sobre a alegria e para levá-lo a sério como parte da verdade sobre a vida. Em primeiro lugar, as passagens de alegria nos oferecem uma perspectiva equilibrada. É verdade que Kohelet tem muito a dizer sobre a vaidade e o correr atrás do vento. No entanto, não devemos nos surpreender com o fato de que ele também tem algo a nos ensinar sobre a alegria, pois é assim que a vida realmente é. A despeito de todas as dificuldades e de todo o desespero, existem também muitas coisas que podemos desfrutar. A vida é amarga e doce, e se não percebermos ambos os gostos deixaremos de experimentar a vida como realmente deve ser vivida.

O Pregador viu a vida em toda a sua complexidade, e ele quer que nós a vejamos também. Contemplamos com a seriedade devida todos os problemas que ele enfrentava na vida debaixo do sol. Mas se quisermos adquirir a sabedoria desse homem, precisamos considerar não só seu otimismo, mas também o seu pessimismo. O mesmo Pregador que disse que "tudo é vaidade" também veio a crer que a vida oferece alegria, que faz parte de uma visão equilibrada. Segundo Martinho Lutero, o Salomão de Eclesiastes "não está incentivando uma vida de prazer e luxúria, típica daqueles que não percebem essa vaidade, pois isso significaria colocar lenha na fogueira; mas ele está falando de

homens santos que percebem a vexação e as dificuldades do mundo. São os seus corações deprimidos que ele pretende encorajar".[5]

Outra razão pela qual precisamos ouvir o chamado do Pregador para a alegria é porque todas as passagens em que ele faz esse chamado têm Deus como seu centro. Isso diferencia Eclesiastes imediatamente de escritos antigos como a *Epopeia de Gilgamesh*. Por que devemos nos alegrar comendo, bebendo e trabalhando? No capítulo 2 é porque essas atividades provêm "da mão de Deus" (v. 24). No capítulo 3 é porque essas atividades são "a dádiva de Deus para o homem" (v. 13). O mesmo vale para o capítulo 5, que diz também que Deus nos mantém "ocupados com alegria" em nosso coração (v. 20). O Pregador pode estar frustrado com a vida neste mundo caído, mas ele ainda reconhece as dádivas que vêm da mão de Deus.

Vemos isso talvez de forma mais clara em Eclesiastes 9, em que o Pregador nos instrui a desfrutar o pão e o vinho porque "Deus já de antemão se agrada das tuas obras" (v. 7). Isso não é um cheque em branco para tudo o que as pessoas fazem, como se Deus alguma vez viesse a aprovar a sua perversão. Também é uma declaração plena da doutrina da justificação – que somos aceitos pela justiça de Deus. O que o Pregador está dizendo é, primariamente, que o nosso comer e beber têm a bênção de Deus. As alegrias da vida não são os prazeres culposos, mas prazeres santos – ou pelo menos deveriam ser. Um coração alegre tem a aprovação de Deus. Isso faz parte de sua graciosa vontade para a nossa vida.

### *Os prazeres da vida*

Que tipo de prazeres Deus deu para que o seu povo os desfrutasse? O Pregador menciona pelo menos três prazeres específicos: satisfação, conforto e companheirismo.[6]

Ele começa com os prazeres básicos de comer e beber: “Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe gostosamente o teu vinho” (Ec 9.7). A palavra “vai” transmite um senso de urgência. Não se trata de uma declaração descritiva, mas de um imperativo. Ela nos ordena a comer o nosso pão e a beber o nosso vinho (sim, vinho) com corações alegres. Não é tanto o comer e o beber que o Pregador tem em mente, mas o coração cheio de alegria. Quando compartilhamos a mesa uns com os outros – quando partimos o pão fresco, bebemos um bom vinho e desfrutamos todas as outras boas comidas e bebidas que Deus provê – somos desafiados a receber cada prazer com uma alegria no coração, centrada em Deus.

A celebração continua no versículo 8: “Em todo tempo sejam alvas as tuas vestes, e jamais falte o óleo sobre a tua cabeça.” No antigo Oriente Próximo, roupas brancas eram as “roupas de festa”. Muitas ocasiões festivas eram adornadas com mantos brancos. Eles eram vestidos por heróis de guerra em procissão triunfal, pelos escravos no dia em que ganhavam sua liberdade e pelos sacerdotes nos dias de festa de Israel (p. ex., 2Cr 5.12). Num contexto contemporâneo, o Pregador estaria nos instruindo a usar o nosso smoking e o nosso vestido de gala para dançar a noite inteira.

Kohelet nos instrui também a usar um doce perfume. Ungir a cabeça de alguém com óleo (veja o Sl 23.5) significava derramar algo muito cheiroso, como colônia – aquilo que a Bíblia chama de “óleo de alegria” (Sl 45.7). Isso é uma parte importante de se preparar para uma celebração – não ter apenas uma aparência boa, mas também cheirar bem, especialmente num clima quente. O Pregador está nos preparando para uma festa.

E há mais. O Pregador nos convida também a “gozar a vida com a esposa que amas” (Ec 9.9). Literalmente, ele diz: “com a mulher que amas”, mas ele não está dizendo apenas: “Ame aquela com que você

está". Como Tremper Longman argumentou convincentemente em seu comentário, a mulher em vista é a esposa amada do homem.[7] O Pregador está falando dos prazeres diários do casamento e da vida em família.

Aqui parece ser indicado uma palavra de exortação prática para casais casados. Poderíamos aplicar o princípio desse versículo também a outros relacionamentos, é claro. O amor entre um homem e sua esposa não é o único prazer que podemos experimentar na amizade humana. Mas aqui a Bíblia está dando uma ordem específica aos maridos, que precisam prestar atenção ao que, exatamente, o Pregador diz.

Cada marido é chamado para alegrar a sua esposa. Isso significa passar um tempo juntos como amigos. Em meio a todas as exigências da vida, separem algum tempo para fazerem coisas juntos que ambos gostem de fazer. Significa prezar um ao outro como amantes. Expressem palavras de afeto e viajem – apenas os dois – para alimentar o fogo do amor romântico. Alegrar-se com sua esposa significa também valorizá-la como pessoa. Ouça atentamente ao que ela diz, sem apontar imediatamente onde ela está errada ou tentar resolver problemas que ela nem pede que você resolva antes de compreendê-la. Essas são apenas algumas das muitas maneiras em que os homens são chamados a se alegrar com suas esposas.

A essa altura, alguns maridos (e também muitas esposas) se sentirão tentados a reclamar que suas esposas (ou maridos) não são fáceis de serem apreciadas. O romance do casamento se foi há muito tempo, e, às vezes, até mesmo a amizade parece ter acabado. Se esse for o caso, então precisamos observar exatamente como o Pregador formula sua ordem: a esposa que devemos "gozar" é também a esposa que devemos "amar". Talvez seja difícil se deleitar com a sua esposa ou seu marido nesse exato momento, mas será que você consegue obedecer pelo menos a ordem de Deus de amar? Para os maridos, isso significa amar as suas

esposas com o mesmo amor custoso e sacrificial que Jesus demonstrou quando morreu na cruz por nossos pecados (veja Ef 5.25-30). É difícil imaginar como um homem pode desfrutar sua esposa (ou como ela pode se alegrar com ele) se ele não estiver dedicado a amá-la como Cristo amou.

Amor e alegria andam juntos (como vemos nos poemas de amor de Salomão no Cântico dos Cânticos). Se vocês amarem um ao outro, façam um esforço consciente para terem prazer também. Mas se vocês tiverem dificuldades para amar um ao outro, peçam que Deus lhes dê mais uma vez a graça para amar como vocês costumavam se amar ou, talvez, como nunca se amaram, mas sabem que deveriam fazê-lo. Aqui o Pregador diz o que a Bíblia diz muitas vezes aos maridos e o que, francamente, os maridos precisam ouvir o tempo todo: amem as suas esposas (cf. Ef 5.25,28,33).

Surpreendentemente, o chamado para o amor conjugal é apenas um chamado de curto prazo; ele vale apenas para esta vida, não para a eternidade. Assim, o Pregador instrui os maridos a se alegrar com suas esposas "todos os dias de tua vida fugaz, os quais Deus te deu debaixo do sol; porque esta é a tua porção nesta vida" (Ec 9.9). Isso dificilmente é o tipo de declaração que uma mulher espera encontrar em seu cartão de aniversário de casamento. O Pregador é tão pouco sentimental em relação ao casamento quanto o é em relação a qualquer outro aspecto da vida. Mas isso não faz dele um cínico. Pelo contrário, ele está nos oferecendo uma visão séria da vida que abre espaço para a alegria, mas que também encara as realidades sóbrias da vida num mundo caído e a realidade inevitável da morte.

Quando Kohelet diz que a vida é "vã", ele usa a mesma palavra para vaidade (*hebel*) que ele tem usado ao longo de todo o livro de Eclesiastes. Nesse contexto específico, ele não está dizendo que a vida não tem sentido, mas que a vida é curta. Nossa existência terrena passa

rapidamente, como fumaça dissipada pelo vento. Portanto, devemos nos dedicar ao amor enquanto ainda tivermos tempo.

O último prazer que o Pregador menciona é o trabalho, que faz parte da nossa porção nesta vida: "Goza... o trabalho com que te afadigaste debaixo do sol" (Ec 9.9). A expressão "debaixo do sol" não se refere a um trabalho exaustivo no calor do dia, mas ao chamado regular da nossa existência terrena – qualquer coisa que Deus tenha nos chamado para fazer. Não importa se trabalhamos na área jurídica, científica, educacional, na construção ou medicina ou no ministério ou até mesmo nas artes (ou em todas essas áreas por meio do alto chamado da construção de um lar), Deus nos deu um bom trabalho a fazer. Como o Pregador já disse, esse trabalho é uma dádiva de Deus que devemos desfrutar enquanto pudermos.

No versículo 10, ele reforça o que diz sobre o trabalho dando uma ordem poderosa: "Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças" (Ec 9.10). Aqui a Bíblia nos diz o que devemos fazer, isto é, tudo o que estiver ao nosso alcance. Ele não está dizendo que devemos trabalhar aleatoriamente ou fazer o que bem quisermos. Antes, no decurso da providência de Deus, existem algumas coisas que encontramos no caminho da nossa obrigação – coisas que agradam a Deus. Mas só podemos fazer o que Deus nos deu para fazer, não as coisas que ele colocou além do nosso alcance. Em seu sermão sobre esse versículo, Charles Spurgeon descreveu um jovem homem que sonhava ficar aos pés de uma figueira-de-bengala e fazer sermões eloquentes ao povo na Índia: "Meu caro amigo", disse Spurgeon, "por que não tenta primeiro as ruas de Londres e veja se consegue ser eloquente primeiro aqui!".[8] Cada um de nós deveria fazer o trabalho que Deus nos deu, não o trabalho que ele deu a outra pessoa.

O Pregador nos diz também como devemos fazer esse trabalho – não só *o que*, mas também *como*: conforme as tuas forças (cf. Rm 12.11;

Cl 3.23). Quando tivermos uma oportunidade, devemos trabalhar com todas as nossas forças. Como é fácil deixar as horas passar, sem focar nas coisas que Deus quer que façamos, desperdiçando nosso tempo com inúmeras e pequenas distrações. Você está dando a Deus 100 % de seu tempo de trabalho, ou você está dando a ele menos do que o seu melhor? O puritano William Perkins disse: "Devemos estar atentos a dois pecados condenáveis... O primeiro é o ócio, quando negligenciamos ou omitimos... as obrigações do nosso chamado. O segundo é o desleixo, quando elas são realizadas de forma desleixada ou descuidada".[9] Eclesiastes 9.10 é a solução perfeita para ambos os pecados, pois nos diz o que fazer e como fazê-lo: não importa qual seja o nosso chamado, devemos realizá-lo com todas as nossas forças.

***O perigo dos prazeres***

O espírito daquilo que o Pregador diz sobre os prazeres do vinho, mulheres e trabalho, é representado bem pela paráfrase de Eugene Peterson em *The Message*:

> Aproveite a vida! Coma pão com vontade
> Beba vinho com um coração robusto.
> Ah!, sim – Deus se agrada com a sua satisfação!
> Vista-se festivamente toda manhã.
> Não poupe cores nem xales.
> Goze a vida com a esposa que você ama
> Em cada um dos dias de sua vida precária.
> Cada dia é um presente de Deus. É tudo que você recebe em troca
> Pelo duro trabalho de permanecer vivo.
> Aproveite ao máximo cada um!
> Não importa o que apareça, aproveite e faça! Com toda a vontade! (Ec 9.7-10)

Há milhões de maneiras de aplicar essa passagem, com seu chamado a um hedonismo cristão. Este é um mundo lindo e rico, e fomos criados para aproveitar seus prazeres. Portanto, aproveite ao máximo cada dia. Nesta semana, provei algumas das pequenas alegrias da vida (a maioria delas era de graça): um pedaço quente de pão de milho, recém-tirado do

forno; a visão de dois falcões voando alto sobre a cidade em sua caça diária; uma noite com amigos; jogar cestas e pega-pega com meus filhos; um forte abraço de cada uma das minhas três filhas. Ter essas alegrias significa conhecer a graça do meu Pai.

Mas existe também um perigo mortal na busca desses prazeres. Podemos nos distrair tanto com os prazeres terrenos que perdemos a nossa paixão por Deus. Como é tentador adorar o presente e esquecer o Presenteador!

Algumas pessoas vivem em função da comida. Elas transformam sua barriga em deus (Fp 3.19), e assim se tornam culpadas da gula (que tem pouco ou nada a ver com o peso de uma pessoa, mas tudo com a nossa postura em relação à comida). Algumas pessoas são viciadas em vinho ou bebidas fortes. São culpadas de embriaguez e desperdício (Lc 21.34). Outras vivem em função de um relacionamento. Talvez seja o romance que se tornou mais interno do que externo, no serviço aos outros. Ou talvez seja o relacionamento que não têm, que acabou se tornando uma das maiores frustrações de sua vida. Há, então, as pessoas que vivem em função do seu trabalho, quando, na verdade, estão vivendo em função do dinheiro que seu trabalho produz, ou em função do prestígio e da aprovação ou para fugir dos problemas em casa.

Os prazeres que as pessoas buscam costumam ser bons em si mesmos.

O perigo surge quando eles assumem o lugar de Deus. “Pecado não é só fazer coisas ruins”, escreve Tim Keller, “mas fazer das coisas boas as coisas *fundamentais*. É tentar estabelecer uma identidade própria, tornando qualquer coisa mais central para o seu significado, propósito e felicidade do que o seu relacionamento com Deus”.[10] A lista de coisas boas que podem obstruir o caminho de Deus é infinita. Para algumas pessoas, podem ser roupas novas ou *videogame*. Para outras, podem ser antiguidades e música de ópera, ou esportes, ou o mundo acadêmico, ou

o passatempo que ocupa todo o seu fim de semana. O mundo está cheio de coisas boas que trazem prazer à vida, mas que nunca foram criadas para satisfazer a alma. Quando buscamos essas coisas separadas de um relacionamento com Deus, acabamos perdendo a alegria que elas trazem à vida.

### *A graça da gratidão*

Alguns cristãos lidam com esse perigo recorrendo à abnegação. Em vez de permitir que certos prazeres os afastem de Deus, eles os negam a si mesmos. Seguem as regras que os colossenses costumavam estabelecer: "não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquiloutro" (Cl 2.21).

Sem dúvida, pode haver alguns prazeres que algumas pessoas deveriam negar a si mesmas – não como regra absoluta para todos os cristãos em todos os lugares, mas como questão de sabedoria pessoal. "Todas as coisas são lícitas", dizem as Escrituras, "mas nem todas convêm" (١Co ١٠.٢٣). Por exemplo, talvez seja prudente para alguém com histórico de abuso de álcool comprometer-se a nunca mais tomar um gole de vinho. Ou talvez seja prudente para outra pessoa, que assiste TV em excesso, trancar a TV num armário por um ano. Coisas que não sejam erradas em si podem, mesmo assim, ser erradas para uma pessoa específica ou em determinado momento.

Em geral, porém, esta não é a abordagem que a Bíblia nos ensina em relação às coisas boas da vida. O que ela nos instrui a fazer é receber o prazer com gratidão, devolvendo as nossas ações de graças a Deus. Uma das melhores maneiras de mantermos as coisas boas da vida pela perspectiva adequada é louvar ao Doador por todas as suas dádivas. "Tudo que Deus criou é bom", dizem as Escrituras, "e, recebido com ações de graças, nada é recusável" (1Tm 4.4).

Isso serve como um bom teste que podemos aplicar a todos os nossos prazeres terrenos. Podemos perguntar a nós mesmos: Quando eu

oro, isso é algo que faria eu me sentir bem se o incluísse em minhas ações de graça, ou eu me sentiria envergonhado de mencioná-lo? Estou agradecendo a Deus por esse prazer, ou tenho usufruído esse prazer sem jamais pensar em Deus? Quando desfrutamos os prazeres legítimos de uma forma que honra a Deus, parece algo natural incluí-los em nossas orações. Mas quando buscamos esses prazeres por seu próprio benefício imediato, não costumamos mencioná-los muito em nossas orações (ou sobre qualquer coisa, nesse sentido).

Apenas Deus é "a fonte de todas as dádivas da vida terrena: seu pão e vinho, festas e trabalho, casamento e amor".[11] Cada prazer vem do Deus de todos os prazeres, e por isso deveria ser recebido com ações de graça e louvor. Elizabeth Barrett Browning escreveu: "A terra está repleta de céu, / e cada arbusto comum arde com Deus; / mas apenas aquele que vê tira as suas sandálias. / O resto se senta e cata as amoras".[12] Veja as dádivas que Deus lhe deu, e então responda com santo louvor.

É por isso que oramos antes de comer (e talvez também depois, como fizeram sempre os meus avós). Estamos dando graças a Deus porque colocou o pão em nossa mesa e bebida em nosso copo. Deveríamos ver o casamento da mesma forma – como algo bom que deve nos apontar para Deus. A puritana Caroline Perthes deu este conselho à sua filha casada: "Seu amor mútuo pode ser um meio de bênção e felicidade somente enquanto aumenta o seu amor por Deus".[13] Nosso trabalho pode nos trazer o mesmo tipo de bênção, se o recebermos como dádiva de Deus e, em troca, lhe oferecermos um serviço alegre. Para pessoas que desfrutam de tantas bênçãos como nós, as palavras "Obrigado, Pai" nunca deveriam estar longe de nossos lábios agradecidos.

Isso vale especialmente para todo aquele que conhece a graça de Deus por meio da obra salvífica de Jesus Cristo – sua morte na cruz

pelos nossos pecados e sua volta do túmulo com a dádiva gratuita da vida eterna. Temos mais a celebrar do que o Pregador de Eclesiastes, pois conhecemos "a boa-nova de grande alegria" que Deus anunciou por meio da vinda de Cristo (veja Lc 2.10). É, sobretudo, por isso que podemos comer nosso pão com alegria, beber o vinho com um coração alegre, desfrutar a vida com as pessoas que amamos e encontrar alegria no trabalho árduo do nosso chamado diário. Tudo isso porque conhecemos o Salvador.

Os prazeres em Eclesiastes 9 são todos prazeres que Jesus desfrutou durante o seu ministério terreno ou desfruta agora, em seu reino eterno. Quando Jesus partiu o pão para seus discípulos (veja Jo 6.11) e quando ele levantou o cálice de sua salvação (veja Lc 22.19-20), ele agradeceu ao seu Pai no céu. Toda obra que Jesus fez por nossa salvação, ele a fez com todas as suas forças. "A minha comida", disse ele, "consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra" (Jo 4.34). Agora Jesus está aguardando sua noiva eterna, que é uma das metáforas mais comuns que a Bíblia usa para o povo de Deus (p. ex., Ef 5.31-32). Jesus quer desfrutar a vida conosco, com o povo que ele ama.

Uma das melhores maneiras de desfrutar a vida com Jesus é compartilhar os seus prazeres. Todas as coisas boas mencionadas em Eclesiastes 9 simbolizam as dádivas de sua graça. Jesus nos dá o pão de cada dia (veja Lc 11.3). Ele alegra o nosso coração com o pão e o vinho da Ceia do Senhor. Ele ungiu as nossas cabeças com óleo – com o óleo do Espírito Santo. Ele nos convidou para o banquete de núpcias no céu, onde ele será o nosso noivo digno e nós seremos a sua linda noiva (veja Ap 19.7,9). Ele prometeu nos dar uma roupa branca imaculada para usarmos em seu reino eterno, onde participaremos da celebração sem fim (veja Ap 7.9,14). Daqui até a eternidade, todo o prazer que experimentamos é uma dádiva do nosso Salvador eterno.

### *Contando os nossos dias*

Entrementes, Jesus nos deu um bom trabalho a fazer – a obra de seu reino. Devemos fazer esse trabalho da melhor forma possível, pois – como sempre – o Pregador termina lembrando-nos de que os nossos dias estão contados. Aqui está a sua sóbria motivação para trabalhar com todas as nossas forças: "porque no além, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma" (Ec 9.10).

A palavra *Sheol* ["além"] não é sinônimo de inferno, antes se refere simplesmente ao lugar dos mortos, sejam eles bons ou maus. Martinho Lutero o disse bem: Sheol é "o lugar de descanso oculto... fora da vida presente, onde a alma parte para o seu lugar".[14] Quando o Pregador diz que não há trabalho ou sabedoria ali, ele pode passar a impressão de que esteja negando a vida no além.[15] Mas o Pregador não está tentando responder as nossas perguntas sobre o que acontece ou não quando morremos; para encontrar a resposta a essas perguntas precisamos procurar em outros textos das Escrituras. Ele está apenas dizendo que todos nós morreremos e que quando isso acontecer será o fim do nosso trabalho na terra, o fim de tudo o que sabemos sobre o que está acontecendo no mundo e o fim de todos os nossos prazeres terrenos.

Se é verdade que o tempo do nosso trabalho é limitado, então precisamos ter certeza de que realizamos o trabalho mais importante da alma, que é o arrependimento do nosso pecado e a fé em Jesus Cristo para a nossa salvação. Se fizermos isso, poderemos desfrutar a boa vida que Deus nos deu enquanto trabalharmos duro vivendo para Jesus, compartilhando o evangelho, amando o nosso próximo e fazendo todas as outras coisas para o reino que Deus nos chamou a fazer. Jesus disse algo semelhante: "É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar" (Jo 9.4).

O tempo é curto. Isso leva alguns cristãos a pensar que não temos tempo para as atividades prazerosas descritas em Eclesiastes 9, como celebrar ou até mesmo nos casar. Mas essas coisas têm seu lugar na vida. Na verdade, o tipo certo de prazer irá provar ser um dos melhores preparos para a eternidade. Nossos prazeres terrenos estão nos dizendo que nós fomos feitos para outro mundo. Cada dia de trabalho honesto nos aproxima um dia do nosso descanso eterno. Cada refeição boa é um lembrete de que fomos convidados para o último e melhor dos banquetes. Cada festa centrada em Deus antecipa a celebração celestial que não terá fim.

O casamento também nos prepara para a glória. Em seu livro sobre o casamento, o bispo Jeremy Taylor reconheceu que certo dia tudo que nos agrada no casamento chegará ao fim. "Na ressurreição", ele disse, "não haverá relação de marido e esposa, e nenhum casamento será celebrado senão o casamento do Cordeiro". Mesmo assim, disse Taylor, todos nós lembraremos que na terra houve essa coisa chamada casamento, e nós reconheceremos que ele fazia parte do nosso preparo para a eternidade. Sempre que vemos um noivo ansioso e uma noiva vestida de branco vislumbramos um pouco do amor eterno que Jesus tem por seu povo.

Certo dia, entraremos na alegria plena desse amor. Taylor descreveu como será esse dia para os casais cristãos: apesar de não estarem mais casados, eles mesmo assim "passarão para o espiritual e eterno, em que o amor será a sua porção, e alegrias coroarão as suas cabeças, e eles descansarão no seio de Jesus e no coração de Deus para todo o sempre".[16]

Essas alegrias não são apenas para maridos e esposas, mas para todos os filhos de Deus. O que o bispo Taylor disse sobre casamento vale para cada coisa boa na vida. Certo dia, o amor será a nossa porção, a alegria coroará nossa cabeça e descansaremos com Jesus no

coração de Deus para sempre. Quando recebermos esses prazeres do céu, entenderemos que os experimentamos primeiro aqui na terra. Cada alegria terrena é uma antecipação de uma vida melhor por vir, no paraíso onde Deus nos prometeu prazeres para sempre (Sl 16.11).

[1] MAGIDSON, Herb. "Enjoy Yourself (It's Later than You Think)", 1934.

[2] LONGMAN, Tremper, III. *The Book of Ecclesiastes*. New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998, p. 229.

[3] *The Epic of Gilgameh*, em *Before Philosophy*. Trad. H. Frankfort et al. Nova York: Pelican, 1949, p. 226.

[4] Esse hino fúnebre egípcio se encontra em *The Literature of the Ancient Egyptians*. Trad. A. Erman. Londres: Methuen, 1927, p. 133.

[5] LUTHER, Martin. "Notes on Ecclesiastes." In: *Luther's Works*. Trad. e org. Jaroslav Pelikan, 56 vols. St. Louis: Concordia, 1972, vol. 15, p. 149.

[6] EATON, Michael A. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 129.

[7] LONGMAN. *The Book of Ecclesiastes*, p. 230-231.

[8] SPURGEON, Charles. "A Home Mission Sermon." In: *The New Park Street Pulpit*. Pasadena, TX: Pilgrim, 1975, vol. 5, p. 274.

[9] PERKINS, William. *Works*, 2 vols. Londres, 1626, vol. 1, p. 752.

[10] KELLER, Tim. *The Reason for God: Belief in an Age of Skepticism*. Nova York: Dutton, 2008, p. 162.

[11] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*. The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 83.

[12] BROWNING, Elizabeth Barrett. *Aurora Leigh*. Nova York: Penguin, 1996, livro 7.

[13] PERTHES, Caroline. *Life of Perthes*. Citado em BRIDGES, Charles. *A Commentary on Ecclesiastes*. 1860. Reimpressão Edimburgo: Banner of Truth, 1961, p. 221.

[14] LUTHER. "Notes on Ecclesiastes", vol. 15, p. 150.

[15] Veja LONGMAN. *The Book of Ecclesiastes*, p. 231, por exemplo.

[16] TAYLOR, Jeremy. *Marriage Ring*. Citado em BRIDGES. *A Commentary on Ecclesiastes*, p. 222-223.

# O HOMEM NÃO SABE A SUA HORA

*Eclesiastes 9.11-18*



*Vi ainda debaixo do sol que não é dos ligeiros o prêmio, nem dos valentes, a vitória, nem tampouco dos sábios, o pão, nem ainda dos prudentes, a riqueza, nem dos inteligentes, o favor; porém tudo depende do tempo e do acaso. Pois o homem não sabe a sua hora* (Ec 9.11-12).

Você nunca sabe o que acontecerá em seguida. O desastre pode vir a qualquer momento, até mesmo no momento em que você menos espera.

Veja o curioso caso de Molière, o ator e dramaturgo francês. Durante uma apresentação do protagonista de seu próprio drama *O doente imaginário*, Molière sofreu um violento ataque de tosse. Como se revelou, sua doença não era imaginária. Molière morreu poucas horas depois.[1]

Ou veja o triste destino da médium mais famosa dos Estados Unidos, Jeanne Dixon. Em 2 de janeiro de 1997, Dixon predisse que uma "personalidade famosa levará a nação ao luto dentro de poucas semanas". Tendo a nação ficado em luto ou não, três semanas depois a própria Dixon morreu em decorrência de um ataque cardíaco.[2] Não acredito que ela esperava por essa.

E outro exemplo. Bob Cartwright se decepcionou quando se viu incapacitado de aceitar um convite para voar a Nova York com seu amigo Tyler Stanger e o jogador profissional de baseball, Cory Lidle, para um jogo decisivo entre os Yankees e os Tigers. Seu sentimento mudou quando recebeu a notícia de que Stanger e Lidle haviam se

chocado contra um prédio de apartamentos e que agora estavam mortos. “Eu deveria estar naquele avião”, disse Cartwright. No entanto, apenas um mês mais tarde, Cartwright morreu em outro acidente de avião, perto de sua casa de campo na Califórnia.[3]

E há também a história de Donald Peters, que em 1º de novembro de 2008 comprou dois bilhetes da loteria de Connecticut – como fazia toda semana ao longo dos últimos 20 anos. Como resultado, um desses bilhetes valia um prêmio de 10 milhões de dólares. Mas Peters não foi tão sortudo quanto imaginávamos, pois ele morreu de um ataque cardíaco no mesmo dia em que havia comprado seu bilhete premiado.[4]

Nenhum desses eventos infelizes e inesperados poderia ter surpreendido o Pregador que escreveu Eclesiastes. “O tempo e o acaso acometem a todos”, ele teria dito. “O homem não sabe a sua hora.”

Tempo e acaso

Mais uma vez, Eclesiastes nos confronta com uma das frustrações da vida num mundo caído. Mais acima aprendemos, para a nossa surpresa, que as coisas boas não acontecem necessariamente a pessoas boas: “O mesmo sucede ao justo e ao perverso” (Ec 9.2). Quando disse isso, o Pregador estava pensando em categorias morais. O mesmo acontece a todos, sejam eles bons ou maus.

O versículo 11 aplica o mesmo princípio aos diversos talentos das pessoas. Normalmente, esperaríamos que as coisas corressem bem para pessoas com grandes habilidades. Muitas vezes, este é o caso, mas ser rápido, forte ou inteligente nem sempre garante sucesso. Assim, o Pregador disse: “Vi ainda debaixo do sol que não é dos ligeiros o prêmio, nem dos valentes, a vitória, nem tampouco dos sábios, o pão, nem ainda dos prudentes, a riqueza, nem dos inteligentes, o favor; porém tudo depende do tempo e do acaso” (Ec 9.11).

O Pregador menciona cinco tipos de pessoa que esperaríamos serem vencedores, mas, às vezes, eles perdem. Normalmente, a pessoa mais

rápida ganha a corrida, mas nem sempre. Pense na história da tartaruga e da lebre. Ou, para citar um exemplo pouco conhecido, mas convincente das Escrituras, pense em Asael e Abner. Asael era rápido como uma gazela. Quando perseguiu Abner durante uma batalha, Abner não tinha como fugir dele. Mas Abner tinha uma arma, e ele sabia como usá-la. Então, quando Asael o alcançou, Abner perfurou o homem mais rápido com uma lança (2Sm 2.17-23). Falando em batalhas, normalmente, o homem mais forte vence a luta, mas, às vezes, quem vence é o mais fraco. O exemplo mais famoso é, evidentemente, Davi e Golias – a história que dá esperanças a qualquer adversário inferior. O lema olímpico é *citius, altius, fortius* – mais rápido, mais alto, mais forte. Mas a corrida nem sempre é vencida pelo mais rápido; e a batalha, nem sempre pelo mais forte.

Então o Pregador amplia a sua lista de características físicas mencionando várias habilidades intelectuais. Normalmente, esperaríamos que uma pessoa com uma mente superior valesse uma fortuna ou que pelo menos conseguisse ganhar um bom salário. Mas quando ocorre uma queda nos mercados, até mesmo o consultor financeiro mais esperto percebe, de repente, que ele não é tão inteligente quanto acreditava ser. Ao mesmo tempo, algumas pessoas que vivem em um abrigo para sem tetos são mais inteligentes que a média. O que o Pregador diz é verdade: os sábios nem sempre têm pão, inteligência não garante um bom salário e muitos conhecimentos não nos favorecem necessariamente.

Ou seja, habilidades humanas não são uma garantia de sucesso na vida.

O desastre pode recair sobre toda pessoa. Como diz o Pregador, “tudo depende do tempo e do acaso”. Essa expressão não nega a soberania de Deus. Sabemos que Deus “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1.11). Tudo está sob sua sábia providência e seu

soberano controle. O que acontece na vida não é arbitrário, mas sujeito à autoridade de Deus.

Do nosso ponto de vista, porém, ainda há um problema: nem sempre sabemos o que Deus está fazendo. Não importa quão forte sejamos ou quão inteligentes, coisas ruins nos acontecem na vida, e não há como prevermos quando elas acontecerão. Mais acima, Kohelet nos disse que há um tempo para tudo (Ec 3.1-8). Aqui ele nos diz que não sabemos quando esse tempo será: "O homem não sabe a sua hora" (Ec 9.12).

O Pregador ilustra essa verdade com um par de imagens vívidas, emprestadas da natureza: "Como os peixes que se apanham com a rede traiçoeira e como os passarinhos que se prendem com o laço, assim se enredam também os filhos dos homens no tempo da calamidade, quando cai de repente sobre eles" (Ec 9.12). Os peixes e os pássaros são capturados antes mesmo de se darem conta. Se tivessem percebido que estavam nadando em direção a uma rede ou voando para uma armadilha, eles teriam seguido na direção oposta. Mas uma vez que estavam presos, era tarde demais para fugir.

O mesmo acontece com os seres humanos. "Tempo" e "acaso" acontecem a todos nós. A palavra "tempo" pode ser uma referência geral às estações da vida. Nas palavras de Martinho Lutero: "Deveríamos entender 'tempo' aqui não como referência apenas ao fim da vida, mas a cada tempo e resultado determinado".[5] A palavra pode ser usada também de modo mais específico como referência a um tempo determinado para o juízo divino (p. ex., Ez 7.7). Em todo caso, virá o tempo em que os eventos nos alcançarão. Antes de nos darmos conta, ficaremos presos numa situação ruim no trabalho, ou seremos acometidos por uma doença fatal ou pegos por um tsunami financeiro. No fim, é claro, virá o tempo em que morreremos e seremos levados a julgamento – tempo este que Deus conhece, mas nós não.

E se o “tempo” não nos alcançar, o “acaso” certamente o fará. Essa palavra não significa algo como “destino”, antes se refere a uma ocorrência – algo que nos acontece na vida. A partir do restante do versículo 12, que fala sobre uma “rede traiçoeira” e sobre um “tempo da calamidade”, fica evidente que, quando o Pregador fala sobre “acaso”, ele não está falando sobre algo bom que acontece, mas sobre algo ruim. Num mundo caído acontecem muitas coisas infelizes todos os dias, desde desastres naturais e catástrofes ecológicas até conflitos militares e crises econômicas.

A vida é imprevisível. Seus infortúnios são inevitáveis e muitas vezes não há como escapar deles. Em sua misericórdia, Deus nos diz que devemos esperar o inesperado. Quando as dificuldades vierem, até mesmo quando vierem repentinamente, não devemos nos surpreender. E quando a vida é boa, não devemos acreditar que nossas próprias habilidades naturais nos pouparão de tempos difíceis. Não importa quão talentosos sejamos, ou quão bem estejamos preparados ou quantas vantagens tenhamos na vida, nós também podemos sofrer um dia mau.

### *A sabedoria exemplificada*

Como devemos reagir quando o dia mau vier? E como devemos viver com a incerteza que provém do conhecimento de que algo ruim pode acontecer a qualquer momento?

A essa altura, algumas pessoas são tentadas a desistir e a pensar que não há nada que possamos fazer senão aceitar nosso destino. Se não é o mais rápido que vence a corrida, então por que correr? Se não é o mais forte que vence a batalha, então por que se preparar para a guerra? Se a esperteza não lhe rende mais dinheiro, por que se importar com o desenvolvimento da mente? Já que tudo depende do acaso, o fatalismo parece ser a única opção honesta.

O Pregador dá uma resposta diferente. Ele recomenda o valor relativo da sabedoria terrena, instruindo-nos a viver sabiamente. O Pregador faz isso primeiro dando-nos o exemplo de uma pessoa sábia (Ec 9.13-15) e depois comparando a sabedoria com alternativas (menos vantajosas) variadas (Ec 9.16-18). Podemos acrescentar a isso nossas próprias aplicações da sabedoria à vida diária – sabedoria exemplificada, sabedoria priorizada e sabedoria aplicada.

Este é o exemplo do Pregador: "Também vi este exemplo de sabedoria debaixo do sol, que foi para mim grande. Houve uma pequena cidade em que havia poucos homens; veio contra ela um grande rei, sitiou-a e levantou contra ela grandes baluartes. Encontrou-se nela um homem pobre, porém sábio, que a livrou pela sua sabedoria" (Ec 9.13-15).

Alguns comentaristas têm tratado essa história como parábola, mas a maioria a vê como relato de um evento histórico. Era algo que o Pregador havia visto com os seus próprios olhos, não algo que ele inventou: um homem pobre e sábio o bastante para salvar toda a sua cidade. Alguns estudiosos têm até tentado identificar o exato contexto histórico. Certamente conhecemos histórias parecidas da Bíblia. Em 2Samuel lemos sobre uma mulher sábia que salvou a cidade de Abel sacrificando a vida de um homem mau (20.14-22). O sábio rei Ezequias salvou Jerusalém de outra forma – orando e pedindo libertação a Deus (2Rs 19). Temos também exemplos da história da Antiguidade, como Arquimedes, que salvou Siracusa afundando os navios dos romanos.

Às vezes, um homem é sábio o bastante para salvar uma metrópole. Nesse caso específico, o Pregador não nos conta como ele o fez. Tampouco creio que conseguiremos descobri-lo, pois, segundo o versículo ١٥, "ninguém se lembrou mais daquele pobre". Ele nunca se tornou famoso como Arquimedes. No entanto, permanece o fato de que ele salvou uma cidade.

O Pregador considerou a libertação da cidade algo "grande", no sentido de que foi algo significativo ou de que lhe ensinou uma lição importante.

A cidade não tinha praticamente nenhuma chance de sobreviver. Seus defensores estavam em minoria absoluta. Seus inimigos eram liderados por um rei poderoso com tecnologia militar de última geração. Em termos humanos, a cidade já estava perdida. Mas nem sempre os fortes vencem a batalha. Louvado seja Deus! Nesse caso específico, um homem soube exatamente o que fazer. Para o Pregador, isso era um exemplo daquilo que a sabedoria pode fazer. Feliz a cidade que tem uma pessoa que seja sábia o suficiente para resgatar seus cidadãos.

### *A sabedoria priorizada*

Sim, o homem que salvou a cidade foi rapidamente esquecido.[6] Aqui vemos mais uma vez o realismo – para não dizer o pessimismo – de Eclesiastes. A despeito de sua boa ação, "ninguém se lembrou mais daquele pobre" (Ec 9.15). As pessoas são instáveis, e a fama é transitória.

Há exemplos disso na Bíblia também. Pense em José, que ajudou o mordomo do faraó quando ambos estavam na prisão. José tinha todos os motivos para esperar que o mordomo lhe ajudasse a sair da prisão também, mas assim que foi libertado, o mordomo se esqueceu dele (Gn 40). Ou pense em Mordecai, que descobriu uma trama contra o rei Assuero, mas não recebeu nenhuma recompensa naquele momento (Et 2.21-23; 6.1-13). As pessoas são assim; e a vida também é assim: até mesmo uma sabedoria salvadora de vidas é rapidamente esquecida.

No entanto, a sabedoria tem as suas vantagens. Sim, a sabedoria humana tem as suas limitações. Ela pode não nos trazer fama, tampouco nos garante riquezas. Mesmo assim, é relativamente valiosa. As pessoas podem se esquecer de quem lhes deu um conselho sábio.

Podem até recusarem-se a ouvir um conselho sábio que poderíamos dar. Mas a sabedoria ainda é a melhor alternativa.

O Pregador demonstra isso por meio de várias comparações. Nos versículos 13-15, a sabedoria era *exemplificada*; nos versículos 16-18, ela é *priorizada*. Kohelet adorava demonstrar o valor relativo de alguma coisa afirmando que uma coisa era melhor do que outra. Aqui, ele diz que a sabedoria é "melhor", ou mais valiosa, do que a força física ou militar: "Então, disse eu: melhor é a sabedoria do que a força, ainda que a sabedoria do pobre é desprezada, e as suas palavras não são ouvidas" (Ec 9.16).

Felizmente, o pobre homem que salvou a cidade foi capaz de fazer com que as pessoas dessem ouvidos ao que ele tinha a dizer. Contudo, nem sempre é assim que as coisas acontecem. Às vezes, as pessoas se recusam a ouvir as palavras da sabedoria. Mesmo assim, cérebro é melhor do que músculo.

Isso vale ainda mais quando as palavras dos sábios são ouvidas. Essa é uma das mensagens principais do Pregador nessa seção: se formos sábios, daremos ouvidos ao conselho sábio. Essa é a situação vantajosa descrita nos versículos 17-18: "As palavras dos sábios, ouvidas em silêncio, valem mais do que os gritos de quem governa entre tolos. Melhor é a sabedoria do que as armas de guerra, mas um só pecador destrói muitas coisas boas".

A última declaração é um lembrete sóbrio dos danos que uma pessoa pecaminosa pode causar, especialmente numa posição de poder. Mesmo que a sabedoria tenha as suas vantagens – falaremos mais sobre estas em breve – "não é preciso muito para estragar o bem que ela pode produzir".[7]

O versículo 17 descreve um líder fanfarrão. Mas sabemos que a voz mais alta nem sempre é a voz mais sábia (na verdade, normalmente *não* é a voz mais sábia). Esse homem conseguiu impor sua vontade calando

todos os outros. Não que seus conselheiros tenham lhe dado bons conselhos, pois ele estava cercado de "tolos"! Isso acontece o tempo todo: um homem tenta dominar sua família, administrar sua empresa ou assumir o controle na igreja, fazendo valer a sua influência, frequentemente gritando muito ao longo do processo. Como é fácil para um homem orgulhoso ou irritado destruir um casamento ou dividir uma igreja.

Existe, porém, uma maneira melhor de liderar, e o Pregador a recomenda a nós. Um homem sábio não sente a necessidade de gritar muito. Ele sabe que não é o grito que comove os corações das pessoas e que transforma o mundo para o bem, mas a palavra sábia. Assim, permite que a sabedoria daquilo que diz fale por si mesma, e em decorrência disso sempre vale a pena ouvir seu brando conselho (mesmo que nem sempre seja seguido).

O Pregador diz: "As palavras dos sábios, ouvidas em silêncio, valem mais do que os gritos de quem governa entre tolos" (Ec 9.17).

Isso se aplica principalmente em tempos de conflito. Pedindo desculpas a Teddy Roosevelt, poderíamos parafrasear o versículo 18 desta forma: "Fale mansamente, e não se arme com uma clava grande". O Pregador não está negando que haja um tempo para a guerra. Tampouco está negando a utilidade de armas na hora da luta. Mas ele diz que a sabedoria é superior a qualquer armamento.

Podemos aplicar esse princípio em casa, onde algumas palavras calmas costumam honrar mais a Deus e quase sempre são mais eficientes – especialmente a longo prazo – do que muita gritaria. Podemos aplicar esse princípio também à igreja, onde uma conversa honesta e uma comunicação autêntica costumam evitar grandes conflitos. E podemos aplicar esse princípio também à administração de cidades e nações. Existe um tempo para a guerra, como o Pregador nos disse já em 3.8, mas até mesmo as armas de guerra são usadas de forma

mais eficaz por alguém que ouve um conselho sábio. A sabedoria sempre é melhor.

### *A sabedoria aplicada*

Como, então, devemos viver, especialmente em um mundo onde todos dependem "do tempo e do acaso"? A vida é incerta. Podemos sofrer perdas ou dificuldades a qualquer momento. Mesmo sendo rápidos, podemos perder uma corrida. Mesmo sendo fortes, podemos ser derrotados na batalha. E mesmo sendo espertos, podemos sofrer pobreza. Tampouco sabemos quanto tempo nos resta. Qual, então, é a maneira mais sábia de usar o tempo que nos resta? Após termos exemplificado e priorizado a sabedoria, como devemos *aplicá-la*?

A primeira coisa que precisamos fazer é entregar nossas vidas a Jesus Cristo. Isso significa pedir que ele seja o nosso Salvador, orar para que ele perdoe os nossos pecados por meio do sangue que ele derramou na cruz. Significa também submeter-se a ele como o nosso Senhor, oferecendo-lhe a nossa vida para o seu serviço. Essa é a coisa mais sábia que toda pessoa pode fazer.

Eclesiastes contempla as coisas principalmente do ponto de vista da sabedoria humana, que é valiosa até certo ponto. Mas existe também uma sabedoria divina, e apenas ela pode nos salvar. A Bíblia diz que a loucura de Deus, por assim dizer, é mais sábia do que a sabedoria dos homens (1Co 1.25). A questão não é que Deus seja louco, é claro, mas que até mesmo a sua loucura seria ainda mais sábia do que toda a nossa sabedoria. Portanto, se quisermos ser sábios, precisamos da sabedoria de Deus. E a maneira de obter essa sabedoria é simplesmente pedindo-a a Deus. "Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria", diz a Bíblia, "peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida" (Tg 1.5). A principal maneira como Deus responde a nossa oração por sabedoria é dando-nos seu Filho Jesus Cristo, a quem a Bíblia identifica como sabedoria de Deus (1Co 1.30).

Uma maneira de reconhecer a sabedoria de Jesus é reconhecer a perfeição com que ele ilustra a história que o Pregador contou sobre a cidade salva pela sabedoria. A história não é uma profecia direta de Jesus Cristo, mas é uma boa analogia de sua obra salvífica. Jesus era pobre como qualquer um. Ele não tinha lar nem riquezas, por isso, dependia completamente de Deus, o Pai, para que este lhe providenciasse o pão de cada dia. Jesus era também mais sábio do que qualquer um, como demonstram todas as coisas sábias que ele disse. Por meio de sua sabedoria, Jesus libertou a cidade perdida da humanidade caída. O diabo estava atacando a cidade com todas as forças do inferno. Mas Jesus nos libertou – sozinho. Como ele fez isso? Ele o fez por meio de algo que parecia loucura na época, mas que acabou se revelando como sábio para a salvação. Jesus salvou nossa cidade morrendo na cruz e ressuscitando mais tarde.

Entregar a nossa vida a Jesus Cristo em toda a sua sabedoria é a decisão mais sábia que podemos tomar. Agora, nosso futuro está totalmente seguro. Sabemos com certeza que, quando morrermos, iremos ao céu. Sabemos também que não importa o que aconteça na vida, temos um Senhor e Salvador que nos ama e que estará conosco para nos ajudar e cuidar de nós. Todos podem depender do tempo e do acaso, mas tempo e acaso estão sob o controle de Deus. Quando confiamos nele, sabemos que as nossas vidas estão seguras nas mãos do nosso Salvador, de longe o lugar mais sábio onde podemos estar.

Uma vez que entregamos nossa vida a Cristo, existem muitas outras coisas sábias que podemos fazer, especialmente em tempos incertos. Mesmo que os nossos dias estejam contados e mesmo que todos nós dependamos do tempo e do acaso, há ainda uma longa lista de coisas sábias que podemos fazer – não só em termos humanos e práticos, mas também em termos sobrenaturais e espirituais. Como ferramenta de

exame próprio, veja quais dos itens da lista abaixo precisam ser ouvidos e obedecidos:

É sábio sermos *agradecidos*. Quando as dificuldades nos dominam – quando perdemos a corrida que acreditávamos poder vencer com nossa rapidez ou a batalha que acreditávamos poder travar com nossas forças – é fácil ficarmos desencorajados. As coisas podem não estar indo bem em casa, na escola ou no trabalho. Mas se formos sábios, lembraremos de celebrar as bênçãos de Deus a cada dia. Agradeceremos a Deus com alegria pela providência básica do nosso pão de cada dia, pela bênção dos nossos irmãos e irmãs em Cristo, pelo mundo maravilhoso que ele criou e pelos benefícios que temos em Jesus.

Ao mesmo tempo, nos *contentamos*. Quando a vida parece ser uma grande decepção e nosso futuro parece ser incerto, é fácil se queixar de que Deus não está nos dando o que queremos ou não está nos dizendo o que precisamos saber. Mas a sabedoria se contenta com o que Deus nos dá e com o que Deus não nos dá (inclusive informações muito restritas sobre o nosso futuro). Podemos passar pela vida resmungando (o que não muda nada e só aumenta a nossa infelicidade) ou podemos aceitar o que quer que Deus decida fazer (ou não).

É também sábio vivermos com uma postura de *oração*. Isso é sábio porque Deus adora responder a uma oração santa. Portanto, se houver coisas que você realmente necessita, vá até Deus e peça a ele. A oração é sábia porque ela nos ajuda a lembrar quem está no controle. *Deus* está no controle, por isso, nos aproximamos dele para pedir e não para ordenar.

A oração nos diz também o que fazer com as nossas preocupações. Deus não quer que sejamos ansiosos em relação a qualquer coisa, mas que confiemos nele em tudo (veja Fp 4.6).

A oração nos ensina também a sermos *humildes*, que é outra parte importante da sabedoria. Em vez de confiar em nossas próprias

habilidades, sejam elas físicas ou intelectuais, as incertezas do tempo e do acaso deveriam nos ensinar a não superestimar a nós mesmos, mas permitir que Deus use os nossos dons da maneira que lhe agrada.

Se formos sábios, tentaremos ser *generosos*. Em tempos difíceis, é grande a tentação de nos agarrarmos a tudo que temos. Mas Deus prometeu abençoar aquele que doa com alegria (2Co 9.7). Se nos sentirmos inseguros em relação ao futuro, devemos doar mais das nossas coisas e mais de nós mesmos à obra do reino, porque apenas o que é feito para Jesus durará.

A sabedoria é também *fiel*. Se o mais rápido e o mais forte não vencem sempre, é tentador pensar que nada importa. Mas a sabedoria nos ensina exatamente o contrário. Se o futuro é imprevisível, então precisamos confiar os resultados daquilo que fazemos a Deus. Mesmo assim, precisamos fazer o que Deus nos chamou a fazer e então confiar que ele use aquilo que fazemos da forma que lhe agrada.

Se fazemos tudo isso, de todas as pessoas, deveríamos ser os mais *esperançosos*. Longe de nos tornar fatalistas, saber que "todos dependemos do tempo e do acaso... para tudo" deveria nos ensinar a depositar a nossa esperança em Deus. A despeito dos nossos melhores esforços, não podemos controlar o que acontece. Mas se formos sábios, depositaremos nossa confiança em Deus, que conhece o futuro. Não nos cansaremos de lembrar que Jesus virá em breve. Podemos não conhecer nosso tempo, mas conhecemos Jesus, o que significa também que sabemos o que acontecerá conosco no fim do mundo: nosso sábio Salvador nos libertará de todas as nossas dificuldades.

Tudo isso nos ajuda a saber como lidar com as reviravoltas e como viver com as incertezas da vida. Um exemplo prático vem de uma parceira missionária que trabalha no Oriente Médio muçulmano.[8] Sua família estava passando por dificuldades, mas ela soube lidar com elas sabiamente. Numa carta a seus mantenedores, ela citou algumas das

dificuldades. Mas, logo ao lado dessas dificuldades, informou também uma maneira melhor e mais sábia de contemplar cada circunstância:

> Profunda opressão e assédio espiritual // Privilegiada por brilhar como estrelas nessa noite escura
> Extravio de cartas, pacotes e carteira, telefone grampeado // Grandes lembretes de que a vida não nos pertence
> Não temos mais a conveniência de um carro // Não temos mais as despesas com o carro
> Condições de trânsito muito perigosas // Temos um bom sistema de transporte público à nossa disposição
> Enfrentamos tempos difíceis e desafiadores // Muitas oportunidades de confiar nele em oração
> Água lamacenta sai das nossas torneiras em casa // Água cristalina e viva flui das nossas vidas
> Muitos vírus agressivos e doenças que se prolongam // Espíritos verdadeiramente agradecidos por seu toque de cura
> Um apartamento frio quando tiver uma gripe // Bebidas quentes, cobertores, massagens e orações para nos aquecer

Se formos sábios, pediremos a Deus a graça de viver da mesma forma – com gratidão pelas muitas bênçãos, satisfeitos com o que temos, orando em qualquer dificuldade, fiéis na obra de Deus e esperançosos em relação ao futuro. Mesmo não sabendo o tempo que nos resta, usaremos o nosso tempo de forma sábia, aproveitando cada oportunidade que tivermos para confiar em Jesus e viver para ele.

[1] "Molière, The Imaginary Invalid", no banco de dados de Literatura, Artes e Medicina da New York University.

[2] Narrado em *Uncle John's Giant 10th Anniversary Bathroom Reader*. Ashland, OR: Bathroom Reader's Press, 1997, p. 156.

[3] Veja http://www.msnbc.msn.com/id/15759622/?GT1=8717.

[4] Como narrado pelo *China Daily* (5 de janeiro de 2009), p. 6.

[5] LUTHER, Martin. "Notes on Ecclesiastes." In: *Luther's Works*. Trad. e org. Jaroslav Pelikan. 56 vols. St. Louis: Concordia, 1972, vol. 15, p. 152.

[6] Segundo uma interpretação alternativa, o conselho do pobre homem nunca foi seguido: ele *poderia* ter salvo a cidade, mas ninguém deu ouvidos ao seu sábio conselho. Essa interpretação exige uma leitura extensa nas entrelinhas, portanto, é melhor interpretar o texto ao pé da letra. O homem realmente libertou a cidade, mas depois ele foi esquecido.

[7] LONGMAN, Tremper, III. *The Book of Ecclesiastes*. New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998, p. 237.

[8] O nome dessa parceira missionária não é revelado para proteger a sua família; ela escreveu sua carta em fevereiro de 2009.

22

# Deixa de tolice

## *Eclesiastes 10.1-11*

*Qual a mosca morta faz o unguento do perfumador exalar mau cheiro,*



*assim é para a sabedoria e a honra um pouco de estultícia* (Ec 10.1).

Sempre disposto a não esconder nada, o Pregador que escreveu Eclesiastes abre o capítulo 10 com uma imagem pungente: "Qual a mosca morta faz o unguento do perfumador exalar mau cheiro, assim é para a sabedoria e a honra um pouco de estultícia". A versão King James soa um pouco melhor, mas exala o mesmo fedor: "As moscas mortas fazem com que a pomada do farmacêutico exale um mau cheiro". A imagem é tão forte que quase conseguimos sentir o cheiro do perfume podre. Apesar de não haver nada de errado com a fragrância em si, ela atraiu um enxame de moscas. Alguns dos insetos morreram, e o fedor de seus cadáveres deixou o perfume detestável.

O Salomão de Eclesiastes nunca se esqueceu daquele cheiro, e ele o usa aqui como analogia para a tolice. A sabedoria é doce, como a fragrância de um perfume. No entanto, basta pouca tolice para azedar as coisas porque a tolice fede. Basta uma palavra precipitada, uma observação rude, uma decisão apressada, um prazer tolo ou uma explosão de raiva para estragar tudo. Como observa Derek Kidner: "É mais fácil produzir fedor do que criar doçura".[1]

Quando o assunto é doçura, Eclesiastes pode ajudar, pois foi escrito para agraciar nossa vida com a fragrância da sabedoria divina. Essa sabedoria não se aprende com um único exemplo ou com uma sucinta

lista de ordens, mas por meio de uma vida inteira de reflexão sobre as experiências da vida e o estudo cuidadoso da Palavra de Deus. Isso explica por que Kohelet gasta tanto tempo contemplando a sabedoria e compartilhando seus pensamentos tão amplos. O capítulo 9 terminou com a sabedoria exemplificada, priorizada e aplicada. O capítulo 10 nos alerta e incentiva a nos mantermos afastados da tolice, que é a antítese da sabedoria.

***Definindo a tolice***

Essa parte de Eclesiastes não é um argumento cuidadosamente elaborado, antes inclui uma variedade de histórias curtas, estudos de casos, máximas, provérbios, comparações e exortações. Mesmo que a aparente falta de organização possa frustrar alguns leitores, essa seção se parece muito com a própria vida, em que uma coisa muitas vezes resulta em outra, sem qualquer ponto de contato aparente. Mas em tudo isso o Pregador estabelece um contraste claro entre duas maneiras completamente diferentes de viver – a maneira sábia e a maneira tola (cf. Ec 2.19). Enquanto estudarmos essa passagem, precisamos fazer esta pergunta: "Estou vivendo de forma sábia ou tola?".

É vital conhecer a diferença entre sabedoria e tolice. A maioria dos cristãos sabe distinguir o bem do mal. Sabemos que algumas coisas são moralmente certas; e outras, moralmente erradas. Assim, tentamos fazer as coisas certas em vez das coisas erradas. Não há nada de errado com esse tipo de pensamento, mas ele tem seus limites. No entanto, o problema é que algumas das decisões mais importantes da vida não são entre o bem e o mal, mas entre sabedoria e a tolice.

Para entender essa diferença, precisamos conhecer a definição bíblica de tolice. Um "tolo" no sentido bíblico não é necessariamente alguém com pouca inteligência. A tolice nem sempre se manifesta num índice baixo de QI. O termo se refere antes a alguém que não tem o

apropriado temor a Deus e, portanto, tende a seguir a direção errada na vida. Tolo é quem diz "no seu coração: Não há Deus" (Sl 14.1).

Muitas vezes, a tolice está intimamente associada à perversão. O Pregador as mencionou, juntas, alguns capítulos antes: "Não sejas demasiadamente perverso, nem sejas louco" (Ec 7.17; cf. Jr 4.22). Todavia, loucura ou tolice não é exatamente igual a perversão; é uma categoria bíblica importante separadamente. Muitas pessoas perversas são deliberadamente maliciosas. Mas o tolo, por sua vez, é caracterizado por uma desobediência impulsiva, uma arrogância egoísta e um desrespeito irrefletido pela santidade de Deus. Nas palavras de Dan Allender, ele é culpado de "ira intensa (direcionada contra si mesmo ou outros), egoísmo e ódio contra disciplina e sabedoria".[2]

O Pregador já nos disse muitas coisas sobre o tolo. Ele é preguiçoso (Ec 4.5), mal-humorado (7.9) e moralmente cego (2.14). Ele se recusa a aceitar conselhos (9.17). Sua vida não agrada a Deus (5.4). Aqui, o Pregador acrescenta que o tolo tem dificuldades para se orientar: "O coração do sábio se inclina para o lado direito, mas o do estulto, para o da esquerda" (10.2). Esse versículo define a tolice por meio de um contraste curto e memorável – aquilo que um estudioso literário chamaria de *provérbio antitético*. Talvez esse contraste seja melhor representado pela *Jerusalem Bible*: "O coração do homem sábio o guia no caminho certo; o coração do tolo o desvia".

Peço perdão aos canhotos, mas normalmente a Bíblia trata o lado direito como o lado bom: "A mão direita era associada à força que salva, apoia e protege".[3] Além disso, a direita era usada para abençoar, como quando Jacó cruzou seus braços para colocar sua mão direita sobre a cabeça de Efraim e assim lhe dar a bênção maior (Gn 48.13-20; cf. Pv 3.16). A mão direita era associada também à autoridade, razão pela qual Jesus está sentado à direita do Pai (p. ex., Cl 3.1). Diante desse

pano de fundo, não surpreende que no juízo final as ovelhas estarão à direita, mas os cabritos ficarão à esquerda (Mt 25.31-33).

Portanto, quando o Pregador diz que o tolo está à esquerda, ele está nos dizendo que o homem está seguindo a direção errada na vida. Há muitos exemplos disso na Bíblia. Pense no contraste entre Abraão e seu primo Ló. Quando os dois dividiram a terra da promessa (veja Gn 13), Abraão se contentou com aquilo que Deus providenciou. Ló, por sua vez, escolheu para si mesmo o território (supostamente) melhor. Tolamente, mudou-se para Sodoma, uma cidade má, que mais tarde foi destruída por Deus. Há um contraste semelhante entre Rute, que permaneceu fiel a Noemi, e ao povo do Deus verdadeiro, e sua cunhada Orfa, que abandonou Noemi e voltou a adorar ídolos pagãos (Rt 1.6-18).

Qual a direção que você está seguindo na vida? Você está se aproximando da tentação ou se afastando do mal? Você está seguindo a direção certa no discipulado ou afastando-se espiritualmente? Você está procurando a proximidade do povo de Deus ou seguindo um caminho próprio? Apenas um tolo seguiria a direção errada na vida.

Observe a razão pela qual o tolo segue esse caminho: porque seu "coração" o desvia para a direção errada. O coração é o núcleo do ser de uma pessoa – a parte interna de cada pessoa que ama ou não ama Deus. Charles Bridges definiu o coração como o "centro da afeição – a sede do conhecimento – a fonte de propósito e emoção – a alma da vida espiritual".[4] Tudo na vida segue o coração. O homem sábio vai na direção certa porque o seu coração se inclina para o caminho certo, mas o coração do homem perverso se inclina para a direção oposta, e é para lá que ele vai. Sabedoria e tolice são inclinações do coração.

Para onde seu coração se inclina – para Deus ou para longe dele? Você tem um apetite cada vez maior pela Palavra de Deus, ou a Bíblia já perdeu o sabor para você? Você está se aproximando ou se afastando

de Deus em sua oração? Você está levando o pecado mais a sério, ou já desistiu de buscar a santificação pessoal? Compreenda que a inclinação do coração determina a direção da vida.

Muitas pessoas querem saber qual direção elas devem seguir na vida. Procuram orientação. Bem, o ponto de partida é garantir que nosso coração esteja no lugar certo – ou pelo menos que esteja inclinado para a direção certa – pois se estiver, chegaremos ao lugar certo no caminho certo.

O tolo está na estrada completamente errada, mas infelizmente ele nem percebe. Segundo o versículo 3, "quando o tolo vai pelo caminho, falta-lhe o entendimento; e, assim, a todos mostra que é estulto". Isso é parte da definição do tolo: ele parece ser a única pessoa que não sabe que ele é um tolo! Segundo um antigo provérbio malaio, "um tolo é como um grande tambor que bate rápido, mas não percebe que é oco". Dan Allender o expressa bem: O tolo "seguirá um caminho que parece certo, mesmo quando o asfalto se transforma em cascalho; e o cascalho, em terra; e a terra, em rochas e entulho. Quase nada impedirá o tolo de avançar em direção ao perigo".[5]

Há pelo menos duas maneiras de interpretar a segunda parte do versículo 3 ("a todos mostra que é estulto"). Uma maneira é interpretá-la literalmente, um caso em que o tolo esteja sempre dizendo às outras pessoas que elas são tolas. Ele não está dizendo que ele mesmo é tolo, mas sim que todos os outros são tolos. Isso é certamente o que os tolos costumam acreditar – que apenas eles são sábios e que todos os outros são tolos (o que, evidentemente, é um pensamento muito tolo).*

Também é possível que o versículo 3 deva ser compreendido como metáfora. O tolo não "diz" literalmente que ele é um tolo, no entanto, é exatamente isso que as suas palavras e ações comunicam. Ele (ou ela) apresenta uma falta tão evidente de bom senso espiritual que sua tolice é óbvia para todos. Tolos costumam recusar bons conselhos (veja Pv

12.15; 18.2; 23.9), ou dizer a coisa errada no momento errado (veja Pv 18.6), ou fazer outra coisa que proclamam: "Olhem para mim, sou um tolo!". Como diz o livro de Provérbios: "O insensato espraia sua loucura" (Pv 13.16; cf. 12.23).

A aplicação desses versículos é simples: não seja tolo! Uma das razões pelas quais a Bíblia define a diferença entre sabedoria e tolice é para que possamos escolher como viver bem. Não seja o tipo de pessoa que se recusa a ouvir uma crítica construtiva, ou que ignora o que pessoas santas estão tentando dizer, ou que explode em raiva descabida sempre que algo dá errado. Em vez disso, volte seu coração para Deus e peça a sua graça para seguir na direção certa, e não na direção errada – para seguir o caminho de Deus, e não o seu próprio.

***Como lidar com a tolice***

Além de dizer como evitar a tolice, o Pregador nos diz também como devemos reagir à tolice na vida dos outros. Enquanto os versículos 1-3 definem a diferença entre sabedoria e tolice, os versículos 4-7 nos dão um conselho prático para lidar com as muitas pessoas tolas que encontramos no mundo.

Há tantas pessoas tolas ao nosso redor – tantas pessoas que não temem a Deus, mas que vivem apenas para si mesmas – que, mais cedo ou mais tarde, sua tolice nos deixará frustrados. Alguns de nós convivem com tolos, e sua conduta tola perturba a vida em nosso lar. Alguns de nós trabalham com tolos, convivem com sua preguiça, ou com suas exigências egoístas, ou com suas decisões errôneas e deixam nosso local de trabalho miserável.

E há também os tolos no governo. A maioria dos norte-americanos, pelo menos, identifica-se com um dos ditos espirituosos frequentemente citados de Mark Twain: "Suponha que você seja um idiota. E suponha que seja membro do congresso. Perdão, estou me repetindo". A observação de Twain pode parecer excessivamente sarcástica, mas ela

concorda com o que Eclesiastes diz sobre a liderança política: "Ainda há um mal que vi debaixo do sol, erro que procede do governador: o tolo posto em grandes alturas, mas os ricos assentados em lugar baixo. Vi servos a cavalo e príncipes andando a pé como servos sobre a terra" (Ec 10.5-7).

Mais uma vez, o Pregador relata algo que viu. Dessa vez, oferece um exemplo notável daquilo que expôs no versículo 1, quando disse que um pouco de loucura supera a sabedoria e a honra. Nas palavras de Martinho Lutero, "assim como moscas mortas estragam os melhores unguentos, assim sucede com os melhores conselhos no Estado, no senado ou na guerra; aparece algum malandro perverso e estraga tudo".[6]

Infelizmente, há muitas pessoas tolas no governo. Mas por mais tolas que sejam, ainda assim, conseguem trabalhar e conquistar posições de liderança política. Algumas são completamente incompetentes. Outras usam sua posição para vantagens pessoais. Estão mais interessadas em seu *status* do que em servir. Quando a sua tolice é exposta, já é tarde demais – o prejuízo está feito. Depois, os outros se perguntam como jamais puderam dar-lhe tanta responsabilidade.

Quando as pessoas erradas conquistam o poder, tudo é virado de ponta cabeça. O Pregador diz no versículo 5 que erros na liderança produzem um mal na sociedade. Então descreve algumas das coisas ruins que acontecem. Por exemplo, "os ricos se assentam em lugar baixo" (Ec 10.6). Num contexto diferente, essa inversão pode indicar o triunfo da justiça, que, finalmente, coloca os ricos imundos em seu devido lugar. Mas aqui o texto fala de pessoas com recursos financeiros que não têm o poder de usá-los para o bem comum. O versículo 7 parece ter sido extraído do famoso romance *O príncipe e o pobre*, de Mark Twain, em que dois homens de aparência semelhante, mas de posições sociais diferentes, trocam de lugares. Nos tempos bíblicos, os

cavalos eram associados ao poder, à riqueza e à autoridade real (p. ex., Et 6.7-9). Os escravos não costumavam montar a cavalos, mas andavam à frente ou atrás de seus mestres. Mas quando a tolice assume o trono, tudo é invertido. Os escravos montam, os príncipes andam a pé.

Como professor bíblico, não cabe a mim dizer quais líderes políticos são sábios e quais são tolos. Às vezes, isso é até desnecessário em qualquer caso, visto que, como disse o Pregador, o tolo comunica a todos que ele é um tolo. Mas sempre que vemos que as coisas estão de ponta cabeça – sempre que uma sociedade celebra a imoralidade, perpetua a violência criminosa, pune a justiça, nega a autoridade de Deus ou persegue seu povo – podemos ter certeza de que a tolice assumiu o controle.

Como devemos reagir? A resposta do Pregador pode nos surpreender: "Levantando-se contra ti a indignação do governador", diz ele, "não deixes o teu lugar, porque o ânimo sereno acalma grandes ofensores" (Ec 10.4). Em vez de fugir da tirania, ou de tomar a lei em suas próprias mãos, ou de alegar que temos o direito de ficar irritados ou dizer que não temos a obrigação de obedecer a um governo tolo, o Pregador recomenda uma reação calma e quieta, que afasta a ira. Essa é a forma bíblica de lidar com tolos – não participando de sua tolice, mas vivendo o caráter de Cristo.

A ordem de Kohelet se aplica especialmente aos membros da corte real. Eclesiastes 9.17 descreveu um governante desbocado. Eclesiastes 10.4 descreve algo parecido – um líder mal-humorado, que se enfurece com um de seus oficiais. Em vez de se irritar com isso ou fugir da situação por uma questão de princípio, o oficial deveria permanecer a postos e falar amáveis palavras de sabedoria. Nas palavras de um comentarista: "A raiva de um governante precisa ser abrandada com uma mansa tolerância, que não entra em pânico nem foge magoado".[7]

O mesmo conselho se aplica a muitas outras situações na vida. O Pregador não está aprovando o abuso verbal. Tampouco está dizendo que não existem situações em que as autoridades devem derrubar um tirano ou em que se deva fugir a uma luta. Na verdade, Eclesiastes 8.3 parecia sugerir que, em determinadas situações, *devemos* fugir. Mas aqui o Pregador está dizendo que, normalmente, a melhor reação à raiva é permanecer firme, não fugir; permanecer calmo, não se irritar. Irritar-se apenas piora a situação, pois, como explica Derek Kidner: "É melhor ter apenas uma pessoa com raiva do que duas!".[8]

Isso é um bom conselho para funcionários com um chefe irritado, para estudantes com um professor irritado, para pais com um filho irritado e para esposas com um marido irritado (ou vice-versa). É um bom conselho para todas as situações na vida em que alguém de repente se enfurece e, em reação, nós nos irritamos junto. O simples fato de outra pessoa se irritar não significa que temos o direito de abandonar um relacionamento, especialmente se esse relacionamento foi ordenado por Deus e está selado com uma promessa (como, por exemplo, o casamento). A maneira de lidar com a raiva tola não é ficar intimidado e responder à mesma altura, mas manter a calma, coisa que só podemos fazer pelo poder do Espírito Santo.

Quando alguém se irrita, é tentador dizer: "Acabou! Para mim chega!". Sim, existem momentos em que os cristãos são chamados a abandonar uma situação ruim no trabalho, ou em que temos fundamentos bíblicos para uma separação ou um divórcio, ou em que precisamos confrontar uma pessoa irritada para que esse pobre tolo possa buscar a ajuda necessária. Mas mesmo nessas situações devemos agir com calma e cautela, não com raiva e pressa. Normalmente, a coisa mais sábia a fazer é permanecer firme na situação. Permanecer calmo é parte da estratégia vencedora de Deus para lidar com a raiva estúpida.

O apóstolo Pedro deu um conselho parecido. Ele sabia o que significava lidar com pessoas raivosas, como os tolos que queriam que ele parasse de pregar o evangelho. Pedro, porém, recomendou uma vida de silenciosa mansidão. Ele instruiu os cristãos a se submeterem às autoridades governantes, *mesmo quando* estas perseguiam a igreja, porque, ao fazer boas obras, a igreja sofredora "faz emudecer a ignorância dos insensatos" (1Pe 2.13-15). Ele instruiu os servos a respeitar os seus mestres, *mesmo quando* eram injustos, pois é louvável suportar a injustiça (1Pe 2.18-19). Ele instruiu as esposas para que se submetessem aos maridos, *mesmo quando* estes não eram cristãos, para que, por meio de uma conduta pura e respeitosa, elas pudessem conquistar o coração do marido para Cristo (1Pe 3.1-2).

Se duvidarmos da sabedoria do conselho de Pedro – ou se acharmos que é impossível seguir o seu conselho –, devemos nos lembrar do exemplo que Pedro dá. Por que devemos continuar a servir as pessoas que nos fazem sofrer? Pedro disse: "pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos" (1Pe 2.21).

Então Pedro observou que Jesus fez exatamente o que Eclesiastes nos instrui a fazer. Governantes furiosos se levantaram contra ele – homens tolos que o trataram com desdém furioso a ponto de o crucificarem. Mas Jesus se recusou a abandonar seu posto de serviço ou de combater a raiva com raiva. Em vez disso, ele realizou calmamente a obra que havia sido chamado a fazer: "quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças" (1Pe 2.23). Por meio de sua reação branda, Jesus apaziguou grandes ofensas, levando nossos pecados para a cruz e perdoando a todos os que confiam nele, incluindo alguns dos homens que o crucificaram.

Agora, Jesus nos chama para seguir seus passos. Quem é a pessoa irada ou tola em sua vida, e como você reagirá? A maneira de glorificar

a Deus é apaziguando as ofensas e mantendo a calma de Cristo.

### *A tolice destruída*

O Pregador nos encoraja ainda mais para uma vida sábia quando nos diz que a tolice é autodestrutiva: "Quem abre uma cova nela cairá, e quem rompe um muro, mordê-lo-á uma cobra. Quem arranca pedras será maltratado por elas, e o que racha lenha expõe-se ao perigo" (Ec 10.8-9).

Kohelet pode estar simplesmente nos dizendo que devemos ser cautelosos. Este mundo não é um lugar seguro, e se formos sábios estaremos sempre atentos ao perigo.

> Aqui, uma pessoa inocente está simplesmente dedicada à sua profissão, e ela se machuca acidentalmente. Essa é a primeira de quatro ilustrações de pessoas que estão apenas fazendo o seu trabalho e que são vitimizadas pelos perigos inerentes à sua profissão. Seus ferimentos são meramente acidentais. Não são um castigo por uma conduta má, e elas não são mencionadas para que uma pessoa sábia os evite; são acidentes inevitáveis.[9]

Certamente, essa interpretação se aplica à vida. Os coveiros nem sempre caem nas covas que eles cavam. Nem sempre cortadores de pedra são machucados por rochas soltas. Mas, às vezes, isso acontece, e isso se encaixa bem naquilo que Eclesiastes diz em outros pontos sobre os muitos infortúnios da vida.

No entanto, não se encaixa tão bem no contexto imediato. O final do capítulo 9 e a maior parte do capítulo 10 tratam de sabedoria e tolice, e isso pode ser o caso também aqui. Abrir uma cova pode ser um ato de violência traiçoeira, e temos exemplos disso na Bíblia. Por vezes, o salmista se queixava de que alguém havia "aberto uma cova" para capturá-lo e matá-lo (p. ex., Sl 35.7).

Nesse caso, porém, o homem tolo (e provavelmente mau) caiu em sua própria cova. Não se tratava de um acidente ou de um infortúnio, mas de um ato de justiça poética e presumivelmente divina.[10] Davi falou sobre um incidente semelhante no salmo 7: "Abre, e aprofunda

uma cova, e cai nesse mesmo poço que faz. A sua malícia lhe recai sobre a cabeça, e sobre a própria mioleira desce a sua violência" (v. 15-16). Algo semelhante acontece ao homem que derruba um muro, desatento ao perigo, rompendo um limite que nunca deveria ser rompido. A tolice pode ser mortal. Nas palavras de Charles Bridges: "O mal cairá sobre as cabeças de seu próprio autor".[11]

Para cada tolice há uma autodestruição igual e oposta. O dependente químico busca a calma da bebida ou a excitação da droga, mas acaba se destruindo. O devasso pecador busca o prazer sexual, mas ao satisfazer seu desejo fora dos laços sagrados do matrimônio, ele acaba espiritualmente insatisfeito. O marido ou a esposa egoísta quer impor a sua própria vontade, mas ao fazê-lo destrói o relacionamento e perde tudo. O pai ou a mãe irritado quer mais controle, mas as emoções irritadas causam um alvoroço, que só leva a um caos maior, mais raiva e menos controle. Essas são algumas das covas da tolice. Abra a cova, e você mesmo cairá nela. Derrube um muro, e a serpente do pecado voltará para picá-lo.

Há uma maneira mais sábia e segura de viver, mas ela exige alguma paciência. O Pregador mostra isso esboçando algumas analogias, uma do ferreiro e outra do encantador de cobras: "Se o ferro está embotado, e não se lhe afia o corte, é preciso redobrar a força; mas a sabedoria resolve com bom êxito. Se a cobra morder antes de estar encantada, não há vantagem no encantador" (Ec 10.10-11).

Quando a Bíblia usa imagens desse tipo, precisamos nos deter para compreendê-las, debruçando-nos sobre elas como sobre enigmas, em vez de lê-las rapidamente como histórias. O versículo 10 compara a sabedoria a um gume afiado. Um machado ou uma espada cega exige mais força, e para partir algo o homem precisa desferir vários golpes. No entanto, é exatamente assim que os tolos vivem. Eles continuam investindo suas forças em seu trabalho ou relacionamentos, mas nunca

fazem qualquer progresso, especialmente no âmbito espiritual. Seria mais sábio afiar o gume, permitindo assim cortar algo com um único golpe.

Portanto, se formos sábios, investiremos o tempo para preparar a lâmina. Esse princípio se aplica à educação. Obtenha o melhor treinamento, aperfeiçoando suas habilidades para um serviço eficaz no reino de Deus. Ele se aplica aos relacionamentos: é muito mais provável que um namoro prudente leve a um casamento bem-sucedido do que um romance tempestuoso. Ele se aplica ao ministério: antes de iniciar algo novo – uma nova igreja, por exemplo – garanta que você tem tudo o que precisa para ser bem-sucedido.

Sua lâmina está afiada? Você está golpeando a vida como um tolo ou permanecendo no gume afiado da sabedoria? Viver sabiamente pode exigir mais tempo no início, mas lhe poupa tempo a longo prazo. Certifique-se de que você possui as ferramentas certas para a tarefa que Deus lhe deu, e então invista o tempo necessário para prepará-las bem.

O versículo 11 é mais difícil de interpretar, mas aparenta dizer praticamente o oposto. Aqui, o perigo está em agir muito lentamente: "uma pessoa capaz de lidar com uma situação difícil (*um encantador*) falha por não agir prontamente (*a serpente morde antes de ser encantada*)".[12] Uma vez encantada, a serpente pode ser controlada. Mas até lá, ela é muito perigosa (há exemplos disso na Bíblia; veja o Sl 58.3-5; Jr 8.17). Logo, é absolutamente vital que o encantador de serpentes se apresse e encante sua cobra antes de ela morder, o que seria ruim para o encantador de cobras. Um atraso tolo e ela voltará para mordê-lo.

Juntos, os versículos 10 e 11 nos mostram por que precisamos da sabedoria de Deus. Às vezes, é importante dar-se mais tempo para preparar. Outras vezes, precisamos agir antes que seja tarde demais. A sabedoria consiste em reconhecer a diferença. Ovídio, o famoso poeta

romano, supostamente afirmou: “Às vezes, é tolice apressar-se; outras vezes, é tolice tardar. Os sábios fazem tudo no momento certo”. Assim, a pessoa sábia nunca chega cedo nem se atrasa, mas é sempre pontual.

Parte dessa sabedoria provém da experiência de vida. Parte provém das conversas com pessoas mais sábias (e normalmente mais velhas) do que nós. Mas a melhor maneira de adquirir verdadeira sabedoria espiritual é ouvir as palavras de Jesus.

Como o Salomão de Eclesiastes, Jesus conhecia a diferença entre tolice e sabedoria. Certa vez, contou uma história para demonstrar a diferença – a história de um homem sábio e de um homem tolo. O homem sábio “edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha” (Mt 7.24-25). O homem tolo não teve tanta sorte. Ele “edificou a sua casa sobre a areia; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína” (Mt 7.26-27).

Jesus acreditava não só que há uma diferença entre sabedoria e tolice; acreditava também que era a diferença entre vida e morte. Mas o que exatamente faz a diferença? O homem sábio construiu sua casa sobre a rocha, mas o que a rocha representava? Segundo Jesus, a pessoa sábia é aquela que “ouve estas minhas palavras e as pratica” (Mt 7.24). O que faz de um tolo um tolo é, acima de tudo, não ouvir as palavras de Jesus e não fazer o que ele diz. Portanto, se formos sábios, edificaremos nossas vidas na rocha sólida de Jesus e sua Palavra – na Palavra que é capaz de tornar-nos “sábios para a salvação pela fé em Cristo Jesus” (2Tm 3.15).

[1] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*. The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 88.

[2] ALLENDER, Dan B. e LONGMAN, Tremper III. *Bold Love*. Colorado Springs: NavPress, 1992, p. 256.

[3] EATON, Michael A. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 133.

[4] BRIDGES, Charles. *A Commentary on Ecclesiastes* (reimpressão 1860). Edimburgo: Banner of Truth, 1961, p. 236.

[5] ALLENDER e LONGMAN. *Bold Love*, p. 263.

[*] N. do R. Uma boa analogia na literatura brasileira é *O alienista,* de Machado de Assis, que narra a história de um médico, Dr. Simão Bacamarte, que na qualidade de psiquiatra abre um sanatório na cidade e acaba internando a todos da cidade por julgar serem todos loucos, até concluir que ele era o mais louco de todos.

[6] LUTHER, Martin. "Notes on Ecclesiastes." In: *Luther's Works*. Trad. e org. Jaroslav Pelikan, 56 vols. St. Louis: Concordia, 1972, vol. 15, p. 157.

[7] EATON. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*, p. 134.

[8] KIDNER. *The Message of Ecclesiastes*, p. 90.

[9] LONGMAN, Tremper III. *The Book of Ecclesiastes*. New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998, p. 244.

[10] Para uma visão contrária, veja WHYBRAY, R. N. *Ecclesiastes*. The New Century Bible Commentary. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989, p. 153: "Esse provérbio nada tem a ver com as passagens do Antigo Testamento que falam sobre os perversos ou maliciosos, que caem nas covas que eles mesmos abriram para causar a destruição de outros".

[11] BRIDGES. *A Commentary on Ecclesiastes*, p. 243.

[12] EATON. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*, p. 136.

# UMA PALAVRA AOS SÁBIOS

*Eclesiastes 10.12-20*



*Nas palavras do sábio há favor, mas ao tolo os seus lábios devoram* (Ec 10.12).

"A entrada ao templo da sabedoria é o conhecimento de nossa própria ignorância." Essa observação muito citada de Charles Spurgeon nos coloca em nosso devido lugar e nos ajuda a saber por onde começar nossa busca de sabedoria. Não somos tão sábios quanto acreditamos ser. Se formos sinceros com nós mesmos e humildes diante de Deus, temos de confessar que nem sempre somos sábios naquilo que dizemos, naquilo que fazemos com o nosso dinheiro ou na forma com que respondemos à tentação. Tendemos a fazer comentários tolos, despesas irrefletidas e decisões imprudentes. Se quisermos ser mais sábios, precisamos começar reconhecendo nossa tolice. Apenas assim estaremos prontos para crescer na sabedoria de Deus.

Eclesiastes nos convida a entrar no templo da sabedoria divina. O Pregador tem nos mostrado a diferença entre a sabedoria e a tolice na vida diária, ajudando-nos em muitas situações práticas que exigem sabedoria. No fim do capítulo 10, ele continua na mesma direção, ensinando-nos sobre o emprego sábio de palavras (v. 12-14,20), sobre o exercício sábio de liderança (v. 16-17) e o investimento sábio do nosso esforço (v. 18-19).

***Palavras sábias***

Em algum momento, todo mestre sábio tem algo a dizer sobre aquilo que dizemos, pois o modo como empregamos as nossas palavras é "a prova de fogo da sabedoria".[1] Se a boca falar apenas o que estiver no coração, então toda vez que dissermos algo revelaremos a sabedoria ou a tolice dentro dele.

A pessoa sábia fala sabedoria. O Pregador diz: "Nas palavras do sábio há favor" (Ec 10.12). Isso pode significar simplesmente que alguém que fala com sabedoria conquistará uma boa reputação. Ninguém sabia disso melhor do que Salomão, que se tornou famoso no mundo inteiro por sua sabedoria real. Mas talvez devamos interpretar o versículo de forma mais literal. A palavra "favor" é, na verdade, a palavra hebraica para "graça" (*hen*), um favor não merecido. As palavras de uma pessoa sábia demonstram esse tipo de graça em relação a outras pessoas – são mensagens de bênção.

A mensagem desse versículo, então, não é que o discurso sábio nos renderá algo *dos* outros (isto é, seu favor), mas que ele nos capacita a dar algo *aos* outros (isto é, o amor gracioso de Deus): "As palavras da boca do sábio são cheias de graça" (Ec 10.12 ARIB).

Isso é exatamente o oposto da maneira como a maioria das pessoas usa as palavras na maior parte do tempo. As palavras têm o poder de nos ajudar a conseguir o que queremos. Nós as usamos para provocar uma risada, para atrair a atenção ou para fazer com que alguém faça algo por nós. Usamos nossas palavras para conseguir um emprego ou uma namorada (ou um namorado, respectivamente). Usamos nossas palavras para nos edificar e derrubar outras pessoas. Mas usamos nossas palavras como instrumentos da graça? Falamos para o bem dos outros ou como uma forma de alcançar os nossos próprios objetivos?

Uma pessoa sábia tarda a falar (Ec 6.11 NVI; cf. Tg 1.19), pois às vezes é melhor calar a boca. A sabedoria escolhe cada palavra com cuidado. Mas quando falamos, há muitas coisas sábias que podemos

dizer. Como aplicação veja algumas das muitas maneiras sábias de falar, não como lista de regras para obedecer, mas como um estilo de vida desejável:

- Uma pessoa sábia oferece louvor verbal e ações de graça audíveis a Deus – não amaldiçoando, mas abençoando-o. Isso é sábio porque nos lembra quem somos. Somos criaturas feitas à imagem de Deus e criadas para lhe dar glória. Se "o temor do SENHOR é o princípio do saber" (Pv 1.7), então uma das primeiras maneiras de demonstrar sabedoria é falando ou cantando palavras de adoração.
- Quando uma pessoa sábia fala com outras pessoas, ela usa mais palavras de encorajamento do que de crítica. Normalmente, a maneira de revelar o que há de melhor em outras pessoas não é apontando seus erros, mas edificando-as. Em vez de se gabar, a pessoa sábia usa as palavras para fazer com que as outras pessoas fiquem bem.
- Uma pessoa sábia fala "a verdade com o seu próximo" (Ef 4.25), não a usando para sua própria vantagem, mas dizendo o que precisa ser dito com amor. Isso inclui se manifestar contra a injustiça e confrontar alguém que esteja fazendo alguma coisa errada, se isso é o que Deus nos chama a fazer. A pessoa sábia usa palavras sábias para dizer duras verdades quando estas precisam ser ditas – o que a Bíblia chama de "palavra a seu tempo" (Pv 15.23; cf. 25.11).
- Uma pessoa sábia fala com mansidão, jamais em ira injusta. A sabedoria espera até as emoções ficarem sob controle. Então, as palavras que falamos podem oferecer graça autêntica. Segundo o livro de Provérbios, "o coração do justo medita o que há de responder, mas a boca dos perversos transborda maldades" (15.28).
- Uma pessoa sábia também sabe usar palavras reconciliadoras como "sinto muito" e "por favor, perdoe-me". Contudo, há

momentos em que somos chamados para nos defender, mas uma pessoa sábia nunca é defensiva, mas sempre se contenta em dar uma resposta calma e então permitir que Deus se vingue em seu devido tempo. Uma pessoa sábia também não ataca com observações cruéis ou ácidas, mesmo quando provocada, sabendo que é a "resposta branda" que "desvia o furor" (Pv 15.1).

- Uma pessoa sábia fala palavras de amor e afeto. Por exemplo, um marido sábio não se contenta em deixar seus atos falarem por si mesmos, mas transmite segurança à sua esposa afirmando seu amor. Às vezes, a sabedoria é tão simples quanto dizer: "eu te amo".

Essas são algumas das muitas maneiras como a sabedoria se expressa. Você está escolhendo as suas palavras sabiamente? Infelizmente, a maioria de nós não é tão sábia quanto deveria ser. O que, então, precisamos para ser mais sábios naquilo que dizemos?

Já que "a boca fala do que está cheio o coração" (Mt 12.34), a fala sábia exige um coração que transborda do amor de Deus. Lembre-se daquilo que o Pregador disse no início desse capítulo: um coração sábio tende a fazer a coisa certa (Ec 10.2). Portanto, a fala sábia só pode vir de um coração sábio, e esta é uma dádiva de Deus, cujo Filho vive em nosso coração por meio da fé (Ef 3.17).

*Um coração sábio é um coração humilde*: ele teme a Deus e coloca os outros em primeiro lugar. Quando temos esse tipo de coração, é natural que usemos nossas palavras para louvar a Deus e transmitir a sua graça para os outros. *Um coração sábio é um coração verdadeiro*: ele usa nossas palavras para uma fala mansa e suave. *Um coração sábio é um coração que ama* – um coração que fala palavras de afeto.

Em outras palavras, uma pessoa sábia tem o coração de Jesus e, por isso, fala palavras que demonstram sua graça. Se houve um homem que falou palavras de sabedoria, este homem foi Jesus Cristo. A Bíblia diz

que, quando ele falava, as pessoas se "maravilhavam das palavras de graça que lhe saíam dos lábios" (Lc 4.22). Isso correspondia à profecia messiânica do salmo 45.2 – que Deus derramaria graça nos lábios do Salvador. Correspondia também à sabedoria de Eclesiastes: "Nas palavras do sábio há favor" (10.12). Jesus falava assim porque seu coração era perfeitamente humilde, amoroso e verdadeiro. Quando pedirmos que o Espírito Santo nos dê o coração de Jesus, ele nos capacitará a falar palavras de sua sabedoria e graça.

***Palavras tolas***

As palavras de um tolo não são tão sábias assim. Para nos ajudar a reconhecer a diferença entre a sabedoria e a tolice, Kohelet menciona alguns dos muitos problemas que resultam do discurso tolo. Na verdade, ele gasta mais tempo falando sobre os lábios do tolo do que sobre a boca de um homem sábio, provavelmente porque a fala representa uma área de santificação tão difícil para a maioria de nós. O apóstolo Tiago disse: "Se alguém não tropeça no falar, é perfeito varão" (Tg 3.2). Mas quem jamais consegue ser tão perfeito?

O Pregador menciona várias áreas de perigo para o discurso tolo, e elas representam desafios para todos nós. Para começar, as palavras de um tolo são *autodestrutivas*. Em vez de lhe trazerem favor, como no caso do homem sábio, "ao tolo os seus lábios devoram" (Ec 10.12). Literalmente, suas palavras o comem. Quando o tolo abre a boca para dizer algo, as suas palavras saem e se viram imediatamente contra ele para engoli-lo.

Palavras destroem de muitas maneiras. Às vezes, um tolo diz algo que o põe numa encrenca. Suas palavras impensadas irritam alguém, e essa pessoa o destrói. Às vezes, um tolo diz algo que destrói um relacionamento. Ele desatentamente revela algo que não deveria ter sido dito. Mas uma vez dito, o prejuízo está feito. Há milhares de maneiras para palavras tolas destruírem aquele que as diz.

O Pregador nos dá um exemplo específico no final do capítulo: “Nem no teu pensamento amaldiçoes o rei, nem tampouco no mais interior do teu quarto, o rico; porque as aves dos céus poderiam levar a tua voz, e o que tem asas daria notícia das tuas palavras” (Ec 10.20).

Uma das coisas mais arriscadas que uma pessoa tola pode fazer com suas palavras é criticar uma pessoa em posição de autoridade – nesse caso, pessoas com poder e influência política. Em alguns países, criticar o governo é tratado como traição. Isso se aplica especialmente a monarquias absolutas, que, em tempos bíblicos, teria incluído a maioria das nações. Fofoque sobre o governo – até mesmo em secreto – e suas palavras podem causar problemas para você. Amaldiçoar líderes políticos já é errado, algo que os cristãos que vivem em uma democracia precisam lembrar antes, durante e depois de um ciclo de eleição. Como diz a lei de Moisés: “não amaldiçoarás o príncipe do teu povo” (Êx 22.28). Mas além de serem erradas, as nossas críticas tolas podem voltar para nos assombrar.

Aqui o Pregador usa a imagem antiga e familiar de um pássaro que ouve o que é dito e depois o repete para outra pessoa. Ele não está afirmando que pássaros têm o poder da fala, é claro, mas está usando uma metáfora familiar para a propagação rápida da tolice: “um passarinho me contou”. Diga algo estúpido, e antes de você perceber, o mundo inteiro já o sabe.

Por isso, cuidado com o que diz! Mais cedo ou mais tarde, aquilo que dizemos sobre uma pessoa será repetido por outra pessoa, com variados graus de precisão. Uma vez que as palavras saem de sua boca, não controlamos mais para onde elas vão. Se a palavra errada chegar ao ouvido da pessoa errada, as consequências podem ser graves. Como é fácil enviar uma mensagem eletrônica, mas como é difícil consertar os danos causados por palavras que insultam outra pessoa ou que são sexualmente inapropriadas. Seria mais sábio nem pensar essas coisas,

muito menos dizê-las, especialmente porque Deus conhece todos os nossos pensamentos (p. ex., Sl 139.4).

Palavras tolas não são apenas autodestrutivas, elas são também *más*. O versículo 13 descreve uma queda livre: "As primeiras palavras da boca do tolo são estultícia, e as últimas, loucura perversa". No início, as palavras do tolo eram apenas tolas, o que já era ruim, mas então passam de mal a pior. Quando termina, o tolo já alcançou a "loucura perversa" – uma expressão que indica depravação moral e deficiência mental.

É importante não se acostumar a usar palavras tolas. A princípio, o discurso do tolo pode parecer apenas tolo, mas ele não permanece nesse nível por muito tempo. Uma pessoa que é tola o bastante para contar uma "pequena mentira inofensiva" ou dizer algo pelas costas de alguém não vai parar por aí. Logo, o tolo usará palavras de forma cada vez mais destrutiva. Se formos sábios, ficaremos atentos à nossa fala, cientes de que a tolice é o caminho para a depravação.

Tampouco permitiremos que palavras tolas não sejam corrigidas quando saírem da boca dos nossos filhos. Paul Tripp oferece um conselho sábio em seu livro *War of Words* [Guerra de palavras], um guia prático para discernir a fala sábia da fala tola. Aqui está a lista de perguntas do Dr. Tripp para uma autoavaliação:

> Ouça a fala que ocorre em sua casa. Quanto dessa fala é impaciente e indelicada? São frequentes as palavras faladas a partir do egoísmo e dos desejos pessoais? Ocorrem facilmente explosões de ira? Os erros passados são geralmente trazidos à tona? Falhamos em comunicar esperança? Falhamos em proteger? Nossas palavras carregam ameaças de que estamos "cheios" e a ponto de desistir? Pare e ouça, e você verá quanto precisamos elevar a nossa fala para alcançar esse padrão de amor, e também quão frequente a verdade que professamos tem sido distorcida pelo nosso pecado.[2]

Existe mais um problema com as palavras do tolo: elas são *presunçosas*. Em outras palavras, os tolos fazem alegações arrogantes e atrevidas sobre o que sabem e sobre o que farão, mas eles são incapazes

de fundamentar suas palavras com conhecimento ou atos. Assim o Pregador diz: “O estulto multiplica as palavras, ainda que o homem não sabe o que sucederá; e quem lhe manifestará o que será depois dele?” (Ec 10.14).

Normalmente, tolos têm uma opinião bastante forte; tendem a ser prolixos. Por alguma razão, o tolo raramente se contenta em manter a sua tolice para si mesmo, insistindo em compartilhá-la com outros. As palavras se multiplicam. Os tolos não param, mesmo quando não sabem do que estão falando. Platão disse certa vez: “Homens sábios falam porque têm algo a dizer; os tolos falam porque precisam dizer algo”.

Uma das muitas coisas sobre as quais os tolos gostam de falar é o futuro. Ninguém sabe o que há de acontecer nos dias por vir, mas por alguma razão isso não impede o tolo de predizer o futuro. Alguns tolos possuem teorias elaboradas sobre desastres globais. Outros têm grandes planos para o futuro. Se prestar atenção, eles estão sempre a um passo de ganhar na loteria ou de conseguir o seu emprego dos sonhos. Eles se gabam de um “negócio fechado” antes mesmo de fechar o negócio. Tudo isso é muito estúpido, pois se há uma coisa que não podemos presumir é conhecer o futuro.

Se formos sábios, seguiremos o conselho de Tiago, que soa como se ele conhecesse Eclesiastes:

> Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo (Tg 4.13-15).

Para evitar o mal, a presunção e a autodestruição do discurso tolo, precisamos escolher nossas palavras com cuidado:

> Vencer a guerra das palavras envolve escolher as nossas palavras cuidadosamente. Não se trata das palavras que dizemos, mas também das palavras que escolhemos não dizer.

> Vencer a guerra significa estarmos preparados para dizer a coisa certa no momento certo, exercendo domínio próprio. Significa recusar a deixar a nossa fala ser dominada pela paixão e pelo desejo pessoal, mas em vez disso comunicar os propósitos de Deus em vista. Significa exercitar a fé necessária para sermos parte do que Deus está fazendo naquele momento.[3]

### *Governo sábio e tolo*

Até aqui, o Pregador tem falado sobre como empregar as nossas palavras. No versículo 16, ele passa a contemplar outra área em que há uma ausência desesperadora de sabedoria espiritual e na qual a sua oferta não costuma ser grande – no exercício da liderança política. O governo é um tema recorrente em Eclesiastes, e isso é uma das razões pelas quais muitas pessoas acham que o livro foi escrito pelo próprio rei Salomão. Aqui ele diz que a liderança sábia é uma bênção, mas que o governo tolo é uma maldição: "Ai de ti, ó terra cujo rei é criança e cujos príncipes se banqueteiam já de manhã. Ditosa, tu, ó terra cujo rei é filho de nobres e cujos príncipes se sentam à mesa a seu tempo para refazerem as forças e não para bebedice" (Ec 10.16-17).

Esses versículos contam a história de um desastre nacional, com uma pessoa completamente incompetente na liderança. A palavra "criança" pode sugerir que o governante é ainda jovem, como uma criança-rei. Em ocasiões raras, isso pode ser uma bênção. Um exemplo notável é o rei Josias, que ascendeu ao trono de Judá na idade de 8 anos. A Bíblia diz que ele, aos 16 anos de idade, "começou a buscar o Deus de Davi, seu pai" (2Cr 34.3). No entanto, Josias deve ser a exceção que prova a regra, pois na maioria dos casos, líderes sem experiência geram todo tipo de problemas.

Contudo, a palavra "criança" (*na'ar*) não se limita a pessoas abaixo de certa idade. Pode referir-se, sobretudo num contexto político, a uma pessoa mais velha, mas ainda imatura. O rei Salomão usou a palavra nesse sentido quando assumiu o trono de Israel. "Não passo de uma criança", ele disse, reconhecendo sua falta de experiência antes de pedir

a Deus a sabedoria para governar (1Rs 3.7). O filho de Salomão, Roboão, não foi tão sábio assim. Apesar de já ter alcançado os 41 anos de idade quando assumiu o trono (2Cr 12.13), ele não fazia ideia do que estava fazendo. Sua corte era corrupta, seu julgamento não era são, e logo seu reino seria dividido.

Para mostrar os problemas que uma liderança imatura pode criar para um país, Kohelet descreve uma corte real onde príncipes gananciosos festejam toda manhã. O Pregador não está falando sobre um café da manhã rico, mas sobre um banquete real que inclui álcool o bastante para se embriagar. Em vez de se levantar de manhã para melhorar e defender seu país, esses príncipes caem em estupor embriagado. Eles têm "uma abordagem dissoluta e preguiçosa à vida, com ênfase em luxúria e indulgência pessoal".[4]

Um exemplo notável da história europeia é Carlos XII, que se tornou rei da Suécia quando era ainda adolescente. A conduta selvagem de Carlos e seus amigos incluía cavalgar pelo apartamento de sua avó, derrubar pessoas nas ruas da cidade e praticar tiro com armas de fogo atirando pelas janelas do palácio. Como reação a isso, todos os principais pregadores de Estocolmo decidiram pregar sobre Eclesiastes 10.16 no mesmo domingo, declarando: "Ai de ti, ó terra cujo rei é criança e cujos príncipes se banqueteiam já de manhã".[5]

O Pregador não está dizendo que há algo de errado com uma festa apropriada no momento certo para o propósito certo. O versículo 17 elogia os membros da corte que se sentam para uma boa refeição e assim renovam as suas forças para sua obra real. Afinal de contas, a mesa do rei deve ser preparada para uma festa real, coisa que Salomão conhecia tão bem quanto qualquer um. Mas a Bíblia sempre condena o tipo de má conduta descrita no versículo 16: festas excessivas, especialmente de manhã (p. ex., Is 5.11), e embriaguez em qualquer

ocasião (p. ex., Pv 23.20). Condena também pessoas que usam sua posição de privilégio para prazeres egoístas.

As palavras do Pregador nos chamam para um governo sábio. Podemos aplicar as suas palavras a nações e a reinos. Os políticos que governam para a vantagem pessoal trazem desastres para o povo que lideram. Ai de qualquer nação caracterizada pela diversão pecaminosa, pela indulgência preguiçosa e pelo abuso excessivo de álcool e outras drogas, especialmente entre seus líderes nacionais.

Podemos aplicar os mesmos princípios também ao contexto pessoal. Existe um tempo e um lugar para festejar na vida cristã. Mas existe também o perigo de gastar a nossa vida vivendo pelos nossos prazeres. Como você passa as suas manhãs? Aqui está uma palavra aos sábios: levante-se cedo para fazer o trabalho do reino que Deus lhe deu. Qual é sua relação com comida e álcool? Aqui está outra palavra aos sábios: não coma e beba em excesso pecaminoso, mas pratique o autocontrole pelo poder do Espírito Santo. "Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo", dizem as Escrituras, "e nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências" (Rm 13.14).

Se quisermos nos governar com sabedoria, faremos bem em seguir o exemplo do nosso Rei. Mesmo que o versículo 17 não seja uma profecia direta de Jesus Cristo, ele descreve adequadamente sua sabedoria e o caráter de seu reino. Como Filho de Davi e Filho de Deus, Jesus é duplamente "filho da nobreza". Ele sabia quando festejar, como o fazia com seus discípulos. Mas sua primeira prioridade era a obra do reino de Deus. Portanto, em muitas ocasiões ele jejuou, alimentando-se apenas da Palavra de Deus (p. ex., Lc 4.1-4).

Como filhos renascidos de Deus, somos príncipes e princesas de seu reino. Deveríamos saber quando festejar, o que inclui a realização regular da Ceia do Senhor e também as celebrações ocasionais da vida

cristã, sendo que todas elas nos lembram de que o nosso Rei tem um banquete à nossa espera no céu.

Deveríamos aprender também quando *não* festejar, que é uma parte importante da vida para Cristo. Isso inclui abster-se de toda embriaguez, que nos esvazia do Espírito Santo (Ef 5.18). Mas inclui também outras formas de jejum, durante as quais dizemos não aos prazeres do mundo para encontrar satisfação apenas em Deus. Jesus Cristo é o maior prazer da alma, mas para descobrir isso por nós mesmos, às vezes precisamos jejuar durante um tempo dos prazeres inferiores, que podem nos distrair do reino de Deus (como comer comida boa, por exemplo, ou assistir a esportes ou fazer algo que esteja exercendo domínio em nosso coração). Segundo o Novo Testamento (p. ex., Mt 6.16-18), esse tipo de jejum deveria ser parte regular da vida cristã. É um tipo de autogoverno – uma maneira sábia de viver em dependência maior do Senhor, nosso Deus. É também uma maneira sábia de seguir o exemplo de Jesus Cristo, que não serviu aos seus próprios desejos, mas se entregou para a nossa salvação por meio da morte na cruz.

### *Trabalhar com sabedoria*

O último assunto ao qual o Pregador se dedica em Eclesiastes 10 é um tema ao qual ele antes já se referiu (Ec 2.18-26) – o sábio investimento dos esforços. O tema do trabalho surgiu quando falou sobre os príncipes que tomam champanhe de manhã em vez de trabalhar para o seu reino (Ec 10.16). Surgiu também no versículo 15, quando disse: "O trabalho do tolo o fatiga, pois nem sabe ir à cidade".

Ironicamente, um tolo preguiçoso se cansa de seu trabalho – não porque esteja trabalhando muito, mas porque está brincando quando deveria estar trabalhando. Isso é uma descoberta importante para uma pessoa que se cansa rapidamente no trabalho, mas nunca tem nada a mostrar daquilo que fez. Ficar brincando no trabalho apenas cansa a

alma, pois lá no fundo sabemos que deveríamos ser mais produtivos. O sentimento de culpa que resulta é cansativo (principalmente quando percebemos que ainda temos muito trabalho a fazer e que já deveríamos ter feito). O homem sábio fica energizado ao trabalhar muito; seu serviço para o Senhor satisfaz a sua alma. Mas o tolo fica exausto. Ele pode tentar convencer a si mesmo (e aos outros) de que está trabalhando muito, quando, na verdade, ele está se cansando sem fazer nada.

Talvez não seja surpreendente que o tolo nunca tenha aprendido a trabalhar. Afinal de contas, o coitado está tão perdido que nem sabe chegar à cidade. Esse parece ser o sentido do versículo 15. As pessoas podem ter dificuldades de achar uma cidade pequena, mas é difícil não encontrar uma metrópole. Mas, de alguma forma, o tolo consegue se perder no caminho. "Assim começa a emergir a imagem", escreve Derek Kidner, "de um homem que dificulta desnecessariamente as coisas para si mesmo por causa de sua estupidez".[6] O tolo parece chegar a nenhum lugar na vida. Ele também não irá longe na vida vindoura, mas se perderá em algum ponto em seu caminho para a cidade eterna de Deus.

O resultado final de toda essa preguiça se evidencia claramente no versículo 18, com sua imagem memorável de uma casa caindo aos pedaços: "Pela muita preguiça desaba o teto, e pela frouxidão das mãos goteja a casa". Uma casa sempre precisa de alguma manutenção. Negligencie cuidar do seu telhado, e logo cada tempestade será uma oportunidade para abrir o guarda-chuva dentro de casa. O Pregador imagina um tolo tão preguiçoso que prefere que toda sua casa desabe antes de ele subir numa escada para consertar o telhado.

Essa imagem de decadência fatal nos ajuda a reconhecer que a preguiça é um pecado mortal. Ela destrói a nossa alma, que é preguiçosa demais para buscar o seu próprio progresso espiritual. Mas essa não é a única coisa que a preguiça destruirá. Ela destruirá um

relacionamento quando as pessoas se interessarem apenas por si mesmas e deixarem de investir muito na intimidade. Ela destruirá uma igreja que descansa sobre o que já conquistou em vez de fazer tudo que ainda pode fazer por Cristo. A preguiça pode até destruir um reino, especialmente quando as pessoas reivindicam mais direitos do que responsabilidades. Apenas um tolo negligenciaria algo tão importante quanto a santificação pessoal ou a unidade da família ou o serviço eficiente para a igreja e a nação.

Ao contrário do tolo preguiçoso, um indivíduo trabalhador tem tudo o que necessita. Às vezes, o versículo 19 é criticado por assumir uma abordagem cínica às necessidades e aos prazeres da vida. Nesse contexto, porém, ele demonstra a sabedoria do trabalho duro em comparação com a loucura do ócio preguiçoso. O Pregador diz: "O festim faz-se para rir, o vinho alegra a vida, e o dinheiro atende a tudo".

Evidentemente, o dinheiro tem seus limites, razão pela qual a Bíblia nos adverte com frequência a não confiar nele (p. ex., Hb 13.5) ou adorá-lo (p. ex., Mt 6.24). Mas de um ponto de vista prático, o que o Pregador diz é verdade: quando temos dinheiro, podemos comprar tudo que precisamos. O pão é uma necessidade diária. Um bom vinho é um prazer delicioso. Mas quando temos dinheiro, podemos comprar pão e vinho e qualquer outra coisa que precisamos ou desejamos. Segundo Charles Bridges, a uma pessoa que tem dinheiro "não falta nada que este mundo possa dar. Ele lhe dá mil vantagens – não apenas facilidades, mas também conveniências, indulgências e belezas da vida".[7]

Há outra coisa que o dinheiro pode fazer, que é avançar o reino de Deus sustentando o ministério de uma igreja local e sua obra missionária ao redor do mundo. Uma pessoa sábia trabalha muito para ganhar o suficiente para não só pagar suas necessidades diárias, mas

também para honrar a Deus celebrando as coisas boas deste mundo e fazendo um vultoso investimento na obra do reino de Deus.

***Um exemplo sábio***

Quando penso em tudo que uma vida sábia envolve, lembro-me muitas vezes de Frank Ryken, meu avô do lado paterno. O avô Ryken teve de abandonar a escola após o oitavo ano, e, em decorrência disso, seus filhos e netos conseguiram graus acadêmicos e conquistas intelectuais que ele jamais compreendeu. Mas duvido que qualquer um de nós jamais o supere em sabedoria.

O avô Ryken foi sábio o bastante para temer a Deus, que é o começo da sabedoria, e também para crer em Jesus Cristo, que é a sabedoria de Deus. Meu avô tardava a falar, mas quando falava, costumava dizer algo importante – sobre seu trabalho diário, o clima (que é sempre algo sério para um fazendeiro), amigos e família ou o ministério da igreja no qual servia como presbítero. Quando minha avó multiplicava as palavras, como fazia de vez em quando, ele dizia de modo sábio e alegre: "Bem, mãe...", e ela entendia que era o limite para uma fala santa.

Meu avô nunca especulava sobre o futuro, mas se contentava em deixar sua vida e tudo que amava nas mãos de seu Deus soberano. Até mesmo em sua aposentadoria, ele continuava a trabalhar muito. Ele não se cansava com esforços tolos, mas dormia bem e se levantava cedo para trabalhar mais um dia. Como a maioria dos fazendeiros, ele tinha habilidades que lhe permitiam fazer quase tudo, inclusive fazer a manutenção de sua propriedade. Nenhum de seus telhados gotejava. Ele tinha tudo o que precisava para viver, mais dinheiro do que necessário para sustentar a obra de sua igreja. Sua mesa de fazendeiro era um lugar para festas saudáveis de carne fresca, milho, molho de maçã e tortas de cereja. Toda essa comida boa foi recebida com ações de graças,

consagrada por meio da oração e muitas vezes compartilhada com muitos convidados que adoravam visitar sua casa.

Portanto, de seu jeito simples, meu avô viveu o tipo de vida que Eclesiastes nos ensina. Ele era sábio em sua fala, sua liderança e seu trabalho. Tudo que o Pregador disse sobre esse tipo de homem é verdade. Suas palavras lhe renderam o favor do louvor de seus filhos. Em seu devido tempo, ele assumiu seu lugar no último e maior banquete. Agora, pela graça de Deus, ele é um príncipe na casa do Rei – daquele Filho nobre, o Senhor Jesus Cristo. Vida e risos pertencem a ele para sempre, e também são *seus* para sempre se você ouvir o sussurro do Espírito Santo e crer nas palavras que Deus fala aos sábios.

[1] EATON, Michael A. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 136.

[2] TRIPP, Paul David. *War of Words: Getting to the Heart of Your Communication Struggles*. Phillipsburg, NJ: P&R, 2000, p. 229 [TRIPP, Paul David. *Guerra de palavras*. Trad. Jonathan Hack. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 208 (N. do E.)].

[3] *Ibid*., p. 200 [TRIPP, Paul David. *Guerra de palavras*. Trad. Jonathan Hack. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 184 (N. do E.)].

[4] EATON. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*, p. 137.

[5] A história do jovem Carlos XII é narrada por DAVIS, Dale Ralph em *The Wisdom and the Folly: An Exposition of the Book of First Kings*. Fearn, Ross-Shire: Christian Focus, 2002, p. 188.

[6] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*. The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 93.

[7] BRIDGES, Charles. *A Commentary on Ecclesiastes* (reimpressão 1860). Edimburgo: Banner of Truth, 1961, p. 259.

# NUNCA SE SABE

*Eclesiastes 11.1-6*



*Semeia pela manhã a tua semente e à tarde não repouses a mão, porque não sabes qual prosperará; se esta, se aquela ou se ambas igualmente serão boas* (Ec 11.6).

Às vezes, é tentador perguntar-se se qualquer coisa que façamos por Deus realmente importa. Oramos por um amigo, mas nossas orações são respondidas? Damos dinheiro para ajudar os pobres, mas isso realmente muda suas vidas? Compartilhamos o evangelho, mas alguém é salvo por causa disso? Nunca se sabe, ou é assim, pelo menos, que nos sentimos.

No entanto, há também momentos em que conseguimos vislumbrar um pouco daquilo que Deus está fazendo quando algo que fizemos por Jesus faz uma diferença na vida de alguém. Um presbítero da Igreja Presbiteriana de Mississippi teve essa experiência na Europa Oriental. A cada ano, ele viajava para a Ucrânia para pregar nas ruas e evangelizar de porta em porta. Algumas pessoas respondiam ao evangelho; outras, não, mas até mesmo aquelas que oravam para receber Cristo desistiam de segui-lo num discipulado cristão.

Certo dia, o presbítero saiu com seus amigos e pediu a um estranho para que ele tirasse sua foto. Depois de tirar a foto, o homem teve algo a dizer:

> Você não deve se lembrar de mim, mas quatro anos atrás você veio ao meu apartamento e compartilhou as boas novas de Jesus Cristo, como ele havia morrido por pecadores como eu. Eu fiz aquela oração, mas simplesmente repeti aqueles gestos para agradar a minha mãe. Fiquei numa condição muito ruim durante mais ou menos dois anos depois disso. Eu

> perdi toda a esperança. Estava usando drogas, bebendo e querendo apenas me matar, mas pela misericórdia de Deus me lembrei daquilo que você me dissera, que Cristo havia morrido pelos pecadores e que havia dado o seu sangue por meus pecados. Orei mais uma vez e dessa vez fui sincero. Ele realmente entrou em meu coração. Fui libertado. Às vezes, você deve se perguntar se aquilo que faz realmente importa. No meu caso, Deus o usou para salvar minha vida e minha alma.[1]

Mesmo quando não sabemos como Deus usará nosso trabalho para avançar o seu reino, devemos continuar a orar, continuar a servir e continuar a esperar, "sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão" (1Co 15.58). O Pregador adota essa perspectiva em Eclesiastes 11, em que ele nos instrui a viver com ousadia, não permitindo que as incertezas da vida nos impeçam de assumir os riscos por meio da fé para a glória de Deus. A melhor parte da sabedoria espiritual não é cautela, mas coragem por meio de Cristo.

### *Lança o teu pão sobre as águas*

O capítulo começa com duas ordens difíceis de interpretar. As ordens em si são simples ("lança" e "reparte"), mas as imagens poéticas desses versículos são difíceis de definir: "Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás. Reparte com sete e ainda com oito, porque não sabes que mal sobrevirá à terra" (Ec 11.1-2).

O que, exatamente, Kohelet pretende transmitir quando diz: "Lança o teu pão sobre as águas?" A imagem sempre me deixou curioso quando eu era garoto, pois eu acreditava que a Bíblia estava falando no sentido literal. Eu imaginei pães frescos sendo levados pelo rio, ficando cada vez mais encharcados ou talvez envoltos em plástico colorido. Mas se o rio levasse o pão, quem o encontraria? E se alguém o encontrasse "após muitos dias", quem iria querer comê-lo? Ele estaria mofado. Por que, então, não ficar com o pão em vez de jogá-lo na água?

Alguns comentaristas acreditam que esses versículos tratam da filantropia: o Pregador está nos encorajando a ser generosos com os pobres.

O pão "lançado... sobre as águas" significa compartilhar com uma pessoa que precisa de ajuda. A mensagem é que, se formos generosos com os outros quando estes estiverem necessitados, nós também receberemos ajuda em tempos de dificuldade. Alguns comentaristas comparam a imagem com um antigo provérbio árabe: "Faça uma boa ação e jogue-a no rio; quando ele secar, você a encontrará".[2] Outros se lembram das palavras de Jesus: "dai, e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão" (Lc 6.38).

Semelhantemente, repartir com os sete ou oito mencionados no versículo 2 também pode se referir a uma oferta aos pobres. Em tempos bíblicos, era comum que uma família compartilhasse um banquete com vizinhos necessitados. Por exemplo, quando Esdras leu a lei de Deus em Jerusalém e o povo celebrou, Neemias lhes disse: "Ide, comei carnes gordas, tomai bebidas doces e enviai porções aos que não têm nada preparado para si; porque este dia é consagrado ao nosso Senhor" (Ne 8.10). Repartir significa então compartilhar as coisas boas da vida. Repartir com sete seria o cúmulo da generosidade. Repartir com oito significa fazer ainda mais: significa fazer tudo que podemos para ajudar os outros, sem usar o medo de algum desastre futuro como desculpa para ser avarento, mas dar e dar e dar ainda mais. Martinho Lutero disse: "Seja generoso com todos enquanto puder, use suas riquezas para fazer o bem sempre que puder".[3]

Há, porém, outra maneira de interpretar esses versículos – não como chamado para a filantropia generosa, mas como chamado para a indústria prudente. Segundo essa interpretação, as imagens dos versículos 1-2 provêm do comércio e da agricultura.

Alguns comentaristas mais antigos acreditavam que a imagem de lançar pão se referia a semear sementes numa planície inundada. Charles Bridges usou a inundação anual do Nilo como exemplo: "O

momento certo para semear é quando as águas começam a retroceder, deixando um leito lamacento, em que a semente aparentemente perdida fica depositada e produz a ceifa mais abundante".[4] Segundo essa interpretação, aquilo que uma pessoa encontra após muitos dias é a ceifa de trigo. Assim, o fazendeiro obtém um bom retorno pelo plantio da semente, mesmo sendo um pouco difícil entender por que o Pregador descreveria isso como "lançar pão" em vez de lançar sementes.

No entanto, há uma interpretação mais provável. "Lançar pão sobre as águas" significa investir em comércio internacional, enviando seu trigo ou qualquer outro produto pelos mares, para então aguardar o retorno dos navios com bens valiosos de terras estranhas. Achá-los "depois de muitos dias" significa, portanto, receber a recompensa por ter assumido o risco de um investimento sábio. Sem risco não há ganho.

O Pregador nos convida a tratar dos negócios espirituais da mesma forma. Aquilo que investimos no reino de Deus – nosso tempo, nossos talentos, nosso tesouro – jamais se perde. Mas se quisermos as bênçãos que Deus ama nos dar, precisamos exercitar a nossa fé:

> Navios em viagens comerciais podiam demorar muito antes de produzir qualquer lucro. No entanto, os bens precisavam ser confiados a eles. A frota de Salomão, que trazia "ouro, prata, marfim, bugios e pavões" (1Rs 10.22), partia uma vez a cada três anos. Semelhantemente, o pregador chama seus leitores a aceitarem a vida das mãos de Deus e a desfrutá-la a despeito de suas provações e perplexidades. Esse tipo de vida contém em si os elementos de confiança e aventura (*lança*), exige um compromisso total (pois *teu pão* é usado no sentido de "bens, subsistência" como em Dt 8.3; Pv 31.14) e contém uma expectativa (*acharás*), uma recompensa que exige paciência (*depois de muitos dias*).[5]

A mensagem do versículo 2 é semelhante, mas um pouco diferente: "Repartir com sete ou oito" é uma maneira de dizer: "não aposte tudo em uma carta". No mundo financeiro, isso seria chamado de "diversificar os investimentos". Em vez de se limitar a um único produto ou serviço, muitas empresas tentam ampliar seus interesses.

Uma das principais razões para adotar essa estratégia é que "não sabes que mal sobrevirá à terra". Mais uma vez Kohelet nos lembra dos

mistérios do futuro e dos muitos infortúnios da vida – guerra, pestes, fome e colapso financeiro. Em vez de simplesmente arriscar tudo, devemos planejar para um futuro incerto e, possivelmente, infeliz. Se formos sábios, diversificaremos os nossos investimentos. Esperamos que, se um investimento não der certo, ele será compensado por outra fonte de renda com mais sorte.

Há maneiras de aplicar esse conselho financeiro sólido às questões espirituais do reino de Deus. A preocupação de Kohelet, escreve Michael Eaton, é "que o homem sábio invista tudo que tem na vida de fé".[6] Em vez de agarrar-nos àquilo que temos, acumulando tudo para nós mesmos – que é o erro cometido pelo homem com um talento na parábola contada por Jesus (Mt 25.24-28) – Deus nos convida a sermos investidores de seu reino. Não se trata exclusiva ou primariamente de dinheiro. Trata-se de ter uma ousadia santa para repartir com sete (ou até mesmo oito) o evangelho e então esperar que o navio de Deus retorne. Algumas das coisas que tentamos podem não dar certo (ou pelo menos parecerem não dar certo naquele momento) – alguns dos ministérios que iniciamos, por exemplo, ou igrejas que plantamos, ou esforços que fazemos para compartilhar as boas novas da cruz e do túmulo vazio. Mas jamais devemos parar de investir o evangelho para onde quer que formos. Sempre que nos dedicamos aos negócios do reino, oferecemos ao Espírito Santo algo que ele pode usar e, muitas vezes, ele usa para salvar as almas das pessoas.

### *O vento e as nuvens*

Algumas pessoas – incluindo muitos cristãos – têm uma postura completamente diferente em relação aos negócios espirituais. Temem tanto qualquer risco que ficam esperando as condições perfeitas para fazer a obra que Deus lhes atribuiu. Às vezes, acabam esperando para sempre. "Estando as nuvens cheias, derramam aguaceiro sobre a terra;

caindo a árvore para o sul ou para o norte, no lugar em que cair, aí ficará. Quem somente observa o vento nunca semeará, e o que olha para as nuvens nunca segará" (Ec ١١.٣-٤).

Esses dois versículos nos advertem daquilo que acontecerá se não obedecermos as ordens dos versículos 1-2. Se não investirmos sabiamente e não darmos com generosidade, jamais faremos qualquer trabalho espiritual produtivo que resulte numa ceifa para o reino. Para demonstrar isso, o Pregador imagina um fazendeiro no campo. As nuvens estão carregadas de chuva – parte de um ciclo familiar na natureza. Lá perto, uma árvore caiu ao chão, possivelmente em decorrência de uma tempestade. Não há nada que o fazendeiro possa fazer em relação à chuva ou à árvore; esses eventos naturais e aparentemente aleatórios estão além do seu controle pessoal.

O que o fazendeiro pode controlar é o tempo em que ele semeará a sua semente e ceifará o seu trigo. Mas esse fazendeiro está parado – observando os ventos e as nuvens, sem cultivar o seu campo. Aparentemente, está tentando adivinhar a hora certa para semear ou para colher o seu trigo. Apesar de existir um "tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou" (Ec 3.2), esse homem parece não conhecer o tempo. Lá atrás, no capítulo ١٠, o Pregador nos apresentou um dono de casa tolo que era preguiçoso demais para consertar seu telhado (v. ١٨). O fazendeiro no capítulo ١١ também se recusa a trabalhar, mas ele é outro tipo de tolo. Ele continua observando e esperando, mas nunca semeia ou colhe. Por que não? Porque em vez de fazer seu trabalho ele continua esperando por condições melhores.

Ao nos apresentar esse fazendeiro, o Pregador nos dá uma advertência prática que podemos aplicar a muitas situações na vida. Como você reage quando as coisas parecem estar além de seu controle ou quando você tem razões para temer que algo ruim possa acontecer? Algumas pessoas ficam paralisadas com o medo. Ou elas adiam seus

planos. Em vez de fazerem o que sabem que deveriam fazer, elas ficam adiando as coisas. Sempre existe uma desculpa plausível para o adiamento: talvez o tempo esteja melhor amanhã.

Enquanto pensarmos dessa forma, jamais realizaremos qualquer coisa na vida. Na época de semear, sempre existe uma possibilidade de que a chuva não venha, caso em que a semente secará e morrerá. Na época da ceifa, há sempre a possibilidade de uma tempestade cair antes de conseguirmos recolher toda a ceifa. Não há garantias na vida. "Tudo depende do tempo e do acaso" (Ec 9.11). Nunca se sabe. Mesmo assim, diz o Pregador, você nunca colherá se não semear.

Em vez de contemplar o vento e as nuvens, imaginando todas as dificuldades e esperando por circunstâncias melhores, devemos tentar e fazer o que pudermos com aquilo que Deus nos deu na vida. Siga o sonho que você acredita ter recebido de Deus como seu chamado para a vida. Envolva-se no ministério. Demonstre misericórdia com uma pessoa que esteja passando por necessidades. Comece uma amizade com um vizinho e ore para que Deus use esse relacionamento para levá-lo a Cristo.

Não adie as coisas por medo, mas avance com fé – não com a fé de que seus próprios esforços serão bem-sucedidos, necessariamente, mas com a fé de que Deus usará o que você estiver oferecendo e usará isso para a glória dele. Mas independentemente daquilo que você fizer, não use a soberania de Deus ou as dificuldades incertas da vida como desculpa para ficar de braços cruzados. "Se há riscos em tudo", escreve Derek Kidner, "é melhor fracassar na tentativa do que ficar guardando seus recursos para si mesmo".[7] Quando se trata da obra do reino, deveríamos sempre ser investidores, dispostos a assumir riscos para a glória de Deus (por exemplo Lc 19.11-27).

***Os mistérios da providência***

O capítulo 11 começou com a ordem de "lançar" e "repartir", mesmo sem saber que bênçãos ou desastres nos esperam no futuro (Ec 11.1-2). Depois, o Pregador nos advertiu daquilo que vai acontecer se nos recusarmos a agir, como o fazendeiro que observa o tempo, mas nunca cultiva o seu campo (Ec 11.3-4).

Agora, no versículo 5, ele usa uma analogia para nos lembrar de quão pouco conhecimento temos em comparação com Deus, e isso preparará sua ordem final que, basicamente, repete o que ele já disse nos versículos 1-2. Aqui, então, está a analogia do Pregador: "Assim como tu não sabes qual o caminho do vento, nem como se formam os ossos no ventre da mulher grávida, assim também não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas".

A palavra "espírito" (*ruach*) é traduzida aqui como "vento", como no versículo 4. Assim, o Pregador faz duas analogias. A primeira analogia aponta para o vento como uma analogia para os propósitos misteriosos de Deus: não sabemos de onde o vento soprará. Jesus usou a mesma analogia quando ensinou a Nicodemos sobre nascer de novo, o mistério da regeneração: "O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito" (Jo 3.8).

No entanto, é igualmente provável, ou até mais provável, que o Pregador esteja falando sobre o espírito humano e sobre como ele anima o corpo humano. Que mistério divino se desdobra quando uma criança cresce no ventre de sua mãe. Talvez saibamos mais do que Salomão sobre o crescimento de uma criança desde a concepção até o nascimento, mas esse conhecimento não diminui nosso senso de maravilha. Na verdade, quanto mais sabemos sobre a vida no ventre, mais incrível tudo parece. Uma pessoa completamente nova (às vezes, mais do que uma) cresce dentro do corpo de outra pessoa. Digo "pessoa" porque o Pregador afirma claramente que a criança no ventre

não é apenas um corpo, mas também um espírito vivo. Quem poderia explicar o mistério de como a vida de uma alma anima a carne, sangue e ossos? Fomos realmente criados de modo "assombrosamente maravilhoso" (Sl 139.14).

Contudo, essa não é a única obra de Deus que transcende nossa compreensão. O Pregador usa os mistérios do ventre como analogia para todos os outros milagres que ultrapassam o pensamento humano – os mistérios da criação e da providência de Deus.

Veja a criação de Deus. Em 2004, o telescópio espacial Hubble fotografou uma faixa minúscula do espaço por meio de exposições prolongadas, que duraram mais de onze dias. Depois, os astrônomos contaram as galáxias capturadas pela fotografia. Naquela pequena subseção do universo havia dez mil galáxias, e cada uma contém cem bilhões de estrelas. Quem pode explicar como todas essas estrelas vieram a existir? Ou no outro extremo da escala, onde os cientistas estão tentando descobrir evidências tangíveis da "última" partícula atômica, o Bóson de Higgs. No entanto, assim que conseguirem observá-lo – se é que algum dia conseguirão – eles se perguntarão se existe algo ainda menor. Sim, Deus "faz coisas grandes e inescrutáveis e maravilhas que não se podem contar" (Jó 5.9). O universo todo está cheio de mistérios, desde o interior de um átomo até a estrela mais distante e tudo que existe entre esses dois extremos.

O que Deus faz em nossas vidas não é menos misterioso. Por que ele tirou algo de nós que esperávamos poder guardar, ou por que ele nos dá algo que nunca quisemos ter? Por que as nossas orações não são respondidas e nossos sonhos não se realizam? Mas existem também mistérios mais felizes, incluindo o mistério da nossa própria salvação. O que fez o Filho de Deus querer sofrer e morrer por nossos pecados, tomando sobre si a nossa culpa e a vergonha na cruz, onde ele morreu despido e totalmente abandonado? Por que Deus escolheu justamente a

nós para crer em Jesus e receber vida em seu nome? Como o Espírito Santo nos capacitou a crer que a Bíblia é realmente a Palavra de Deus?

E há também os mistérios que envolvem o trabalho da igreja. Por que o evangelho se espalha mais rápido num lugar do que em outro? Qual é o plano de Deus para as vastas nações de povos que estão perdidas no pecado? Por que a igreja perseguida parece produzir mais frutos espirituais? O que Deus está fazendo na terra? Ao contemplar esse tipo de perguntas, acabamos concordando com o testemunho do Pregador, segundo o qual não sabemos "as obras de Deus, que faz todas as coisas" (Ec 11.5).

### *Colher o que você semeia*

Esses grandes mistérios nos chamam para a humildade. Sempre que nos deparamos com algo que somente Deus conhece, somos lembrados de que ele é Deus e que nós não o somos. Esses mistérios nos chamam também para a fé. Quando não sabemos o que Deus está fazendo, podemos tranquilamente confiar que *ele* sabe o que está fazendo. Mas o Pregador usa os mistérios de Deus como um chamado para a obediência fiel. Aqui está a sua ordem final: "Semeia pela manhã a tua semente e à tarde não repouses a mão, porque não sabes qual prosperará; se esta, se aquela ou se ambas igualmente serão boas" (Ec 11.6).

Algumas pessoas usam os caminhos misteriosos de Deus como desculpa para desistir de seu trabalho ou reter seu testemunho. Se Deus é soberano sobre tudo no universo, incluindo o que acontecerá no futuro, por que então se importar com qualquer coisa?

Eclesiastes nos ensina a optar pela abordagem contrária. Pode ser verdade que, para parafrasear esta passagem, "nunca se sabe", mas é igualmente verdade que "você nunca colherá se nunca semear". Portanto, trabalhe muito para o reino de Deus. Viva com ousadia e criatividade. Tente algo novo! Seja um empreendedor espiritual. Mesmo

não tendo certeza absoluta se aquilo funcionará, faça de tudo para servir a Cristo num mundo que precisa desesperadamente do evangelho. Trabalhe muito desde cedo até tarde, aproveitando ao máximo seu tempo oferecendo a Deus todo o seu dia de trabalho. Depois entregue a ele os resultados, sabendo que ele usará seu trabalho como achar melhor.

A exortação prática do Pregador de semear a boa semente não vale apenas para os fazendeiros, é claro. Ela se aplica a muitas áreas da vida. Mas a Bíblia usa com frequência a imagem de semear e colher para falar sobre aquilo que fazemos com a Palavra de Deus. Jesus contou uma parábola famosa sobre um fazendeiro que semeou suas sementes sobre quatro tipos de solo diferentes. Quando explicou essa parábola aos discípulos, ele lhes disse que "o semeador semeia a palavra" (Mc 4.14). De todas as coisas que precisamos semear a mais importante é, portanto, a Palavra viva de Deus.

Semeamos a Palavra quando a lemos, estudamos e memorizamos para nós mesmos, ouvindo a voz de Deus. Semeamos a Palavra quando a ensinamos aos nossos filhos na hora de dormir ou no momento de uma refeição. Semeamos a Palavra quando damos uma Bíblia a alguém ou quando usamos um versículo simples da Bíblia com um amigo que precisa conhecer a Jesus. Semeamos a Palavra quando a levamos para a prisão, para a casa de repouso ou para o campus da faculdade ou da universidade. Semeamos a Palavra quando apoiamos a sã pregação bíblica em nossa própria congregação e também por meio de missões e ministérios que propagam o evangelho pelo mundo afora. Não há um único meio de compartilhar o evangelho;
a melhor maneira é fazê-lo de todas as maneiras possíveis.

De vez em quando podemos nos perguntar se qualquer ministério do evangelho jamais consegue realizar qualquer coisa. Mas a Bíblia nos

encoraja com muitas promessas maravilhosas sobre a obra que o Espírito Santo fará com a Palavra de Deus:

> *Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus*
> *e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra,*
> *e a fecundem, e a façam brotar,*
> *para dar semente ao semeador e pão ao que come,*
> *assim será a palavra que sair da minha boca:*
> *não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz*
> *e prosperará naquilo para que a designei* (Is 55.10-11).

> Aquele que semeia pouco pouco também ceifará; e o que semeia com fartura com abundância também ceifará (2Co 9.6).

> E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos (Gl 6.9).

Jesus Cristo é o Senhor da ceifa, que virá em seu devido tempo. Isso era assim em sua própria vida e ministério. Jesus disse: "Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto" (Jo 12.24). Jesus estava falando sobre a sua própria morte na cruz e seu sepultamento na terra, e também da ressurreição que se seguiu. Jesus não semeou apenas palavras, mas a sua própria vida quando ofereceu seu sangue na cruz pelos nossos pecados. A ceifa de sua obra salvífica é perdão e vida eterna para todos que crerem nele. Jesus não reparte sua graça com sete ou até mesmo oito, mas com milhões e milhões de pecadores que se voltam para ele em fé e arrependimento.

Agora Jesus nos enviou para que nós também semeemos um pouco. Ele é o surpreendente Senhor da ceifa (surpreendente para nós, não para ele). Nem sempre sabemos o que Deus fará com aquilo que semeamos. Mas se continuarmos semeando, virá o dia em que Deus ceifará uma safra de salvação.

Um dos meus exemplos favoritos da ceifa surpreendente de Deus é a conversão de Luke Short aos tenros 103 anos de idade. Short estava

sentado sob uma sebe em Virgínia quando se lembrou de um sermão que havia ouvido do famoso puritano John Flavel. Ao lembrar-se do sermão, Short pediu que Deus lhe perdoasse seus pecados naquele instante, por meio da morte e da ressurreição de Jesus Cristo. Ele viveu por mais três anos, e quando morreu, as seguintes palavras foram gravadas em sua lápide: "Aqui jaz um bebê na graça, de três anos de idade, que morreu segundo a natureza aos 106 anos de idade". Mas a parte mais notável da história é esta: o sermão que o Sr. Short lembrou havia sido pregado 85 anos atrás, na Inglaterra! Passou-se quase um século entre o sermão de Flavel e a conversão de Short, um século entre semear e colher.[8]

Portanto, lance seu pão sobre as águas. Reparta com sete ou até mesmo oito. De manhã, semeie a semente e, à noite, não recuse a sua mão. Nunca se sabe o que Deus fará; mas você nunca colherá se nunca semear.

[1] Essa é a história do ministério do presbítero Bo Bowen, compartilhada por seu pastor Dr. Ligon Duncan, da First Presbyterian Church em Jackson, Mississippi.

[2] Esse provérbio é citado em EATON, Michael A. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 140.

[3] LUTHER, Martin. "Notes on Ecclesiastes." In: *Luther's Works*. Trad. e org. Jaroslav Pelikan, 56 vols. St. Louis: Concordia, 1972, vol. 15, p. 171.

[4] BRIDGES, Charles. *A Commentary on Ecclesiastes* (reimpressão 1860). Edimburgo: Banner of Truth, 1961, p. 263.

[5] EATON. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*, p. 140.

[6] *Ibid*.

[7] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*, The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 97.

[8] Veja FLAVEL, John. *The Mystery of Providence*. Edimburgo: Banner of Truth, 1963, p. 11.

25

# JOVENS E VELHOS

*Eclesiastes 11.7–12.7*



> *Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais dirás: Não tenho neles prazer* (Ec 12.1).

Segundo a Associação Norte-Americana de Cirurgia Plástica Estética, seus cirurgiões realizam mais do que dez milhões de procedimentos cosméticos cada ano, sendo que quase nenhum é medicamente necessário. A jornalista Beth Teitell expressa uma preocupação com toda essa plástica, não porque fosse inseguro ou tolo, mas porque isso a fará parecer mais velha do que outras mulheres de sua idade. Num livro chamado *Drinking Problems at the Fountain of Youth* [Problemas de bebida na fonte da juventude], Teitell comenta que ninguém está a salvo desse medo, nem mesmo os ricos:

> Conheço mulheres que trabalharam muito para conseguir entrar numa boa faculdade, recorreram aos seus contatos para conseguir bons empregos, se casaram bem, têm filhos que poderiam posar como modelos para os comerciais de Ralph Lauren, que passam as férias nas ilhas certas com as toalhas de banho certas e as herdeiras certas – são donas de Cessnas, pelo amor de Deus – e, ainda assim, se elas têm rugas na testa e marcas de linhas no lábio superior, e boca de boneca, enquanto essas ao seu redor são mais lisas do que os lençóis Pratesi recém-passados, o que vale tudo isso? Em uma só palavra: nada.[1]

Sabendo disso ou não, Teitell está enfrentando uma das idolatrias predominantes dos tempos modernos – o culto à juventude. Para pessoas que sabem que estão envelhecendo, a adoração desse deus exige esforços infinitos para permanecer jovem. Mas muitas pessoas jovens adoram essa mesma deidade. Em vez de respeitar os mais velhos, elas

desprezam pessoas ou ideias que lhes parecem antiquadas. Querem apenas o novo e aquilo que está na moda. Elas têm dificuldades de imaginar que também envelhecerão. Se pudessem escolher, prefeririam morrer antes.

Eclesiastes pode ajudar tanto os jovens quanto os velhos e aqueles que se encontram entre os dois extremos. O Pregador que escreveu esse livro nos ensina a celebrar as alegrias da vida em qualquer idade. Mas ele é também franco sobre os problemas que vêm com a idade. Pela sabedoria do Espírito, ele oferece uma série de chamados que podem nos ajudar a viver bem, por mais jovens ou velhos que sejamos – dois chamados para regozijar, um para remover e outro para lembrar.

***Doçura e luz***

O primeiro chamado é para regozijarmos na bondade da vida, mesmo sabendo que a vida é vaidade. O Pregador diz: "Doce é a luz, e agradável aos olhos, ver o sol. Ainda que o homem viva muitos anos, regozije-se em todos eles; contudo, deve lembrar-se de que há dias de trevas, porque serão muitos. Tudo quanto sucede é vaidade" (Ec 11.7-8).

Esse chamado se dirige principalmente aos mais velhos – pessoas que já viveram "muitos anos". É bom encontrar alegria nos prazeres da vida. Muitas coisas na vida são "doces", como o gosto do mel dourado ou as dobras macias da pele na nuca de um bebê ou o som da bola quando encontra o lugar certo no taco de beisebol. Muitas coisas na vida são também brilhantes – como os primeiros raios de sol num mar cintilante, o arco-íris diante de nuvens escuras, uma fogueira numa noite de verão, as luzes cintilantes da nossa casa após uma longa viagem. Como a vida é doce, e como brilham suas muitas bênçãos.

Que alegria, então, é viver muitos anos – não só porque isso nos dá mais tempo para servir ao Senhor semeando e ceifando (veja Ec ١١.١-٦), mas também porque isso nos dá mais oportunidades para

desfrutar a bondade da vida. Lembro-me com frequência das palavras de um velho fiel que estava sentindo os efeitos da idade. Quando fiquei preocupado que ele poderia ficar desencorajado, ele disse: “De forma alguma, pois com o Senhor a vida só fica cada vez melhor!”. Para o cristão fiel, uma vida longa é uma bênção de Deus (Sl ٩١.١٦).

A maneira certa de reagir é regozijar. Louve a Deus pela bondade da vida. Louve-o pela coisa doce que você prova e cada coisa brilhante que vê. O Deus vivo é o Senhor da luz. Quando ele disse: “Haja luz” (Gn 1.3) houve luz, e essa luz tem brilhado desde então. Segundo os profetas, “nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas” (Ml 4.2). Agora o Deus da luz merece o nosso louvor. Devemos louvar a Deus como Francisco de Assis, quando disse: “Seja louvado, meu Senhor, por todas as criaturas, especialmente pelo Irmão Sol, que traz a cada dia; tu dás a luz por meio dele. E ele é lindo e radiante em todo seu esplendor! A ti, Altíssimo, ele é semelhante”.[2]

Mas mesmo quando nos regozijamos, precisamos lembrar que a vida inclui mais do que doçura e luz, algo que Kohelet nunca nos deixa esquecer. Se vivermos “muitos anos”, ele diz, devemos nos lembrar “que há dias de trevas, porque serão muitos” (Ec 11.8), e sentiremos o gosto também daquilo que é amargo na vida, tanto quanto aquilo que é doce. Mais cedo ou mais tarde, sofreremos perda, decepção, injustiça e tristeza. “Tudo quanto sucede”, inclusive os anos em que ficamos velhos e grisalhos, “é vaidade” (Ec 11.8). No início de Eclesiastes, soubemos que “tudo é vaidade” (Ec 1.2). Se a vida não tem alegrias e prazeres irrestritos, então por que deveria ser diferente nos nossos anos avançados?

Alguns comentaristas acreditam que o Pregador está confuso aqui, que ele está “dando conselhos contraditórios segundo os quais seus leitores deveriam desfrutar a vida, mas também se lembrar de que morrerão”.[3] Isso não é confusão, mas lucidez. Eclesiastes nos oferece

uma visão realista da vida, que se alegra com os prazeres felizes e, ao mesmo tempo, mantém-se numa postura sóbria em relação às muitas tristezas. O livro se recusa firmemente a nos mostrar nada menos do que a vida toda como ela realmente é.

Quando o Pregador nos diz que teremos muitos dias de trevas, ele não está sendo cínico ou tentando estragar toda a nossa alegria. Em vez disso, está nos instruindo a desfrutar a vida ao máximo enquanto pudermos. "Os dias de trevas" qualificam aquilo que diz sobre regozijar-se na luz, mas não o nega. Até o fim dos nossos dias haverá doçura no mundo, e por isso seremos chamados a nos regozijar. Não tenha a vida como certa. Não se queixe de todos os seus problemas, como algumas pessoas idosas costumam fazer. Mas receba cada novo dia como o fez o salmista, ao dizer: "Este é o dia que o SENHOR fez; regozijemo-nos e alegremo-nos nele" (Sl 118.24).

***Jovens de coração***

O chamado para regozijar não se dirige apenas aos idosos, mas também aos jovens. Enquanto os idosos devem louvar a Deus pela duração de seus dias, os jovens devem louvar a Deus pela força de sua juventude. Daí o segundo chamado do Pregador: "Alegra-te, jovem, na tua juventude, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade; anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração e agradam aos teus olhos" (Ec 11.9).

Pessoas jovens desfrutam de muitas bênçãos na vida. Elas têm menos daquelas preocupações que vêm com as responsabilidades do adulto. Seus corpos são fortes e ficam cada vez mais fortes. Seus corações estão cheios de alegria e riso fácil. O futuro lhes promete muitas possibilidades. Elas têm a liberdade de assumir riscos e tempo para seguir uma nova direção na vida. Os jovens ainda ousam sonhar que

conseguem fazer uma diferença no mundo. Tudo isso são razões para o jovem regozijar.

No entanto, mais uma vez o Pregador aconselha cautela. O que ele diz sobre seguir seu coração poderia levar algumas pessoas a acreditar que elas podem fazer o que bem quiserem, o que é, francamente, como muitos jovens pensam. Eles pensam, em primeira instância, em si mesmos. Esperam que todos se subordinem à sua agenda. Vivendo pelo momento, eles não pensam nas consequências dos seus atos. Compram por impulso. Em vez de arrumarem a bagunça que causam, deixam um caos por onde passam. Desfrutam do prazer imediato do sexo, sem assumir o compromisso amoroso a longo prazo do casamento. Para deixar claro que os jovens são chamados para a santidade, o Pregador diz: "anda pelos caminhos que satisfazem ao teu coração e agradam aos teus olhos; sabe, porém, que de todas estas coisas Deus te pedirá contas" (Ec 11.9).

O Pregador sabe que os jovens enfrentam muitas tentações. Ele acredita também que Deus é um juiz justo que pedirá contas daquilo que fazemos. Por isso, ele nos lembra que, toda vez que seguirmos nosso coração e fizermos o que nos parece bom, temos de responder a Deus pelo que fizemos. Principalmente os jovens deveriam estar atentos "à concupiscência da carne, à concupiscência dos olhos e à soberba da vida" (1Jo 2.16). O Pregador não diz isso para sugar toda a alegria da vida ou para nos passar a impressão de que Deus está à nossa espreita, mas para nos lembrar de que vivemos na presença de Deus e que somos chamados para nos alegar nele.

A palavra "juízo" no final do versículo 9 é, na verdade, "*o* juízo", e pode, portanto, referir-se ao último de todos os juízos – ao grande dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgará os segredos dos homens (Rm 2.16). Esse dia pode parecer distante – distante demais para fazer alguma diferença em nossas decisões diárias. Mas o Juiz está sempre

próximo. Ele vê tudo o que fazemos. Deus "perscruta até as extremidades da terra, vê tudo o que há debaixo dos céus" (Jó 28.24). Isso significa que tudo o que fazemos e tudo o que decidimos importa para a eternidade. Como gastamos nosso dinheiro, o que fazemos com nosso corpo, como usamos nosso tempo, o que decidimos em relação ao futuro, como lidamos com nossos relacionamentos – tudo que tocamos, saboreamos, ouvimos e vemos – tudo isso importa ao Juiz e, por isso, deveria importar também a nós.

Regozije com responsabilidade. Desfrute dos prazeres da vida, mas não de forma pecaminosa. Celebre o dom da juventude, mas, ao mesmo tempo, siga o mandamento de Deus de "fugir, outrossim, das paixões da mocidade. Segue a justiça, a fé, o amor e a paz com os que, de coração puro, invocam o Senhor" (2Tm 2.22).

***Remédio contra a dor***

Após seu chamado dirigido aos idosos e aos jovens, incentivando-os a regozijar, o Pregador faz um chamado para remover: "Afasta, pois, do teu coração o desgosto e remove da tua carne a dor, porque a juventude e a primavera da vida são vaidade" (Ec 11.10).

Com essas palavras, o Pregador nos aconselha a eliminar as coisas ruins da vida que perturbam o nosso corpo e a nossa alma. Um "desgosto" ou "constrangimento" é qualquer problema que nos cause preocupações, que "enfurece, entristece ou irrita".[4] É a "amargura provocada por um mundo duro e decepcionante".[5] Não faz muito sentido apresentar uma lista de exemplos. Com tantos problemas no mundo, seria difícil saber por onde começar e por onde terminar. Além do mais, os desgostos são diferentes para cada um de nós. O que enfurece ou irrita uma pessoa pode não irritar ou enfurecer a outra. No entanto, todos nós concordamos que a vida é repleta de desgostos. É

também cheia de dor física.[6] Seja por causa de doenças, acidentes ou deficiências, todos nós sofremos dores físicas.

Mais uma vez o Pregador está sendo sincero em relação aos problemas da vida, tanto físicos quanto psicológicos. Ele também tem um conselho para nós: devemos fazer o que pudermos para remover o desencorajamento da nossa alma e minimizar o dano ao nosso corpo. Isso não é um chamado para negar o sofrimento real de qualquer experiência. Tampouco é um chamado para escapar da dor vivendo pelo prazer. É antes um chamado para cuidar de nossa saúde física e mental.

Se estivermos desencorajados por causa dos diversos desânimos e se estivermos tentados a ceder à depressão ou desilusão, devemos fazer o que o Pregador diz e remover esses desgostos do nosso coração. Isso começa com a nossa recusa de sentir pena de nós mesmos. Em vez de remoer tudo aquilo que está dando errado, devemos contar as bênçãos. Devemos também buscar o apoio de um pastor ou o conselho de amigos cristãos – irmãos e irmãs em Cristo que se sensibilizem com a nossa situação, mas que também sejam capazes de reconhecer a nossa situação como é e nos dizer o que precisamos ouvir, especialmente das Escrituras.

Mas o melhor remédio contra o desgosto é ir a Deus em oração e confiar a ele todos os nossos problemas. “Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças.” A essa ordem segue então uma promessa: “E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e a vossa mente em Cristo Jesus” (Fp 4.6-7). A maneira bíblica de remover nosso desgosto é entregar todas as nossas preocupações a Deus.

Se nossos sofrimentos forem de natureza física, é certo e bom buscar uma maneira para aliviar a dor. Quando a Bíblia nos instrui a remover

a dor, ela não está nos dando a permissão de afogar as nossas tristezas no álcool ou usar drogas que destroem a vida. Mas a dor física é um mal que devemos evitar, se pudermos fazê-lo de forma que honre a Deus. Eclesiastes 11.10 fornece então parte do argumento bíblico para uma boa assistência médica.

Uma das razões pelas quais o Pregador nos instrui a remover a dor e o desgosto é que ele sabe que não podemos permanecer jovens para sempre: "a juventude e a primavera da vida são vaidade" (Ec 11.10). Isso não significa que a juventude não tenha sentido. O Pregador já nos disse que devemos regozijar na nossa juventude e desfrutar seus muitos prazeres. Mas a juventude é vã ou vazia (*hebel*) no sentido de ser efêmera e fugaz. É como a fumaça que se dissolve no ar ou como a neblina que desaparece ao nascer do sol. Num dia somos jovens e fortes, mas antes de nos darmos conta, esses dias já se passaram. Assim, o Pregador nos aconselha a viver livres de preocupações enquanto pudermos.

Isso não é cinismo ou pessimismo, mas realismo em relação às limitações da vida humana. Na verdade, podemos até dizer que se trata de um tipo de otimismo, pois o Pregador está nos ajudando a aproveitar a vida ao máximo. Deus "tudo fez formoso em seu devido tempo" (Ec 3.11). Há um tempo para ser jovem e forte, e enquanto estivermos nessa estação da vida, devemos celebrar as suas bênçãos.

Lembro de ter provado o gosto desse tipo de alegria na quadra de basquete quando eu tinha mais ou menos 25 anos de idade. Eu acabara de percorrer a quadra e fiz uma cesta de três pontos – uma das melhores sensações da vida. Quando voltei para o campo para jogar na defesa, pensei: "Aproveite essa sensação agora e louve a Deus por ela, pois o dia virá em que você não poderá mais jogar basquete". Conhecer a vaidade da vida me ajudou a desfrutar o jogo ainda mais e, ao mesmo tempo, ajudou-me a me preparar um pouco para a idade. Deus me deu

a graça de desfrutar da minha juventude e de aprender a sabedoria para envelhecer.

Tudo que o Pregador disse aos jovens sobre regozijar na vida, sobre remover a dor e o desgosto, e sobre amar a Deus em vez de viver pelos desejos da juventude se expressa muito bem no hino majestoso de Margaret Clarkson:

> *Nós te adoramos, Senhor Cristo*
> *Nosso Salvador e nosso Rei,*
> *Trazemos a ti em adoração*
> *Nossa juventude e nossa força:*
> *Enche o nosso coração, para que todos vejam*
> *Tua vida em nós e se voltem para ti.*[7]

### *Essa velha casa*

A última instrução do Pregador se dirige principalmente aos jovens, mas talvez as pessoas que melhor a entendam sejam os mais velhos. É um chamado para lembrar-se: "Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais dirás: Não tenho neles prazer" (Ec 12.1).

Aqui, Kohelet está nos chamando para uma vida centrada em Deus, fazendo do Deus que fez o universo a nossa primeira e mais alta prioridade. Na verdade, essa é a chave para todas as outras coisas às quais ele nos chamou nessa passagem. A razão pela qual somos capazes de nos regozijar nos longos anos da vida ou então na nossa juventude e força é porque cada dia é uma dádiva do nosso Deus Criador. A razão pela qual precisamos andar em caminhos santos é porque o nosso Criador é também o nosso Juiz. O melhor remédio contra a dor ou o desgosto é entregar toda a nossa preocupação ao Deus que nos fez e sabe tudo sobre nós. Tudo que o Pregador diz nessa passagem supõe e exige a presença íntima de Deus.

Lembrar-se de Deus significa viver toda a nossa vida para ele. Significa lembrar-se de Deus em todas as circunstâncias – incluí-lo em

todos os nossos planos, louvá-lo por todas as suas bênçãos e orar a ele em todos os nossos problemas. Essa lembrança, escreve Derek Kidner, "não é um ato superficial ou meramente mental; significa abandonar nossa pretensão ou autossuficiência e entregar-nos a ele".[8]

O melhor momento na vida para fazer isso é quando ainda somos jovens o bastante para entregar toda a vida ao serviço de Deus. Não espere até estar tão velho que não terá mais desejo de fazer qualquer coisa porque a vida já perdeu todo o seu prazer. Em vez disso, entregue sua vida a Deus agora, enquanto ainda tiver a paixão suficiente para fazer alguma diferença no mundo. Lembre-se de Deus quando estiver em casa ou na escola. Lembre-se dele quando estiver ao ar livre em sua criação ou dentro de casa, na cozinha ou no quarto. Lembre-se dele quando estiver trabalhando e jogando – jogando beisebol ou tocando violino. Não se esqueça de Deus, mas lembre-se dele em tudo que fizer.

Para ajudar a demonstrar essa mensagem, o Pregador nos dá um dos poemas mais memoráveis da Bíblia. O poema trata da realidade da mortalidade. Um professor de literatura o chamaria de "esboço de personagem" – "uma descrição generalizada e figurativa da idade em suas manifestações físicas".[9] Acontece que é também um dos poemas mais lindos escritos sobre o processo de envelhecer. O momento para lembrar-nos do Criador é:

> antes que se escureçam o sol, a lua e as estrelas do esplendor da tua vida, e tornem a vir as nuvens depois do aguaceiro; no dia em que tremerem os guardas da casa, os teus braços, e se curvarem os homens outrora fortes, as tuas pernas, e cessarem os teus moedores da boca, por já serem poucos, e se escurecerem os teus olhos nas janelas; e os teus lábios, quais portas da rua, se fecharem; no dia em que não puderes falar em alta voz, te levantares à voz das aves, e todas as harmonias, filhas da música, te diminuírem; como também quando temeres o que é alto, e te espantares no caminho, e te embranqueceres, como floresce a amendoeira, e o gafanhoto te for um peso, e te perecer o apetite (Ec 12.2-5).

O versículo 2 compara os problemas da idade com a vinda de uma tempestade. Dia e noite são escurecidos por nuvens, e depois da chuva,

as nuvens de tempestade voltam a se formar. É isso que acontece quando as pessoas envelhecem. Quando somos jovens, ainda há tempo para o céu clarear, mas quando somos velhos, sofremos um problema após o outro, sem ou com pouco tempo de recuperação. A luz da vida enfraquece. Derek Kidner diz que essa cena é

> sombria o bastante para nos fazer compreender não só o enfraquecimento das forças físicas e mentais, mas também as desolações mais gerais da idade avançada. Há muitas luzes que funcionam e depois têm de ser retiradas, além daqueles sentidos e faculdades na medida em que, um após o outro, velhos amigos são levados, hábitos familiares mudam e esperanças nutridas durante muito tempo são abandonadas.[10]

Os versículos 3-5 comparam uma pessoa idosa com uma casa que, aos poucos, decai.[11] "Os guardas da casa" são os braços de uma pessoa, que começam a tremer. "Os homens fortes" são as pernas, que se curvam com a idade. "Os moedores" são os dentes, é claro, caso ainda tenha sobrado alguns. "As janelas" são os olhos ofuscados pela catarata ou por uma perda geral de visão. "As portas" são os ouvidos que estão surdos ou não ouvem bem e assim se fecham para a agitação e o alvoroço de uma rua agitada. Michael Eaton acredita que "o ato de moer o trigo deve ter sido um sinal comum e alegre de que pessoas mais jovens estavam trabalhando, enquanto os mais velhos se viam cada vez mais excluídos da atividade da vida diária".[12] "As filhas da música" são as cordas vocais que não têm mais a força elástica para produzir a doce música. Já que amendoeiras costumam ser pálidas na primavera, a expressão "floresce a amendoeira" indica que o cabelo de alguém se tornou grisalho por causa da idade.

E esses não são os únicos problemas que o envelhecer traz. Segundo o versículo 4, pessoas idosas sofrem de insônia; levantam-se com o canto dos pássaros, antes do amanhecer. Segundo o versículo 5, têm medo – medo de cair ou de serem atacadas na estrada. Sofrem de diminuição do desejo, que pode incluir o desejo sexual, mas não se limita a ele. Lembramo-nos do lamento do velho Barzilai quando o rei

Davi o convida ao palácio real em Jerusalém: “Oitenta anos tenho hoje; poderia eu discernir entre o bom e o mau? Poderia o teu servo ter gosto no que come e no que bebe? Poderia eu mais ouvir a voz dos cantores e cantoras?” (2Sm 19.35).

Então, certo dia, a velha casa ruirá. O Pregador nos prepara para isso com a imagem do gafanhoto no versículo 5. Normalmente, os gafanhotos saltam no ar. Por isso, um gafanhoto que duramente se arrasta pelo chão é um caso perdido. No entanto, o mesmo destino espera a todos nós – não só o enfraquecimento pela idade, mas também a poeira da morte. Essa também é uma razão para que nos lembremos do nosso Criador quando ainda estivermos jovens: “porque vais à casa eterna, e os pranteadores andem rodeando pela praça; antes que se rompa o fio de prata, e se despedace o copo de ouro, e se quebre o cântaro junto à fonte, e se desfaça a roda junto ao poço, e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu” (Ec 12.5-7).

Todas essas são descrições memoráveis da morte. Morrer é voltar para nosso lar eterno. Não viveremos para sempre aqui. Hoje somos jovens e fortes, mas já estamos envelhecendo, e amanhã os pranteadores levarão nosso corpo para o enterro.

A morte é como o romper de um fio de prata e o despedaçar de um copo de ouro. Isso pode se referir a uma lâmpada de ouro suspensa por um fio de prata (caso em que a luz da vida se apagou). Em todo caso, algo precioso e lindo se quebrou. Para usar outra metáfora, a morte é como uma roda ou um jarro quebrado junto a um poço. Os utensílios estão quebrados e não podem ser consertados, portanto, é inútil tentar puxar a água que nos daria vida.

Que mais podemos dizer sobre a morte? Morrer é voltar ao pó – a maldição que Deus pronunciou sobre Adão e todo nosso pecado (veja Gn 3.19). Essa é a mesma maldição que Jesus sofreu na cruz, pois no salmo do servo abandonado por Deus, nós o ouvimos dizer ao Pai:

“assim, me deitas no pó da morte” (Sl 22.15). Nós também somos feitos de pó (Gn 2.7; Sl 103.14), e ao pó voltaremos. Um dia, nosso corpo voltará para a terra, e a nossa alma voltará para o seu Criador, quando a morte separar o corpo da alma até a ressurreição.

Essas são as realidades sombrias da vida e da morte que cada um precisa encarar num mundo caído. O chamado do Pregador quer que nos lembremos do nosso Criador *agora*, antes de tudo isso acontecer conosco.

### *Novamente jovem*

Bono escreveu: “Eclesiastes é um dos meus livros favoritos. É um livro sobre um sujeito que deseja descobrir por que está vivo, por que foi criado. Ele tenta o conhecimento. Ele tenta a riqueza. Ele tenta a experiência. Ele tenta tudo. Você corre para o fim do livro para descobrir o porquê, e ele diz: ‘Lembra-te do seu Criador’. De certa forma, é uma decepção enorme. Mas, na verdade, não é”.[13] Não, não é. Conhecer o nosso Criador *antes* de envelhecer e morrer é a coisa mais importante que podemos fazer.

Esse chamado se dirige especialmente ao povo jovem. Lembre-se de Deus agora, enquanto você ainda tiver uma mente sã. Lembre-se de Deus agora enquanto você ainda estiver definindo o curso de sua vida e tomando decisões importantes sobre o que você fará com seus dons. Lembre-se de seu Criador agora, antes de se esquecer do Deus que o fez e antes de tomar muitas decisões ruins, das quais você se arrependerá mais tarde. Lembre-se de Deus agora, enquanto ainda tiver uma vida inteira para viver para a sua glória. Como disse Charles Bridges certa vez: “Muitos se lembraram tarde demais – mas ninguém cedo demais”.[14]

No entanto, essa passagem não é só para os jovens. É também para pessoas que estão envelhecendo. Admito que, visto isoladamente, o

poema do Pregador não parece muito encorajador. Por mais honesto que seja, não parece inspirar muita esperança. Contudo, ele contém um encorajamento autêntico para os santos mais velhos.

Deixe-se encorajar pela beleza desse poema. Envelhecer e encarar a morte são algumas das experiências mais difíceis da vida. A Bíblia é sincera quando fala sobre elas, mas não é amarga. Na verdade, essa passagem contém algumas das palavras mais lindas jamais pronunciadas. O Espírito Santo fez um esforço especial para tratar com dignidade o envelhecimento e a morte. Isso demonstra o cuidado amoroso de Deus pelo seu povo durante toda a vida, até a idade e até o túmulo. As Escrituras dizem: "Preciosa é aos olhos do SENHOR a morte dos seus santos" (Sl 116.15). Mas não é apenas a morte dos seus santos que é preciosa para Deus – eles são preciosos para ele durante todo o processo de envelhecimento.

E deixe-se encorajar também por isto: o seu Criador se lembra de você, mesmo quando você nem sempre se lembra dele. A segurança da nossa salvação não depende da nossa lembrança de Deus, mas de sua promessa de se lembrar de nós. Assim o salmista orou: "Tu me tens ensinado, ó Deus, desde a minha mocidade; e até agora tenho anunciado as tuas maravilhas. Não me desampares, pois, ó Deus, até à minha velhice e às cãs" (Sl 71.17-18).

Após completar 90 anos de idade, meu avô teve dificuldades de se lembrar de qualquer coisa, por vezes, até mesmo de quem ele era. Isso foi extremamente estressante para ele, pois ele sabia que estava confuso, mas não sabia por quê. "Eu não consigo lembrar quem sou!", ele disse à minha mãe. "Tudo bem, pai", ela disse. "Eu sei quem você é e posso cuidar de tudo o que você precisa."

Há uma segurança ainda maior para cada cristão na lembrança de Deus. A maravilha não é que nós nos lembremos do nosso Criador, mesmo que sejamos chamados para lembrá-lo. A maravilha é que Deus

se lembra de nós agora e que ele se lembrará de nós durante todos os nossos dias.
Jesus disse: “E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia.
De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6.39-40). Jesus prometeu lembrar-se de nós desde agora até o último dos dias, quando ele nos ressuscitará para a vida eterna.

Deixe-se encorajar pela promessa da ressurreição, segundo a qual aqueles que morrerem crendo em Cristo voltarão a viver e serão jovens para sempre. Como o Pregador de Eclesiastes, o apóstolo Paulo compreendeu que, um dia, a velha casa do nosso corpo terreno será destruída. Mas como servo de um Salvador que ressurgiu do túmulo, ele acreditava também que nossos corpos serão refeitos: “Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer” – uma imagem semelhante à casa caída de Eclesiastes 12 –, “temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus” (2Co 5.1). Essa nova casa é o corpo da ressurreição de todos que creem em Jesus, sua cruz e seu túmulo vazio.

Talvez seja por isso que alguns santos velhos têm um coração tão jovem que nem parecem envelhecer. Amo a promessa do salmo 92, que compara o justo com uma palmeira que cresce na casa de Deus: “Na velhice darão ainda frutos”, diz o salmista, “serão cheios de seiva e de verdor” (v. 14). Mesmo quando envelhecem, os justos continuam vivos pelo poder do Espírito Santo que vive neles. Por fora podem estar se “corrompendo”, mas por dentro “se renovam de dia em dia” (2Co 4.16). Eles vivem na esperança de um lar eterno, onde sabem que voltarão a ser jovens.

[1] TEITELL, Beth. *Drinking Problems at the Fountain of Youth*. Nova York: William Morrow, 2008, p. 12-13.

[2] ASSIS, Francisco de. "The Canticle of the Sun."

[3] LONGMAN, Tremper III. *The Book of Ecclesiastes*. New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998, p. 260.

[4] EATON, Michael A. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 146.

[5] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*. The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 99.

[6] A expressão "dor da tua carne" poderia ser traduzida também como "mal da tua carne", caso em que o Pregador ainda estaria falando sobre o assunto da santificação, como fez no versículo 9. Mas já que "carne" costuma se referir ao corpo humano (não à fraqueza moral, como acontece muitas vezes no Novo Testamento), o "mal" que o Pregador tem em mente é a dor física.

[7] CLARKSON, Margaret. "We Come, o Christ, to You" (1957, 1985).

[8] KIDNER. *The Message of Ecclesiastes*, p. 100.

[9] RYKEN, Leland. *The Literature of the Bible*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1974, p. 257.

[10] KIDNER. *The Message of Ecclesiastes*, p. 101.

[11] Segundo uma interpretação alternativa, todas as imagens dessa passagem se referem a uma procissão fúnebre e ao modo como as atividades são suspensas numa aldeia quando alguém morre. Veja FOX, Michael V. *A Time to Tear Down and a Time to Build Up: A Rereading of Ecclesiastes*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999, p. 37.

[12] EATON. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*, p. 149.

[13] BONO, citado por HAACK, Denis. "Johnny Cash: Clouded by Sin, Colored by Grace." In: *byFaith* (julho/agosto de 2005), p. 39.

[14] BRIDGES, Charles. *A Commentary on Ecclesiastes* (reimpressão 1860). Edimburgo: Banner of Truth, 1961, p. 294.

# A SUMA DE TUDO

*Eclesiastes 12.8-14*



*De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem. Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más* (Ec 12.13-14).

Se não houver Deus, não há juiz. Se não houver juiz, não haverá juízo final. Se não houver juízo final, a vida não tem sentido. Nada importa.

Esse é o raciocínio de Quentin em *After the Fall*, de Arthur Miller. Quentin diz:

> Durante muitos anos olhei para a vida como um caso jurídico. Era uma série de provas. Quando é jovem, você prova como você é corajoso ou esperto; depois, quão bom é como amante; mais tarde, como pai; por fim, prova como é sábio ou poderoso... Mas por trás de tudo isso, agora eu vejo, havia uma presunção. Essa se moveu... numa trilha ascendente até alguma elevação, onde... sei lá... Eu seria justificado ou até mesmo condenado. Em todo caso, um veredito. Creio agora que meu desastre realmente começou quando, certo dia, olhei para cima... e o banco estava vazio. Nenhum juiz à vista. E tudo o que restou foi a discussão infinita comigo mesmo, esse litígio sem sentido da existência diante do banco vazio... O que, é claro, é outra maneira de dizer – desespero.[1]

Se não houver Deus para julgar o mundo, a existência humana é uma litigação sem sentido que termina em desespero sem sentido. O Pregador que escreveu Eclesiastes teria concordado. Desde o início de seu livro, ele vem dizendo que, se não houver Deus, não há sentido. Nada importa.

### *O que ele disse*

“Vaidade de vaidades... tudo é vaidade” (Ec 12.8). Essas são as primeiras e também últimas palavras do Pregador (veja Ec 1.2) – uma técnica literária conhecida como *inclusio*. O escritor começa e termina sua composição dizendo exatamente a mesma coisa.

A palavra hebraica para vaidade (*hevel*) é a metáfora de propósitos múltiplos do Pregador para expressar a futilidade da vida num mundo caído. Em seu sentido literal, a palavra se refere à respiração ou ao vapor que sobe de um bule com água fervente. Assim é a vida. É impossível agarrá-la, e antes que você perceba, ela já se foi; ela dissolve no ar.

O vapor da nossa existência é dramaticamente representado em *Breath* [Sopro], uma peça de Samuel Beckett que dura apenas 35 segundos. Quando a cortina se levanta, há uma pilha de lixo no palco, iluminada por um único holofote. A luz diminui, depois aumenta um pouco antes de se apagar completamente. Não há palavras ou atores no drama, apenas uma trilha sonora com um grito humano, seguido pelo barulho de uma pessoa que inspira, expira e grita. Assim, a peça representa o que o rei Davi escreveu em Salmos: “a humanidade é um mero sopro” (Sl 39.5,11 NVI).

Ao começar e encerrar com a mesma declaração, a estrutura de Eclesiastes reforça uma de suas principais mensagens – isto é, “nada há novo debaixo do sol” (Ec 1.9). Como foi no passado, assim é no presente e assim será para sempre. Vaidade de vaidades! Tudo é vaidade, sempre. Assim, terminamos exatamente onde começamos.

No entanto, não devemos pensar que o Pregador apenas se repete. Eclesiastes 12.8 realmente nos leva de volta para onde começamos, mas não somos mais as mesmas pessoas. A leitura de Eclesiastes nos deu uma perspectiva maior sobre a vida. O Pregador nos mostrou como a vida é vã; então, quando o ouvimos repetir a mesma afirmação no fim do livro, sentimos seu golpe com intensidade muito maior.

Agora sabemos que o trabalho é vaidade, que não há nada a ganhar com nossa labuta infindável debaixo do sol (p. ex., Ec 1.3). Tudo é "vaidade e correr atrás do vento" (Ec 1.13-14; 2.18-23). Sabemos que a sabedoria humana é vaidade, que ela apenas aumenta a nossa "tristeza" e "desilusão" (Ec 1.18). Nem importa se formos sábios ou tolos, pois todos nós morreremos no fim (Ec 2.15-16). Sabemos que o prazer é vaidade. Vinhos, mulheres e músicas; parques, casas e vinhas; ouro, prata e tesouros – "nenhum proveito há debaixo do sol" (Ec 2.11).

Tudo é vaidade. Poder é vaidade: não há ninguém que enxugue as lágrimas dos oprimidos (Ec 4.1). Dinheiro também é vaidade, pois ele nos causa infinitos problemas quando administramos nossos bens, que podem todos se perder dentro de um instante (Ec 5.11-14). Mas mesmo se conseguirmos salvar nosso dinheiro, ele não consegue satisfazer nossa alma (Ec 5.10).

Então há também a última das vaidades, a vaidade da morte. Quase todos nós teremos de suportar as indignidades do envelhecer (Ec 12.1ss.), e, depois disso, a vaidade final de retornar à terra da qual fomos feitos. Somos pó, e ao pó retornaremos (Ec 3.20).

Não que não haja nenhuma alegria, é claro. A despeito de toda a vaidade, podemos gozar das muitas bênçãos da vida. O Pregador nos encorajou a comer e beber e a encontrar satisfação no trabalho (p. ex., Ec 2.24). Ele nos disse que existe um tempo para curar e ceifar, um tempo para rir e dançar, um tempo para amar e fazer as pazes (Ec 3.1-8). Ele nos instruiu a nos regozijar na prosperidade que Deus providencia tão ricamente (Ec 5.19; 7.14) e a aproveitar a vida com a pessoa a quem amamos (Ec 9.9). Há alegria no mundo sob a bênção de um Deus fiel.

No entanto, o que o Pregador quer que vejamos é como a vida é sem sentido sem Deus, quão pouca alegria há debaixo do sol se excluirmos nosso Criador de seu universo. Quando alcançamos o final de

Eclesiastes, precisamos reconhecer que ele provou ser este o seu caso. "Nada ao nosso alcance nos levou para casa", diz Derek Kidner, "nada que nos é oferecido debaixo do sol é nosso por direito".[2] Vaidade de vaidades! Tudo é vaidade.

### *Como ele o disse*

Entretanto, a última palavra não é da "vaidade", nem na Bíblia nem na vida cristã. Eclesiastes poderia ter encerrado muito bem com o versículo 8 do capítulo 12 como um resumo adequado de tudo aquilo que Kohelet disse. Em vez disso, o livro fecha com outras observações que nos ajudam a ver o livro inteiro pela perspectiva certa.

O epílogo a Eclesiastes pode ter sido escrito por outro autor. O Pregador ainda está falando no versículo 8, mas no versículo 9 ocorre uma mudança. Alguém se refere ao Pregador na terceira pessoa, como que dizendo: "Agora, deixem-me apresentar o meu ponto de vista em relação a tudo isso".[3] Alguns estudiosos acreditam até que há dois epílogos, um nos versículos 9-11 de alguém que concorda com o Pregador e outro nos versículos 12-14 de alguém que tenta corrigi-lo.[4]

É possível que esses versículos tenham sido escritos por uma pessoa diferente do Rei-Pregador. Mas se lermos com cuidado, descobriremos que o epílogo confirma aquilo que Kohelet disse e como ele o disse, antes de aplicar seus ensinamentos de forma prática à vida que vivemos diante de Deus.

Até agora, Eclesiastes nos disse o que o Pregador tinha a dizer. Agora, o livro nos diz *como* ele o disse: "O Pregador, além de sábio, ainda ensinou ao povo o conhecimento; e, atentando e esquadrinhando, compôs muitos provérbios. Procurou o Pregador achar palavras agradáveis e escrever com retidão palavras de verdade" (Ec 12.9-10). Mesmo que esses versículos se refiram especificamente ao que lemos em

Eclesiastes, eles nos dizem ao mesmo tempo algumas coisas importantes sobre como toda a Bíblia foi escrita.

O Pregador escreveu com *lucidez lógica*. Ele investiu tempo e esforço para avaliar todos os provérbios sábios que ele ouvira e então incluiu apenas aqueles que eram importantes o bastante para exigir toda a nossa atenção – provérbios como "a ira se abriga no íntimo dos insensatos" (Ec 7.9) ou "quem poderá endireitar o que ele [Deus] torceu?" (Ec 7.13).

Se o Pregador foi o rei Salomão, como muitos acreditam, o que Eclesiastes diz sobre estudar provérbios nos ajudaria a entender o livro de Provérbios, que foi, em grande parte, escrito por Salomão. O rei Salomão ouviu muitos provérbios sábios ao longo de sua vida, mas incluiu na Bíblia apenas aqueles que eram sábios e verdadeiros – ao todo cerca de três mil provérbios (veja 1Rs 4.32).

O Pregador não só avaliou esses provérbios zelosamente, mas também os organizou com muito cuidado. A organização desse livro revela uma lógica. Não é a lógica de uma história ou de uma epístola, mas de uma coleção de provérbios. Eclesiastes não foi simplesmente reunido, mas construído como obra completa de literatura. Após uma declaração inicial do tema (Ec 1.1-11), o Pregador nos contou a história de sua busca pelo sentido da vida (Ec 1.12-6.12). Então, para nos ajudar a saber como viver para Deus neste mundo vão, ele demonstrou a diferença entre sabedoria e tolice (Ec 7–11). Encerrou, apropriadamente, falando mais uma vez sobre a morte e o morrer (Ec 12.1-7), antes de reafirmar seu tema primário – a vaidade de todas as vaidades (Ec 12.8).

Além de escrever com lucidez lógica, o Pregador escreveu também com *mestria literária*. Ele tentou encontrar "palavras agradáveis" (Ec 12.10) – uma expressão maravilhosa que expressa a beleza da Bíblia. As pessoas podem concordar com o Pregador ou não, mas ninguém critica

seu estilo literário. O famoso escritor norte-americano Tom Wolfe descreveu Eclesiastes como "a mais sublime flor da poesia, eloquência e verdade" – "a maior obra de escrita que jamais conheci".[5] Esse é o livro que nos dá expressões como "levanta-se o sol, e põe-se o sol" (Ec 1.5), "Tudo tem o seu tempo" (Ec 3.1), "a eternidade no coração dos homens" (Ec 3.11), "lança teu pão sobre as águas" (Ec 11.1), "a amendoeira floresce" (Ec 12.5) e "o homem não sabe a sua hora" (Ec 9.12).

Louve a Deus pela beleza de Eclesiastes – não só pelo o que o livro diz, mas também como o livro o diz. Essa é uma das muitas formas como Deus revela seu caráter e nos mostra a sua graça. Ele é um Deus de beleza requintada. Portanto, é mais do que apropriado que o livro que conta a história da sua salvação seja agradável ao ouvido, inspire a imaginação, fascine a mente e alegre a alma.

O Pregador escreveu também com *integridade intelectual*. Uma vez que encontrou as palavras agradáveis, escreveu "com retidão palavras de verdade" (Ec 12.10). Para ser uma ajuda espiritual real, não basta escrever com clareza e estilo; precisa escrever também de forma verdadeira. Se há uma coisa que podemos confiar que o Pregador fez, foi nos contar a verdade – não só a verdade sobre Deus, mas também a verdade sobre a vida num mundo caído. É por isso que *Moby Dick* descreve Eclesiastes como "um aço de lamento bem trabalhado".[6] Ele pode falar sobre a agonia da idade ou sobre a angústia de perder uma fortuna, o Pregador sempre nos diz como é a vida debaixo do sol.

O autor de Eclesiastes escreveu com lucidez, mestria e integridade. Assim, seu livro instrui a nossa mente, comove o nosso coração e nos guia na sabedoria de Deus.

***Por que ele o disse***

Sabendo o que o Pregador disse e como ele disse, precisamos ainda fazer a pergunta: por quê? Essas "palavras agradáveis" têm também um propósito? Se esse for o caso, qual foi a razão pela qual o Pregador nos falou sobre a vaidade da vida? Eclesiastes encerra com uma declaração clara sobre seu propósito: "As palavras dos sábios são como aguilhões, e como pregos bem fixados as sentenças coligidas, dadas pelo único Pastor" (Ec 12.11).

As palavras do Pregador – como as palavras de tantos outros homens sábios – são como aguilhões que os fazendeiros usam para guiar seus bois pela estrada. Um "aguilhão" é uma das ferramentas do pastor, uma vara pontuda que incentiva um animal teimoso a continuar andando. Não foi feito para ferir um animal, é claro, mas para infligir uma dose suficiente de dor, a fim de obter a sua plena cooperação.

Eclesiastes faz a mesma coisa com as pessoas de fé. Suas palavras podem ser agradáveis, mas elas infligem também uma suficiente dose de dor. São aguilhões para a consciência, deixam-nos desconfortáveis o bastante para abandonar o pecado. São estímulos para a alma, guiando-nos de volta para o caminho espiritual. Nos dias da igreja primitiva, Gregório Taumaturgo disse: "A mente é despertada e estimulada pelas instruções de pessoas sábias assim como acontece com o corpo quando um aguilhão lhe é aplicado".[7]

Veja, então, Eclesiastes como um aguilhão de Deus. As palavras do Pregador nos levam a não procurar uma satisfação duradoura no dinheiro ou no prazer, mas apenas na bondade de Deus. Elas nos afastam da raiva tola e do riso zombador. Elas nos estimulam à paciência, contentamento, humildade e alegria. Quando nos esquecemos de Deus, o Pregador nos cutuca para nos lembrar do Criador, e no momento em que pensamos que viveremos para sempre, ele nos dá uma cutucada nas costelas e nos lembra de que logo morreremos.

Eclesiastes também compara as palavras do Pregador com "pregos bem fixados". Isso não é uma profecia da crucificação, mas uma imagem da permanência e solidez. Alguns comentaristas acreditam que os pregos em questão são parte do aguilhão do fazendeiro. Mas a Bíblia pode simplesmente estar dizendo que, uma vez que um provérbio sábio é introduzido na mente, ele permanece ali, como um prego num bloco de madeira. A vida pode ser um vapor, mas a sabedoria pode nos ajudar a fixá-la, dando-nos um lugar para pendurar a nossa experiência.

Os provérbios bíblicos têm um jeito de pregar diretamente à nossa consciência. Também têm um jeito de se fixar em nosso cérebro. São tão memoráveis que, quando os ouvimos uma vez, nunca mais nos esquecemos deles. Há muitos provérbios desse tipo em Eclesiastes: "Melhor é serem dois do que um... o cordão de três dobras não se rebenta com facilidade" (Ec 4.9,12), "não é dos ligeiros o prêmio, nem dos valentes, a vitória...; porém tudo depende do tempo e do acaso" (Ec 9.11) e assim em diante.

Todas essas palavras – os provérbios sábios que se fixam em nosso coração e nos levam à ação – são "dadas pelo único Pastor" (Ec 12.11). É possível que isso se refira ao próprio Pregador, já que um pregador é um tipo de pastor. Além do mais, o Pregador se identificou como "rei de Israel, em Jerusalém" (veja Ec 1.12), e no mundo antigo os reis eram muitas vezes identificados como pastores do seu povo.

No entanto, é mais provável que o "pastor" seja o próprio Deus (razão pela qual a palavra é escrita com letra maiúscula na tradução em português). Essa é a primeira vez que o título "pastor" aparece em Eclesiastes, o que parece distinguir o Pastor do Pregador, em vez de identificar ambos.[8] Além do mais, "Pastor" é um dos títulos nobres para Deus no Antigo Testamento, não só no salmo 23, mas também em passagens como o salmo 80, em que ele é chamado de "Pastor de

Israel" (v. 1). Assim, o "Pastor" em Eclesiastes 12 é o único Pastor – o Deus Todo-poderoso.

Isso faz de Eclesiastes 12.11 um texto importante para a doutrina bíblica da inspiração das Escrituras (veja também 2Pe 1.21). Eclesiastes é a própria Palavra de Deus. As palavras do Pregador não são apenas reflexões de algum filósofo cético; são parte da revelação inspirada, infalível e inerrante do Deus Todo-poderoso. Portanto, não basta apenas admirar a sua mestria e respeitar a sua integridade – precisamos nos submeter também à sua autoridade. Como Pastor das nossas almas, Deus usa esse livro – como usa tudo que está escrito na Bíblia – para produzir em nós ação espiritual.

O que Eclesiastes diz sobre as palavras do Pastor adquire uma força ainda maior quando nos lembramos que o nosso Pastor é também o nosso Salvador. Jesus Cristo é o Bom Pastor que entrega a sua vida pelas suas ovelhas (veja Jo 10.11). Assim, as palavras que lemos em Eclesiastes são, na verdade, as palavras dele. Jesus é aquele que nos afasta da vaidade da vida sem Deus e nos chama para encontrar alegria e sentido em sua graça. Não estamos apenas vivendo "debaixo do sol". Estamos vivendo debaixo do Filho – do Filho de Deus que "nos amou e se entregou a si mesmo por nós" (Ef 5.2).

### *Livros sem fim*

Ler Eclesiastes é ouvir a voz do Pastor. Por isso, deveríamos ter muito cuidado ao ouvi-lo, construindo a nossa vida sobre a Palavra de Deus, nada mais e nada menos. A Bíblia nos adverte: "filho meu, atenta: não há limite para fazer livros, e o muito estudar é enfado da carne" (Ec 12.12).

O que Eclesiastes diz sobre ler e escrever pode ser confirmado por todo estudioso que já viveu. Já no mundo antigo, as bibliotecas reais eram cheias de livros. Hoje, mais de um milhão de livros é publicado a

cada ano.[9] Então, o que a Bíblia diz é verdade: não há limite para fazer livros, e estudar apenas uns poucos deles já basta para cansar qualquer um.

Não que não devamos ler nenhum livro (ou escrever qualquer livro, sobre esse assunto). Há um lugar no discipulado cristão para a vida da mente. Mas devemos sempre nos lembrar que a sabedoria humana e a filosofia do homem são extremamente limitadas. Quantos livros já foram escritos! E quão pouco a maioria deles é capaz de nos ensinar sobre o conhecimento de Deus ou sobre a vida eterna. O livro mais importante que podemos estudar é a Bíblia, inclusive tudo o que está escrito em Eclesiastes. Portanto, preste atenção quando quiser ir mais longe do que a Palavra de Deus.

Em seu romance *O grande abismo*, C. S. Lewis descreve um homem dos subúrbios do inferno, que passou sua vida inteira buscando a verdade, como afirma. O homem vagueia pelas regiões próximas ao céu, onde, pelo convite gracioso de Deus, é convidado a entrar. Mas o Espírito o adverte: "Não posso lhe prometer... carta branca para seus talentos; apenas o perdão por tê-los pervertido. Nenhuma atmosfera de investigação, pois eu o levarei não à terra das perguntas, mas à das respostas, e você verá a face de Deus".

No entanto, o homem não está disposto a desistir de sua busca. Ele quer estudar um pouco mais por conta própria antes de aceitar as conclusões de outra pessoa. Então, ele diz: "Precisamos todos interpretar essas lindas palavras de nosso jeito. Para mim, não existe tal coisa como uma resposta final. O vento livre da investigação precisa sempre continuar a soprar pela mente, não é?".

"Ouça!" o Espírito de Deus diz ao homem. "Você já foi criança. No passado, você sabia o propósito da investigação. Houve um tempo em que você fazia perguntas porque queria respostas e se alegrava quando as encontrava. Volte a ser essa criança: agora." Infelizmente, porém, o

homem recusa: “Quando eu me tornei homem”, ele diz, “eu me livrei das coisas infantis”. A conversa termina repentinamente quando o homem se lembra que tem um compromisso. Ele se despede e corre para um grupo de discussão no inferno.[10]

Você ainda está à procura da verdade espiritual? Encerre essa busca e se entregue a Deus, que conhece as respostas. Não seja como as pessoas das quais Paulo nos advertiu no Novo Testamento – “que aprendem sempre e jamais podem chegar ao conhecimento da verdade” (2Tm 3.7). Se contente com o que a Bíblia diz. Não aceite menos e não exija mais (cf. Ap 22.18-19).

### *Tudo que há*

Eclesiastes encerra com a aplicação prática da verdade bíblica. Ouvimos o que o Pregador disse, e também como e por que ele o disse. Como, então, devemos responder? Qual é a conclusão do livro? O que devemos levar conosco quando fechamos o livro de Eclesiastes?

As últimas palavras do livro fornecem uma conclusão ética e escatológica: “De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem. Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más” (Ec 12.13-14).

Essa não é a primeira vez que Eclesiastes nos instrui a temer o Deus vivo. Temer a Deus é honrá-lo e reverenciá-lo, adorá-lo como Deus. Em vários momentos, o Pregador nos instruiu a temer a Deus porque a sua obra é eterna (3.14) e porque ele exige adoração santa (5.7). Ele nos instruiu a temer a Deus em tempos de adversidade e de prosperidade (7.14-18). Ele nos disse que, se temermos a Deus, tudo correrá bem conosco (8.12). Agora, ele nos diz que devemos temer a Deus e obedecer-lhe porque um dia nos apresentaremos a ele para o julgamento.

Quando a Bíblia diz que "isto é o dever de todo homem", ela diz literalmente "isto é o todo do homem". A palavra "dever" pode ser induzida, mas Eclesiastes tem algo maior em mente. Dizer "isto é o todo do homem" significa dizer: "o homem se resume a isto".[11] Em outras palavras: "é disso que a vida trata". A coisa mais importante para toda pessoa é adorar a Deus e obedecer os seus mandamentos sagrados. Isso é mais do que o mero dever do homem. Segundo Charles Bridges, é "toda a sua felicidade e ocupação – a soma total de tudo que diz respeito a ele – tudo que Deus exige dele – tudo que o Salvador ordena – tudo que o Espírito Santo lhe ensina e opera nele".[12] A coisa mais importante na vida é apresentar-se ao único Deus verdadeiro em adoração e obediência.

Independentemente se estamos prontos para nos apresentar diante de Deus ou se estamos a evitá-lo, a verdade é que um dia cada um de nós se apresentará a Deus para o julgamento. "A vida aqui em baixo", escreveu D. R. Davis, "é apenas um prelúdio a uma vida maior no além".[13] Um dia, Deus revelará cada pecado secreto e cada gentileza anônima. Ele julgará cada ato, bom ou mau, incluindo cada pensamento casual e cada palavra descuidada (veja Mt 12.36). Ele "trará à plena luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações" (1Co 4.5).

Eclesiastes já mencionou tudo isso. Quando o Pregador nos instruiu a regozijar na força da nossa juventude, ele também nos lembrou de que um dia Deus nos levará ao julgamento (veja 11.9). E é o que ele fará. Após todos os nossos dias de busca, no fim da nossa estrada espiritual chegaremos ao trono da justiça eterna e encontraremos o Grande Juiz.

Por que Eclesiastes nos fala aqui sobre o juízo final? Porque significa que tudo importa. O Pregador iniciou e encerrou a sua busca espiritual dizendo que tudo é vaidade e que, sem Deus, a vida não tem propósito nem sentido. "Isso é tudo o que há?", ele continuou perguntando. "A

vida não tem nada mais a oferecer do que aquilo que vejo debaixo do sol?" Se não houver Deus e, portanto, não houver juízo final, é difícil ver como qualquer coisa que façamos possa importar. Mas se existir um Deus que julgará o mundo, *tudo* importa.

Isso *não* é tudo que há. Há um Deus no céu que reina sobre o mundo. Existe uma vida depois desta vida. Um dia, os mortos serão ressuscitados, e cada pessoa que já viveu será julgada por Deus. Quando este dia vier, será revelado que tudo que qualquer um já fez ou disse ou pensou tem relevância eterna.

No juízo final, importará como usamos nosso tempo, se o gastamos com prazeres tolos ou trabalhamos duro para o Senhor. Importará o que fizemos com o nosso dinheiro, se o gastamos com nós mesmos ou se o investimos no reino eterno. Importará o que fizemos com o nosso corpo – o que os nossos olhos viram, o que as nossas mãos tocaram e o que as nossas bocas disseram. Importará se obedecemos os nossos pais; importará como os olhamos e importará o pequeno comentário que fizemos quando nos afastamos. Importará o que fizemos para uma criança de 2 anos – a maneira como dedicamos tempo a ela e descemos ao seu nível. Importará o que dissemos sobre o desempenho de outra pessoa – a observação sarcástica ou o elogio sincero. Importará se nos gabamos com orgulho ou nos sacrificamos com altruísmo. Importará a tarefa doméstica e a lição de casa, o copo de água, a lágrima de compaixão, a palavra de testemunho – tudo isso importará.

A mensagem final de Eclesiastes não é que nada importa, mas que *tudo* importa. O que fizemos, como o fizemos e por que o fizemos terá relevância eterna. A razão pela qual tudo importa é que tudo no universo está sujeito ao veredicto final de um Deus justo que conhece cada segredo.

O que mais importa, portanto, é a decisão pessoal que cada pessoa faz em relação a Jesus Cristo. Eclesiastes não termina com uma

promessa da graça, mas com uma advertência do juízo. Mesmo assim, esse livro tem o propósito gracioso de nos apontar o evangelho. Se é verdade que Deus levará tudo a julgamento, então é de importância desesperadora que sejamos considerados justos naquele dia maravilhoso. Uma maneira de garantir isso é confiar a nossa vida a Jesus Cristo, que é o único que tem o poder para nos salvar da ira de Deus.

O Salvador veio a este mundo vão. Como nós, ele sofreu todas as suas futilidades e frustrações. Mas Jesus fez mais. Quando veio o seu tempo, ele tomou sobre si o julgamento que nós merecemos e morreu na cruz pelos nossos pecados. Seu corpo voltou ao pó, como o Pregador disse. Mas no terceiro dia ele ressuscitou, saindo do túmulo com a vida.

Logo Jesus voltará, "no dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho" (Rm 2.16). A Bíblia diz que Deus "estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos" (At 17.31). Quando esse dia vier, todos que creem em Jesus se apresentarão ao justo Juiz e olharão nos olhos de um Salvador amoroso. Confie em Jesus, cuja vitória nos salva da vaidade da vida – louvado seja Deus!

[1] MILLER, Arthur. *After the Fall* (1964). Citado em KELLER, Tim. *The Reason for God: Belief in an Age of Skepticism*. Nova York: Dutton, 2008, p. 156-157.

[2] KIDNER, Derek. *The Message of Ecclesiastes*, The Bible Speaks Today. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1976, p. 104.

[3] PROVAN, Iain. *Ecclesiastes/Song of Songs*. NIV Application Commentary. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2001, p. 226.

[4] WHYBRAY, R. N. *Ecclesiastes*. The New Century Bible Commentary. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989, p. 169.

[5] WOLFE, Tom, citado em SHORT, Robert. *A Time to be Born – A Time to Die*. Nova York: Harper and Row, 1973, p. ix.

[6] MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. Citado em JOHNSTON, Robert K. *Useless Beauty: Ecclesiastes through the Lens of Contemporary Film*. Grand Rapids, MI: Baker, 2004, p. 20.

[7] TAUMATURGO, Gregório, citado em LONGMAN, Tremper III. *The Book of Ecclesiastes*. New International Commentary on the Old Testament. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998, p. 280.

[8] EATON, Michael A. *Ecclesiastes: An Introduction and Commentary*. Tyndale Old Testament Commentaries. Downers Grove, IL: InterVarsity, 1983, p. 154.

[9] The United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco) publica essas estatísticas anualmente.

[10] LEWIS, C. S. *The Great Divorce*. Londres: Geoffrey Bles, 1945, p. 40ss.

[11] KIDNER. *The Message of Ecclesiastes*, p. 107.

[12] BRIDGES, Charles. *A Commentary on Ecclesiastes* (reimpressão 1860). Edimburgo: Banner of Truth, 1961, p. 310.

[13] DAVIS, D. R. *The World We Have Forgotten*. Citado em OLFORD, Stephen F. *A Time for Truth: A Study of Ecclesiastes 3:1-8*. Chattanooga: AMG, 1999, p. 163.

# Índice de ilustrações para sermões

*Coragem*
Von Moltke, um oficial nazista, mas também um seguidor de Cristo, resgatou muitos prisioneiros da morte certa e morreu por causa disso

*Criação*
Telescópio espacial Hubble revela centenas de bilhões de estrelas

*Morte*
Haddon Robinson pregou no funeral de um homem que dominava 34 línguas, mas sua inteligência não impediu sua morte
Diógenes conta que Alexandre, o Grande, não pôde distinguir os ossos dos escravos mortos dos ossos do seu próprio pai, mostrando que a morte é o grande igualador
Voltaire: "Tenho medo de morrer"
Leo Tolstói se perguntou se sua vida realizaria algo que a morte não destruiria
Personagem principal no filme *About Schmidt* se pergunta se, quando ele morrer, sua vida terá feito qualquer diferença na vida de outra pessoa
O moribundo Visconde de Turenne: "Eu não pretendia morrer hoje"
O autor Julian Barnes [1] [2] diz que não há vida após a morte, no entanto, teme deixar este "mundo alugado"
Os monges trapistas escavam covas juntos, depois a contemplam diariamente para lembrar-se de que ninguém sabe quando sua vida na terra terminará
Hobbes via a morte como "grande salto na escuridão"
Exortação de Spurgeon para se preparar para nossa própria morte, que pode vir em breve: "Estamos voando rapidamente... em direção à eternidade"
Carta de um soldado da União à mãe diz que ele não teme a morte porque estará no céu com amigos e família
Mark Twain: "Adão... trouxe a morte para o mundo"
Spurgeon: "A visão de um funeral é uma coisa muito saudável para a alma"
A filha de Stalin descreve seu olhar na hora da morte como "insano ou talvez raivoso, e cheio de medo da morte"
A médium Jeanne Dixon prediz que uma celebridade morrerá em breve, não sabendo que a celebridade seria ela

*Inveja*
"Terapia de compra" para acompanhar os vizinhos

*Fidelidade de Deus*
Thomas Boston chama o segundo filho, após a morte do primeiro, de Ebenézer para proclamar a fidelidade de Deus

A mãe do autor diz ao seu avô, quando este não consegue lembrar quem é: "Tudo bem. Eu sei quem você é e posso cuidar de tudo o que você precisa", uma imagem do cuidado que Deus tem por nós

*Seguir a Cristo*

"Lana", uma jovem mulher egípcia, é maltratada quando se torna cristã

João Calvino diz que Deus o converteu dando-lhe um "estado aberto ao ensino"

Ilustrando o valor de permanecer unidos, Batman diz ao comissário Gordon, "Agora somos dois"

Von Moltke, um oficial nazista, mas também um seguidor de Cristo, resgatou muitos prisioneiros da morte certa e morreu por causa disso

Matthew Parris, um jornalista não cristão, reconhece que a fé em Cristo transforma de modo significativo a vida dos cristãos

Luke Short aceita Cristo após refletir sobre um sermão que ele ouvira 85 anos atrás

*Governantes tolos*

Carlos XII da Suécia e seus colegas adolescentes causam alvoroço nas ruas da cidade

*Futilidade e vazio da vida*

O poema bem-humorado de Stephen Crane sobre a falta de sentido da vida

As letras de Pink Floyd sobre a futilidade da vida

A música do *Showboat* sobre o Velho homem rio [*Old Man River*] retrata a monotonia da vida

Yogi Berra: "mais uma vez um *déjà vu*"

O publicitário britânico Leonard Woolf considerou inúteis centenas de milhares de horas de trabalho

A música Peggy Lee pergunta: "Isso é tudo que existe?"

Uma mulher executiva no livro de Harold Kushner pergunta diariamente se a vida não deveria oferecer mais

Tom Brady conquistou três campeonatos do Super Bowl, mas sente que deve existir algo mais

Antes de sua conversão, o ateu C. S. Lewis, não vendo nenhuma esperança na vida, pediu que todos amaldiçoassem Deus

François Mauriac: "o quebra-cabeças nunca será resolvido"

Provérbio malaio: "Um tolo é como um grande tambor que bate rápido, mas não percebe que é oco"

*Felicidade*

John Wesley, ao pregar sobre Eclesiastes, descobre que não há felicidade sem Deus

Assim como Benjamin Franklin procurou qualquer princípio prático que aumentasse seu lucro, o autor de Eclesiastes buscou tudo que pudesse para melhorar a sua vida

O livro de Gregg Easterbrook, *The Paradox Principle*, mostra que temos tudo o que queremos, exceto a felicidade

Mulher anônima encontra felicidade nos simples prazeres do trabalho e ao regozijar-se na presença de Deus

*Céu*

No romance *Tom Brown's Schooldays*, um garoto com uma grave doença tem um sonho sobre o céu, no qual ele é capaz de trabalhar tão bem quanto os outros

*British Humanist Association* [Associação Humanista Britânica]: "A vida leva a nada"

Carta de um soldado da União à mãe diz que ele não teme a morte porque estará no céu com amigos e família

D. R. Davis: “A vida aqui em baixo é apenas um prelúdio a uma vida maior no além”

*Hipocrisia*

O filme *James 3* mostra que, às vezes, somos pessoas diferentes em casa e na igreja

*Anseios da alma*

C. S. Lewis escreve sobre os anseios profundos que temos durante toda a vida na terra, anseios que este mundo promete satisfazer, mas não consegue

Quando garoto, Dylan Thomas adorava perguntar o porquê de tudo, e deveríamos ter o mesmo desejo quando se trata de conhecer a Deus

O autor missionário Don Richardson escreveu sobre como todas as culturas têm uma tradição ou um ritual que demonstra alguma fome por Deus e como Deus estende sua mão a elas

Poema *The Pulley* de George Herbert: Deus nos fez ricos e cansados para que o nosso cansaço nos fizesse clamar por ele

O autor Eclesiastes usa uma abordagem do tipo “maior e melhor” para nos levar a ver o melhor que Deus tem para nós

O romance *O grande abismo*, de Lewis, retrata uma suposta busca pela verdade que acaba no inferno

*Amor de Deus*

O hino de John Byrom diz que o amor de Deus se manifestou no nascimento de seu Filho como nosso Salvador

*Casamento*

Fidelidade conjugal traz alegria; infidelidade, tristeza

A puritana Caroline Perthes: “Seu amor mútuo pode ser um meio de bênção e felicidade somente enquanto aumenta o seu amor por Deus”

Jeremy Taylor: cada casamento nos permite vislumbrar o amor eterno de Deus

*Materialismo*

O corpo de uma mulher preservado nas cinzas de Pompeia estava caminhando em direção ao portão, mas tentando voltar para pegar pérolas

*Sentido e falta de sentido da vida*

John Wesley, ao pregar sobre Eclesiastes, descobre que não há sentido sem Deus

O poema bem-humorado de Stephen Crane sobre a falta de sentido da vida

A música do *Showboat* sobre o Velho homem do rio [*Old Man River*] retrata a monotonia da vida

Yogi Berra: “mais uma vez um *déjà vu*”

O supercomputador em *The Hitchhiker’s Guide to the Galaxy* diz que a resposta à vida é o número 42

O publicitário britânico Leonard Woolf considerou inúteis centenas de milhares de horas de trabalho

Leo Tolstói se perguntou se sua vida realizaria algo que a morte não destruiria

Personagem principal no filme *About Schmidt* se pergunta se, quando ele morrer, sua vida terá feito qualquer diferença na vida de outra pessoa

Um personagem num desenho diz a Charles Dickens que não há como ser o melhor dos tempos e o pior dos tempos ao mesmo tempo, apesar de a vida ser exatamente assim

Woody Allen: “É importante criarmos algum senso de sentido, pois não existe sentido perceptível para qualquer pessoa”

*British Humanist Association* [Associação Humanista Britânica]: "A vida leva a nada"

*Dinheiro/riqueza*
A pintura de Massys, *O agiota e sua mulher,* ilustra como o dinheiro nos cativa, 143
Ao ser perguntado quanto dinheiro é preciso para adquirir a felicidade, Rockefeller respondeu: "Só um pouquinho mais"
Jessie O'Neill chama o amor pelo dinheiro de "afluência"
O corpo de uma mulher preservado nas cinzas de Pompeia estava caminhando em direção ao portão, mas tentando voltar para pegar pérolas

*A monotonia da vida*
Música dos Vogues: "Os sons da cidade pulsam na minha mente / E outro dia desce pelo ralo" retrata a monotonia da vida
A música do *Show Boat* sobre o Velho homem rio [*Old Man River*] retrata a monotonia da vida
Yogi Berra: "mais uma vez um *déjà vu*"

*Prazer*
Na música do U2, Johnny Cash expressa o desejo de experimentar o máximo possível de prazeres sensoriais antes do arrependimento
C. S. Lewis: prazeres terrenos suscitam em nós o desejo por uma realidade verdadeira

*Ressurreição*
Samuel Wilkerson, ao encontrar o corpo de seu próprio filho no campo de batalha de Gettysburg, expressa esperança na ressurreição por meio de Cristo

*Recompensas de Deus*
Fazendeiros holandeses em Pella, Iowa, acabam comprando as fazendas daqueles que os perseguiram e vandalizaram
No romance *Tom Brown's Schooldays*, um garoto com uma grave doença tem um sonho sobre o céu, no qual ele é capaz de trabalhar tão bem quanto os outros

*Estações da vida*
A demolição do Shibe Park (estádio Connie Mack) mostrou que existe um tempo para tudo, até mesmo para derrubar
A música de Pete Seegers/Byrds, "Turn, Turn, Turn", musicaliza a passagem de Eclesiastes sobre as estações da vida

*Autossuficiência*
Personagem no filme *Beleza americana*: "Você não pode contar com ninguém além de si mesma"

*Controle soberano de Deus*
Dídimo, o Cego: somos como passageiros num navio que nunca viram o capitão, mas sabem que ele está pilotando o navio

*Sucesso*
Tom Brady conquistou três campeonatos do Super Bowl, mas sente que deve existir algo mais
James Montgomery Boice, lutando contra o câncer, diz: "Se Deus fizesse algo em sua vida, você o mudaria?"

*Tempo*
Horace Mann lamenta as horas que desperdiçou no dia anterior
O hino "Crown Him with Many Crowns" identifica Jesus como "o Potentado do tempo"

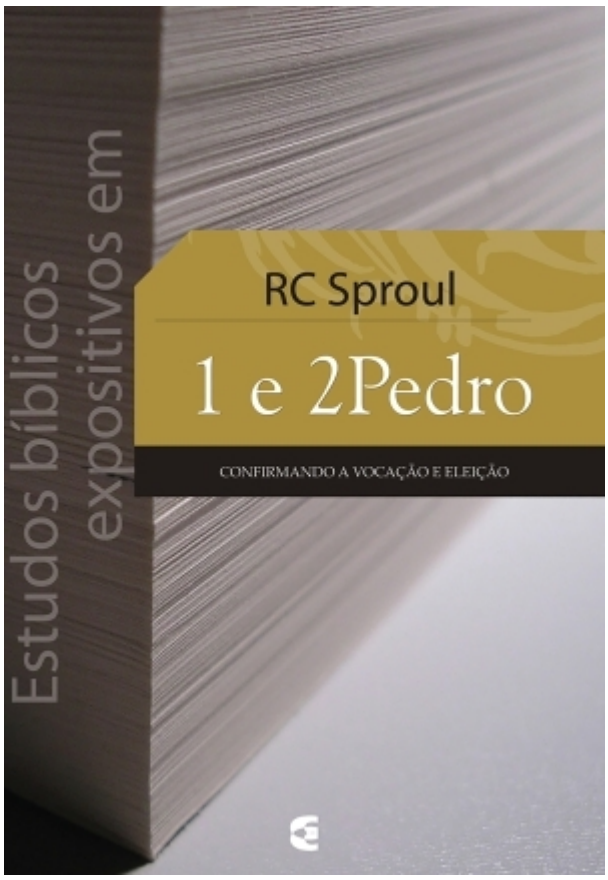
Sabedoria numa música popular: “Divirta-se, já é mais tarde do que você imagina”
A peça “Breath” de 35 segundos de Beckett transmite a brevidade da vida

*Trabalho*

Mulher anônima encontra felicidade nos simples prazeres do trabalho e regozija-se na presença de Deus
Em *Paradise Lost,* de Milton, Adão celebra a bondade de Deus por ter nos dado trabalho a fazer
Thomas Boston sobre a importância de fazermos o trabalho que Deus nos deu para este momento
Spurgeon diz a um jovem que deseja pregar o evangelho na Índia a fazê-lo primeiro em Londres

*Adoração*

Placa na Boardwalk Chapel, New Jersey: “Cante como se acreditasse nisso”


Estudos bíblicos expositivos em
RC Sproul
1 e 2Pedro
CONFIRMANDO A VOCAÇÃO E ELEIÇÃO

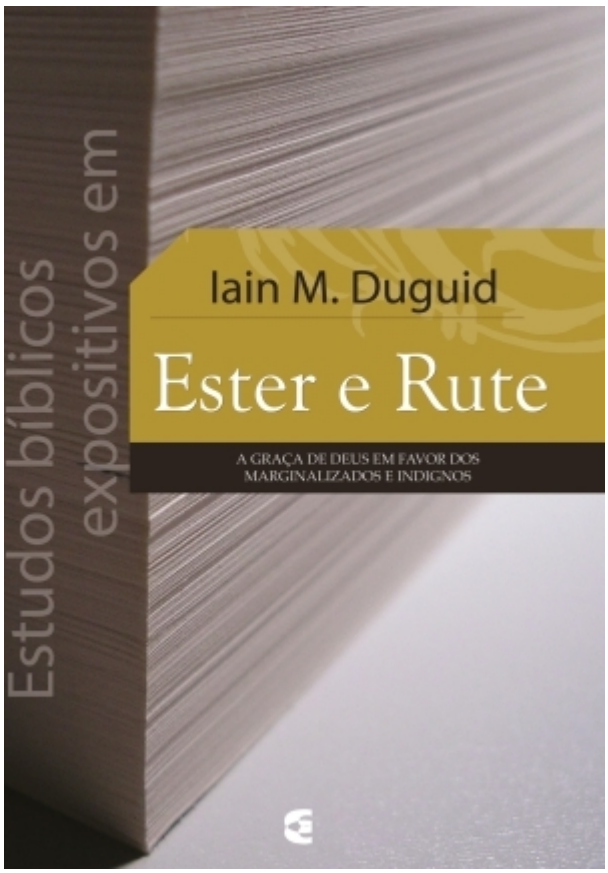
# Estudos bíblicos expositivos em 1 e 2 Pedro

Sproul, R. C.
9788576228417
272 páginas

Compre agora e leia

"RC Sproul, bem conhecido como um teólogo primoroso e comunicador extraordinário, agora revela ser também um pregador expositivo perspicaz e proveitoso. Esta coletânea de sermões é de grande valor para as igrejas e cristãos de todos os lugares." W. Robert Godfrey

Compre agora e leia


Estudos bíblicos expositivos em
Iain M. Duguid
Ester e Rute
A GRAÇA DE DEUS EM FAVOR DOS MARGINALIZADOS E INDIGNOS

# Estudos bíblicos expositivos em Ester e Rute

Duguid, Iain M.
9788576227090
192 páginas

Compre agora e leia

"Esta exposição é um favo de mel, doçura para a alma e cura para os ossos. O autor dá-nos uma boa dose de teologia saudável de modo relevante. De agora em diante vou exigir meus alunos a ler este comentário envolvente para sua edificação e alegria." Bruce Waltke

Compre agora e leia


"UM CLÁSSICO ESPIRITUAL"
J. I. PACKER
O CONHECIMENTO DE
DEUS
PARA UMA MAIOR COMPREENSÃO DE DEUS
PARA UM RELACIONAMENTO MAIS PRÓXIMO COM ELE
COM GUIA DE ESTUDO
UM DOS LIVROS CRISTÃOS MAIS IMPORTANTES E POPULARES DE NOSSO TEMPO

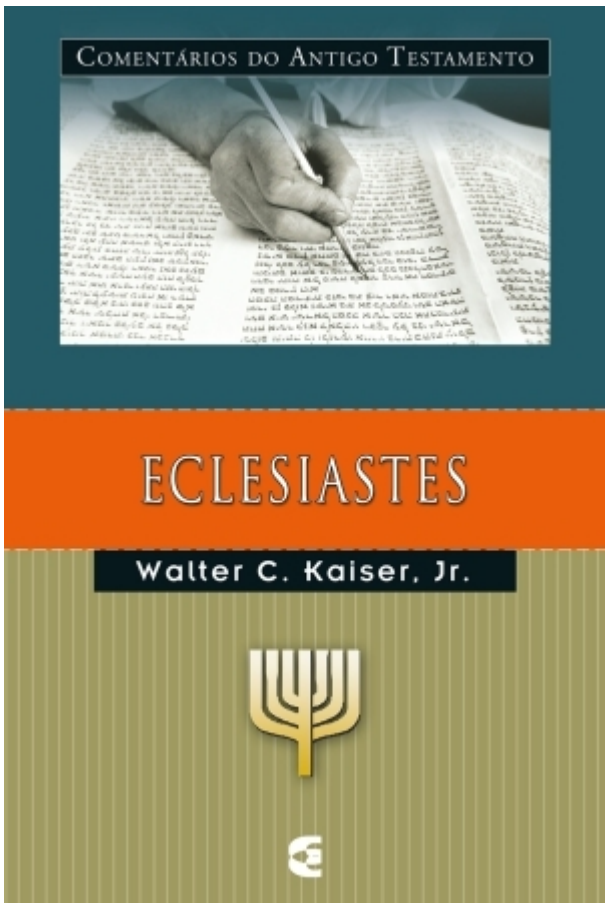
# O conhecimento de Deus

Packer, J. I.
9788576226147
288 páginas

Compre agora e leia

O livro transformador de vidas de J. I. Packer tem aprofundado a fé o entendimento de milhões de pessoas em todo o mundo. Explicando quem é Deus e como podemos nos relacionar com ele, Packer divide seu livro em três partes: A primeira dirige nossa atenção para como e por que conhecemos a Deus. A segunda destaca os atributos de Deus. A terceira os benefícios usufruídos por aqueles que o conhecem intimamente.

Compre agora e leia


Comentários do Antigo Testamento
ECLESIASTES
Walter C. Kaiser, Jr.

# Comentários do Antigo Testamento - Eclesiastes

Kaiser Jr., Walter C.
9788576225805
176 páginas

Compre agora e leia

O enfrentamento das mudanças. Talvez o aspecto mais importante da abordagem de Kaiser seja ele acreditar que Eclesiastes tem um esboço discernível e uma argumentação rastreável, e que o Pregador não era um velho rabugento e cínico que bebia vinagre no café da manhã. E isso faz diferença na maneira como entendemos Eclesiastes. Compre o seu exemplar e descubra como. - Dale Ralph Davir, Autor e expositor bíblico reconhecido, Tennessee.

Compre agora e leia


Paul David Tripp
Como viver com
esperança em Deus
neste mundo falido
Abrigo no temporal
Meditações sobre
Deus e o sofrimento
a partir do salmo 27

# Abrigo no temporal

Tripp, Paul David
9788576226086
160 páginas

Compre agora e leia

"Um salmo pode realmente mudar a sua vida? Pode, se você se aprofundar o bastante em seu estudo. Abrigo no Temporal é Paul Tripp em sua melhor fase – escavando o salmo 27 com clareza, vigor e relevância conectada diretamente ao coração. Quando os problemas baterem à porta, faça um favor a si mesmo: deixe este livro ensiná-lo como entesourar nada menos que 52 verdades transformadoras de vida vindas deste salmo repleto de graça." Dave Harvey

Compre agora e leia